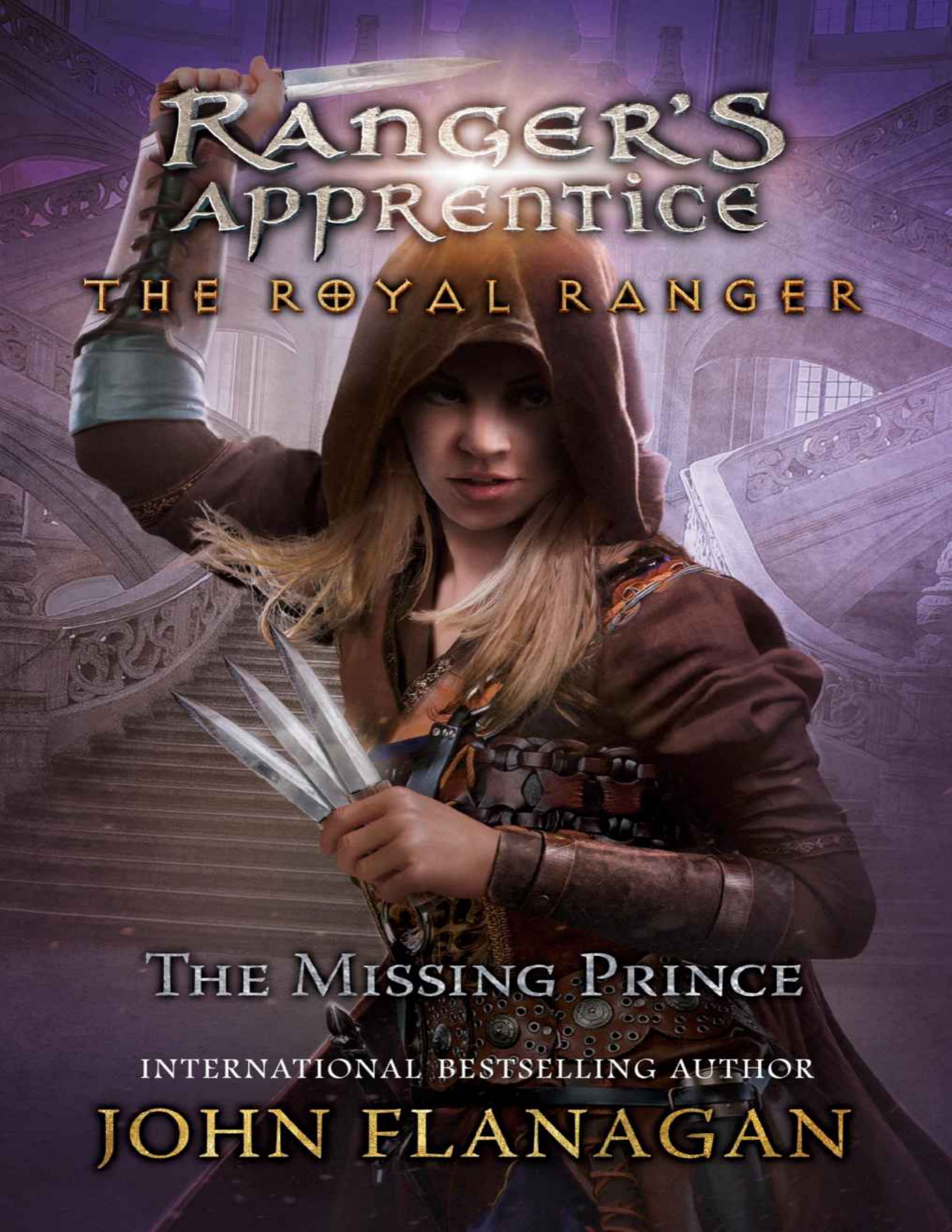
RANGER'S APPRENTICE
THE ROYAL RANGER
THE MISSING PRINCE
INTERNATIONAL BESTSELLING AUTHOR
JOHN FLANAGAN

Table of Contents

Also by John Flanagan
Title Page
Copyright
Dedication
Contents
Chapter 1
Chapter 2
Chapter 3
Chapter 4
Chapter 5
Chapter 6
Chapter 7
Chapter 8
Chapter 9
Chapter 10
Chapter 11
Chapter 12
Chapter 13
Chapter 14
Chapter 15
Chapter 16
Chapter 17
Chapter 18
Chapter 19
Chapter 20
Chapter 21
Chapter 22
Chapter 23
Chapter 24
Chapter 25
Chapter 26
Chapter 27
Chapter 28
Chapter 29
Chapter 30
Chapter 31
Chapter 32
Chapter 33
Chapter 34
Chapter 35
Chapter 36
Chapter 37
Chapter 38
Chapter 39
Chapter 40
Chapter 41
Acknowledgments
About the Author

Also by John Flanagan:

BROTHERBAND CHRONICLES

BOOK 1: THE OUTCASTS

BOOK 2: THE INVADERS

BOOK 3: THE HUNTERS

BOOK 4: SLAVES OF SOCORRO

BOOK 5: SCORPION MOUNTAIN

BOOK 6: THE GHOSTFACES

BOOK 7: THE CALDERA

BOOK 8: RETURN OF THE TEMUJAI

THE RANGER'S APPRENTICE EPIC

BOOK 1: THE RUINS OF GORLAN

BOOK 2: THE BURNING BRIDGE

BOOK 3: THE ICEBOUND LAND

BOOK 4: THE BATTLE FOR SKANDIA

BOOK 5: THE SORCERER OF THE NORTH

BOOK 6: THE SIEGE OF MACINDAW

BOOK 7: ERAK'S RANSOM

BOOK 8: THE KINGS OF CLONMEL

BOOK 9: HALT'S PERIL

BOOK 10: THE EMPEROR OF NIHON-JA

BOOK 11: THE LOST STORIES

THE ROYAL RANGER SERIES

BOOK 1: THE ROYAL RANGER: A NEW BEGINNING

BOOK 2: THE ROYAL RANGER: THE RED FOX CLAN

BOOK 3: THE ROYAL RANGER: DUEL AT ARALUEN

BOOK 4: THE ROYAL RANGER: THE MISSING PRINCE

RANGER'S APPRENTICE: THE EARLY YEARS

BOOK 1: THE TOURNAMENT AT GORLAN

BOOK 2: THE BATTLE OF HACKHAM HEATH

RANGER'S APPRENTICE

THE ROYAL RANGER BOOK 4

THE MISSING PRINCE

JOHN FLANAGAN

PHILOMEL BOOKS

PHILOMEL BOOKS
An imprint of Penguin Random House LLC, New York

Copyright © 2020 by John Flanagan.

Published in Australia by Penguin Random House Australia in 2020.
Published in the United States of America by Philomel Books,
an imprint of Penguin Random House LLC, 2020.

Penguin supports copyright. Copyright fuels creativity, encourages diverse voices, promotes free speech, and creates a vibrant culture. Thank you for buying an authorized edition of this book and for complying with copyright laws by not reproducing, scanning, or distributing any part of it in any form without permission. You are supporting writers and allowing Penguin to continue to publish books for every reader.

Philomel Books is a registered trademark of Penguin Random House LLC.

Visit us online at penguinrandomhouse.com.

Library of Congress Cataloging-in-Publication Data is available.

Ebook ISBN 9780593113479

US edition edited by Kelsey Murphy.
US edition designed by Ellice M. Lee.

This is a work of fiction. Names, characters, places, and incidents either are the product of the author's imagination or are used fictitiously, and any resemblance to actual persons, living or dead, businesses, companies, events, or locales is entirely coincidental.

pid_prh_5.6.0_c0_r2

Em memória ao meu irmão,
Peter Flanagan, 1940–2019

CONTENTS

Cover
Also by John Flanagan
Title Page
Copyright
Dedication

Chapter 1
Chapter 2
Chapter 3
Chapter 4
Chapter 5
Chapter 6
Chapter 7
Chapter 8
Chapter 9
Chapter 10
Chapter 11
Chapter 12
Chapter 13
Chapter 14
Chapter 15
Chapter 16
Chapter 17
Chapter 18
Chapter 19
Chapter 20
Chapter 21
Chapter 22
Chapter 23
Chapter 24
Chapter 25
Chapter 26
Chapter 27
Chapter 28
Chapter 29
Chapter 30
Chapter 31
Chapter 32
Chapter 33
Chapter 34
Chapter 35
Chapter 36
Chapter 37
Chapter 38
Chapter 39
Chapter 40

Chapter 41

Acknowledgments
About the Author

1

A lua em forma de foice acabava de deslizar para baixo do horizonte ocidental quando a fila de homens montados emergiu das árvores. Havia dez deles ao todo e eles avançaram alguns passos até chegarem ao topo da crista que dava para o Castelo Araluen. O cavaleiro no centro da fila ergueu uma das mãos no ar no sinal universal para parar, e a fila de cavaleiros puxou as rédeas, observando o castelo. Os cavalos fungaram impacientemente. Eles sentiram que o enorme edifício significava abrigo, água e alimento, e estavam impacientes pelos três.

O cavaleiro à direita do homem que fizera o sinal inclinou-se para a frente com atenção na sela, estudando o terreno aberto diante deles. Ele descia inicialmente a partir do cume, depois começou a subir novamente em direção ao castelo, pontilhado aqui e ali por grupos de árvores e arbustos sombreados. Na maior parte, o terreno estava aberto e um piloto que o cruzasse estaria à vista de todos, se alguém estivesse olhando.

E a probabilidade era que alguém estava sempre observando. Mas agora o parque aberto parecia deserto. Quaisquer observadores em potencial estariam dentro do próprio castelo, e era onde o pequeno grupo de cavaleiros armados e vestidos de malha era esperado.

A maioria das janelas do castelo estava às escuras - como seria de costume a esta hora tardia. Havia faróis acesos em braseiros colocados em intervalos regulares ao longo das paredes, e duas tochas tremeluziam de cada lado do portão, que agora estava fechado e trancado contra intrusos.

“Tudo parece normal, meu senhor,” o cavaleiro disse calmamente.

O homem ao lado dele assentiu. "Eu esperava que sim - mesmo que não seja."

Os dois homens falaram em gaulês. Enquanto eles hesitavam, uma lanterna amarela foi exposta nas paredes acima do enorme portão e ponte levadiça, espalhando sua luz pelas paredes de granito da entrada.

“E aí está o sinal”, disse o líder. Ele se virou para um cavaleiro do outro lado. "Jules, responda."

O homem a quem se dirigira tinha pederneira e isca prontos, e uma lanterna pendurada no arco da sela. Demorou alguns instantes para acender um punhado de isca e depois pressionar a chama resultante contra o pavio da lanterna. Enquanto a pequena chama crescia, ele fechou a frente da lanterna, que era feita de vidro azul. Ele segurou a luz no alto, deixando o brilho azul se espalhar pelo pequeno grupo.

Alguns segundos depois, a luz nas paredes do castelo moveu-se lentamente da esquerda para a direita, depois voltou, repetindo a ação três vezes.

“Está tudo limpo”, disse o líder, enfiando as esporas na lateral do cavalo que montava e avançando. A fila de cavaleiros o seguiu, caindo em duas fileiras à medida que avançavam, com o líder e o primeiro cavaleiro que falara na frente.

Eles se moviam em um trote lento, os cascos dos cavalos fazendo pouco barulho no solo macio. Quando chegaram ao fim da primeira encosta e começaram a subir em direção ao castelo, os cavalos naturalmente desaceleraram um pouco e os cavaleiros os incentivaram a aumentar a velocidade. Eles ouviram o barulho maciço de um grande motor e uma fenda de luz apareceu no topo da ponte levadiça, aumentando gradualmente à medida que se abria.

A enorme ponte caiu quando eles estavam a trinta metros de distância. Os cavaleiros puderam ver que a ponte levadiça ainda estava abaixada, impedindo o acesso ao pátio do castelo. Os cavaleiros da frente empurraram seus cavalos para o início da ponte levadiça e pararam.

Um soldado em cota de malha passou por um pequeno portão ao lado da ponte levadiça e cruzou a ponte na direção deles. Ele estava armado com uma alabarda e usava uma longa espada na cintura. Sua armadura de malha brilhava fracamente à luz dos faróis colocados de cada lado da ponte levadiça.

O líder do grupo olhou para as enormes paredes escuras que se erguiam acima dele. Ele não tinha dúvidas de que estava coberto por vários arqueiros. Sendo este Araluen, eles estariam armados com arcos longos, não bestas, e eles seriam todos atiradores experientes.
O homem de armas parou a poucos metros do grupo.
“Você tem a senha?” ele perguntou baixinho.
O cavaleiro líder mudou ligeiramente de posição na sela. *"Pax inter reges"* , disse ele na língua antiga: "paz entre reis."
O soldado de infantaria assentiu e voltou para o castelo, erguendo o braço direito em um sinal para os homens na ponte levadiça. Lentamente, a moldura maciça começou a subir no ar, o movimento acompanhado por um tinido distante dentro da casa do portão. Quando estava bem longe da ponte, o soldado de infantaria acenou para que o grupo avançasse.
"Vá em frente", disse ele.
Os cascos de seus cavalos bateram nas tábuas de madeira da ponte levadiça enquanto eles trotavam em duas fileiras. Quando chegaram ao pátio de paralelepípedos do castelo, o som mudou. Havia soldados armados de cada lado, observando-os enquanto faziam sua entrada. Um, que usava a insígnia de um sargento, gesticulou em direção a uma porta na fortaleza, a torre de pedra fortemente construída no centro do pátio do castelo. Ao fazer isso, uma porta se abriu no nível do solo e a luz amarela de uma tocha iluminou o pavimento de pedra.
Os recém-chegados cavalgaram até a porta aberta e desmontaram. Os servos que esperavam pegaram seus cavalos e os conduziram para alimentá-los e massagear-los. O líder do grupo pressionou um punho na parte inferior de suas costas. Ele não estava mais acostumado a cavalgar longas distâncias e eles estavam viajando por quatro horas.
O homem que abriu a porta desceu os três degraus até o nível do pátio e curvou-se ligeiramente. Ele tinha cabelos grisalhos e uma aparência distinta, vestido com roupas que pareciam caras.
“Bem-vindo ao Castelo Araluen. Sou Lorde Anthony, o camareiro do rei ”, disse ele. Seu tom era neutro, nem acolhedor nem agressivo. O visitante acenou com a cabeça em reconhecimento, mas não disse nada. Anthony deu um passo para o lado e gesticulou para que os recém-chegados subissem as escadas. "Por favor, venha por aqui."
O líder do grupo subiu as escadas e Anthony acertou o passo um pouco atrás e ao lado dele. O resto do grupo o seguiu.
Quando eles entraram no grande salão bem iluminado da fortaleza, Anthony estudou o homem que liderava o grupo. Ele era pequeno, uns bons cinco centímetros mais baixo que Anthony e franzino. Seu colete bem cortado, de couro verde-floresta, não escondia sua constituição nada atlética. Seus ombros eram estreitos e ele tinha o início de uma barriga. Ele se segurou mal, caindo e permitindo que seus ombros caíssem. Ele usava uma espada de aparência ornamentada em seu quadril esquerdo, com uma adaga incrustada de joias para equilibrá-la no lado direito.
Apesar das armas, este não era um guerreiro, Anthony pensou. Mas então, ele tinha ouvido muito quando ele foi informado sobre esta visita.
Ele lançou um rápido olhar para o resto do grupo. Todos, exceto um, eram mais altos que o líder e eram musculosos e pareciam atléticos. Eles *eram* guerreiros, ele pensou. A única exceção era da mesma altura e constituição do líder e havia uma forte semelhança familiar. Anthony percebeu que o líder havia hesitado, sem saber que caminho seguir, e rapidamente gesticulou em direção à ampla escadaria que conduzia aos níveis superiores da fortaleza.
“Os aposentos do Rei Duncan estão no segundo andar,” ele disse, e o homem mais baixo abriu o caminho mais uma vez.
“O Rei pede desculpas por não cumprimentá-lo aqui, senhor,” Anthony disse. "Seu joelho ainda o incomoda e as escadas podem ser difíceis."
O visitante fungou com condescendência. "Ele ainda está aleijado, não é?"
Lorde Anthony ergueu uma sobrancelha ante a palavra insultuosa e o tom superior. Joelho rígido ou não, Duncan ainda era um guerreiro. Ele poderia te mastigar e cuspir, Anthony pensou.
“Ele consegue cavalgar de novo e anda com seus cachorros todos os dias”, respondeu ele, mantendo a irritação longe da voz.
“Mas não descer escadas, obviamente”, disse o outro homem.
Desta vez, Anthony permitiu que sua irritação transparecesse. Ele parou, de frente para o visitante. "Não. Mas se isso o incomoda, senhor, podemos sempre cancelar esta reunião. ” Ele encontrou o olhar arrogante do outro homem e o sustentou. Seu idiota pomposo, pensou ele, você está vindo aqui para pedir um favor, para poder descer do seu cavalo alto.
Eles se olharam por alguns segundos, depois o visitante deu de ombros com desdém - um movimento tipicamente gaulês, pensou Anthony.

“Não importa”, disse o visitante. "Podemos subir as escadas."
Ele voltou a subir as escadas. Anthony, sentindo um pequeno brilho de satisfação com a maneira como o homem recuou, o seguiu de perto. Quando chegaram ao topo da ampla escadaria de pedra, ele gesticulou para a esquerda.
"Por aqui, por favor, senhor."
Um conjunto de portas de madeira maciças enfrentava-os. Eles eram guardados por dois homens de armas, que pareciam ter a mesma escala das portas. Ao ver os homens armados se aproximando, eles se posicionaram de prontidão, barrando o caminho com as longas alabardas que seguravam à sua frente.
“Temo que seus homens terão que esperar, senhor,” Anthony disse.
O homem menor assentiu. Afinal, era de se esperar.
“Um de seus companheiros pode acompanhá-lo”, acrescentou o camareiro.
O visitante apontou para um dos homens que o seguia, aquele que se parecia com ele.
“Meu irmão, Louis, virá comigo”, disse ele. Ele gesticulou para os outros. "O resto de vocês vai esperar aqui."
“Não há necessidade disso, senhor,” Anthony disse a ele. “Temos bebidas para eles em uma sala adjacente.” Ele ergueu a voz e chamou: "Thomas!"
Outra porta se abriu mais adiante no corredor e um criado uniformizado apareceu, curvando-se levemente e convidando os visitantes para a sala bem iluminada atrás dele.
O líder acenou com a cabeça e os oito guerreiros marcharam para a comida e bebida esperando por eles. Anthony liderou o caminho em direção às enormes portas de madeira. As sentinelas deram um passo para o lado, prestando atenção ao mesmo tempo. Anthony bateu nas portas e uma voz foi ouvida de dentro.
"Venha."
Anthony abriu as portas duplas e conduziu os dois visitantes ao escritório do rei.
Duncan estava sentado atrás da grande mesa que servia de escrivaninha.
"Meu senhor", disse Anthony, "posso apresentar o rei Philippe de Gallica, e seu irmão, o príncipe Louis."
Duncan, o Rei de Araluen, levantou-se de sua cadeira e deu a volta na mesa para cumprimentar seus visitantes.
"Bem-vindo a Araluen", disse Duncan, estendendo a mão.
Philippe o pegou e eles apertaram as mãos. “Obrigado por nos receber”, disse Philippe.
Duncan encolheu os ombros o agradecimento de lado. “Devemos estar sempre dispostos a ajudar nossos amigos.” Ele acenou com a cabeça uma saudação ao segundo homem. “Príncipe Louis”, disse ele.
O irmão do rei curvou-se graciosamente. “Vossa Majestade”, disse Louis, depois se endireitou.
Duncan estudou os dois homens. Eles pareciam cansados e manchados pela viagem.
“Está tarde e você viajou muito”, disse ele. "Você deve estar cansado e com fome."
Philippe fez uma pequena careta de concordância. “Foi um dia difícil”, ele concordou.
“Seus aposentos estão preparados para você. Mandarei enviar comida e bebida, e água quente para o banho, se desejar. Tenha uma boa noite de sono e conversaremos de manhã. ”
Pela primeira vez, Philippe sorriu. “Isso seria muito bem-vindo. E temos muito o que discutir. ”
Duncan inclinou a cabeça. “Tenho certeza que sim”, disse ele.

2

A velha carroça estava danificada e precisava urgentemente de uma camada de tinta. O eixo de madeira da roda direita estava seco. A graxa há muito havia se desgastado e rangia em um ritmo regular - um som irritante que poderia deixar o ouvinte tenso. Isso não pareceu incomodar o velho fazendeiro que dirigia a carroça. Ele estava curvado no banco do motorista, incitando a mula entre as hastes com uma série de estalos da língua.

A mula precisava de estímulo. Ele era teimoso e rabugento, como a maioria de sua espécie, e a carroça era pesada e totalmente carregada com produtos agrícolas. Feixes de trigo e cevada enchiam a bandeja, junto com uma dúzia de sacos de batatas, fios de cebola e oito ou nove abóboras grandes. Os corpos de nove patos rechonchudos pairavam sobre a tampa do porta-malas, cabeças baixas e sacudindo com o movimento do carrinho enquanto as rodas sólidas sacudiam e pesavam sobre os sulcos da pista. Eles venderiam por sua carne, é claro, mas suas penas também seriam procuradas como penugem para travesseiros. Esse valor duplo se refletiria no preço que o agricultor exigiria por eles no mercado.

Atrás da carroça, amarrada ao eixo traseiro, trotavam duas ovelhas meio crescidas - um carneiro jovem e uma ovelha. Eles eram os itens mais valiosos que o fazendeiro estava levando para o mercado. O carneiro seria usado para criação e a ovelha já mostrava que seu velo era grosso e pesado. À medida que crescia, ela forneceria lã abundante, estação após estação.

O fazendeiro era um homem pequeno. Curvado como estava, ele parecia enrugado com a idade e uma vida de trabalho duro. Mas, a julgar pela qualidade e quantidade dos produtos que ele estava levando ao mercado, o trabalho árduo valera a pena. Ele usava uma velha bata de fazenda remendada e um chapéu de palha informe enfiado na cabeça. Suas calças eram de lã tecida em casa áspera e suas botas de couro - velhas, mas bem conservadas. Em uma época em que a maioria dos fazendeiros não podia pagar mais do que tamancos de madeira recheados com palha, eles eram a prova de sua vida de indústria e economia - assim como da qualidade de sua produção.

A estrada subia uma pequena colina e as terras cultivadas em ambos os lados gradualmente deram lugar a uma floresta densa, onde as sombras profundas lançadas pelas árvores escondiam qualquer sinal de que alguém pudesse estar vigiando a estrada.

Mas alguém estava. Na verdade, quatro alguéns observavam o carrinho rangendo lentamente entre as árvores. O terreno em cada lado da estrada tinha sido limpo por oito ou nove metros, então a linha das árvores começou. O fazendeiro olhou preguiçosamente para as sombras escuras de cada lado da estrada, então se acomodou no banco, movendo-se para encontrar uma posição confortável. Ele não deu nenhum sinal de ter visto os observadores silenciosos entre as árvores.

O líder do grupo era um homem corpulento e barbudo de cerca de trinta anos. Ele estava vestido com roupas rudes - um gibão e calças feitas em casa - e uma capa de pele de urso. A máscara do urso e sua mandíbula superior serviam de boné para quem usava a capa. À primeira vista, parecia impressionante e perigoso - um rosto rosnador que superava seus próprios traços barbudos e sujos. Mas, se olharmos mais de perto, torna-se aparente que o urso não estava nas melhores condições quando morreu. Uma de suas presas dianteiras estava quebrada no meio do caminho e havia várias manchas nuas visíveis onde o pelo havia esfregado. A aparência lamentável de sua capa e boné não incomodava o usuário. Ele se autodenominou Barton Bearkiller e ganhou alguma notoriedade no distrito como o líder de um bando de ladrões, atacando as pessoas comuns - fazendeiros e residentes de pequenas aldeias.

Barton estava sentado em um galho baixo de uma árvore, observando o carro passar rangendo. Ele olhou para baixo com aborrecimento quando um de seus homens estendeu a mão e beliscou sua perna.

"O que?" ele exigiu em um sussurro áspero. O tweaker, cujo nome era Donald, sorriu estupidamente e apontou para o carrinho.
“Muitos produtos naquele carrinho”, disse ele. E quando o autoproclamado matador de ursos não respondeu, ele continuou: "Devemos sair e pegá-lo?"
“Por que faríamos isso?” Barton exigiu.
Donald deu de ombros expansivamente e revirou os olhos. “Trigo, potatties, punk'ins, patos e ovelhas”, explicou, como se Barton não pudesse ver tudo por si mesmo. “Nós poderíamos vender isso por um bom dinheiro”, explicou ele.
Barton balançou a cabeça e zombou de seu seguidor. “Por que devemos ir para todo esse trabalho?” Ele sacudiu a cabeça em direção à figura encolhida do fazendeiro. “Vamos deixá-lo vender todos para nós.”
Donald seguiu a direção do gesto, acenou com a cabeça e franziu a testa. “Mas então,” ele disse, “nós não poderemos pegá-los, não é? Se ele o vendeu, ele não o terá mais. ”
“Não,” Barton disse deliberadamente. “Ele terá todo o dinheiro para vendê-los. Moeda linda que faz barulho. ”
Lentamente, a compreensão surgiu sobre as feições sujas e com a barba por fazer de Donald. “E nós vamos tirar a brecha dele”, disse ele.
Barton acenou com a cabeça, exagerando o movimento. "Está certo. Vamos tirar dele. ”
Donald sorriu, então o sorriso desapareceu ao ver outro problema. "Quando?" ele perguntou. "Quando vamos tirar tudo dele?"
“Esta tarde, quando ele está voltando para casa do mercado”, Barton disse a ele.
Donald sorriu ao ver o raciocínio por trás do plano de Barton. “Ele vai voltar aqui, com todo o dinheiro . . . ”
“E vamos tirar dele,” Barton confirmou.
O sorriso de Donald aumentou ao visualizar a cena a ser encenada no final do dia. "Ele não vai gostar disso, não vai", disse ele, e deu uma risadinha gutural.
Barton acenou com a cabeça, a tampa de pele de urso mergulhando quando ele fez isso. “Nem um pouco ele não vai”, disse ele. "Mas nós nos importamos?"
Donald dançou um ou dois passos de uma dança. "Nem um pouco nós não sabemos."
Ele cuidou da carroça enquanto ela desaparecia em uma curva da estrada, de modo que as árvores o escondiam de vista. Fracamente, o barulho da roda rangendo foi levado de volta para eles por mais um minuto ou dois, então ele desapareceu.
Barton olhou para o sol. “É melhor pegar leve um pouco”, disse ele. "Vai demorar várias horas antes que ele volte."
Ele desceu do galho e encontrou um pedaço de grama comprida e macia do outro lado da árvore. Ele se deitou e se espreguiçou, cobrindo os olhos com a máscara de pele de urso para protegê-los. Os outros dois membros da banda - One-Eyed Jem e Walter Scar - seguiram o exemplo, deitando no chão macio e relaxando. Donald os observou por alguns segundos, perguntando-se se deveria fazer o mesmo. Mas a voz de Barton o deteve.
“Você fica de guarda,” ele disse rispidamente. "Pode ser que outro fazendeiro apareça."
Donald acenou com a cabeça, um pouco desapontado. A grama crescia densa aqui e parecia fresco e confortável.
"Sim", disse ele, "vou manter a vigilância."

• • •

Era meio da tarde quando a roda rangendo anunciou o retorno da carroça da fazenda. O guincho foi mais rápido agora, pois o carrinho vazio estava se movendo mais rápido do que antes. A mula balançava a cauda satisfeita enquanto trotava. Ele preferia a carroça levemente carregada à versão mais pesada da manhã, e agora estava voltando para o conforto de seu celeiro e um saco de ração cheio. O fazendeiro ainda estava sentado na frente do carrinho. A bandeja do carrinho estava vazia, exceto por três sacos de lona.
O carrinho desapareceu de vista quando entrou em um pequeno declive na estrada, e Barton fez um gesto apressado para Jem e Walter.
“Do outro lado da estrada,” ele ordenou. “Donald e eu vamos esperar aqui. Fique disfarçado até que o detenham. ”
Seus dois capangas não disseram que haviam feito esse tipo de coisa uma dúzia de vezes nas últimas semanas e não precisavam de instruções. Não adiantava fazer isso com Barton. Ele tinha um temperamento incerto na melhor das hipóteses. Agachando-se, embora a carroça ainda estivesse

oculta, eles correram pela trilha estreita e se esconderam entre as árvores. Os dois estavam armados - Jem com uma lança feita em casa e Walter com um porrete com pontas pesadas.
Barton recuperou seu porrete de trás da árvore onde estava dormindo e gesticulou para Donald voltar para as árvores.
“Saia de vista,” ele ordenou. "Espere até eu chamá-lo."
Donald assentiu várias vezes e correu agachado até a linha das árvores. O sol estava mais baixo no céu agora e lançava sombras mais profundas entre as árvores. Barton observou e então acenou com a cabeça com uma satisfação sombria. A menos que você estivesse procurando conscientemente pelo bandido maltrapilho, você não o veria.
O chiado estava mais alto agora e ele olhou cuidadosamente em volta do tronco da árvore. A carroça estava saindo de uma depressão na estrada e estava a apenas trinta metros de distância. O fazendeiro parecia ignorar a presença do bando de ladrões. Barton sorriu maliciosamente.
“Tanto pior para ele,” ele murmurou.
Ele ficou um pouco surpreso ao ver que um prêmio tão rico estava viajando sozinho nesta estrada. Ele e seus homens estavam caçando fazendeiros indo e voltando do mercado nas últimas três semanas. A maioria dos fazendeiros agora tomava precauções, viajando em grupos ou contratando guardas armados para escoltá-los. Nesses casos, Barton e seus homens permitiram que os fazendeiros passassem sem impedimentos. Barton pode se considerar um destemido matador de ursos, mas não estava disposto a arriscar o próprio pescoço em um confronto com homens armados. Não enquanto ainda havia tolos como este que viajavam sozinhos.
Embora, ele pensou, os viajantes solitários estivessem se tornando menos numerosos. Ele e seus homens teriam que mudar para um novo local em breve. Ele estava planejando fazer isso por vários dias. Mas agora esse rico prêmio faria o atraso valer a pena.
A carroça estava a dez metros de distância quando Barton saiu de trás da árvore e foi até a beira da estrada. Ele balançou o bastão várias vezes, a grande clava fazendo um ameaçador *WHOOSH* enquanto batia no ar.
"Pare aí!" ele rugiu, erguendo a mão livre em um gesto inconfundível.
O fazendeiro puxou as rédeas e a mula parou, balançando a cauda e batendo com o pé na frente. Ele estava sonhando acordado com aquela bolsa de ração, e agora parecia que haveria um atraso antes de ser amarrada. Isso foi o suficiente para despertar o mau humor da mula.
Ainda assim, a maioria das coisas estava.
"Minha nossa. O que temos aqui?" o fazendeiro disse calmamente.
Sua escolha de palavras e sotaque não eram o tipo de discurso rústico que se poderia esperar de um simples fazendeiro. E isso deveria ter soado um sinal de alerta na mente de Barton. Mas ele estava muito satisfeito consigo mesmo para ter cautela. A visão daqueles sacos bem cheios na bandeja do carrinho, sem dúvida cheios de moedas, foi mais do que suficiente para deixá-lo descuidado.
“Sou Barton, o Matador de Urso!” ele rugiu, apontando para o rosto do urso acima do seu. Isso geralmente era o suficiente para instilar terror em suas vítimas. Desta vez, porém, o resultado não foi o que ele esperava.
O fazendeiro se inclinou para a frente em seu assento e olhou para a máscara do urso com interesse. "Você está me dizendo que matou aquele urso?" ele perguntou suavemente.
Barton hesitou por um ou dois segundos, intrigado com a falta de medo demonstrada por sua vítima. Então ele se recuperou, erguendo a arma e sacudindo-a acima da cabeça.
"Está certo! Eu o matei com um golpe deste porrete! ” ele rosnou.
O fazendeiro olhou mais de perto e coçou a orelha antes de falar novamente. "Você tem certeza?"
Barton ficou consideravelmente surpreso. Não era assim que essa conversa deveria ser. *"O que?"* ele finalmente perguntou em descrença.
O fazendeiro gesticulou em direção ao rosto do urso. "Tem certeza de que ainda não estava morto quando você o encontrou?" ele perguntou. "Quero dizer, olhe para isso. Dificilmente está em perfeitas condições, não é? Se já não estava morto, certamente deve ter estado às portas da morte. Você simplesmente o colocou fora de sua miséria e o enviou para um lugar melhor. ”
“Foi . . . isso . . . Eu . . . ” Barton gaguejou, tentando pronunciar as palavras em resposta. Na verdade, o urso estava morto quando o encontrou. Ele viveu uma vida plena e morreu de velhice. Mas ninguém antes havia questionado sua afirmação. A frustração e a raiva finalmente o dominaram e ele encontrou sua voz mais uma vez.
"Claro que eu matei!" ele disse. “Ele me atacou e eu o matei. É por isso que sou conhecido como Barton, o Matador de Ursos ”.
O fazendeiro não ficou impressionado. "Hmmm", disse ele pensativamente. “Tem certeza de que não é conhecido como Barton, o traseiro do urso morto? Afinal, a cabeça do urso está em cima e

você embaixo. Isso faria mais sentido para mim. ”
Isso foi demais para o ladrão confuso. Ninguém nunca o havia desafiado antes. Ninguém jamais zombou dele antes. Era demais para ele aguentar. Ele deu um passo em direção ao carrinho, erguendo seu porrete ameaçadoramente.
“Desça daí!” ele pediu. "Jogue fora esses sacos e desça, ou vou arrancar seus miolos!"
O fazendeiro o estudou com curiosidade, a cabeça inclinada para o lado. "Não. Acho que não ”, disse ele.
Barton soltou um rugido de pura raiva, dando mais um passo em direção à carroça, pronto para golpear o fazendeiro insolente de seu assento. Mas antes que pudesse fazer isso, o fazendeiro ergueu a mão no ar e fez um gesto circular.

Um segundo depois, Barton sentiu um puxão selvagem quando a tampa da máscara de urso foi arrancada de sua cabeça, terminando presa na árvore atrás dele por uma flecha trêmula.

3

"Então, Rei Philippe, diga-nos como podemos ajudá-lo?"
Era a manhã seguinte à chegada do grupo galicano à meia-noite no castelo Araluen, e Philippe e seu irmão estavam no escritório de Duncan. Também presentes estavam Anthony, o camareiro, e um guerreiro alto e de ombros largos que havia sido apresentado como Sir Horace, genro de Duncan e comandante do exército de Araluen. Eles estavam sentados ao redor da grande mesa de Duncan. Um sexto homem, vestido com uma curiosa capa mosqueada de verde e cinza, sentou-se a um lado como se tentasse permanecer discreto. Philippe teve que virar a cabeça para vê-lo. Ele foi apresentado como Gilan, o Comandante dos Araluen Rangers. No que dizia respeito a Philippe, este homem era o principal motivo de sua presença aqui, e ele ficava se virando para observar a figura imóvel.
"É meu filho, Giles", disse Philippe, indo direto ao ponto. "Ele está sendo mantido como refém por um dos meus barões."
Duncan inclinou a cabeça pensativamente. Era uma notícia séria e não era um bom presságio para Gallica, um país com uma história política notoriamente instável, sujeito a revoltas e disputas entre sua classe dominante. Philippe havia governado essa situação turbulenta nos últimos nove anos, tendo tomado o trono em sua própria insurreição.
Por outro lado, não eram notícias inteiramente ruins para Araluen. Quando Gallica foi dilacerada por conflitos internos, isso representou pouca ameaça para outros países. Muitos anos atrás, a grande e potencialmente poderosa nação havia sido um estado agressivo e imprevisível, ameaçando a paz de seus vizinhos e buscando conquistar novos territórios. Mas a atual instabilidade interna significava que os galicanos estavam muito ocupados com seus próprios problemas para olhar para fora de suas próprias fronteiras.
"Como isso aconteceu?" Perguntou Duncan. "E quem é o barão em questão?"
“O nome dele é Lassigny, barão Joubert de Lassigny. Seu castelo é o Chateau des Falaises. É uma fortaleza poderosa ”, disse Philippe.
Duncan lançou um rápido olhar de soslaio para Anthony. O camareiro assentiu discretamente. Ele tinha ouvido falar de Joubert de Lassigny. Fazia parte de seu trabalho reunir inteligência sobre nobres ambiciosos em Araluen e no exterior que poderiam representar uma ameaça potencial à paz atual.
"E você diz que este homem sequestrou seu filho?" Duncan continuou.
"Nada tão flagrante", disse Philippe. “Era mais que ele aproveitava uma situação quando ela surgia. Meu filho estava caçando na província de Lassigny quando uma violenta tempestade explodiu. Ele e seu grupo buscaram abrigo no Chateau des Falaises. Infelizmente, Giles é jovem e não percebeu que Lassigny ambicionasse mais poder. Ao se colocar em suas mãos, ele deu a ele uma enorme vantagem para avançar sua própria posição e poder. ”
Anthony se inclinou para frente. "Lassigny fez alguma ameaça direta contra seu filho?"
Philippe abanou a cabeça com um sorriso amargo. “Ele é muito inteligente para isso. Se ele fez uma ameaça direta, ele sabe que eu seria capaz de buscar o apoio dos outros barões e forçá-lo a libertar Giles. Como está, ele diz que Giles decidiu permanecer no Chateau des Falaises indefinidamente - por sua própria vontade. Os outros barões estão preparados para aceitar isso pelo valor de face e ficar fora da discussão. Nenhum deles é particularmente leal à coroa ”, disse ele com desdém. “É uma fortaleza forte e minhas próprias forças não são suficientes para sitiá-la e tomá-la. Eu precisaria de quatro vezes mais homens do que tenho para isso. E se eu fosse atacar Lassigny, poderia muito bem criar uma revolta entre alguns dos outros. Sei que vários deles estão procurando qualquer desculpa para se levantarem contra mim. ”

"Lassigny fez alguma exigência direta de você?" Horace fez a pergunta. "Ele estabeleceu um preço para a libertação de seu filho?"
Mais uma vez, o rei de Gallica balançou a cabeça. “Nada direto. Há vários anos, ele vem reivindicando o controle da província adjacente à sua. O barão que controlava aquela província morreu há alguns anos e Lassigny está de olho nisso desde então. ”
Ele fez uma pausa e seu irmão continuou a narrativa. “O barão morto não tinha herdeiro e Lassigny reivindicou a terra”, disse Louis. “É uma província rica e dará a ele ainda mais poder do que tem agora.”
"Mas, certamente, o rei pode nomear quem ele escolher como barão daquela província?" Horace perguntou. Ele sabia que seria o caso em Araluen. Mas não, aparentemente, em Gallica.
“Eu gostaria que fosse assim”, Philippe disse a ele. “Mas Lassigny tem uma reivindicação para a posição, embora pequena. Cem anos atrás, as duas províncias formavam um baronato. Eles foram divididos por um de meus antecessores - provavelmente porque criaram uma base poderosa que pode ameaçar sua posição. Existem membros do conselho de barões que apóiam a reivindicação de Lassigny. Sem dúvida, eles esperam alguma forma de recompensa caso sua reivindicação seja reconhecida. ”
"E, por pura coincidência, ele levantou essa alegação novamente, bem no momento em que seu filho caiu em suas mãos?" Disse Duncan.
Philippe se virou para olhar para ele. "Exatamente. A mensagem não é declarada, mas é perfeitamente clara para tudo isso. Dê a ele o título para a província vizinha e Giles poderá voltar para casa. ”
“Eu posso ver o seu problema,” Duncan disse pensativamente. “Mas não tenho certeza de que tipo de ajuda podemos dar a você. Dificilmente podemos enviar tropas a Gallica para reforçar sua autoridade sobre Lassigny. Isso seria uma provocação muito grande para os outros barões. Você disse que muitos deles o apóiam tacitamente. ”
"Está certo."
“Então, nosso envio de tropas para ajudá-lo poderia desencadear uma revolta entre eles e até mesmo uma guerra entre nossos dois países. Não estou preparado para arriscar isso por algo que é essencialmente um problema galicano interno. ” Ele franziu a testa e continuou. “Não quero parecer antipático às suas necessidades, mas sei como nossos barões reagiriam se eu pedisse que tropas galicanas ajudassem a me apoiar.” Ele olhou ao redor da sala para seus conselheiros, que concordaram com a cabeça.
“Não estou pedindo tropas. Não estou pedindo a você para lutar minha batalha por mim. Esta não é uma situação que possa ser resolvida pela força. Precisa de astúcia e subterfúgio. Possivelmente um homem. ”
"Um homem?" Horace interpôs. "Quem pode ser?"
Philippe abriu as mãos em um gesto ligeiramente perplexo. “Não tenho nenhum homem em particular em mente”, disse ele. “Caberia a você decidir e recomendar.”
"Eu não sigo", disse Duncan. “Você sente que um homem pode ser capaz de resolver o seu problema, mas você não sabe quem ele é. Você está falando em enigmas, Philippe. Havia uma ponta de raiva em sua voz. Os galicanos pareciam achar um prazer perverso em serem obscuros.
Philippe o reconheceu e fez um gesto conciliador. “Não quero ser obscuro”, disse ele. “É mais um tipo de homem que acho que poderia resolver esse problema.” Ele se virou na cadeira para olhar diretamente para Gilan. "Um de seus Rangers, talvez."
Gilan não ficou surpreso. Seu rosto permaneceu impassível. "O que você sabe sobre nossos Rangers?" ele perguntou.
Philippe encolheu os ombros. “Eles têm uma certa reputação”, disse ele. “Uma reputação de fazer as coisas sem necessariamente recorrer à força bruta. Diz-se que eles podem alcançar o impossível. ”
“Também se diz que somos magos que praticam as artes das trevas para atingir nossos objetivos”, disse Gilan. “Mas nenhuma das afirmações é verdadeira. O simples fato é que meus homens são cuidadosamente selecionados, altamente inteligentes e bem treinados. Eles podem lutar quando necessário, mas primeiro usam o cérebro para tentar evitar a luta. ”
“E esse é o tipo de homem que essa situação precisa”, disse Philippe. “Falaise é um castelo poderoso. Poderia resistir a um cerco por anos - mesmo se eu tivesse os homens e o apoio necessários para montar tal cerco. Mas um homem, usando astúcia, subterfúgio e inteligência, pode ser capaz de penetrar no castelo e trazer Giles para fora. ”
Duncan pigarreou para interromper. Ele não tinha certeza se gostava do jeito que essa conversa estava indo. Os Rangers eram um recurso muito especial. Eles foram fundados para manter a paz

em Araluen e para servir às necessidades do Rei de Araluen. Eles não deveriam ser alugados para outros países.
“Gostaria de fazer uma observação”, disse ele. “Os Rangers têm a tarefa de servir ao rei. Afinal, eles são conhecidos como King's Rangers.
Louis sorriu untuosamente. "E meu irmão é um rei."
As sobrancelhas de Duncan se juntaram. Às vezes, os galicanos podiam ser muito simplistas, pensou ele. “Ele não é o rei deles,” ele disse bruscamente.
Philippe respondeu com um encolher de ombros tipicamente gaulês. “Isso é verdade, claro. Mas existe uma irmandade entre os reis, certo? E, afinal, uma ameaça para uma família real é uma ameaça para todos. Se não for verificado em Gallica, pode encorajar outros aqui também. ”
Havia certa verdade no que ele estava dizendo, mas Duncan não estava totalmente convencido. Os acontecimentos em Gallica não tiveram qualquer influência real na situação em Araluen. Ainda assim, Duncan era realista o suficiente para saber que, embora seu reino estivesse em paz e relativamente estável, sempre havia correntes ocultas de ressentimento e intriga em qualquer reino.
“Talvez,” ele permitiu a contragosto. Ele deixou seu olhar viajar ao redor da sala, procurando por alguma reação de Anthony e dos outros. Suas expressões lhe diziam que não estavam convencidos de uma forma ou de outra. “Vou precisar conversar com meus conselheiros”, disse ele ao rei galicano. "Vou te dar minha decisão esta noite."
Philippe curvou-se graciosamente, apesar de sua posição sentada.
“Isso é tudo que posso pedir,” ele disse suavemente.

• • •

Depois que Philippe e seu irmão voltaram para seus aposentos, Duncan enfrentou seus três conselheiros.
"Bem, o que você acha?" ele perguntou. Eles trocaram olhares. Nenhum deles parecia disposto a falar primeiro. Ele incitou seu genro. "Horace?"
O alto guerreiro se mexeu desconfortavelmente em sua cadeira. “Não tenho certeza se é da nossa conta”, disse ele finalmente. “Por mais que eu não goste da ideia de alguém segurando um refém e exigindo sua volta, parece-me que é um assunto galicano - que eles deveriam resolver por si mesmos. Moralmente, desaprovo as ações de Lassigny. Mas, praticamente, não tenho certeza de que devemos nos envolver. E não devemos nenhum favor a Philippe. ”
“Exatamente,” Duncan concordou. “E Philippe nunca foi um vizinho particularmente amigável, foi? Esta situação pode ser em grande parte culpa dele. ”
"O que o faz dizer isso, meu senhor?" Gilan perguntou.
O rei encolheu os ombros e gesticulou para seu camareiro. "Diga a eles, Anthony."
Lord Anthony pigarreou e organizou seus pensamentos antes de falar. Enquanto o Ranger Corps era responsável por manter o rei informado sobre potenciais ameaças ou problemas dentro da própria Araluen, Anthony mantinha uma rede de agentes secretos na massa continental - em Gallica, Teutlandt e Iberion particularmente. Eles se reportavam a ele regularmente, mantendo-o atualizado sobre eventos e assuntos políticos que poderiam impactar Araluen.
“Ele é um rei fraco,” Anthony disse eventualmente. “Ele nunca foi de afirmar sua autoridade sobre seus barões. Ele governa mantendo-os na garganta uns dos outros e é conhecido por aceitar subornos para favores reais. Consequentemente, Gallica tem sido um reino instável há anos, repleto de facções e corrupção. Esta situação atual provavelmente se deve em grande parte à sua própria fraqueza e indecisão. Lassigny viu uma oportunidade e a agarrou. ”
"O que sabemos sobre Lassigny?" Horace perguntou.
“Ele pode ser um problema,” Anthony disse a ele. “Ele é agressivo e ambicioso e, obviamente, não está muito preocupado em como ele atinge seus objetivos. Ele tem uma forte guarnição em Falaise e uma grande milícia à qual recorrer. E, como o rei Philippe nos disse, ele tem o apoio de alguns dos outros barões. ”
"Quão ambicioso você acha que ele é?" Perguntou Duncan.
Anthony fez uma pausa pensativa enquanto considerava a questão. “Eu acho que ele quer mais do que o controle das duas províncias. Pelo que ouvi dele, diria que é um meio para um fim. ”
"Que fim?" Duncan perguntou, embora ele sentisse que já sabia a resposta.
“Na minha opinião, ele quer assumir o trono. Ele tem o poder e o apoio dos outros barões - sem dúvida comprados com promessas de recompensa se for bem-sucedido. Ele está assumindo um grande risco mantendo o filho do rei como refém. Ele deve estar procurando mais do que apenas o controle de outra província. ”

"E quanto à afirmação de Philippe de que um ataque a uma família real é um ataque a todos?" Horace perguntou.
Anthony abriu as mãos, balançando a cabeça. “Ele pode muito bem ver as coisas dessa forma”, respondeu ele. “Ele tende a acreditar que é Rei por algum direito divino. Você, senhor, ”ele disse, acenando com a cabeça em direção a Duncan,“ mantenha sua posição e classificação devido aos seus próprios méritos. As pessoas são leais a você porque o respeitam. ”
Duncan se permitiu o mais leve sorriso. "A maioria deles, talvez", disse ele. “Mas eu tendo a concordar. A rebelião em Gallica não levará necessariamente à mesma coisa acontecendo aqui. ” Ele se virou para Gilan. “O que você acha de enviar um Ranger para ajudar?”
O comandante franziu o rosto em uma expressão de desgosto. “Não gosto disso”, disse ele. “O Corpo foi fundado para operar principalmente dentro de Araluen - e para seu benefício, senhor”, disse ele. “Não me sinto muito à vontade com pessoas de fora ficando cada vez mais sabendo sobre nós. Tentamos nos manter discretos ao longo dos anos e não gosto de ver isso escapar. ”
Duncan acenou com a cabeça. “Eu tendo a concordar. Não gosto da ideia de enviar um Ranger para ajudar Philippe. É um pouco perto de tratar o Corpo como mercenários de aluguel. ”
“Nós usamos Rangers no passado para ajudar os Escandinavos - e os Arridans,” Anthony apontou.
“Eles são amigos e aliados,” Duncan respondeu imediatamente. “Temos tratados com eles e eles retribuem o quanto recebem. Philippe, por outro lado, geralmente nos tratou com desdém. Até agora, quando ele precisa de nossa ajuda. ”
“Há algo mais a se considerar”, disse Anthony. "É provavelmente do nosso interesse garantir que Philippe mantenha seu trono." Ele fez uma pausa e Duncan fez um gesto para que ele continuasse com o pensamento. “Philippe é um rei fraco e Gallica está dividida e fragmentada. Lassigny, por outro lado, seria um rei forte. Ele uniria os barões e criaria estabilidade dentro de Gallica. ”
"Certamente isso é bom?" Horace perguntou.
Mas Anthony balançou a cabeça. “Ele é ambicioso e sem escrúpulos”, disse ele. “Se ele ganhasse poder, ele poderia expandir suas fronteiras. Ele poderia ter que fazer isso, de fato, se quisesse retribuir os outros barões que o apoiaram na usurpação do trono. "
"Você está dizendo que ele pode ser uma ameaça para Araluen?" Perguntou Duncan.
Anthony balançou a cabeça lentamente. "Certamente mais ameaçador do que Philippe representa."
Um silêncio desconfortável caiu sobre a sala. Por fim, Duncan o quebrou.
"Então, pode ser do nosso interesse fazer o que Philippe está pedindo."

4

Barton se virou em estado de choque para olhar para seu boné de pele de urso, agora preso ao tronco da árvore atrás dele. Ele olhou para o fazendeiro, que retribuiu o olhar, totalmente despreocupado e nem um pouco temeroso. Esse tipo de comportamento em uma vítima pretendida era totalmente novo para Barton, e seu cérebro, nunca o mais brilhante, lutava para dar sentido a tudo isso.

"Oh, que pena", disse o fazendeiro com simpatia. “Seu belo boné tem um novo orifício.”

Ainda tentando entender o que tinha acontecido, Barton olhou para trás, para a estrada, na direção de onde o fazendeiro - e a flecha - tinham vindo. Com certeza, havia alguém lá - uma pessoa encapuzada e encapuzada montada em um pequeno cavalo peludo. O recém-chegado estava a cerca de quarenta metros de distância e segurava um arco pronto, uma flecha encaixada na corda. Ele se perguntou por que não havia notado essa segunda pessoa antes.

“Jem! Walt! ” ele gritou. “Ajude aqui!”

Seus dois companheiros saíram da cobertura do arbusto que os ocultava e começaram a atravessar a estrada brandindo suas armas.

“Oh, eu não ...” o fazendeiro começou.

Mas antes que ele pudesse terminar a frase, Jem estava no chão, rolando em agonia no chão e agarrando a flecha que havia perfurado sua panturrilha esquerda. Walter Scar olhou para seu camarada caído e parou no meio do caminho, sem saber o que fazer. A questão foi resolvida no momento seguinte quando uma pedra sibilou no ar em alta velocidade e bateu em sua cabeça. Felizmente, ele estava usando um gorro de feltro grosso, caso contrário, seu crânio poderia ter sido quebrado. Mesmo assim, o impacto foi suficiente para deixá-lo cambaleando. Então seus joelhos cederam e ele caiu na estrada, inconsciente.

Donald, do outro lado da estrada, mostrou mais bom senso. Vendo seus dois camaradas caírem em rápida sucessão, ele pôs-se de pé e correu.

Pela primeira vez, a sensação de descrença de Barton foi substituída por uma pontada repentina de medo. Isso parecia decididamente perigoso. Enquanto pensava, o fazendeiro, mostrando mais agilidade do que se poderia esperar de um velho, saltou da carroça e foi em sua direção.

"Vamos ter aquele clube", disse ele, apontando para o porrete pesado.

Agora a raiva substituiu o medo e Barton deu um passo em direção ao homem menor, levando o clube de volta para um ataque amplo e oscilante.

"Vou deixar você ver tudo bem!" disse ele, e lançou um golpe mortal.

Que nunca pousou. O fazendeiro se moveu com velocidade enganosa e fechou a distância entre eles, movendo-se dentro do arco do porrete que assobiava. Com o braço esquerdo, ele agarrou o pulso direito de Barton e o empurrou para frente, desviando do porrete pesado. Ao mesmo tempo, e em um movimento coordenado, ele se aproximou, se agachou e bateu com o traseiro na barriga do bandido. O ímpeto da tentativa de golpe de Barton levou o bandido para a frente e perdeu o equilíbrio quando a mão direita do fazendeiro se juntou à sua esquerda no pulso de Barton. Ele puxou o atacante desequilibrado mais para a frente, então o ergueu com os joelhos dobrados de forma que os pés de Barton deixassem o chão e ele se sentisse voando por cima do ombro do fazendeiro.

Barton pousou com um baque pesado, deitado de costas. A respiração em seus pulmões foi expulsa dele com um alto *WHOOF* . Sua cabeça atingiu a grama e por um momento ele ficou atordoado, luzes brilhantes dançando diante de seus olhos. Quando se recuperou, ele se viu olhando ao longo da lâmina de uma faca Saxônica muito afiada, que picou a pele macia de sua garganta.

"Não foi um bom dia para você até agora, não é?" disse o fazendeiro, sorrindo.

Barton foi balançar a cabeça para clareá-la, lembrou-se da Saxônia e decidiu não fazer isso. Ele olhou para o rosto inclinado acima dele. O homem tinha barba e seu cabelo e barba estavam pintados de cinza. Mas ele estava longe de ser tão velho quanto parecia ser à distância. Ele também não estava mais curvado. Ele era um homem pequeno, consideravelmente mais baixo do que o corpo corpulento de Barton. Mas seus ombros eram largos e ele parecia bem musculoso.
Barton ouviu as batidas dos cascos de um cavalo que se aproximava, depois ouviu o ranger de couro quando o cavaleiro desceu da sela.
"Você está bem, Will?"
Era a voz de uma garota, Barton registrou com alguma surpresa. Ele percebeu que deve ter sido ela quem atirou em Jem e então, de alguma forma, deixou Walt sem sentido. Ela entrou em seu campo de visão agora, inclinando-se sobre ele ao lado do homem barbudo para estudar seu prisioneiro.
“Este é Barton Bearkiller”, disse o fazendeiro. “Embora Barton Blowhard possa ser um nome mais apropriado. Barton Bearkiller, o Blowhard, conheça minha aprendiz, Maddie Regale. ”
“Você é uma garota . . . ” Barton disse, ainda mais confuso do que antes.
A garota olhou para seu companheiro mais velho e disse zombeteiramente: "Ele é rápido na compreensão, não é?"
O barbudo acenou com a cabeça em concordância. "Não passa muita coisa por ele."
Barton franziu a testa, tentando dar sentido a tudo. O dia havia começado tão bem, ele pensou. E agora tudo tinha se despedaçado e ele realmente não entendia por que ou como tinha acontecido.
"Quem é Você?" ele disse finalmente.
O fazendeiro inclinou a cabeça em saudação. "Eu sou Will Tratado", disse ele. "Nós somos os Rangers do Rei e você está preso."
O ânimo de Barton caiu para um novo nível quando ele percebeu que havia entrado em conflito com um par de Rangers.
De repente tudo fez sentido. Os Rangers definitivamente não eram pessoas com quem se enredar. Foi dito, e Barton não duvidou, que eles tinham poderes mágicos. Eles podiam mudar de forma como desejassem, aparecer ou desaparecer à vontade e atirar com uma precisão incrível.
Ele gemeu, então disse, em um tom rastejante, “Me deixe ir, Tratado de Ranger. Por favor. Eu sou apenas um homem pobre e honesto tentando fazer seu caminho no mundo. ”
Will Tratado deixou escapar uma breve gargalhada. Ele se endireitou, movendo a faca Saxônica para longe da garganta de Barton. Barton fez menção de se levantar, mas um olhar de advertência do Arqueiro o deteve.
“Aceito pobres”, disse ele, “mas você é tudo menos honesto. Você e seus amigos têm roubado fazendeiros nesta estrada no mês passado. ” Ele parou quando a garota tocou seu braço. "O que é isso?"
"Falando nos amigos dele, não havia um quarto?"
Will olhou em volta. Donald agiu com mais inteligência do que seus camaradas. Ele estava a uns bons cento e cinquenta metros de distância e desaparecendo de vista por uma elevação no solo.
"Lá vai ele", disse Will. “Tenho certeza de que nosso amigo aqui pode nos dizer onde vamos encontrá-lo. Nesse ínterim, vamos garantir este lote. ” Ele olhou para Barton mais uma vez. "Você: de bruços, mãos atrás das costas."
Sua mão caiu para o punho de sua Saxônia mais uma vez e Barton não perdeu tempo em obedecer. A garota ajoelhou-se ao lado dele e Barton sentiu duas presilhas de couro deslizarem sobre seus polegares. Em seguida, eles foram puxados com força e ele foi amarrado com segurança.
“Não vá a lugar nenhum”, ela disse a ele, embora, deitado de bruços com as mãos presas atrás dele, ele não conseguisse ficar de pé com pressa. Os Rangers foram até os outros dois bandidos. Jem estava sentado, segurando a perna onde a flecha havia passado pelo músculo de sua panturrilha, projetando-se do outro lado. A ferida estava sangrando, mas a presença da flecha estancou a maior parte do fluxo. Jem estava gemendo de agonia, balançando para frente e para trás.
“Se você acha que dói agora, espere até tirarmos aquela flecha,” Will disse a ele sem compaixão. O bando de ladrões não havia pegado dinheiro apenas de fazendeiros indefesos no mês anterior. Eles também foram responsáveis por meia dúzia de espancamentos severos, deixando suas vítimas machucadas e sangrando. A maioria das vítimas eram homens idosos. Todos eles estavam em menor número de quatro para um, e Will não tinha nenhuma simpatia pelos bandidos que executaram as surras.
Ele se ajoelhou atrás de Jem e quase arrastou as mãos atrás das costas, prendendo-as com outro par de algemas de polegar. Maddie fez o mesmo por Walt, que ainda estava atordoado e grogue e não ofereceu resistência.
"Você usou sua tipoia nele?" Will perguntou.

Maddie concordou. "Eu presumi que você o queria vivo, e eu não tinha um tiro certeiro de suas pernas."
Will fungou com desdém. "Admita, você estava apenas se exibindo." Ele se abaixou para olhar mais de perto para Walt, levantando a tampa de feltro para estudar o hematoma na lateral de sua cabeça. "Você jogou uma pedra, não é?"
Normalmente, Maddie usava chumbo especialmente fundido de sua funda, mas ela também carregava um estoque de pedras lisas de rio.
“Achei que um tiro de chumbo poderia rachar seu crânio”, disse ela. “Uma pedra era mais segura.”
Will sorriu. "Duvido que ele concorde com você."
Walt olhou como uma coruja para eles, seguindo o som de suas vozes. Seus olhos ainda estavam desfocados e turvos.
Will deslizou as mãos por baixo dos braços do bandido e o ergueu. "Vamos. Vamos colocar você de pé. ”
Walt se levantou, cambaleando incerto. Will esperou até ter certeza de que o homem atordoado não estava prestes a cair no chão novamente, então colocou Jem de pé também. Ele estudou Jem, olhando criticamente para a flecha que havia atravessado sua panturrilha. Ele se projetava cerca de trinta centímetros de dentro do músculo, o que tornaria quase impossível para Jem andar - a seta iria bater em sua outra perna a cada passo.
“Isso vai ter que sair”, disse ele.
Jem choramingou em antecipação à dor. "Você não pode simplesmente me deixar aqui enquanto você busca um curandeiro?" ele implorou. "Eu juro que não irei a lugar nenhum."
“Tenho certeza que não,” Will disse alegremente. “Mas precisamos tirar aquela flecha, limpar e enfaixar o ferimento.”
"Você tem que quebrá-lo?" Maddie perguntou. "É um bom eixo."
Will balançou a cabeça em sua falta de simpatia. “Poupe um pensamento por nosso pobre amigo aqui”, disse ele. “Será menos doloroso se terminarmos. Caso contrário, eu teria que puxar a coisa toda. ”
Com a ponta farpada na flecha, não havia como removê-la puxando-a de volta pelo caminho que veio. A maneira mais fácil e rápida era quebrar a haste da flecha perto da ferida de saída e puxá-la de volta. Maddie deu a Jem um olhar descontente.
“Quem se importa com menos doloroso?” ela disse. "É um bom eixo."
Will fez um ruído de tut-tut-tut e balançou a cabeça enquanto olhava para Jem. “Os jovens podem ser tão cruéis”, disse ele. Então ele se curvou e rapidamente arrancou a haste, puxando-a de volta através do ferimento no mesmo movimento. Jem empalideceu com a dor repentina e sua perna quase cedeu. Will o firmou, então passou uma bandagem ao redor do ferimento, que começou a escorrer sangue quando a flecha foi removida. Will apertou a bandagem e amarrou, então se levantou, observando Jem cuidadosamente. O bandido mancou um ou dois passos. Obviamente, foi doloroso para ele colocar o peso na perna. Will o virou e removeu as algemas do polegar.
"Não pense que vamos precisar disso." Ele acenou para Barton se aproximar. “Você pode ajudá-lo a andar”, disse ao líder dos bandidos. Então, olhando novamente para Jem, ele disse: "Coloque seu braço em volta dos ombros do assassino de ursos."
Jem fez o que ele disse, arrastando os pés e colocando o braço esquerdo em volta dos ombros pesados de Barton. Will os estudou por alguns segundos, então acenou em aprovação.
"Isso vai servir muito bem", disse ele. “Temos uma longa caminhada agradável pela frente.”
"Para onde você está nos levando?" Barton perguntou com medo. Ele sabia que, como um bandido preso, seus próximos anos não seriam agradáveis.
“Willow Bend Village,” Will disse a ele. Esta foi a aldeia onde ele vendeu os produtos da fazenda. “Eles têm um policial lá e uma bela prisão quente. Você vai amar."
A expressão azeda de Barton indicava que isso era improvável.
Will continuou. “No caminho, você pode nos dizer onde encontrar aquele seu amigo que fugiu.”
Uma expressão astuta surgiu no rosto de Barton. "Se eu fizer isso, você vai pedir ao magistrado para me dar uma pena reduzida?" ele adulou.
Will o olhou sem qualquer expressão por vários segundos. “Não,” ele disse por fim. "Mas se você não fizer isso, vou pedir a Maddie aqui para atirar na sua perna também."
Claro, ele nunca iria cumprir tal ameaça. Mas Barton não sabia disso. Era o tipo de coisa que o ladrão corpulento faria sozinho e presumiu que outras pessoas eram tão vingativas quanto ele.
“Há uma trilha de jogos fora da estrada a cerca de dois quilômetros de distância. Isso leva à nossa cabana, ”Barton disse a ele. "É onde você o encontrará."

5

Eles encontraram Donald na cabana, como Barton previra. Mostrando uma nítida falta de imaginação, ele estava escondido debaixo de uma cama. Infelizmente, a cama era vários centímetros mais curta do que ele e seus pés se projetavam em uma das extremidades.
“Bandidos simplesmente não são o que costumavam ser,” Will disse com pesar fingido enquanto eles algemaram Donald e o adicionaram à sua pequena cavalgada.
"Eles costumavam ser mais inteligentes, então?" Maddie perguntou.
Ele encolheu os ombros. “Parecia que sim. Eles foram certamente mais corajosos. ”
Eles continuaram para Willow Bend, cavalgando confortavelmente enquanto os ex-bandidos se arrastavam desajeitadamente à frente deles. Barton e Jem se moviam desajeitadamente, tentando manter o passo, e os outros dois, com as mãos presas atrás deles, estavam constantemente perdendo o equilíbrio na superfície irregular da estrada.
"Não poderíamos ir no carrinho?" Jem implorou depois que eles passaram um quilômetro além do local onde alcançaram Donald.
Will riu sem humor. “Você poderia,” ele disse, e o rosto de Jem se iluminou. “Mas você não vai,” Will acrescentou, e o rosto do fora-da-lei caiu mais uma vez.
Eles subiram a única rua principal de Willow Bend, observados pelos curiosos aldeões, e pararam em frente à casa de vigia do policial, que também abrigava a prisão da cidade. O policial, um homem corpulento na casa dos cinquenta anos, correu para cumprimentá-los. Arqueiros eram visitantes importantes e Will vestiu sua capa de Arqueiro, jogando o velho avental remendado na bandeja do carrinho.
"Rangers", disse o policial respeitosamente. “Por favor, desça.”
Foi uma boa educação esperar para desmontar até ser convidado. Maddie e Will desceram facilmente agora.
“Eu sou Will Tratado. Esta é a Ranger Maddie Regale, ”Will disse. Ele viu os olhos do policial se arregalarem ligeiramente ao ouvir seu nome. Will Tratado era uma figura maior do que a vida nesta parte do país. Na maior parte do país, na verdade. Will apontou com o polegar para as quatro figuras desamparadas que os haviam precedido.
“Estes são os homens que perseguem os agricultores que vão ao mercado”, disse ele. “Você pode mantê-los em sua prisão até que o magistrado faça suas rondas mensais. Então, eles podem cumprir sua pena no Castelo Redmont. ” Ele entregou um pergaminho enrolado. “Este é o meu depoimento. Você pode dar ao magistrado. Até que ele ouça o caso, você pode usá-los para qualquer tarefa desagradável que possa ter na aldeia. "
O policial pegou o pergaminho e o enfiou no cinto. Ele esfregou as mãos com expectativa. Sempre havia muitas tarefas sujas e desagradáveis de trabalho a serem realizadas na aldeia. Privadas tiveram que ser cavadas, fossas, drenadas e limpas. Barton e sua gangue não ficariam parados enquanto esperavam pelo julgamento.
"Como você os encontrou?" ele perguntou. Por motivos óbvios, o plano de Will de se passar por fazendeiro indo ao mercado não era amplamente conhecido.
“Eu tomei o lugar de Malcolm Tillerman,” Will disse a ele. “E levou seus produtos ao mercado. Esses tristes espécimes tentaram me roubar na volta. O dinheiro de Malcolm está lá no carrinho. Você pode transmiti-lo com o meu agradecimento. Espero ter conseguido um bom preço por seus produtos. ”
O policial sorriu. “Não tão bom quanto ele teria,” ele disse. Malcolm era conhecido no distrito como um homem que negociava muito. Ele se voltou para a casa de vigia atrás dele.
“Barney! Joseph!" ele chamou. "Aqui fora, por favor!"

Dois homens corpulentos emergiram da casa de vigia - os membros da guarda geralmente ficavam do lado grande. Eles estavam vestidos com o uniforme simples da guarda da cidade - um gibão de couro sobre calças de lã e botas de cano alto, com um cinto de couro pesado carregando suas chaves e cassetetes, os símbolos gêmeos de seu escritório.
“Tragam esses quatro para dentro”, disse o policial, e eles conduziram os bandidos para dentro do prédio.
“Se você tiver um curandeiro local, pode fazer com que ele olhe para o ferimento na perna do loiro”, disse Will. "Fiz um curativo, mas vai precisar de limpeza para evitar que infeccione."
“Temos um boticário na aldeia”, disse-lhe o policial. "Vou mandar buscá-lo."
Will concordou. "Faça isso. E, por agora, desejaremos um bom dia e seguiremos nosso caminho. ”
A casa de vigia tinha um pequeno quintal nas traseiras. Desatrelaram a mula da carroça e deixaram as duas no pátio, levando os sacos de dinheiro de couro para os aposentos do policial por segurança. Então, se despedindo, eles montaram em Bumper e Puxão e partiram, rumo à rodovia que levava ao Castelo Redmont.
"Por que você me chama de Maddie Regale?" Maddie perguntou depois que eles estavam andando por algum tempo. Will se virou na sela para olhar para ela.
“Eu tenho que te chamar de algo,” ele disse. "Apenas 'Maddie' não parece ser suficiente de alguma forma."
Eles cavalgaram por várias centenas de metros antes que ela falasse novamente.
“Você poderia me chamar de Maddie Altman,” ela sugeriu. “Afinal, esse é o nome do papai. Então, é realmente meu nome também. ”
“Eu poderia,” Will respondeu. Havia uma nota de dúvida em sua voz. “Mas o nome de Horace é relativamente conhecido e reconhecido. Afinal, ele é uma figura bastante famosa. As pessoas podem somar dois mais dois e descobrir que você é filha dele. ”
"Então?" Maddie perguntou.
“Então eles perceberiam que se você é filha dele, você também é filha de Cassandra, e a segunda na linha de sucessão ao trono. E você sabe que preferimos manter esse fato em segredo. ”
Tinha sido acordado, vários anos antes, que se Maddie fosse servir como aprendiz de Arqueiro, e eventualmente como Arqueiro, seu relacionamento com a família real deveria ser escondido. Os Rangers precisavam manter um alto nível de anonimato. Além disso, saber que ela era a segunda na linha de sucessão ao trono poderia colocar sua vida em perigo. Ela poderia ser alvo de inimigos que tentam pressionar o rei. Certamente chamaria atenção para ela e tornaria difícil para ela manter o sigilo que era uma parte tão importante da vida de um Arqueiro.
"Então, por que Regale?" ela perguntou. Ela pronunciou do jeito que Will havia feito, no estilo gaulês, de modo que soou como *Regahl* , em vez de *Regail.*
"Inicialmente, pensei em chamá-la de Maddie Royal", disse Will. “Ser como você é uma princesa e tal. Mas percebi que seria quase tão ruim quanto chamá-lo de Altman. As pessoas logo perceberiam que você realmente *era da* realeza. Então eles perceberiam que você é uma princesa e estaríamos de volta ao ponto de partida. ”
"Então, de onde veio Regale?"
“É semelhante ao Royal. Significa quase a mesma coisa, mas não é tão óbvio. Principalmente quando o pronunciamos à moda gaulesa. A maioria das pessoas não fará o link. ” Ele fez uma pausa. "Você não gosta de ser Regale?" ele disse eventualmente.
Ela balançou a cabeça. "Maddie Regale", disse ela ironicamente. “Soa como 'madrigal' se você disser rapidamente.”
“Uma bela dança, o madrigal,” Will disse a ela, sorrindo.
Ela fungou. “Uma bela dança, talvez. Mas um nome idiota. Eu não gosto disso. ”
“Eu acho que combina com você,” Will disse, brincando com ela. “É melódico e feliz, assim como você.”
“Bem, gostaria que você pensasse em outro nome para mim”, disse ela.
Ele encolheu os ombros. "Deseje sair", disse ele. “Você deveria estar grato por eu ter pensado nisso. Não sou bom com nomes. Levo séculos para pensar em um nome quando compre um novo cachorro. ”
"Obrigado por me comparar a Sable", disse Maddie. Sable era o atual border collie de Will, um descendente de Shadow, seu primeiro cão.
"Pensar nada disso. Gosto muito de Sable ”, disse ele.
"Talvez eu deva apenas voltar à simples e velha Maddie", disse ela, "e deixar de ter um segundo nome." Mas antes que ela terminasse, Will estava balançando a cabeça, todos os traços de humor tinham sumido de sua expressão.

“Você precisa de um segundo nome,” ele disse sério. "Todo mundo faz. Se você não tem um segundo nome, você se sente de alguma forma separado e sem raízes. Você se sente incompleto. Eu deveria saber, ”ele acrescentou. “Passei metade da minha vida sem um segundo nome - apenas conhecido como 'Will, o menino órfão'”.
Ela ficou um tanto surpresa com a intensidade de seus sentimentos. "Foi realmente tão ruim assim?" ela perguntou.
Ele deu de ombros, um pouco envergonhado por ter exposto aquele aspecto de sua vida. “Acho que fiquei bastante feliz”, disse ele. “Mas todos os outros na ala - Horace, Alyss, Jenny e George - todos eles tinham nomes de família. Eles podem ter perdido seus pais, mas eles sabiam quem eles tinham sido. Eles sabiam de onde vieram. Eu não fiz e acho que senti . . . Eu não sei . . . deixado de fora de alguma forma. ”
Ela o olhou com interesse. Ela ficou surpresa ao saber que ele já havia se sentido tão inseguro. Will era uma pessoa muito capaz, seguro de si e cheio de confiança. Era difícil pensar que ele se sentia inferior.
"Acho que vou ficar como Maddie Madrigal então", disse ela.
Ele sorriu. "Você poderia fazer pior."
Quando as sombras se alongaram, eles ainda estavam a três ou quatro horas de Redmont e de sua cabana entre as árvores. Eles não estavam com pressa, então montaram acampamento em uma clareira protegida um pouco longe da rodovia.
Maddie gostava de acampar com Will. Ele era um excelente cozinheiro de acampamento e sempre servia um jantar delicioso. De alguma forma, o fato de estarem comendo ao ar livre, com o cheiro de madeira queimada do fogo flutuando ao redor deles, tornava o sabor ainda melhor.
Assim como o café forte e doce que beberam depois.
Era uma bela noite, então eles não se preocuparam com suas barracas. Eles estenderam seus sacos de dormir e se enrolaram em suas capas para dormir. Maddie estava deitada de costas, olhando para as estrelas enquanto elas giravam lentamente no alto, e suspirou satisfeita.
“Eu amo esta vida,” ela disse calmamente. "Eu não acho que poderia voltar a viver no palácio e ser uma princesa."
“Você pode precisar assumir como rainha um dia,” Will disse a ela.
Ela balançou a cabeça. “Alguém mais pode fazer isso. Eu sou um Ranger. Eu amo ser um Ranger. ”
“Isso é o que faz você ser bom,” Will disse, e ela se virou surpresa para olhar para ele. Ele raramente pronunciava tais palavras de elogio. Ela esperou que ele dissesse mais, mas sua respiração profunda e uniforme disse que ele já estava dormindo.
Ou estava fingindo ser.

6

Will e Maddie cavalgaram lentamente pela rua principal da pequena vila abaixo do Castelo Redmont, acenando para os aldeões que os saudaram enquanto passavam. Will era uma figura popular na aldeia. Ele cresceu em Redmont, primeiro na ala que o Barão Arald mantinha para crianças órfãs, depois como aprendiz de Halt, um dos mais famosos Arqueiros.

Nos anos mais recentes, a fama de Will tinha igualado, ou até mesmo ultrapassado, a de seu mentor, e a população local estava orgulhosa de que duas figuras tão renomadas vivessem em seu feudo. Colocou Redmont acima dos feudos vizinhos e o povo que vivia lá gostava de compartilhar a glória refletida dos dois ilustres Arqueiros.

E agora Maddie, que estava no feudo nos últimos quatro anos, estava adicionando suas próprias conquistas às das outras duas. Menos de um ano atrás, ela havia frustrado um plano para tomar o trono de Araluen. E antes disso, ela ajudou Will a desmascarar e destruir uma gangue de sequestradores que estavam realizando seu trabalho vil na costa leste do reino.

Ao todo, havia muitos motivos pelos quais os aldeões poderiam se sentir orgulhosos de seus Arqueiros e felizes em saudá-los quando eles passassem.

Eles passaram pelo restaurante de Jenny. A própria Jenny estava sentada ao sol do lado de fora de seu estabelecimento, bebendo café e de olho em sua equipe enquanto preparavam as mesas para as negociações da noite. Ela ergueu a xícara para eles quando passaram, acompanhando o gesto com um largo sorriso. Ela e Will cresceram juntos na enfermaria, e Jenny o ajudou a acomodar Maddie quando ela chegou, uma princesa mimada e egocêntrica que precisava desesperadamente de disciplina.

Will acenou para seu velho amigo e olhou interrogativamente dela para a jovem que cavalgava ao lado dele. Como as coisas mudaram, ele pensou. Hoje em dia, ele confiava em Maddie com sua vida - na verdade, ele acabara de fazer isso quando confrontaram Barton Bearkiller e sua gangue. Maddie sentiu que ele estava olhando para ela e inclinou a cabeça em uma pergunta.

"O que?" ela perguntou.

Mas Will não respondeu diretamente. Ela tinha recebido elogios o suficiente ultimamente, ele pensou, e ele nunca foi de exagerar nesse tipo de coisa. “Pensei que poderíamos comer no Jenny hoje à noite,” ele disse ao invés.

Maddie assentiu com entusiasmo. "Parece bom para mim", disse ela. "Devo ir até lá e pedir a ela que reserve uma mesa para nós?"

Will balançou a cabeça. “Ela sempre vai me encaixar”, disse ele. "Essa é uma das vantagens de ser um antigo companheiro de guarda."

No topo da colina, eles deixaram a aldeia e viraram à direita na trilha estreita entre as árvores que levava à sua cabana. À medida que se aproximavam, os dois cavalos começaram a mexer as orelhas e farejar o ar.

"Eles estão felizes por estar em casa", observou Maddie.

Mas Will discordou. “Há alguém na cabana”, disse ele. "Eles podem cheirar quem quer que seja."

Eles emergiram das árvores na clareira ao redor da cabana e Maddie viu que ele estava certo. Havia um cavalo pequeno e peludo parado perto da amurada do lado de fora da cabana e uma figura com uma capa cinza e verde estava sentada na varanda, as pernas esticadas, aproveitando o sol. Seus cavalos relincharam uma saudação ao cavalo amarrado e ele respondeu.

"É Halt", disse Maddie, reconhecendo seu cavalo inicialmente. O rosto do visitante não foi tão fácil de distinguir, pois a sombra do telhado da varanda caiu sobre ele, descendo até a altura dos ombros.

"O que ele está fazendo aqui?" Will disse para si mesmo. Eles cavalgaram até a cabana e Halt se levantou para cumprimentá-los quando eles se aproximaram.

"Bom dia", disse ele alegremente, embora estivesse apenas certo. Faltavam apenas alguns minutos para o meio-dia. Ele apertou a mão de Will enquanto o homem mais jovem desmontava, então envolveu Maddie em um abraço de urso. Halt gostava muito do aprendiz de seu ex-aprendiz. Ele tinha sido fundamental em ter Maddie selecionada para o treinamento como um Ranger - a primeira Ranger mulher na história do Corpo de exército. Vendo o quão bem ela se saiu, ele sentiu que sua escolha foi mais do que justificada.
"O que te traz aqui?" Will perguntou quando Halt se desvencilhou do abraço. Halt apontou com o polegar para uma forma em preto e branco esparramada no final da varanda ao sol - deitada de costas com as patas traseiras abertas e as patas dianteiras dobradas sobre si mesmas.
“Achei que você estaria em casa hoje, então trouxe Sable do castelo”, disse ele. Enquanto Maddie e Will estavam caçando a gangue do mercado, como eram conhecidos, Halt e Lady Pauline cuidavam do cachorro de Will. À menção de seu nome, a cauda de Sable bateu várias vezes nas tábuas da varanda. Caso contrário, ela não fez nenhum movimento.
Will ergueu uma sobrancelha. “Eu poderia ficar maravilhado com essas boas-vindas”, disse ele. “Obviamente ela não sentiu nossa falta. Suponho que você a está estragando como sempre? "
Halt sorriu. "Eu não. Pauline. ”
Sua esposa gostava de cães em geral e de Sable em particular. Sable, sentindo isso, como os cães fazem, fazia um grande alarido de Lady Pauline sempre que a via. Como resultado, Pauline estava constantemente dando guloseimas e dando tapinhas nela, esfregando suas orelhas e barriga. Quando Sable ficou com Halt e Pauline, ela se acostumou a esse tipo de tratamento muito rapidamente. Geralmente levava vários dias para Will treiná-la no que ele considerava um comportamento canino adequado.
"O fogão está aceso e o café está ligado", Halt disse a ele, e Will acenou em agradecimento.
Maddie deu um passo à frente e pegou a rédea de Puxão com uma das mãos e Bumper na outra. “Vou preparar os cavalos”, disse ela.
Will desamarrou sua mochila de viagem e o saco de dormir de trás da sela de Puxão e os pendurou no ombro. "Obrigado", disse ele. "Vamos servir um café enquanto você faz isso." Ele e Halt entraram enquanto Maddie conduzia os dois cavalos para o estábulo na parte traseira da cabine.
Eles estavam segurando canecas de café, com outra caneca cheia esperando por Maddie, quando ela se juntou a eles. Ela acrescentou uma colher cheia de mel ao líquido fumegante e mexeu.
Will deu a ela um olhar de dor. "Eu já fiz isso."
Ela encolheu os ombros. "Você nunca coloca o suficiente", disse ela, e provou sua bebida. "Perfeito."
Will balançou a cabeça. “Talvez seja porque eu tenho que pagar pelo mel,” ele murmurou. Então ele se virou para Halt. “Então, o que está por trás dessa visita? Além da necessidade de trazer Sable de volta. ”
Enquanto esperavam por Maddie, não haviam discutido a razão de Halt estar esperando por eles. Em vez disso, eles conversaram sobre assuntos sem importância, com Will descrevendo seu encontro com o autoproclamado assassino de ursos e seus capangas.
"Um pombo-correio chegou de Gilan ontem à noite", disse Halt. “O Rei nos convocou para o Castelo Araluen.”
"Isso é urgente?" Maddie perguntou.
Os dois Rangers mais velhos trocaram um olhar. “Uma convocação do Rei é *sempre* urgente,” Will disse a ela. "Devemos ir imediatamente?" ele perguntou a Halt.
Halt fez um gesto de objeção. “Não há necessidade de pressa”, disse ele. “Afinal, ninguém saberá quando você realmente voltou, ou quando recebeu a mensagem. Podemos ir de manhã. Tenha uma boa noite de sono esta noite e partiremos após o nascer do sol. "
Will concordou. “Isso parece bastante justo. Gilan lhe deu alguma ideia do que se trata? "
“Apenas disse, venha imediatamente. Eu imagino que seja importante. ”
"O que te faz pensar isso?" Maddie perguntou.
Halt encolheu os ombros. “O tom da mensagem para começar. E as mensagens dos pombos podem se perder facilmente ”, disse ele. “Se for um assunto delicado, nunca é uma boa ideia colocar muitos detalhes - apenas no caso de a mensagem cair em mãos hostis.”
"Isso é provável?" Maddie perguntou, a dúvida em sua voz óbvia.
“No passado, pessoas inescrupulosas treinavam falcões para capturar ou matar pombos-mensageiros”, Halt disse a ela. “Informações confidenciais podem ser muito valiosas se a pessoa errada as pegar.”
“Talvez seja um erro usar pombos para as mensagens”, disse Will. “Eles são pacíficos demais. Eles não podem se defender. ”

“Alguns anos atrás, tentamos treinar corvos para carregar mensagens. Seria necessário um corajoso falcão para atacar um corvo, ”Halt disse. "Mas não deu certo."
"Por que não?" Maddie perguntou, e o Arqueiro de cabelos brancos escondeu um sorriso.
“Os corvos falam demais”, disse ele. “Eles não conseguem guardar um segredo, não importa o quanto tentem.”
Maddie revirou os olhos, como apenas uma adolescente pode fazer. “Há momentos em que você é muito divertido, Halt”, disse ela. "Este não é um deles."
Halt terminou seu café e se levantou. “Os jovens não têm senso de humor”, disse ele, com alguma dignidade. Ele puxou o capuz de sua capa e se virou para a porta.
"Vejo você ao nascer do sol", disse ele. “Pauline descerá mais tarde para coletar Sable.”
Eles se despediram e ele montou em Abelard, empurrando o cavalo do Arqueiro em direção ao caminho estreito entre as árvores. Will e Maddie assistiram enquanto ele cavalgava, finalmente desaparecendo na primeira curva.
Will esfregou a barba pensativamente. "Isso é incomum", disse ele, mais para si mesmo do que para Maddie.
Ela inclinou a cabeça com curiosidade para ele. "O que você quer dizer?"
“Bem,” ele disse, virando-se para voltar para a pequena cabana, “Halt está semi-aposentado estes dias e ele nunca foi em uma missão conosco. Eu me pergunto por que Duncan chamou nós três para o castelo. "
Maddie considerou o ponto e descobriu que não tinha resposta.
“Espero descobrir quando chegarmos lá”, disse ela.
"Eu espero que sim."

7

"Mas por que Maddie?" disse Cassandra. "Por que ela deveria estar envolvida nisso?"
Horace suspirou. "Cassandra, já discutimos isso antes-"
Sua esposa interrompeu antes que ele pudesse prosseguir, ignorando-o e falando com seu pai. “Eu posso entender por que você enviou Will. Afinal, ele é o melhor Ranger que você tem. Mas por que Maddie deveria ir também? "
"Ela é uma Ranger", disse seu pai pacientemente. Ele sabia o que se passava em sua mente e sabia que eles teriam uma discussão.
“Ela é sua neta,” Cassandra respondeu. “E ela é a segunda na linha para o trono. No entanto, você está disposto a colocá-la em perigo. "
“O mundo é um lugar perigoso,” Duncan disse a ela. “Mesmo para princesas. Maddie escolheu se juntar aos Rangers e viver sua vida. Não posso abrir exceções para ela. ”
“Mas será perigoso!” Cassandra protestou.
“Assim como foi perigoso para você resgatar Erak dos homens da tribo Tualaghi. Assim como era perigoso para você viajar para Nihon-Ja para encontrar Horace. ”
"Isso foi diferente!" Cassandra protestou. "Eu fui-"
“Você era o herdeiro do trono. Você aceitou que havia uma responsabilidade que acompanhava o privilégio. É assim que devemos viver nossas vidas, Cassandra. ”
“Eu só não vejo por que ela precisa ir. Vamos fazer isso. Ele pode lidar com isso sozinho. ”
"Ele ficará muito melhor se Maddie estiver com ele", disse Gilan calmamente. Ele esperava que Cassandra se opusesse à idéia de Maddie acompanhar Will na missão secreta para Gallica. Ele sabia como Cassandra se sentia sobre o papel de sua filha como aprendiz de arqueiro. Ela se opôs desde o início e nunca o aceitou totalmente.
Cassandra se virou para encará-lo. "Como você descobriu isso?" ela desafiou.
“Um estranho viajando sozinho tem mais probabilidade de despertar suspeitas do que um pai e uma filha viajando juntos. É assim que eles serão vistos. Um homem viajando com sua filha será visto como relativamente inofensivo. Afinal, que pai exporia voluntariamente a filha ao perigo? "
"Então você admite que ela estará em perigo?" Cassandra disse.
Gilan acenou com a cabeça. “Claro que eu admito. Afinal, ela é uma Ranger e isso é parte integrante da vida de um Ranger. ”
Cassandra abriu a boca para protestar, mas Horace a impediu.
“Concordamos com isso quando ela decidiu ingressar no Corpo de Fuzileiros Navais”, disse ele. “Se ela é uma Ranger, ela tem que lidar com situações perigosas. Não podemos escolher o que ela faz. Não podemos insistir que ela só vai em missões seguras. ”
“Não que haja muitos deles”, observou Gilan.
Mas Cassandra não estava disposta a ceder ainda. “ *Você* concordou com isso. Eu nunca quis que ela fosse um Ranger em primeiro lugar. ”
“E ainda assim ela é uma,” seu pai disse com firmeza. “E como um Ranger, ela tem que realizar sua parte de tarefas perigosas. Caso contrário, ela pode muito bem deixar o Corpo. "
"Isso está bom para mim", Cassandra disse amargamente.
"Então, você prefere que ela se sente humildemente ao redor do castelo, praticando seu bordado e aprendendo a etiqueta da corte?" disse seu pai. “Isso é um treinamento muito pobre para uma futura rainha. Foi algo que você nunca aceitou. Você sabia que tinha que estar no mundo real, aprendendo como liderar homens e defender seu país em tempos de guerra. ”
Em seu coração, Cassandra sabia que eles estavam certos. Quando jovem, ela levou uma vida emocionante e freqüentemente perigosa. Ela viajou pelo mundo, lutou em batalhas e enfrentou os inimigos do reino inúmeras vezes. A ideia de permanecer em segurança em casa no Castelo Araluen

tinha sido um anátema para ela e ela sabia que não poderia impor tal restrição a sua filha. Se Maddie fosse ser rainha um dia, ela teria que experimentar o mundo real, com todos os seus perigos. Dessa forma, ela estaria equipada para governar o país com sabedoria e bravura. Cassandra sabia de tudo isso. Mas isso não significa que ela tinha que gostar. Ela fez uma careta para os três homens sentados à sua frente.
“Eu odeio quando vocês todos se armam contra mim”, disse ela.
Seu pai sorriu com ternura para ela. “Agora você sabe como eu costumava me sentir”, disse ele. “Não é fácil mandar sua única filha para o mundo. Mas é algo que todos nós temos que fazer. E as experiências de Maddie como Arqueiro farão dela uma rainha melhor quando chegar a hora. ”
Ele desviou o olhar dela quando houve uma batida discreta na porta de seu escritório. "O que é isso?" ele chamou.
A porta se abriu para admitir um de seus servos. "Meu senhor, há três Rangers aqui para vê-lo", disse ele.
Duncan fez um gesto acenando. “Obrigado, Miles. Por favor, diga a eles para entrarem. ”
O criado abriu mais a porta e ficou de lado para deixar entrar as três figuras de manto cinza e verde. Halt, Will e Maddie entraram na sala, Maddie ficando um pouco atrás de seus superiores. Eles pararam diante da grande mesa de Duncan enquanto o servo se retirava, fechando a porta atrás de si.
Halt, como o mais antigo do grupo, falou. "Você nos chamou, meu senhor?"
Duncan se levantou de sua cadeira para cumprimentá-los, estremecendo ligeiramente ao colocar o peso na perna ferida. “Pare! Que bom ver você! E você, Will, é claro. ”
Ele reservou um sorriso especial de boas-vindas para sua neta. Ele sentiu uma súbita onda de orgulho ao vê-la em seu uniforme de Ranger. Mesmo sendo uma aprendiz, ela já havia provado sua habilidade e coragem várias vezes.
"Maddie", disse ele, "eu acredito que você tem se comportado?"
Ela sorriu amplamente em troca. "Não muito, avô", disse ela.
Então Horace e Gilan avançaram para cumprimentar os recém-chegados e a sala estava cheia de calor e boas-vindas. Cassandra se conteve por alguns segundos, então impulsivamente correu para frente e envolveu Maddie em um abraço, cheia de emoção demais para falar, os olhos brilhando de lágrimas.
Maddie, um pouco sobrecarregada com a saudação efusiva, ficou um tanto surpresa. "Mãe!" ela exclamou. "Estabeleça-se!" Ela encontrou os olhos de seu pai por cima do ombro de Cassandra e ergueu as sobrancelhas em uma pergunta. Ele fez um gesto com as mãos, que ela interpretou como: *Sua mãe está um pouco emocionada. Vai com isso.* Ela acenou com a cabeça e permitiu a sua mãe alguns segundos para se recompor.
Cassandra finalmente controlou suas emoções e soltou Maddie nos braços de Horace. Will deu um passo à frente e abraçou Cassandra. Ele pensou ter entendido o motivo de sua demonstração de emoção. Obviamente, ele e Maddie estavam sendo enviados em uma missão. Obviamente, Cassandra ficou chateada com o fato. Não havia nada de novo nisso, ele pensou. Seu velho amigo era extremamente protetor quando se tratava de sua filha.
“Eu vou cuidar dela,” ele disse suavemente. Por um momento ou dois, ela enterrou o rosto em seu ombro. Então ela se recuperou e deu um passo para trás, sorrindo em seus olhos.
As saudações continuaram por mais alguns minutos, então Duncan chamou o grupo à ordem. Eles puxaram as cadeiras em volta da mesa e esperaram ansiosamente que ele lhes contasse por que estavam aqui. Ele não perdeu tempo para chegar ao cerne da questão.
"Will, eu quero que você e Maddie vão para Gallica", disse ele.
Maddie e Will trocaram um rápido olhar. Uma coisa sobre a vida como um Ranger, Maddie pensou, você nunca sabia o que viria a seguir.
Will coçou a barba. "Gallica?" ele disse. "O que está acontecendo lá que nos preocupa?"

• • •

Will se recostou, assentindo, enquanto Duncan terminava de explicar o motivo pelo qual os convocou para Araluen.
"Faz sentido", disse ele. “Pai e filha viajando juntos não atraem tanta atenção. As pessoas não parecem ser tão desconfiadas quanto poderiam ser se eu estivesse sozinho. ”
"Isso é o que eu pensei", disse Gilan. "Afinal, funcionou antes, quando você estava caçando aqueles ladrões de crianças na costa leste."
"Mas por que nos importamos se há problemas em Gallica?" Maddie perguntou. "Afinal, não é como se Philippe nos tivesse feito algum favor." Ela percebeu que poderia ter soado um tanto sem

coração e correu para corrigir sua declaração. "Quer dizer, sinto muito que o filho dele tenha sido sequestrado, mas isso dificilmente nos envolve, não é?"
“Talvez não,” Horace disse a ela. - Mas provavelmente será melhor para nós se Philippe permanecer no trono. Esse tipo de Lassigny poderia ser um problema para nós se ele conseguisse substituir Philippe. E não há muita dúvida de que essa eventual intenção. Quanto mais poder ele ganha, maior é a ameaça potencial que ele representa para nós. ”
Maddie assentiu ao ver o raciocínio por trás das palavras de seu pai.
Halt estava franzindo a testa ligeiramente. “Meu senhor,” ele disse a Duncan, “suponho que você não quer que eu vá com Will e Maddie. Por que você me quer aqui? "
Duncan hesitou um segundo, então respondeu. “Eu sempre valorizo sua opinião, Halt. Temos que descobrir como esses dois ficarão disfarçados. Afinal, eles terão que ter algum motivo plausível para vagar pelo interior da Galícia. ”
Halt acenou com a cabeça lentamente. Ele suspeitou que havia algo que Duncan não estava lhe contando. Fosse o que fosse, ele tinha certeza de que descobriria no devido tempo, então estava disposto a esperar até que o rei estivesse pronto para dizer mais.

8

A reunião terminou pouco depois. Os três recém-chegados tiveram tempo para se refrescar e comer depois de sua longa jornada. Então Gilan, Halt, Will, Horace e Cassandra se reuniram no escritório de Gilan para fazer planos para a jornada de Will e Maddie para Gallica. Maddie não era necessária para aquela reunião, então ela foi em busca de Ingrid, sua ex-empregada e companheira, que agora era um membro sênior da equipe de Cassandra. Duncan tinha outros assuntos a tratar - um rei estava sempre ocupado - e ele confiava em seus oficiais superiores para apresentar um plano viável. Ele não precisava se preocupar com os detalhes. A capacidade de delegar era uma das marcas de um bom líder e tinha sido uma característica do reinado de Duncan. Ele escolheu pessoas confiáveis como seus subordinados e deixou que eles continuassem com isso.

“Por que comprar um cachorro e abanar o próprio rabo?” ele costumava dizer.

“Não deveria ser, por que comprar um cachorro e latir você mesmo?” Cassandra uma vez perguntou a ele quando ela era uma menina.

Ele encolheu os ombros. “Latir, abanar o rabo, cães fazem as duas coisas. Por que ambos se você tem um? "

"Então, vamos comprar um cachorro?" ela perguntou ansiosamente, mas ele balançou a cabeça.

"Não. Terei que fazer meu próprio rabo abanar um pouco ”, disse ele. "Além disso, se você deitar com cachorros, você se levanta com pulgas."

Naquela noite, Cassandra foi para a cama como uma garotinha confusa.

Os cinco amigos estavam sentados no escritório da torre de Gilan, um grande bule de café na mesa entre eles. Depois que os copos foram servidos e quantidades generosas de mel servidas, eles se recostaram e discutiram o melhor método para Will e Maddie viajarem discretamente em Gallica.

"Você dificilmente vai se misturar", observou Horace. “Vocês são estrangeiros. As pessoas vão notar você. ”

“Eu falo galicano,” Will disse.

Halt ergueu uma sobrancelha para ele. Ele era fluente no idioma e havia ensinado Will, então ele conhecia as deficiências de seu ex-aprendiz. “Com um sotaque terrível de Araluen,” ele apontou. "Diga *bom dia* e eles vão escolher você para um estrangeiro imediatamente - antes mesmo de você chegar de *manhã* ."

Will encolheu os ombros. Ele sabia que Halt estava certo. Ele nunca conseguiu colocar sua língua em torno do sotaque galicano.

“Bem, não podemos simplesmente andar por Gallica sem motivo”, disse ele. “Vamos atrair a atenção dessa forma.”

“A melhor maneira de evitar a atenção é desviá-la - atraí-la para outra coisa”, observou Gilan. Houve silêncio por cerca de dez segundos enquanto todos pensavam sobre isso.

“Você precisa de algum tipo de motivo para viajar,” Cassandra disse finalmente. “Algo que distrai as pessoas do fato de que vocês não são locais.”

"Você pode fingir ser um funileiro", sugeriu Horace. Todos eles voltaram olhares doloridos para ele. Vendo suas expressões, ele estendeu as mãos em uma pergunta. "O que?"

“Por que alguém sempre sugere isso?” Gilan disse. “Os consertadores têm a reputação de ladrões mesquinhos, e isso significa que as pessoas os vigiam de perto. Eles não se misturam. ”

Horace franziu a testa. “Mas em histórias de romance e sagas, os heróis muitas vezes se disfarçam de consertadores”, protestou ele.

“Eles costumam lutar contra dragões e voar em cavalos mágicos também,” Will disse a ele, e Horace se acalmou, percebendo que o que seu amigo disse era verdade.

“Tenho certeza de que nem todos os funileiros são desonestos”, Cassandra acrescentou. “Provavelmente são apenas alguns dos ruins que deram aos outros uma má reputação.”

“Então, poderíamos ter uma placa que diz: 'Somos consertadores honestos'?” Will perguntou. "Isso deve funcionar."

Cassandra fez uma careta para ele e ele sorriu.

“Quer os mexeriqueiros sejam desonestos ou não”, disse Halt, “eles têm essa reputação, e as pessoas tendem a suspeitar deles”.
“Além disso,” Will continuou, “e se alguém realmente acreditasse em nós, confiasse em nós e me pedisse para consertar um pote com um buraco? Eu estaria totalmente perdido. ”
"Isso é verdade", disse Halt. "Você não é um faz-tudo, não é?" Ele esfregou a barba pensativamente. “Quando você foi para Macindaw anos atrás, você se passou por um bardo. Talvez funcionasse de novo. ”
Will considerou a ideia e balançou a cabeça lentamente. Na verdade, ele tinha um grande talento para tocar mandola e tinha uma voz agradável para cantar.
"Isso pode funcionar", disse ele. “Acho que consigo me lembrar dos truques do comércio que Berrigan me ensinou.” Berrigan era um ex-Arqueiro que foi forçado a se aposentar do Corpo de exército quando perdeu uma perna. Ele havia encontrado uma nova identidade e propósito para si mesmo como bardo - um músico viajante - e havia realizado várias operações de inteligência para o Corpo de exército no passado.
"Você ainda toca alaúde?" Halt perguntou.
Will virou uma expressão exasperada para ele.
"É um mando-" ele começou, então vendo que Halt estava tentando, sem sucesso, sufocar um sorriso, ele simplesmente concordou. "Sim eu quero. Na verdade, eu tenho isso comigo ”, disse ele. Por anos, Halt vinha tentando irritá-lo fingindo que não sabia a diferença entre um alaúde e uma mandola. Normalmente, ele conseguia.
Mas agora Will franziu a testa quando um pensamento o atingiu. "Mas e quanto a Maddie?" ele perguntou.
Gilan encolheu os ombros. “Ela não podia te acompanhar? Quer dizer, cantar junto com você? "
"Ela pode cantar?" Halt perguntou. Ele não percebeu que Cassandra e Horace desviaram o olhar, evitando contato visual com ele.
Will hesitou. Ele gostava de sua jovem aprendiz e odiava dizer qualquer coisa depreciativa sobre ela. “Como um pássaro,” ele disse finalmente.
Halt abriu as mãos em um gesto de satisfação. "Bem, aí está você."
Mas Will continuou. “O pássaro que eu tinha em mente era um corvo”, disse ele, desconfortável.
Horace e Cassandra concordaram.
Gilan não estava convencido. "Oh vamos lá. Ela não pode ser tão ruim, ”ele disse, mas os pais de Maddie se viraram para ele.
“Ela é tão má,” Cassandra finalmente disse.
Gilan a olhou com desconfiança, suspeitando que ela pudesse estar usando isso como um pretexto para excluir Maddie da missão. Vendo que não estava convencido, Will decidiu que a melhor maneira seria deixar Gilan ver por si mesmo.
“Se você mandar buscar Maddie e pedir a alguém que vá buscar a minha mandola, vou lhe mostrar”, disse ele.
Gilan despachou seu assistente, Nichol, um aprendiz do segundo ano, para buscar o instrumento e Maddie. Nichol voltou com o instrumento cinco minutos depois. Maddie estava alguns minutos atrás dele.
Will estava afinando as oito cordas da mandola quando Maddie chegou, com a curiosidade estampada em seu rosto. Ela presumiu que o grupo tivesse tido uma ideia de como ela e seu mentor viajariam por Gallica. Ela olhou para a mandola nas mãos de Will com óbvio interesse.
“Há uma sugestão de que podemos viajar como bardoiros”, disse ele, “comigo tocando e nós dois cantando”.
Maddie assentiu com entusiasmo. "Parece bom para mim."
Will olhou para o instrumento para evitar seu olhar entusiasmado. Como tantas pessoas surdas, Maddie não tinha ideia de que seu canto estava totalmente desafinado.
“Lembra de 'The Whistling Miller'?” ele disse, e ela acenou com a cabeça. Ele atingiu um acorde. "Entre no refrão."
Ele fez uma pequena introdução inteligente e começou a cantar.
“O moleiro de Wittingdon Green
teve o apito mais alto que você já viu . . . ”
Ele não foi mais longe. Halt ergueu as mãos em protesto. "Uau! Uau! Volte o carrinho de feno lá! ” Halt disse.
Will olhou para ele confuso. "Problema?"
Halt acenou com a cabeça explicitamente. "Sim. Problema. Como você pode ver um apito? Presumo que não seja um instrumento real, é o ruído que este moleiro faz? ”

“Isso mesmo,” Will concordou.
"Então ele deveria ter ouvido o assobio mais alto que você já ouviu."
"Não rima assim."
"Bem, não faz sentido do seu jeito", disse Halt, com um pouco de calor. "É ridículo."
“É uma música, Halt. É uma licença poética. ”
“As pessoas sempre dizem isso quando estão sendo burras. Esta é uma música idiota. ”
“Eu sempre poderia fazer 'Graybeard Halt' . . . ” Will sugeriu. Por um longo momento, eles se olharam. Halt odiava essa música. Ele finalmente fez um gesto de derrota.
"Tudo certo. Vá em frente com este 'Assobiador Visível' ”, disse ele.
Will continuou do local onde ele parou.
“Ele assobiava a noite toda e assobiava o dia todo
e se alguém perguntasse a ele, ele diria . . . ”
Halt levantou a mão mais uma vez e Will parou, um pouco irritado. Nenhum cantor gosta de ser constantemente interrompido e ele suspeitou que Halt estava fazendo isso de propósito.
"E agora?" ele disse laconicamente.
"Se alguém perguntasse o quê?" Halt perguntou.
Will fez uma careta para ele. “Estamos prestes a chegar lá”, disse ele a seu antigo mentor. "Se você parasse de interromper, saberia o que eles perguntaram."
"Bem, vá em frente", disse Halt sem se desculpar, e Will, respirando fundo, continuou.
“Vou te ensinar a assobiar, é fácil sabe,
basta franzir os lábios em um beijo e um sopro. "
Ele acenou para Maddie se juntar ao refrão. Ela o fez com considerável energia.
“Assobie alto e assobie baixo,
é fácil assobiar quando você sabe.
Assobie alto e assobie baixo,
basta franzir os lábios e soprar e soprar. "
Will atingiu um acorde final e a música chegou ao fim. Maddie olhou para o público com expectativa.
"Bem, o que você acha?" ela disse.
Ninguém falou por um momento, então Gilan disse baixinho: "Meu Deus."

9

Will apontou para a porta que levava à antessala fora do escritório de Gilan.
"Maddie, talvez você possa sair por um minuto enquanto conversamos?" ele disse. Ela encolheu os ombros e saiu. Depois que ela saiu, os outros trocaram um olhar. Halt, cujo próprio ouvido para música não era o mais forte, franziu a testa, pensativo.
"Acho que não foi exatamente bom?" ele disse.
Cassandra ergueu as sobrancelhas. Ela era uma mãe, e as mães nunca querem dizer nada negativo sobre seus filhos.
"Talvez ela esteja um pouco melhor do que costumava ser", disse ela timidamente.
Horace deu um latido curto de escárnio. "Você *acha* ?"
Cassandra balançou a cabeça relutantemente.
"Então ela não é boa?" Halt disse.
“Não é como se ela não tentasse”, disse Cassandra. “Ela está muito entusiasmada.”
"Para isso, leia em *voz alta* ", Horace colocou, e Cassandra deu a ele um olhar zangado.
"Coloque desta forma, Halt", disse Gilan. "Maddie não conseguia cantar em um balde."
"Ela tem o que eles chamam de orelha de pano", acrescentou Will. “Às vezes cantamos juntos depois do jantar à noite. E admito que ela está entusiasmada. E alto. E totalmente desligado. Ela não canta na nota. Ela nem canta muito perto disso. ”
"Tudo certo!" Cassandra explodiu. “Estabelecemos que ela não é a melhor cantora. Podemos deixar por isso mesmo, por favor? "
“Desculpe,” Will disse, fingindo que estava levantando as mãos em legítima defesa.
“Bem, se ela não pode viajar como cantora, o que ela pode fazer?” Halt perguntou, sentindo que essa conversa estava entrando em águas perigosas. Novamente, houve um longo silêncio na sala.
"Talvez Malloy possa ajudar", Gilan finalmente sugeriu.
“Malloy? O bobo do papai? " Cassandra perguntou.
"Ele é um pouco mais do que isso", Gilan disse a eles. “Malloy é responsável por todo o entretenimento no castelo. Ele contrata artistas para o rei. E ele mesmo é muito talentoso. Ele é um bobo da corte, é claro. Mas ele também dança e canta muito bem. E ele também faz malabarismos. Talvez ele tenha uma ideia sobre o que ela pode fazer. ”
Will encolheu os ombros. "Vale a tentativa."
Gilan tocou a pequena campainha em sua mesa que chamou Nichol. O jovem aprendiz abriu a porta e entrou. Atrás dele, Maddie estava olhando para eles com expectativa.
"Só mais alguns minutos, Maddie", disse Gilan. Então, dirigindo-se a Nichol, ele disse: "Nichol, você pode buscar Malloy aqui, por favor". Ele reconsiderou essa declaração. Nichol tinha dezesseis anos e os de dezesseis não são famosos por seu tato. “Dê a ele meus cumprimentos e pergunte se ele poderia nos dar alguns minutos de seu tempo, por favor,” ele emendou.
Nichol *tinha* dezesseis anos e estava imbuído de todo o tédio que um adolescente pode reunir. Ele era um adepto de revirar os olhos e suspirar. Ele fez as duas coisas agora.
Pegue Maddie. Pegue a mandola do Ranger. Pegue Malloy , os gestos gêmeos pareciam dizer.
"Sim, senhor", respondeu ele pesadamente, e retirou-se mais uma vez.
"Ele é um raio de sol, não é?" Disse Will.
Gilan acenou com a cabeça. “Não é divertido para ele ficar preso aqui como assistente administrativo”, disse ele. "Vou ter que dar a ele alguma experiência de campo em breve."
"Envie-o para mim." Will ficou carrancudo. “Vou dar a ele experiência de campo.”
Gilan sorriu. Algumas semanas com Will, e Nichol pode não se sentir tão pressionado aqui em Araluen, ele pensou.

“Eu poderia simplesmente fazer isso”, disse ele. “Ele é um bom garoto no coração, mas este trabalho pode se tornar muito chato.”
"Hah!" Will bufou.
Cassandra sorriu para ele. "Quando você se tornou um velho rabugento?" ela perguntou.
Will apontou o polegar na direção de Halt. “Cerca de cinco minutos depois de conhecê-lo”, respondeu ele. "Ele me ensinou tudo que eu sei."
"Felizmente", disse Halt, sorrindo, "não ensinei a ele tudo o *que* sei."
Vários minutos depois, Nichol voltou, batendo na porta e entrando.
"Malloy, o bobo da corte, está aqui, senhor", disse ele a Gilan. Talvez ele tenha percebido o aborrecimento de Will porque ele estava vivo e profissional agora e seus olhos estavam fixos no mesmo plano.
Gilan sorriu para ele. “Obrigado, Nichol. Faça-o entrar, por favor. E mande Maddie também. ”
O bobo da corte era alto e magro, com uma constituição atlética, quadris estreitos e ombros largos. Ele tinha maçãs do rosto proeminentes e um nariz aquilino. Seu cabelo era curto e ele estava barbeado. Ele usava uma versão discreta da roupa tradicional do bobo da corte - um gibão com quatro partes de vermelho e verde e meia amarela, mas sem as borlas e sinos extras e sapatos longos e pontudos. Seu cabelo curto estava sob um boné de feltro, em vez do capacete tradicional adornado com sinos e bugigangas.
Ele era bem musculoso e movia-se graciosamente. Estudando-o, Will sentiu que Malloy era um adversário físico para qualquer guerreiro que ele já tinha visto - e ele estava certo. Malloy, quando necessário, podia empunhar uma espada com velocidade e precisão assustadoras.
Gilan fez as apresentações. Malloy, é claro, conhecia Cassandra e Horace. E ele reconheceu Maddie, embora mantivesse o protocolo popular de que ela era apenas uma aprendiz de Arqueiro e não a segunda na linha de sucessão ao trono. Desde a tentativa malsucedida de Dimon em um golpe, a maioria dos funcionários seniores do palácio sabia sobre a dupla identidade de Maddie. Mas foi tacitamente acordado que eles não reconheceriam ou discutiriam o assunto. Quando ela estava vestida como uma Ranger, ela era conhecida como Maddie. Quando ela apareceu em trajes da corte, ela se tornou a princesa Madelyn.
"Precisamos do seu conselho, Malloy", disse Gilan. “Will aqui está indo em uma missão disfarçado de bardo. Ele toca mandola e canta ”.
Malloy acenou com a cabeça na direção de Will. “Ouvi dizer que você é muito capaz, senhor”, disse ele.
Will sorriu. "Eu passo."
"Maddie irá com ele", continuou Gilan. "Mas precisamos encontrar para ela algum tipo de papel também."
“Eu posso cantar com o Will, não posso?” Maddie interrompeu, olhando ao redor dos rostos reunidos. Ninguém respondeu por alguns segundos.
Então Halt, com um tato que ele raramente exibia, respondeu a ela. “Você tem uma boa voz, Maddie. Mas não é verdade . . . de acordo com os padrões profissionais. ” Ele gostava muito de Maddie e não queria vê-la envergonhada.
Ela parecia um pouco cabisbaixa, mas acenou com a cabeça em aceitação. "Se você diz. Mas estou disposto a praticar se você acha que isso ajudaria. ”
"Vamos ver o que Malloy sugere", Halt disse a ela. "Ele é o especialista."
Malloy acenou com a cabeça vivamente. Em seus anos no castelo, ele ouvia Maddie cantar de vez em quando. Ele estava na frente dela agora, medindo-a.
“Hmmm. Você parece em forma ”, disse ele. “Que tal cair? Você é bom nisso? Isso é algo que eu poderia te ensinar relativamente rápido. ” Ele olhou para Gilan. "Acho que há alguma urgência nisso?" ele perguntou. Normalmente havia quando os Rangers estavam envolvidos, ele sabia.
Gilan respondeu. "Sim. Precisamos prepará-la em algumas semanas. ”
Will ergueu a mão antes que Malloy pudesse prosseguir. “Quedas e acrobacias podem ser um problema”, disse ele. “Maddie certamente está em forma e tem excelente equilíbrio e agilidade, mas ela foi atingida por um dardo há alguns anos e seu quadril está um pouco rígido.”
"Isso te causa dor?" Perguntou Malloy.
Ela encolheu os ombros. “Geralmente não. Mas quando me canso ou me esforço muito, isso enrijece. ” Ela abriu as mãos se desculpando. "Desculpa."
"Não é sua culpa", disse Malloy. "Vou pedir a Sanne para dar uma olhada nisso."
“Sanne? Quem é aquele?" Maddie perguntou.
“Ela é uma das minhas. Ela é uma ameaça tripla - malabarista, arremessadora de copos e faca. Pensei em pedir a ela para treiná-lo. Talvez ela possa ensiná-lo a fazer malabarismos - embora,

com este período de tempo, não passaríamos do básico. Precisamos de outra coisa se as pessoas vão acreditar que você é um artista profissional. ”
"Maddie pode atirar uma faca", disse Gilan, e o interesse de Malloy foi despertado.
"Mesmo? Quão bem?"
Maddie olhou para Gilan interrogativamente. Ele indicou um retrato de um dos ancestrais de Duncan pendurado na parede atrás de sua mesa.
"Mostre a ele", disse ele.
A mão de Maddie foi para a bainha dupla em seu lado esquerdo. Ela puxou o braço para trás em um movimento suave e o puxou para frente. Sua faca de arremesso capturou a luz enquanto ela girava pela sala, parando exatamente a meio caminho entre os olhos do cavaleiro idoso no retrato.
"Muito bem", disse Malloy. “Acho que podemos trabalhar com isso.”
“Tio-avô Hesperus está um pouco maltratado”, disse Cassandra.
Gilan sorriu. "Nunca gostei daquela pintura de qualquer maneira."

10

Na manhã seguinte, seguindo as instruções de Malloy, Maddie estava esperando na sala de arsenais no segundo andar do castelo. Ela olhou em volta enquanto esperava. Ela não tinha estado neste quarto longo e vazio desde o duelo final de treino de sua mãe com Dimon antes da Rebelião da Raposa Vermelha. A sala era um espaço vasto, bem iluminado por janelas altas que se alinhavam na parede sul. Em uma extremidade, prateleiras sustentavam armas e armaduras de prática - espadas de madeira, machados e alabardas, coletes acolchoados e capacetes de couro equipados com protetores faciais de malha de metal. Havia uma prateleira de espadas de aço para um treinamento mais realista.

Ela notou as pontas arredondadas e as pontas rombas das espadas. Não muito realista, ela pensou.

O piso era de madeira, bastante desgastado pelo movimento de milhares de pés ao longo dos anos, à medida que os guerreiros praticavam suas habilidades com as várias armas nas prateleiras. As tábuas do assoalho tinham cicatrizes e cortes onde golpes excessivamente entusiasmados não acertaram o alvo e os danificaram. Os cortes foram lixados e preenchidos, mas ainda eram visíveis.

"Bom Dia. Sou Sanne. Malloy me pediu para trabalhar com você. ”

Maddie se virou ao ouvir a voz. Sanne era uma jovem de vinte e poucos anos. Ela era pequena, mas bem musculosa e parecia em forma. Ela pronunciou seu nome como *Sahna* . Ela tinha traços agradáveis e regulares, e seu cabelo castanho claro na altura dos ombros curvado para baixo em uma onda pesada no lado direito do rosto.

Ela estava vestida com um gibão que ia até a coxa, em um padrão de diamante com as cores tradicionais do bardo - vermelho, verde e amarelo. Abaixo do colete, ela usava meia-calça amarela e botas de couro vermelho até o tornozelo. Maddie notou que seus sapatos não eram feitos no estilo usual dos artistas, com pontas longas e curvas e sinos. Então ela se lembrou de que Malloy havia dito que Sanne era um acrobata. Ela imaginou que sapatos de bico fino seriam um estorvo para cair.

Antes que Maddie pudesse responder, Sanne continuou. "Você é a princesa Madelyn, certo?"

Maddie sorriu e balançou a cabeça. "Me chame de Maddie", disse ela.

Ela deu um passo à frente e ofereceu a mão. Sanne o sacudiu brevemente. Maddie notou a força e firmeza do aperto de Sanne enquanto o bardo a estudava com alguma curiosidade. Maddie estava vestida com uma roupa semelhante à de Sanne - um colete até a coxa sobre meia-calça. Mas as cores eram mais suaves, verde fosco e marrom em oposição ao padrão de diamante brilhante nas roupas de Sanne.

“Você não parece uma princesa”, disse o artista.

Maddie encolheu os ombros. "Estou passando meu tempo hoje como aprendiz de arqueiro", explicou ela, e acrescentou: "Mas isso deve ser mantido em sigilo."

Sanne franziu a testa. “Oh sim,” ela disse. "Foi você quem estragou o joguinho de Dimon há dezoito meses, não foi?"

Sua curiosidade agora estava tingida de um certo nível de respeito. Maddie suspirou. Depois de ter desempenhado um papel tão proeminente na queda do Clã Raposa Vermelha, ela sabia que seria difícil manter sua identidade em segredo completo - certamente não entre os funcionários do Castelo Araluen.

“Muita gente estragou o jogo dele”, disse ela. “Minha mãe era uma, em particular. Mas, como eu disse, mantemos meu papel como Ranger confidencial. ”

Sanne assentiu, entendendo o raciocínio por trás da instrução. Pode ser perigoso se muitas pessoas souberem da dupla identidade de Maddie. Afinal de contas, os Rangers preferiam se manter discretos, e ter pessoas se curvando e ralhando para Maddie seria um incômodo contínuo - e um que poderia identificá-la como um membro da família real e colocar sua vida em perigo.

“Vou ter isso em mente”, disse ela. Então, com a questão da identidade de Maddie tratada, ela disse: “Agora, o que posso fazer para ajudá-lo? Malloy disse que eu deveria treiná-lo como um bardo. "
“Eu estou indo em uma missão com meu mentor, Will Tratado,” Maddie começou. Ela notou que os olhos de Sanne se arregalaram ligeiramente com a menção do nome de Will. Seu professor era uma figura famosa em Araluen - quase mítica, na verdade, como Halt tinha sido antes dele - embora poucas pessoas pudessem realmente afirmar ter visto qualquer um deles. Como resultado, surgiram rumores sobre os dois Rangers: as pessoas diziam que eles eram altos como gigantes, ombros largos e musculosos. As pessoas menos instruídas do país também disseram que podiam aparecer e desaparecer como quisessem e que eram hábeis na arte da magia.
A verdade era que, embora os dois homens tivessem braços e ombros fortemente musculosos devido à longa prática com seus poderosos arcos de guerra, eles eram, como a maioria dos Arqueiros, um pouco mais baixos do que o normal. Sua reputação de aparecer e desaparecer à vontade era devido ao seu treinamento e habilidade de campo, e ao uso de suas capas, que eram manchadas de verde e cinza e os ajudavam a se fundir no cenário da floresta. Todos os Rangers sabiam que a verdadeira chave para permanecer invisível era permanecer imóvel, mesmo quando você tinha certeza de que um inimigo o havia visto. Nove em dez vezes, ele não tinha.
Maddie sempre se divertia com as reações das pessoas que conheceram Will pela primeira vez. Havia um ar de descrença e até decepção.
Este pode ser o poderoso Tratado de Vontade? suas expressões pareciam dizer. *Certamente não!*
“Estamos viajando disfarçados”, ela continuou, “disfarçados de artistas. Will está se passando por menestrel. Ele toca mandola muito bem e canta. ”
"E se você?" Sanne perguntou.
Maddie hesitou. “Eu não toco mandola”, disse ela. Ela não mencionou o canto. Ela estava começando a suspeitar que seu canto não era tudo o que poderia ser. Ela ficou aliviada quando Sanne não insistiu no assunto. A jovem olhou para ela de cima a baixo, avaliando-a, depois caminhou em um pequeno círculo ao redor dela.
“Você parece em forma”, disse ela, quase para si mesma. "Você pode cair?"
"Não tenho certeza. EU-"
Sanne a interrompeu com um breve aceno de mão. “Tente isto,” ela ordenou, colocando a sacola de couro que ela usava sobre o ombro direito no chão.
Sem qualquer preparação adicional, ela deu três passos rápidos e, no terceiro, saltou bem alto no ar e girou em uma cambalhota para a frente, aterrissando com os dois pés sem quase nenhum som de impacto e em perfeito equilíbrio.
Maddie notou que as solas de suas botas vermelhas eram de couro macio, o que contribuiu em parte para o pouso silencioso. Ela respirou fundo, se recompôs, então saltou para frente, jogando-se bem alto no ar e enfiando a cabeça para baixo enquanto rolava em uma cambalhota.
Ela completou o movimento bem o suficiente, embora estivesse muito mais perto do chão do que Sanne estivera e seus dedos roçassem as tábuas do assoalho.
Mas, quando ela pousou, seu quadril fraco cedeu ligeiramente e ela tropeçou, dando três pequenos passos para se recuperar. Sanne franziu a testa. Maddie praguejou baixinho. Ela esperava que seu quadril resistisse ao esforço. Ela bateu agora.
“Estou com o quadril rígido”, explicou ela. “Fui atingido por um dardo há vários anos e ele nunca cicatrizou adequadamente.”
Sanne mordeu o lábio pensativamente. “Hmmmm. Então, eu vi. Definitivamente será um problema para tombar. Com o tempo, provavelmente poderíamos curá-lo. Mas seria doloroso. Você está pronto para isso?"
"Não estou preocupada com a dor", disse Maddie. “Mas o problema é o tempo. Temos apenas algumas semanas. Talvez depois disso eu pudesse trabalhar para liberar o quadril. ”
“Bem, algumas semanas não bastam,” Sanne disse a ela. “É melhor procurarmos outra coisa. Você consegue fazer malabarismos? "
"Duas bolas", disse Maddie. "Não mais do que isso."
Sanne não disse nada. Inclinando-se para a bolsa que havia colocado no chão, ela tirou duas bolas de malabarismo macias e as jogou para Maddie, acenando com a cabeça em aprovação quando o jovem Arqueiro habilmente pegou as duas.
"Até agora tudo bem", disse ela. "Agora vamos ver o quão bom você é."
Maddie se lançou, uma bola em cada mão, então começou. Ela jogou a bola no ar com a mão esquerda, jogou a bola com a mão direita lateralmente para a esquerda e pegou a primeira bola com a mão direita. Ela continuou, enviando as duas bolas em um loop.
Depois de meia dúzia dessas sequências, Sanne levantou a mão para ela parar.

"Tudo certo. É o bastante."
Maddie pegou a última bola e esperou pelo veredicto de Sanne. Ela achou que tinha se saído razoavelmente bem. Duas bolas apenas, talvez, mas nada mal.
"Então, o que foi isso?" Sanne perguntou.
Maddie parecia surpresa. “Eu estava fazendo malabarismos”, disse ela.
Mas Sanne balançou a cabeça. "Não. Você estava apenas jogando um para cima e passando o outro para a sua mão vazia. Isso é o que a maioria das pessoas pensa que é um malabarismo. *Isso* é malabarismo. ”
E, sem qualquer esforço aparente, Sanne lançou as duas bolas voando em loops opostos no ar, jogando a bola da mão esquerda de forma que ela voou em um círculo para sua mão direita, em seguida, a bola da mão direita cruzou o caminho de seu parceiro, pousando em sua mão esquerda. E assim que pegava cada bola, ela a lançava novamente para manter o padrão em um ritmo um-dois-três-quatro, com cada bola voando alto no ar e cruzando seu corpo enquanto o fazia.
Depois de algumas rodadas, ela parou e inclinou a cabeça para Maddie.
“Vamos ver se conseguimos fazer assim”, disse ela.

11

"Tudo bem", disse Sanne, "há algumas coisas para lembrar." Ela estendeu a mão e colocou as mãos nos ombros de Maddie, quadrando-os. Ela moveu Maddie para que ela ficasse diretamente na frente dela.
“Fique bem e equilibrado, com as pernas ligeiramente flexionadas e os pés uniformemente apoiados no chão. Agora pegue uma bola em cada mão. ”
Maddie fez o que foi instruído, observando Sanne com expectativa.
"Relaxe", Sanne disse a ela. “Você está ficando tenso. Agora traga os cotovelos para perto do corpo, com os antebraços para fora em noventa graus. ” Ela esperou até que Maddie estivesse posicionada corretamente. “Agora, jogue a bola com a mão direita para cima e sobre o corpo e pegue-a com a mão esquerda.”
Maddie obedeceu. A bola bateu em sua palma esquerda. Ela olhou para Sanne, que acenou com a cabeça em aprovação.
"Boa. Agora, jogue-o de volta para a mão direita. ”
Maddie jogou a bola para cima novamente, mas desta vez teve que estender a mão para pegá-la, pois ela desceu cerca de trinta centímetros à sua frente. Sanne ergueu a mão para ela parar.
"Vê isso?" ela disse. “Você tinha que estender a mão para pegar a bola. Isso significa que você jogou longe demais na frente. As bolas têm que ficar no mesmo plano, apenas indo para cima e para baixo para que caiam na sua mão sem que você precise agarrá-las. Tente de novo."
Maddie o fez, franzindo a testa em concentração, certificando-se de que a bola voasse verticalmente quando ela a soltasse. Ele caiu facilmente em sua mão segura desta vez.
"Melhor. Faça isso novamente."
Jogue, voe, plop. Mais uma vez, a bola pousou suavemente em sua mão. Ela jogou novamente, de volta para o outro lado.
“Ótimo”, disse Sanne. “Continue
assim. 1. Dois. Três. Quatro. 1. Dois. Três. Quatro. Sorteio. Pegar. Sorteio. Pegar."
Ela parou de contar o ritmo, mas Maddie continuou a jogar e pegar a bola, contando para si mesma em voz baixa.
“Você pode contar em voz alta, se quiser”, Sanne disse a ela.
Na sétima vez que Maddie lançou a bola no ar, ela jogou longe demais para a frente novamente e agarrou-a, errando-a e jogando-a no chão. Ela praguejou baixinho.
Sanne recuperou a bola e jogou-a de volta para ela. Ela sorriu com simpatia. “Esse é o maior problema a ser superado”, disse ela. "Mas você está quase conseguindo."
Maddie começou a sequência novamente, murmurando entre os dentes cerrados. "Eu posso ver por que você não usa bolas que quicam." As bolas eram feitas de couro e preenchidas com o que parecia ser algum tipo de grão.
“Sim, você estaria correndo por toda a sala recuperando-os se eles fizessem”, disse Sanne. Ela viu Maddie jogar a bola mais algumas vezes, então ergueu a mão para ela parar. "Bem. Seu arremesso é bastante consistente, embora seja um pouco alto. Tente jogá-lo um pouco acima da altura da cabeça. ”
Ela entregou a Maddie uma segunda bola. “Tudo bem, vamos tentar dois. Jogue a bola com a mão direita e, quando ela atingir a altura da cabeça, jogue a bola com a mão esquerda para passar por dentro. E jogue ambos da mesma altura no ar. ”
Maddie se acomodou, preparando-se para este novo desafio.
"Não fique tensa", Sanne disse a ela. “O segredo do malabarismo não é pegar. É o lançamento. Se você jogá-los corretamente, permanecendo no mesmo plano, eles devem pousar naturalmente em sua mão. Pronto?"

"Pronta", disse Maddie laconicamente, seus olhos focados no espaço à sua frente.
“E lembre-se, se você jogá-lo corretamente, não precisa olhar para ele. Deixe-o flutuar bem na sua frente. Agora, um, dois, três, vá. ”
Jogue, jogue, pegue, pegue.
"Excelente! Faça isso novamente."
1. Dois. Três. Quatro.
Maddie sorriu triunfantemente quando a segunda bola caiu de volta em sua mão direita, terminando a sequência.
Sanne acenou com a cabeça em aprovação. "Boa. Agora, jogue a bola da mão esquerda primeiro. ”
Por um momento, Maddie hesitou, ajustando seu pensamento à reversão da ação. Então ela obedeceu.
1. Dois. Três. Quatro.
A última bola caiu em sua mão esquerda e ela quase a deixou cair.
- Faça assim de novo - Sanne disse a ela. Desta vez, ela completou a sequência sem quase derramar a bola. Ela tentou novamente, então novamente. Na terceira vez, a bola final voou muito longe na frente dela. Ela pegou no ar, mas seu ritmo estava estragado e ela parou. Ela mordeu o lábio em aborrecimento.
“Fique calmo,” Sanne instruiu. "Você está indo bem."
- Exceto que acho que entendi direito e então jogo longe demais para a frente - Maddie respondeu.
“Tente praticar em pé perto de uma parede”, Sanne disse a ela. "Isso pode ajudar."
Maddie pensou sobre a instrução e assentiu. "Você está certo. Isso pode funcionar. Qual é o próximo?"
Sanne sorriu para ela. “Em seguida, vou pegar leve por alguns dias enquanto você pratica até que você acerte. Então, vamos adicionar uma terceira bola à mistura. ”
"Não poderíamos fazer isso agora?" Maddie perguntou. "Acho que quase tenho as duas bolas resolvidas."
" *Quase* não é bom o suficiente", Sanne respondeu. “Você precisa estar completamente confortável com as duas bolas, para que possa fazer isso automaticamente, antes de seguirmos em frente.”
"Mas-" Maddie começou. Ela estava impaciente para melhorar.
Sanne levantou a mão para impedi-la. “Gilan me disse que os Rangers têm um ditado sobre a prática”, disse ela. "O que é isso?"
“A maioria das pessoas pratica até acertar. Um Ranger pratica até não errar. ”
"Ou *ela* , neste caso", Sanne disse a ela. “Os malabaristas seguem a mesma regra. Continue praticando e vejo você em dois dias. ”
"Oh, tudo bem", disse Maddie. Ela começou outra sequência, mas, inevitavelmente, na terceira passagem, ela agarrou uma das bolas e a deixou cair. Ela praguejou baixinho.
Sanne sorriu. "Vê o que quero dizer?" ela disse. Ela se dirigiu para a escada, deixando Maddie jogando e pegando, jogando e pegando, sua língua saindo de seus dentes.

• • •

"Você está pensando em mostrar a língua para o público?" Will perguntou a ela no dia seguinte, enquanto ela praticava sua rotina de atirar e pegar na sala de estar de seus quartos.
"O que?" ela perguntou distraidamente.
Ele encolheu os ombros. “É só que algumas pessoas podem se ofender. E nunca é uma boa ideia ofender aqueles que estão pagando você. ”
Maddie acenou com a cabeça e retirou a língua dentro dos lábios. Mas depois de alguns arremessos e pegadas, ele escapou novamente, despercebido. Despercebido por ela, claro. Will percebeu imediatamente.
"Você está fazendo isso de novo", disse ele alegremente.
Ela praguejou baixinho. Sua língua voltou para dentro e instantaneamente ela perdeu a próxima bola, de modo que a bola caiu no chão e rolou para baixo do sofá.
"Maldição", disse ela amargamente, abaixando-se para recuperar a bola. Ela começou o padrão novamente. Desta vez, ela conseguiu oito ou nove sequências antes que uma bola voasse erraticamente e ela a deixasse cair novamente. Este rolou para baixo de uma poltrona e, mais uma vez, ela se ajoelhou para pegá-lo. Will assistiu com algum interesse.
“Se você praticasse na frente da mesa ou da cama, não teria que rastejar pelo chão para recuperá-los”, ressaltou.
"Cale a boca", disse Maddie laconicamente, seus olhos sacudindo para frente e para trás para seguir o vôo das bolas. Desta vez, ela completou mais de uma dúzia de sequências antes de agarrar uma

bola e deixá-la cair, fazendo-a rolar pelo chão. Suspirando, ela o recuperou e foi até a mesa de jantar para praticar. Desta vez, ela completou quinze padrões antes de deixar cair uma bola. Mas desta vez a bola caiu na mesa, rolou uma vez e parou. Ela o recuperou facilmente.
"Eu disse a você", disse Will. Ela respirou fundo para dar uma resposta enérgica, então percebeu que ele estava certo e não disse nada.
Jogue, jogue, pegue, pegue, ela continuou. Will observou por um tempo, então percebeu que não havia mais necessidade de comentários. Sua língua foi retirada e ela manteve as bolas girando uniformemente, sem deixar cair nenhuma.

Ele voltou a ler um relatório sobre as atividades piratas na costa noroeste de Araluen.

12

Sanne revisou o progresso de Maddie na manhã seguinte e acenou com a cabeça em aprovação. "Bom trabalho", disse ela. “Vamos adicionar a terceira bola e estamos a caminho.”
Ela entregou a Maddie outra bola, colocando-a na mão direita de Maddie, de modo que ela segurou duas bolas lá e uma na esquerda.
“Ok, aqui está a sequência: Jogue com a mão direita. Jogue com a mão esquerda. Pegue com a mão esquerda. Jogue com a mão direita. Pegue com a mão esquerda. ”
Maddie franziu a testa. “Diga isso de novo”, ela pediu, e Sanne repetiu a sequência.
“Assim,” ela disse, e demonstrou. Com a bola extra em jogo, a sequência agora se tornou lançamento-captura-lançamento-captura-lançamento-pega. Maddie tentou e imediatamente sentiu como se estivesse de volta à estaca zero. O ritmo suave que ela construiu com duas bolas a abandonou e as bolas voaram erraticamente, fazendo-a agarrá-las e deixá-las cair.
"Eu nunca vou conseguir isso", disse ela amargamente.
Sanne sorriu para ela. "Claro que você vai. Só precisa de prática. Comece de novo."
Maddie fez isso e, após algumas sequências abafadas, o padrão clicou e ela fez as bolas girarem suavemente. Ela sorriu em triunfo e prontamente deixou cair um.
Sanne se abaixou e o pegou para ela, devolvendo-o. "Vejo? Eu te disse, ”ela disse.
Maddie fez uma careta. "Sim, mas deixei cair um da última vez."
Seu instrutor encolheu os ombros. "Talvez. Mas você *não deixou* cair um nas quatro vezes anteriores. Isso é progresso. ”
"Se você diz."
"Eu faço. Tudo o que você precisa fazer agora é praticar aquela sequência de três bolas por alguns dias e você a terá. Mas, por enquanto, vamos tentar algo diferente. ”
"Com prazer", disse Maddie. Ela guardou as bolas no bolso do gibão e seguiu Sanne até o final da sala de prática. Pela primeira vez, ela percebeu que havia um objeto alto, coberto com um pano de linho grosso. Sanne puxou o pano e revelou uma grande placa redonda, em forma de círculo e com doze segmentos numerados marcados nela. Parecia uma versão gigante dos tabuleiros de destino em que Maddie tinha visto a guarnição do castelo atirando pequenos dardos quando estavam relaxando.
De sua sempre presente bolsa, Sanne tirou um embrulho de tela para ferramentas. Desenrolando-o em uma mesa lateral, ela revelou cinco facas idênticas. Simples em design, cada um consistia em um cabo de madeira rebitado a uma lâmina de aço reta que se afilava em uma ponta de dois gumes. Não havia cruzetas e nenhuma decoração extravagante nos punhos. Ela passou um para Maddie, que testou seu peso e equilíbrio. Apesar do desenho simples, quase primitivo, ela descobriu que a faca estava perfeitamente equilibrada e pesada.
Transferindo a faca para a mão esquerda, ela pegou outra e a testou. Parecia idêntico ao primeiro. Ela ergueu as sobrancelhas.
"Estes são bons", disse ela, passando-os de um lado para outro da mão direita para a esquerda, testando-os ainda mais.
Sanne sorriu. “Obrigada”, disse ela. "Eu mesmo os fiz."
"Eles são quase idênticos", disse Maddie, estudando as duas lâminas simples, segurando-as lado a lado para medir cada uma contra sua companheira.
"Quase não", Sanne corrigiu. “Eles *são* idênticos. O peso e o equilíbrio de cada um são exatamente iguais aos do outro. ” Ela indicou o alvo redondo, a quase seis metros de distância. "Experimente um", disse ela.
Maddie fez uma pausa, testando o peso e o equilíbrio da faca por um segundo, então jogou com uma ação aparentemente casual. A faca pegou o sol da manhã fluindo através das janelas altas enquanto girava pela sala, então acertou o alvo alguns centímetros à esquerda do ponto de junção

dos doze segmentos numerados. A faca havia passado do ponto central em seu giro final e o cabo estava inclinado cerca de vinte graus mais alto que a lâmina. Sanne olhou para ela, uma pequena careta de surpresa em suas feições.
"Muito bom", disse ela. “Experimente outro.” Mas antes que Maddie pudesse obedecer, ela estendeu a mão para detê-la. “Procure uma parte diferente do conselho”, disse ela. “Se você acertar a primeira faca, e há todas as chances de você acertar, você pode partir um pouco da madeira do cabo. Então terei que reequilibrá-lo. ”
Maddie assentiu e girou a segunda faca na parte mais larga do segmento número um, no topo do alvo. Outro *baque* sólido e a faca tremia na madeira. Sem fazer comentários, Sanne entregou-lhe uma terceira faca. Esta Maddie posicionou-se no segmento número nove.
"Você pode jogar nas axilas?" Sanne perguntou, entregando-lhe uma quarta faca.
Sem responder, Maddie girou a faca sob o braço no segmento número três, oposto ao seu lançamento anterior.
"E braço redondo?" Sanne disse, passando a faca final. Maddie o arremessou de lado, colocando-o a um centímetro da primeira faca no centro do tabuleiro.
Sanne franziu a testa. “Eu disse para você não jogar perto da outra faca,” ela disse.
Maddie encolheu os ombros e sorriu. “Eu tenho o sentimento por eles agora”, disse ela. "Eu sabia que não iria acertar."
Sanne foi responder, então olhou para a colocação correta das cinco facas no alvo e percebeu que Maddie não estava se gabando, mas falando a verdade. Bem, talvez ela estivesse se gabando um pouco, mas obviamente sabia o que estava fazendo quando se tratava de atirar facas.
"É o que você diz", disse Sanne finalmente, depois avançou para recuperar as facas do tabuleiro.
“Bem”, ela continuou, “posso ver que não preciso ensinar você a atirar uma faca. Mas posso te ensinar um pouco de show business para acompanhar isso. ”
"Mundo do espetáculo?" Maddie perguntou. Nos últimos três anos e meio, o arremesso de facas fora um assunto sério para ela, sem espaço para arremessos e exibições.
Sanne concordou. “Jogar bem uma faca é bom”, disse ela. “Mas o público tem que ver algum elemento de risco nisso, se quiser se divertir.”
“O risco é divertido?” Maddie perguntou.
O artista sorriu com indulgência. "Claro que é. As pessoas adoram ter medo ”, disse ela.
Ela se moveu até o alvo e girou um novo aparato atrás dele. Era uma polia e uma manivela, com uma correia de couro saindo da polia. Ela enrolou o cinto sobre uma polia correspondente na parte de trás do alvo, tirou uma tira de retenção e puxou o aparelho de manivela até que o cinto de couro estava esticado. Ela deu alguns puxões experimentais na manivela e o alvo girou lentamente em sincronia com a manivela. As duas polias eram de tamanhos diferentes, de modo que a roda girava com o dobro da velocidade que a polia Sanne girava.
"Acerte o número cinco", disse ela de repente, pegando Maddie de surpresa.
Apressadamente, o Ranger olhou para a roda-alvo em movimento e localizou o segmento número cinco. Ela levou alguns segundos para avaliar a velocidade com que a roda estava girando e atirou, visando permitir o fato de que o segmento numerado teria se movido no tempo que a faca levou para atingir o alvo.
Thunk!
A faca atingiu o segmento indicado na borda externa da roda. Não era bem central, mas Sanne acenou com a cabeça em aprovação.
"Excelente", disse ela. “Agora, atingiu o número onze.”
Ela continuou girando a manivela, mantendo o alvo girando a uma velocidade constante. Familiarizada com o movimento agora, Maddie jogou sem a mesma demora. Desta vez, a faca atingiu a borda externa do segmento onze, exatamente no centro.
“Bom trabalho,” Sanne chamou, um pouco sem fôlego pelo esforço de manter a pesada prancha girando. "E o número três."
Maddie estava pronta com outra faca. Seus olhos se estreitaram enquanto ela procurava o número três, avaliou a trajetória que ela precisava e jogou.
Thunk!
Mais uma vez, foi um lançamento perfeito.
“Desta vez, na metade do caminho para o centro - número sete.”
O alvo estava mais estreito agora, à medida que os segmentos diminuíam quanto mais perto estavam do centro do tabuleiro. Maddie levou um segundo para avaliar as novas condições, então arremessou outra faca, girando e captando a luz do sol, para atingir o tabuleiro no ponto indicado. Sanne se levantou da manivela e deixou a prancha desacelerar e eventualmente parar.

Ela sorriu para Maddie. "Você é melhor nisso do que malabarismo."
Maddie encolheu os ombros. “Eu joguei muitas facas nos últimos três anos”, disse ela. “Temos que praticar com facas que não são balanceadas como essas, para que possamos lançar qualquer tipo de faca.”
Sanne indicou as duas facas no cinto de Maddie. “Mas suas próprias facas são balanceadas para arremessar”, disse ela.
O aprendiz de Arqueiro assentiu. "Eles são. Embora não tão bem quanto estes. ” Ela apontou para as facas que Sanne trouxera para a sessão. “Estes são excelentes.”
Sanne acenou com a cabeça em reconhecimento do elogio. “Eles têm que ser,” ela disse.
"Há uma coisa", disse Maddie. “Você disse que iria adicionar um elemento de risco. Não há risco em simplesmente acertar um alvo em rotação. ”
O malabarista sorriu. “Há quando há uma pessoa amarrada a ele”, disse ela.

13

A convite de Sanne, Maddie se adiantou para estudar o alvo mais uma vez. Olhando de perto, ela pôde ver que havia dois apoios para as mãos nas posições nove e três, e lacunas no quadro nas posições cinco e sete.

“Você coloca um dos participantes no quadro”, explicou Sanne. “Eles se seguram nos punhos e você passa tiras de couro pelas aberturas aqui para prender os pés na prancha. Então você tem alguém girando a manivela e você tem um alvo vivo girando lentamente no tabuleiro. O objetivo, claro, é perdê-los, mas fazê-lo com a menor margem possível. ”

"Claro", disse Maddie, olhando as alças e os orifícios das alças. “Acho que o truque é tentar acertá-los quando eles estiverem em um determinado ponto, sabendo que a rotação do tabuleiro os afastará do ponto que você está mirando.”

“Contanto que a pessoa na manivela continue girando em uma taxa constante - então eu o aconselho a usar seu mestre para essa tarefa, não um voluntário do público.”

"Sim. Eu não acho que seria sábio confiar em alguém que está bebendo por várias horas, ”Maddie respondeu.

“E não torne o alvo alguém muito importante, só para garantir.”

"Eu posso ver que isso pode ser imprudente", disse Maddie pensativamente. "Então o que vem depois?"

"Pratique", Sanne disse a ela. “Pratique seu malabarismo para que essas três bolas voem sem deixá-las cair. E pratique o arremesso com a roda girando. Peça a um dos servos do castelo para acioná-lo para você. Ou pergunte a Will se ele tem tempo. Vai ser bom acostumá-lo ao aparelho. ”

"Você não vai ficar comigo?" Maddie perguntou.

Sanne abanou a cabeça. “Você não precisa mais de mim. Eu mostrei tudo que você precisa saber. Agora você precisa de mais ou menos uma semana para fazer os movimentos certos. Principalmente o malabarismo. Voltarei em uma semana para ver como você progrediu. Meu palpite é que você estará pronto para ir. Seu malabarismo não será nada espetacular, mas será adequado. E o seu lançamento de faca vai compensar isso. ”

"Eu não vou ter que fazer malabarismos com essas facas, vou?" Maddie perguntou ansiosamente. Ela imaginou aquelas facas brilhantes girando no ar à sua frente. Não era uma imagem reconfortante.

Sanne sorriu. “Eu não acho que você terá tempo para aperfeiçoar isso. Vamos manter o malabarismo para as bolas. ”

Ela deu um tapinha no ombro do jovem Arqueiro encorajadoramente. "Não se preocupe. Você vai ficar bem. Você tem muito talento natural e já é um atirador de facas perfeitamente competente. Só temos que adicionar um pouco de show business a isso. ”

“E evite bater em alguém com uma das facas”, disse Maddie.

Sanne concordou. “Isso seria ideal, sim”, disse ela. Então, juntando sua bolsa de couro e atirando-a sobre o ombro, ela se preparou para sair.

"Vou verificar você em uma semana", disse ela. "Nesse ínterim, se houver alguma coisa que esteja incomodando você, sinta-se à vontade para me chamar e perguntar."

"Há muita coisa que está me incomodando", disse Maddie, lembrando-se de como as bolas de malabarismo tendiam a derramar de suas mãos como se tivessem vida própria. “Mas não tenho certeza se só perguntar vai resolver isso.”

Sanne sorriu, sabendo o que ela queria dizer. “Eu sei que o malabarismo parece quase impossível no momento”, disse ela. “Mas você ficará surpreso com a rapidez com que melhora.”

"Eu certamente espero que sim", respondeu Maddie.

• • •

A semana passou rapidamente, com Maddie aplicando-se às duas disciplinas de malabarismo e lançamento de faca. Sua vida como Arqueiro a deixou bem acostumada a praticar e aperfeiçoar novas habilidades físicas. Ela alternou entre os dois, garantindo que ela gastasse tempo suficiente em cada um para garantir a melhoria, sem se tornar obsoleta.

Will a observou com aprovação, vendo sua habilidade melhorar a cada dia que passava. À noite, ela guardava as facas e as bolas de malabarismo e se dava uma pausa completa do trabalho, para que na manhã seguinte pudesse se aproximar totalmente revigorada.

Depois de dois dias, ela mandou fazer um manequim em tamanho real e amarrá-lo à prancha, e convocou dois servos robustos para girar a manivela e fazê-la girar. Ela contou o tempo para eles, garantindo que não fossem muito rápidos ou muito lentos, mas girassem o volante e o manequim em uma velocidade constante enquanto as facas batiam no alvo. Os servos assistiam com certo grau de admiração. Eles ficaram impressionados com suas habilidades de arremesso de faca. Mas quando ela perguntou se algum deles queria dar uma volta amarrada ao volante, eles recusaram apressadamente.

Ela sorriu e não insistiu no assunto.

Seu malabarismo estava melhorando rapidamente. Ela estava enviando as três bolas voando pelo ar com grande autoconfiança e só deixava cair uma em raras ocasiões - geralmente quando era interrompida ou distraída. Ela ficou tão confiante, de fato, que decidiu que tentaria fazer malabarismos com três das facas de arremesso, raciocinando que isso seria um início dramático para seu ato de arremesso de faca.

Mas as facas eram muito mais assustadoras do que as bolas. Ela passou dez minutos se acostumando com a sensação de lançar uma faca no ar de forma que ela girasse uma vez, pousando com o punho em sua mão. O tempo todo, ela estava consciente da ponta afiada enquanto girava lentamente no ar. Eventualmente, ela se tornou proficiente com uma faca e mudou para duas, como fizera com as bolas de malabarismo. Mas no minuto em que as duas pontas afiadas giraram no ar, ela entrou em pânico e saltou para longe com um grito assustado, deixando-as apontar para o chão da sala de prática.

“Vou deixar o malabarismo para as bolas,” ela murmurou, enquanto arrancava as facas, estudando os dois novos cortes nas tábuas do assoalho que ela teria que alisar.

Enquanto isso, Will teve seu próprio trabalho interrompido. Ele precisava aprender um novo repertório de canções - especialmente aquelas que eram populares no continente. Felizmente, havia muito tráfego de ida e volta entre Araluen e Gallica no que dizia respeito aos artistas, e um protegido de Malloy havia retornado recentemente de uma turnê por Gallica e Iberion e foi capaz de mostrar a Will algumas das novidades e mais músicas populares.

Além disso, ele supervisionava o trabalho de transporte - um carrinho pequeno, alegremente pintado e decorado que transportaria o equipamento durante a viagem e forneceria abrigo para os momentos em que precisassem acampar na estrada. Era uma carroça curta, com laterais altas, capaz de ser puxada por um cavalo - Puxão ou Pára-choque. O carrinho tinha um tampo alto de lona, mantido ereto por três aros de aço dobrados colocados nas laterais. Assim que a prancha de arremesso e a manivela de Maddie estivessem carregadas, haveria espaço para ela dormir dentro do carrinho, sob a cobertura. Não há muito espaço, veja bem, mas ainda assim.

"E se você?" Maddie perguntou.

Will encolheu os ombros. “Posso dormir no chão, debaixo da carroça”, disse ele. "Já tive camas piores."

Maddie estava prestes a se oferecer para alternar com ele, mas então decidiu que se ele se sentisse assim, ele poderia ficar sob o carrinho. Ele viu a hesitação momentânea e se virou, sorrindo. Ela estava aprendendo rápido, ele pensou.

Sanne voltou, como havia prometido, no sétimo dia e avaliou o progresso de Maddie. Ela acenou com a cabeça satisfeita quando a jovem jogou as bolas girando em uma cascata suave.

“Você percorreu um longo caminho,” ela disse, então gesticulou para o alvo no canto. "Você já tentou isso com um sujeito ao vivo?"

"Não até agora", Maddie admitiu. "Tenho usado esse manequim." Ela indicou o saco de estopa com braços e pernas ásperos presos, todo recheado com palha.

Sanne o examinou, notando a falta de rasgos ou buracos na serapilheira. “Nada como praticar com a coisa real”, disse ela. “Acrescenta aquele frisson necessário de perigo.”

Maddie sorriu. “Você é voluntário?”

Sanne recuou rapidamente. “Eu não,” ela disse. “Eu não sou pago o suficiente para isso.” Seu olhar pousou em Will, que estava parado, observando com interesse. Ele a viu o avaliando e ergueu as

mãos em protesto.
"Eu também não!" ele disse. “Sou um oficial valioso nas forças de Sua Majestade!”
"E, no entanto, foi você quem a ensinou a jogar uma faca?" Sanne desafiou.
"Bem, sim. Mas não para mim ”, ressaltou.
"Vamos, Will," Maddie adulou. "Você não confia em mim?"
“Nenhum de nós quer ouvir a resposta para isso”, disse ele. Mas ele começou a se mover em direção ao alvo, embora com relutância. Sorrindo amplamente, Sanne ajustou o tabuleiro para que ficasse na vertical. Will subiu nos estribos dos pés e segurou firmemente as alças. As duas mulheres o amarraram rapidamente, com alças nas mãos e nos pés, para que ficasse seguro.
Sanne ergueu a mão quando Maddie pegou a primeira faca. "Ainda não", disse ela. "Eu quero que você veja uma coisa."
Ela girou a manivela até que Will estivesse de cabeça baixa, então parou.
"Vê como ele caiu um pouco no quadro?" ela disse. “Sempre há alguma folga nas correias e você tem que permitir isso.”
“Ela pode ver,” Will disse, de cabeça para baixo e um pouco vermelho no rosto como consequência. “Agora podemos continuar?”
Sanne riu baixinho e começou a girar novamente. "Defina o ritmo", disse ela a Maddie, e o jovem Arqueiro começou a contar o tempo. Depois de uma ligeira hesitação, ela jogou a primeira faca, enviando-a com estrondo no tabuleiro a alguns centímetros da axila esquerda de Will.
"Boa!" disse Sanne. "Você quis dizer que fosse tão perto?"
"Praticamente", respondeu Maddie.
Will, sua voz alternadamente tensa e relaxante enquanto ele girava, fez uma pergunta. "Quão perto ela estava?"
Sanne olhou para ele com leve surpresa. "Você não viu?"
“Não consigo ver com os olhos fechados”, respondeu Will.

14

Eles deixaram o Castelo Araluen quatro dias depois. A pequena carroça, enfeitada em todos os quatro cantos com bandeiras vermelhas, amarelas e verdes que tremulavam alegremente ao vento, rolou suavemente junto com Puxão entre as hastes. Bumper trotava obedientemente ao lado de seu companheiro mais velho, os dois balançando a cabeça e balançando as crinas em uma conversa amigável enquanto caminhavam.

Embora nenhum dos cavalos tivesse sido criado para carruagem, ambos tinham a força e a resistência necessárias para puxar a carroça com facilidade. Era leve e não muito carregado. O alvo de arremesso de faca era a peça mais volumosa do equipamento que carregavam, e geralmente Maddie ou Will caminhavam ao lado do carrinho para aliviar ainda mais a carga.

"Desculpe por isso," Will disse a seu cavalo enquanto guiava Puxão entre as hastes. Ele sentiu que havia uma certa indignidade envolvida em puxar uma carroça. Mas Puxão era um cavalo Ranger e ele entendeu a necessidade de se disfarçar. Eles poderiam ter usado um cavalo de carroça, é claro, com os dois cavalos de sela amarrados atrás da carroça. Mas isso pode ter levantado suspeitas para um par de bardoiros possuir três cavalos.

Pelo menos eu não tenho que usar aquele traje vermelho e amarelo ridículo , Puxão respondeu, e Will suspirou tristemente.

Como um Ranger, ele estava acostumado a usar cores suaves e a não chamar atenção para si mesmo. Jongleurs fez o oposto. Suas roupas vistosas foram projetadas para chamar a atenção, chamar a atenção e despertar o interesse. Jongleurs queriam ser vistos. Essa alta visibilidade significava que muitas vezes eram solicitados a se apresentar sem ter que pedir permissão ou gastar muito tempo atraindo uma multidão.

Eles desceram a carroça até o pequeno cais a poucos quilômetros do Castelo Araluen, onde carroça, cavalos e Arqueiros foram carregados a bordo de um pequeno navio mercante *atarracado* chamado *Jaunty Lady* , que havia sido fretado pelo Rei para a viagem a Gallica. A nave desceu a correnteza até o mar, impulsionada por remos e correnteza com uma velocidade que desmentia suas linhas. Na foz do rio, a tripulação colocou as velas nos mastros gêmeos do navio e ele marchou para o mar aberto, balançando e balançando com as ondas curtas e íngremes.

"Que tal uma música para os rapazes enquanto trabalham?" o capitão pediu a Will. Ele era um homem baixo e atarracado, com a constituição de um navio, e seus longos cabelos untados com alcatrão e presos em uma trança por um pedaço de barbante. Um chapéu de feltro surrado coroava sua cabeça, todo estilo e forma arrancados dele por anos sendo encharcado na água do mar vindo da proa em ondas sólidas.

Will assentiu agradavelmente. Já fazia alguns anos que ele não se apresentava em público e ele poderia usar toda a prática que pudesse. Uma coisa, ele sabia, era cantar perto do fogo depois do jantar entre amigos. Cantar para estranhos, que estavam prontos para notar o menor defeito ou hesitação, era um assunto completamente diferente.

A tripulação do navio, de quatro pessoas, estava ocupada principalmente com o escoamento do navio, removendo os consideráveis volumes de água do mar que entravam pela proa e desciam para os porões. Havia uma bomba manual montada no mastro de proa e eles se revezavam girando a manivela para cima e para baixo, mantendo um fluxo claro de água jorrando pela lateral. Uma música com um ritmo bom e sólido os ajudaria, ele raciocinou.

Como sempre, quando solicitado a tocar inesperadamente, ele ficou com a mente vazia quando começou a selecionar uma música adequada. Berrigan, que o havia ensinado muitos anos antes, disse-lhe que essa era uma das diferenças fundamentais entre um artista amador e um

profissional. Um profissional nunca hesitou. Ele sempre tinha uma seqüência de melodias adequadas prontas para executar.
“Estou fora de alcance,” ele murmurou enquanto procurava seu repertório. Finalmente, ele se estabeleceu em uma favela marítima que tinha um ritmo básico e forte que os homens podiam trabalhar. Ele começou a dedilhar a mandola na introdução emocionante, então seguiu com o primeiro verso e refrão. Ele ficou interessado em notar como os homens que trabalhavam na bomba imediatamente se adaptaram ao ritmo da música. Após a primeira passagem, eles se juntaram ao coro, onde um marinheiro lamentou o fato de que o pai de seu amor o rejeitou como pretendente de sua filha e o mandou para o mar e uma vida de adversidades.
Era um tema comum nas favelas do mar, ele pensou, e apesar da melancolia inerente às palavras, os marinheiros se juntaram alegremente, berrando as palavras com vontade, suas ações na bomba adicionando uma ênfase um tanto violenta às palavras .
Claro, como a maioria dos barracos, fora escrito por um poeta camponês, que cometeu o erro de confundir um lençol com uma vela, em vez da corda que controlava a vela. E ele descreveu o toque alegre de salmoura no rosto com todo o entusiasmo e romance de quem nunca o suportou. Mesmo assim, os marinheiros não pareciam se importar. Isso ajudou a aliviar seus trabalhos enquanto trabalhavam na bomba.
Will acompanhou a favela com uma história não náutica de um rapaz que trabalhava para um carroceiro e, mais uma vez, foi rejeitado pelos pais de sua amada. Parecia que isso não acontecia apenas com os marinheiros, ele meditou.
Mas, novamente, a música tinha um refrão estimulante que se prestava à tarefa que os marinheiros estavam realizando.
Ele terminou aquela música e estava procurando outra em sua mente quando o capitão chamou os ponteiros para cuidar da vela e alterou o curso para o sul. O vento e o mar estavam agora em seus feixes, e a *Jaunty Lady* não estava mais se intrometendo em um mar aberto. Como resultado, a água atingiu a proa em quantidades muito reduzidas e não houve mais necessidade de bombeamento.
“Essas são boas canções”, disse o capitão a Will, e entregou-lhe uma grande moeda de prata. Will acenou em agradecimento e o guardou na bolsa.
Maddie tinha assistido a interação entre Will e a tripulação com interesse. Inicialmente perturbada pelas ações *agitadas da Dama Alegre* , ela começou a se sentir um pouco melhor, pois tinha algo além de seu estômago para se concentrar.
Will percebeu como a cor havia retornado ao seu rosto. "Tem suas pernas do mar?" ele perguntou. Ele era uma daquelas pessoas afortunadas que nunca foram afetadas pelo balanço ou tombamento de um navio sob seus pés.
Ela assentiu. “Foi tocar e ir por alguns minutos lá”, disse ela. "Mas estou bem agora."
Ela nunca havia estado a bordo de um navio no mar antes e, para ser sincera, seu desconforto foi inicialmente devido à incerteza e ao medo. Demorou um pouco para perceber que a *Senhora* estava navegando nas ondas como uma gaivota e, quando rolava para um lado, inevitavelmente rolava para trás. Assim que essa compreensão viesse, ela poderia relaxar. E depois que ela relaxou, a tensão em seu estômago diminuiu.
Will concordou. “Sempre tome cuidado se estiver em um navio com Halt”, disse ele. "Nunca empreste seu chapéu a ele se ele pedir."
Ela franziu a testa, tentando descobrir isso. Ele explicou imitando a ação de vomitar em um chapéu e ela olhou para ele com os olhos arregalados.
"Halt fica enjoado?" ela perguntou.
Ele sorriu alegremente. "Toda vez."
Ela balançou a cabeça em descrença. A ideia de que o indomável Halt, tão seguro de si, tão confiante, poderia sofrer de algo tão mundano quanto mal de mer foi uma revelação.
A travessia durou quase dois dias. *A Jaunty Lady* , apesar do nome, era um velejador lento e os ventos predominantes eram adversos ao seu curso. Mas, no meio da tarde do segundo dia, eles escaparam pela entrada do porto de Ontifer, um pequeno porto na costa galicana, e se fixaram ao lado de um píer de pedra. Como o píer era apenas um metro e meio mais alto que o convés do navio, não havia necessidade de montar um guindaste para içar os cavalos e a carroça até a costa. Uma grande seção do baluarte foi removida e uma prancha robusta foi colocada no lugar. Rebocador e pára-choque foram conduzidos pela rampa de madeira, pisando cautelosamente enquanto ela flexionava sob seu peso e subia e descia com a ação das pequenas ondas dentro do porto. Em seguida, os marinheiros, com a ajuda de três estivadores da costa, seguiram até a carroça e correram com facilidade pela prancha até o cais.
Will agradeceu e pagou pelo trabalho, depois prendeu Bumper na esteira do carrinho.

- Sua vez, garoto - disse ele baixinho, e Bumper balançou as orelhas para ele. Como Puxão, ele aceitou a indignidade como parte do trabalho. Will montou no carrinho e se acomodou no assento do motorista. O chicote permaneceu em seu encaixe. Era apenas para exibição e nunca seria necessário. Com cavalos como esses, tudo o que era necessário era um clique da língua.
Ao ouvir esse som, Bumper inclinou-se para a frente, contra a canga do pescoço, e desceu a passos largos a rua estreita que ia do cais à aldeia propriamente dita.
“Iremos primeiro para o castelo de Philippe,” disse Will. “Quero ter certeza de que a situação não mudou e que seu filho ainda está detido em Falaise.”
Não havia necessidade de amarrar Puxão ao carrinho. Como todos os cavalos Ranger, ele foi treinado para permanecer com seu mestre. Puxão trotou ao lado de seu amigo. Maddie sentou ao lado de Will, olhando ao redor com curiosidade ao ver uma vila estrangeira.
A aldeia retribuiu o favor, com seus habitantes parando em suas tarefas mundanas para olhar para a carroça com bandeiras coloridas e alegres e seus habitantes vestidos com cores vivas. Quase nada aconteceu em Ontifer e a visão dos dois bardoiros passando atraiu considerável atenção. A maioria dos que assistiam esperava que os recém-chegados pudessem passar a noite e se apresentar. Isso acrescentaria um toque de novidade à rotina monótona do pequeno porto de pesca.
Mas Will tinha outras idéias. “Faremos o máximo de distância que pudermos hoje. Queremos nos encontrar com Philippe o mais rápido possível ”, disse ele.
Claro, isso não significa que eles não parariam no caminho para se apresentar. Se simplesmente cavalgassem direto para o palácio, poderiam levantar suspeitas. Mas neste, seu primeiro dia em terra, Will queria compensar a maior distância que pudesse.
"Então, onde vamos parar esta noite?" Maddie perguntou. Will havia estudado o mapa da área circundante na noite anterior a bordo do navio.
“Há uma pequena cidade chamada Aules cerca de quinze quilômetros para o interior. Devíamos fazer isso ao pôr do sol. Vamos acampar no local e ver como nos apresentamos em uma das tavernas ”.
"Por que não ficar em uma pousada?" Maddie perguntou.
Mas Will balançou a cabeça. “Nós somos barões. Não temos dinheiro para ficar em pousadas e tabernas. Vamos nos apresentar lá, mas vamos acampar no gramado ou no campo. Isso é o que as pessoas esperariam. ”
Maddie concordou. Ela não tinha pensado nisso. Depois do beliche de tábuas duras em que dormiu na *Jaunty Lady* , a ideia de uma cama macia em uma estalagem tinha sido muito tentadora. Ela suspirou. Trabalho disfarçado significava fazer sacrifícios, ela pensou.

15

Eles continuaram viajando para o nordeste, em direção ao castelo de Philippe em La Lumiere. No caminho, eles paravam todas as noites em aldeias maiores, onde podiam esperar encontrar uma audiência.

“É hora de você se acostumar a se apresentar,” Will disse a Maddie em sua primeira parada, e ela concordou, umedecendo os lábios nervosamente. Com a ideia de se apresentar, ela descobriu que eles haviam secado de repente.

Eles pararam na praça principal da vila, onde uma taverna e uma pousada chamada Les Trois Canards, ou "os três patos", ocupavam a maior parte de um lado da praça. Havia uma área aberta fora da taverna, onde as mesas e cadeiras foram colocadas para que os clientes pudessem desfrutar do ar fresco enquanto comiam e bebiam. Um grande toldo de lona foi dobrado para trás. Em épocas de clima menos agradável, Maddie assumiu, poderia ser implantado para fornecer abrigo para os clientes.

No centro da praça, um muro baixo de pedra marcava uma área nivelada de areia varrida e cascalho fino, onde uma dúzia de homens jogava um jogo semelhante a boliche - exceto que as bolas que usavam eram feitas de metal polido e eles jogavam -los embaixo do braço em um alvo, ao invés de rolá-los no chão, como a versão Araluen do jogo era jogada. Eles pararam de jogar para assistir à chegada do carrinho dos bardo.

Várias das mesas do lado de fora da taverna estavam ocupadas e os clientes olharam para cima com curiosidade quando a carroça parou e Will e Maddie desceram. Uma criada que estava servindo vinho para um grupo terminou sua tarefa e correu para dentro. Poucos minutos depois, um homem de constituição robusta com um longo avental amarrado na cintura saiu do interior e olhou para eles com interesse profissional.

“Esse será o estalajadeiro,” Will disse baixinho para Maddie, e ela assentiu. Embora a praça fosse tecnicamente propriedade pública, o fato de a taverna ter mesas e cadeiras colocadas ali deu ao estalajadeiro um interesse proprietário. Um bom desempenho pode significar um impulso para suas receitas diárias, pois atraem clientes à taverna e os encorajam a comer e beber enquanto se divertem.

Por outro lado, os de baixo desempenho podem ter o efeito oposto. Um cantor desafinado ou um copo desajeitado podem afastar os clientes para comer e beber na privacidade de suas próprias casas. Por isso, o publicano se interessou profundamente pelos performers itinerantes que chegavam. Ele caminhou até a carroça agora, lançando um olhar experiente sobre seus dois ocupantes vestidos com roupas brilhantes.

"Bonjour", disse ele. Seu tom não era nem acolhedor nem hostil. Ele falava galicano, mas Will respondeu na língua comum. Mesmo em uma aldeia remota como esta, seria amplamente falado, ele sabia.

"Bom dia, bom senhor", disse ele alegremente. "Meu nome é Accord e esta é minha filha, Madelyn."

Como Halt antes dele, Will às vezes assumia um nom de guerre galicano baseado em seu nome real: assim, Tratado se tornou Acordo. Ele curvou-se agora para o taberneiro, um movimento profundo e exagerado, em que seu braço direito arrancou o chapéu de penas de sua cabeça e descreveu uma curva ampla, a mão girando duas ou três vezes durante a ação. Sua perna direita esticada na frente dele e sua cabeça estava abaixada quase na altura do joelho. Ele se endireitou graciosamente, substituindo a tampa verde por sua pena amarela na cabeça.

O taberneiro, cujo nome era Maurice, estudou-o atentamente e, em seguida, desviou o olhar para a jovem que estava por perto.

"Artistas, não é?" disse ele, agora falando a língua comum.

"Realmente estamos, senhor," Will disse efusivamente. “Sou um humilde cantor de canções: canções de amor, canções de trabalho, canções de bravura e cavalheirismo.” Ele se aproximou e virou a cabeça ligeiramente para ver o homem com o olho direito, enquanto ele continuava em uma

voz baixa, que de alguma forma conseguiu chegar aos que estavam sentados nas proximidades. “Ou se for de seu agrado, bom senhor, posso cantar canções de bruxas e bruxos e maldade. De más ações à noite que trarão terror ao seu coração. ”
Histórias de fantasmas com música eram um gênero popular em Araluen e Gallica, e Will tinha um grande estoque delas. Eles eram melhor cantados nas noites frias e chuvosas de inverno, enquanto o público se aglomerava ao redor do fogo na escuridão e o vento assobiava nas paredes externas.
Maurice, no entanto, não ficou impressionado. Ele tinha visto muitos bardoiros em seu tempo. Ele olhou para Maddie. "E quanto à garota?" ele perguntou.
Maddie e Will trocaram um olhar rápido e ele deu a ela um aceno imperceptível. Ela respirou fundo, então lançou um discurso que Sanne havia lhe ensinado. “Não é suficiente aparecer e dizer: 'Oi. Eu sou Maddie. Eu faço malabarismos e jogo facas. ' Você tem que vender o ato ”, disse Sanne. Agora Maddie estava decidida a fazer isso, como lhe ensinaram.
"Ora, meu bom senhor, eu faço malabarismos!" ela disse brilhantemente. As três bolas de malabarismo apareceram, aparentemente do nada, em suas mãos e ela começou a enrolá-las em uma cascata rápida. Maurice ficou relativamente impressionado. Então ela continuou.
“Mas qualquer um pode fazer malabarismos, é claro. Aposto que você mesmo pode! " E com essas palavras, ela jogou as três bolas em rápida sucessão para o homem surpreso.
Ele tentou pegá-los, mas foi pego de surpresa, e as bolas espalharam-se pelo cascalho fino da área de estar. Movendo-se rapidamente, Maddie os recuperou e os guardou fora de vista sob seu gibão em um movimento rápido e experiente.
"Ou talvez não?" Maddie continuou, e vários dos bebedores nas mesas riram da súbita confusão de Maurice. Ele foi dizer algo, mas o sorriso brilhante de Maddie roubou o comentário de qualquer ofensa.
Maddie riu e pulou para longe dele, seus olhos acesos e seu sorriso largo.
“Mas meu verdadeiro talento está em outro lugar,” ela declarou, e, antes que ele pudesse perguntar o que poderia ser, ela pegou uma das facas brilhantes e a jogou, girando, no ar, pegando-a e jogando-a novamente. Ela pode não ser capaz de fazer malabarismos com três facas, mas ela pode facilmente atirar e pegar uma. O súbito aparecimento da lâmina cintilante e afiada causou algumas inspirações de ar ao redor das mesas. Os olhos de Maurice se estreitaram ao ver.
“Sim, meu senhor, eu sou hábil com as lâminas do perigo, as facas do perigo terrível. Afiado como uma navalha . . . ”
Ao dizer essas palavras, ela pegou a faca pelo cabo e cortou uma maçã que Will tinha jogado na frente dela. A fruta caiu no chão em dois pedaços, ampla prova de que a faca não estava cega por segurança. Ela o jogou, girando, mais uma vez.
“. . . pronto para cortar, fatiar ou cortar! ”
Ela equilibrou a faca, com o cabo para baixo, na testa e se moveu em um círculo, mantendo-a em pé. Então ela acenou com a cabeça e o pegou novamente, fazendo-o girar mais uma vez, para que nunca ficasse parado.
"Ou voar pelo ar em direção ao meu alvo!" ela disse.
Enquanto ela se movia e falava, Will rapidamente descarregou o alvo da parte de trás do carrinho e o instalou. Agora ela se virou e, sem parecer fazer uma pausa para mirar, enviou a faca girando no ar para atingir o centro do alvo.
Alguns murmúrios de apreciação vieram dos clientes nas mesas. Vários deles ergueram suas canecas de vinho em saudação. Ela sorriu para eles enquanto saltava até o alvo e recuperava sua faca.
Ela o brandiu sob o nariz de Maurice e ele deu meio passo involuntário para trás. Houve mais risadas nas mesas.
“Mas agora, meu senhor, venha por aqui, por favor . . . ”
Ela segurou seu cotovelo e o moveu para ficar na frente do tabuleiro de destino. Ao assumir sua posição, um pouco relutante, Will entregou-lhe dois balões inflados, feitos de bexigas de porco, e presos às pontas de duas bengalas leves.
“. . . e segure meus balões para mim. ”
Sentindo o que estava por vir, Maurice começou a protestar enquanto ela se afastava rapidamente dele. Ele teve o bom senso, entretanto, de permanecer imóvel, sem saber exatamente o que estava por vir, mas sabendo que qualquer movimento de sua parte poderia ser um erro.
Ele estava certo. Maddie de repente girou sobre os calcanhares e soltou a faca, seguida por um segundo, anteriormente despercebido, em sua mão esquerda. As duas lâminas giratórias giraram no espaço intermediário e estouraram os dois balões em rápida sucessão, então bateram no tabuleiro.

Os balões estavam cheios de pequenos pedaços de papel de cores vivas, que agora enchiam o ar ao serem soltos. Maurice não teve tempo de recuar quando uma explosão prolongada de aplausos veio das mesas. E Maurice notou que os doze homens que jogavam bocha haviam deixado o jogo e se dirigido para as mesas. Eles gesticularam para sua garçonete e pediram jarras de vinho. Vendo seus clientes de repente dobrarem em número, ele estava preparado para perdoar a garota por usá-lo como contraste.
"Muito bem", disse ele. "Continuar." Ele tirou vários pedacinhos de papel colorido de onde eles haviam se acomodado e se afastou apressadamente da garota antes que ela pudesse usá-lo como alvo novamente. Ela sorriu e acenou com a cabeça em agradecimento a ele, então se dirigiu ao público ao seu redor, que estava ansioso para ver o que ela faria a seguir.
Ela se moveu cerca de quinze passos do alvo. Ela agora tinha todas as cinco facas seguradas pelas pontas em sua mão esquerda, abertas em forma de leque. À sua direita, ela tirou uma grande moeda de prata.
“Gentis todos”, ela chamou para a multidão expectante, “aqui está uma coroa de prata. E é seu se você puder me enganar ou confundir. Veja o alvo? Existem números pintados nele. Ligue para um número ao acaso e eu acertarei esse segmento com minhas facas. Se eu errar, a coroa de prata vai para o homem que ligou para o número. ”
"E se você acertar?" chamou um dos bebedores de bom humor. Maddie saltou levemente através do espaço aberto para ficar na frente dele, seus olhos brilhando com malícia.
“Então, senhor, sei que será generoso quando chegar a hora de recompensar meu desempenho”, respondeu ela. Os homens ao redor do orador sorriram de acordo enquanto ela deixava seu olhar vagar por eles.
“Quatre!” gritou um cliente em outra mesa, na esperança de pegá-la no pulo. Mas ela ergueu a mão.
“Por favor, senhor, na língua comum, se quiser. Se eu tiver que fazer uma pausa para traduzir, provavelmente vou errar. ”
“Então acerte quatro!” o homem gritou. Maddie girou sobre os calcanhares, arrancou uma faca de sua mão esquerda e a lançou contra o alvo. Ele atingiu o segmento três, errando o alvo indicado por dez centímetros. Alguns na multidão gemeram de decepção. Maddie conseguiu parecer um pouco desapontada e girou a moeda de prata em direção ao homem que gritou. Ele o pegou feliz.
Sempre cometa um erro no início , ela ouviu a voz de Sanne dizer em sua mente. *Você não quer parecer bom demais em breve.*
Vendo o interlocutor ser recompensado, outros aceitaram o desafio ansiosamente.
"Seis!" chamou outro e desta vez Maddie jogou o braço. A faca atingiu o segmento número seis, mas apenas por pouco. Era perto o suficiente da linha divisória para encorajar mais ligações.
"1!"
Thunk! A faca estremeceu exatamente no centro do segmento indicado.
"Nove!"
Thunk! Novamente, ponto morto.
"Doze!"
Thunk!
Mais vozes gritaram números, mas Maddie ergueu a mão esquerda vazia, indicando que ela precisava recuperar suas facas. Ela o fez, então saltou levemente de volta para sua posição de arremesso e sinalizou para mais ligações.
Desta vez, ela arremessou mais rápido do que antes, e variou seus arremessos: destro, canhoto, sobre o braço, braço lateral. Para seu lance final, ela virou as costas para o alvo, o braço direito equilibrado com a faca na mão. Ela ergueu a mão pedindo silêncio. Quando ela conseguiu, ela chamou o último alvo.
"Centro!"
E com um movimento, ela girou nos calcanhares e soltou a faca, enviando-a com um baque surdo no pequeno círculo no centro do tabuleiro, onde os doze segmentos se juntavam. O público gritou em apreciação e ela fez uma reverência exagerada, a perna direita para frente e as mãos e os braços abertos para o lado.
Percebendo que o show havia acabado, o público a aplaudiu e mandou uma chuva de moedas em sua direção. Enquanto ela corria para pegá-los, Will deu um passo à frente com a mandola pendurada e lançou uma popular canção country.
Os clientes da taverna, já de bom humor após a exibição de Maddie, juntaram-se imediatamente. Maddie passou por Will para depositar a considerável pilha de moedas - muitas delas de prata - em uma caixa fechada na parte traseira do carrinho. Ele piscou para ela quando ela passou por ele.

“Muito bem”, disse ele.

16

Eles se apresentaram em outra noite na aldeia, a pedido de Maurice.
“Amanhã é seis dias”, disse ele, “e sete dias é um dia de descanso para as fazendas por aqui. Isso significa que os agricultores virão para a cidade para relaxar, comer e beber. E uma vez que se espalhe a notícia de que há artistas aqui, eles virão em grande número. Você poderia esperar um público muito maior se ficasse mais uma noite. ”
“E você terá muito mais clientes”, disse Will.
Maurice deu de ombros, um movimento típico gaulês. “Não faço segredo desse fato”, disse ele. “Mas quanto mais clientes em Les Trois Canards, mais moedas haverá para mim e você. Nós dois ganhamos. ”
Eventualmente, Will concordou em ficar mais uma noite. O ponto crítico veio quando Maurice ofereceu-lhes cama e comida na taverna.
“Minhas camas são conhecidas por seus colchões macios”, disse ele. “Muito melhor do que dormir no chão, ou em seu carrinho. E Hortense, minha chef, é conhecida no distrito por seu ragu. Não haverá cobrança, é claro. ”
"Isso é muito gentil da sua parte", disse Will. Ele sabia que o proprietário atarracado suportaria uma fortuna com o comércio extra de que desfrutaria assim que a notícia dos bardoiros circulasse pelo distrito.
Eles moveram a carroça para o pátio de paralelepípedos atrás da taverna e colocaram Puxão e Pára-choque no pequeno estábulo ali, deixando-os com latas cheias de feno e bebedouros de água fresca e fresca.
Maddie se sentou na beira da cama de Will naquela noite enquanto eles se preparavam para sua apresentação.
“Achei que estávamos com pressa para chegar a La Lumiere”, disse ela.
Will concordou. Uma das cordas de sua mandola havia se quebrado e ele ajustava uma nova enquanto falava. A ponta de sua língua projetou-se ligeiramente entre seus lábios enquanto ele enrolava o cordão e o tensionava.
“Eu sou,” ele disse. “Mas se alguém está nos observando, pode se perguntar por que recusamos a oportunidade de ganhar um bom dinheiro.”
"Alguém está nos observando?" Maddie perguntou.
Will encolheu os ombros. "Eu não sei. Mas é sempre melhor presumir que alguém está ”, disse ele. “Vamos recuperar o tempo no início da próxima semana. As tabernas e pousadas não estarão tão ocupadas nos primeiros dias. Vai ser menos suspeito se continuarmos em frente. ”
Sua voz estava tensa quando disse as últimas palavras. Ele estava colocando a nova corda em tensão total e aquele sempre era um momento nervoso, esperando para ver se suportaria o esforço ou, como ocasionalmente acontecia, se romperia.
Ele tocou a corda várias vezes. Alcançou a nota correta, então escorregou um pouco, como sempre acontecia com novas cordas. Ele apertou com mais força, segurando o instrumento bem longe do rosto, só para garantir. Finalmente, a nova corda se acomodou e manteve sua nota. Ele suspirou, sem perceber que estivera prendendo a respiração durante a operação de reconfiguração.
Maddie, olhando para ele, sorriu. “Coisas perigosas, essas mandolas”, disse ela.
Ele assentiu gravemente. “Pode arrancar seu olho se você não tomar cuidado”, disse ele. Ele dedilhou alguns acordes suavemente, certificando-se de que a corda estava agora ajustada e mantendo sua afinação. Então ele se levantou e se dirigiu para a porta.
"Vamos. É hora de atuar. ”

• • •

Como Maurice previra, a pousada estava lotada e as mesas ao ar livre, ocupadas. Ele contratou uma garçonete extra para a noite e duas garotas correram entre as mesas, enchendo as canecas de vinho e cerveja, brincando com os clientes e trazendo travessas fumegantes de linguiça local, batatas e cebolas para pousar ao lado dos agricultores famintos.
O ragu de Hortense também era uma escolha popular, com um suprimento constante de tigelas sendo entregues nas mesas, junto com pães longos frescos e crocantes.
A estalagem fervilhava com uma dúzia de conversas diferentes. Risos soaram das mesas lotadas e os clientes se cumprimentaram. Will e Maddie já tinham montado a roda-alvo fora da pousada, onde estava iluminada por quatro tochas acesas. A estalagem em si era muito apertada para o ato de atirar facas, com um teto baixo e mesas lotadas.
“Não queremos que você mate nenhum cliente”, disse Will. "Ruim para os negócios, você sabe."
Ele esperou até que a maioria da multidão terminasse suas refeições. “Nunca atue enquanto eles estão comendo”, disse ele a Maddie. “Isso divide o foco deles.” Então ele entrou na sala principal da taverna, com a mandola pendurada no pescoço, e deu um forte acorde. Os clientes ergueram os olhos e um grito de aplauso percorreu a sala quando ele começou a contar a história cômica de Wollygelly, o feiticeiro vesgo. Ele sorriu para si mesmo enquanto cantava. A última vez que ele cantou essa música em público foi no feudo norte de Macindaw, quando ele estava tentando matar um feiticeiro conhecido como Malkallam.
O público rapidamente pegou o refrão e se juntou a ele, rindo das palhaçadas ridículas da bruxa e feiticeiro. Houve uma salva de palmas no final da música e moedas choveram ao redor dele. Maddie moveu-se rapidamente ao redor da sala, recuperando-os e mantendo-os seguros.
Will cantou por mais trinta minutos ou mais, alternando canções ruidosas e ruidosas para cantar junto com baladas mais melancólicas e contos tristes de amor não correspondido. O amor nunca parecia ser correspondido nessas canções, ele meditou. Quando ele concluiu, houve uma tempestade de aplausos. Maddie passou por ele, com a intenção de coletar as moedas.
“Eles devem estar famintos por entretenimento,” ela disse maliciosamente. Ele sorriu para ela e ergueu as mãos para a multidão se acalmar. Então, ele os convidou para fora para assistir Madelyn e as Lâminas do Perigo Mortal. Maddie revirou os olhos, mas houve um movimento concentrado em direção à porta.
Mais uma vez, ela se apresentou com aplausos entusiasmados. Depois de uma breve demonstração de malabarismo, ela pegou suas facas. O público se inclinou para frente com interesse extra. Havia algo estranhamente fascinante em ver uma jovem atraente e de rosto fresco manuseando aquelas lâminas afiadas com tanta habilidade e destreza.
As criadas iam e vinham entre os fregueses, distribuindo jarros de cerveja e vinho tão rápido quanto podiam buscá-los. Na própria taverna, ocupando-se em reabastecer os jarros e entregá-los às meninas, Maurício sorriu feliz consigo mesmo. Foi uma noite muito proveitosa, mesmo considerando o fato de os animadores terem recebido refeições e camas confortáveis. O fato era que ele não teve que recusar nenhum cliente pagante pelos quartos que Maddie e Will usavam, e as duas tigelas de ragu custaram muito pouco.
“No geral”, disse ele, “é um bom resultado”.

• • •

Will e Maddie partiram na manhã seguinte, no sétimo dia da semana. Maurice se despediu deles, depois de providenciar um bom desjejum com pãezinhos doces e manteiga, com um bule de café aromático para engoli-los. Ele bocejou enquanto a pequena carroça rodava pela rua principal da aldeia, em direção à estrada principal.
“Eu nunca imaginei que me apresentar pudesse ser tão divertido,” Maddie disse enquanto Puxão caminhava lentamente, puxando o carrinho em um ritmo suave, Bumper mantendo o passo ao lado dele.
Will sorriu para ela. “Você está começando a gostar do som dos aplausos”, disse ele.
Ela assentiu. "Sim. É meio que . . . revigorante, não é? Você gosta, não é? "
"Eu faço", disse ele sério. “É uma reversão do nosso comportamento usual, permanecer escondido e fora de vista. Mas sim, pode ser muito viciante ouvir as pessoas aplaudindo seus esforços para entretê-las. ”
“E pagando por eles”, disse ela. Ela ficou em silêncio por alguns segundos. “Ainda não convenci ninguém a andar no volante. Isso realmente adicionaria um pouco de emoção ao ato. ”
Ela havia bajulado o público na noite anterior, tentando persuadir alguém a se voluntariar para ser amarrado à roda-alvo giratória - mas sem sucesso.
“Talvez você não deva errar no primeiro lance,” ele sugeriu.

Ela pensou sobre isso, então balançou a cabeça. “Sanne diz que é bom exibicionismo cometer um erro cedo. Isso adiciona uma borda de perigo ao desempenho. ”
“Talvez ela esteja certa. Mas mostrar que você pode cometer um erro não leva a que voluntários atuem como alvo. ”
“Eu cometo o erro de propósito,” ela ressaltou.
Ele franziu os lábios. “Você sabe disso e eu sei disso. O ponto principal disso é que o público não sabe disso. Eles apenas veem que você pode cometer um erro. Portanto, eles não estão muito entusiasmados com a ideia de se tornarem um alvo. ”
“Talvez você possa fazer isso,” ela sugeriu esperançosa.
Will manteve os olhos na estrada à frente. “Talvez você pudesse ter sua cabeça examinada”, disse ele.
Eles seguiram em frente, trocando de cavalo a cada três horas e consumindo quilômetros em um ritmo constante. Eles acamparam à beira da estrada naquela noite e nas duas noites seguintes. No início da semana, fazia pouco sentido procurar uma pousada ou taverna para se apresentar - o público seria menor à medida que as pessoas se acomodassem em sua semana de trabalho. O momento chave viria mais tarde, quando os agricultores e aldeões estariam olhando para o final da semana e uma chance para relaxar.
No quinto e no sexto dias, eles procuraram aldeias e se apresentaram mais uma vez. Parecia que esta parte do país viu poucos bardoiros, já que o público era grato e generoso e a pilha de moedas em seu cofre ficava mais substancial. Mesmo assim, Maddie não conseguiu convencer um voluntário a dirigir o volante. E ainda assim, Will se recusou abjetamente a fazê-lo.
"Você não confia em mim?" ela disse com uma voz lisonjeira.
“Não,” ele disse categoricamente.
“Mas você me ensinou. Você me vê jogando facas há anos. ”
“É por isso que não confio em você”, disse ele.
Eles seguiram em frente, movendo-se cada vez mais para o interior, chegando cada vez mais perto de La Lumiere. A notícia de sua presença espalhou-se diante deles, por algum método misterioso. Eles começaram a descobrir que eram esperados nas aldeias que visitavam e os saudavam com entusiasmo.
“Isso é um bom augúrio,” Will disse a ela quando eles se viraram após outra noite de sucesso. “Se nossa reputação nos preceder, será mais fácil conseguir permissão para atuar no castelo de Philippe.”
"E é isso que queremos", disse Maddie.
"E é isso que queremos."

17

Will recuou suavemente nas rédeas e parou o carrinho.
“É um castelo e tanto,” ele disse calmamente.
"Mais um palácio, eu diria," Maddie respondeu.
Chateau La Lumiere foi uma visão incrível. Ambos estavam acostumados com o esplendor e a majestade do Castelo Araluen, mas a casa do rei gaulês era outra coisa. Araluen era espetacular, com suas torres altas e bandeiras tremulando em diferentes pontos de vista. Mas embora fosse lindo, era também obviamente uma fortaleza funcional. La Lumiere não era tão grande quanto o Castelo Araluen, mas possuía uma elegância em todas as suas linhas. Era revestido de mármore branco, de modo que o sol do meio da tarde refletia em suas paredes e torres. E uma dúzia de arcobotantes formaram arcos elegantes ao redor da estrutura central que ocultava sua força e poder subjacentes em um show de beleza aparentemente delicada.
Enquanto as ameias de Araluen eram quadradas e sem adornos, as da parede deste castelo eram ornamentadas e decorativas, proporcionando um acabamento elegante e rendado ao próprio castelo.
O castelo ficava no topo de uma colina íngreme, com a estrada de acesso serpenteando para frente e para trás em uma série de curvas para encontrá-la. Pequenos edifícios estavam agrupados na colina, parecendo agarrar-se à encosta íngreme. Eles alojaram os aldeões que serviam e supriam as necessidades do castelo. Todos eles foram caiados de branco para combinar com o mármore reluzente voltado para as paredes do castelo. Presumivelmente, isso foi feito por ordem, Will pensou. Nenhuma casa cinza ou deselegante seria tolerada à vista do deslumbrante castelo branco que coroava a colina.
Will examinou a estrada íngreme que levava a La Lumiere. Ele passou as rédeas para Maddie e começou a descer do carrinho.
"Você dirige. Eu andarei. Isso vai tirar um pouco da carga de Tug. ”
Ela assentiu e balançou as rédeas levemente, estalando a língua ao mesmo tempo. Puxão se inclinou para frente no manche e, ao fazê-lo, ela soltou o freio e deixou o carrinho rolar para frente. Bumper, acompanhando o ritmo de Puxão, bufou em encorajamento.
Eles subiram, enrolando para frente e para trás a cada ziguezague. Quanto mais alto eles iam, mais densamente compactados eram os edifícios da aldeia. E começaram a ver casas e negócios individuais: um curtume, instalado como sempre na periferia da aldeia. Ninguém queria um curtume e seus cheiros tradicionais estavam muito próximos do centro. Da mesma forma uma ferraria, embora, neste caso, fosse por razões de segurança que a ferraria e suas forjas e fogueiras eram mantidas nos arredores do povoado. Depois, as casas e lojas margeavam a estrada, tornando-se mais numerosas à medida que avançavam.
Como sempre acontecia, conforme eles se moviam pela aldeia, as pessoas saíam de suas casas e locais de trabalho para ver a inconfundível carroça do bardo.
Eventualmente, a cem metros do cume, eles se livraram das linhas de edifícios em ambos os lados da estrada e emergiram em uma seção pavimentada que levava aos portões principais do castelo. A inclinação era mais fácil aqui quando eles chegaram mais perto do topo da colina, e Will subiu na carroça novamente. Maddie fez menção de lhe entregar as rédeas, mas ele balançou a cabeça.
“Continue dirigindo”, disse ele. "Eu quero dar uma olhada."
Seus olhos percorreram as paredes do castelo, observando os bastiões e redutos bem localizados. Ele estudou a portaria. Era altamente decorativo e bastante elegante. Mas por baixo dessa elegância ele podia ver que era bem construído. Ele comandava o último trecho da estrada de acesso, com duas torres de combate, uma de cada lado do portão, e uma pesada ponte levadiça. Na extremidade interna da ponte, ele podia ver a seção inferior de uma ponte levadiça. Sem dúvida, o

trabalho da grade seria altamente decorativo e elegante, mas não menos impeditivo do que uma grade de ferro simples seria.
"Não me importaria em atacar isso", disse ele com o canto da boca.
Maddie, que tinha ficado mais impressionada com a beleza e graça do edifício, olhou de soslaio para ele. "Por quê então?" ela perguntou.
Ele franziu os lábios antes de responder. “Oh, é muito bonito e muito gracioso”, disse ele. “Bastante gaulês, na verdade. Mas também é altamente funcional. Toda essa decoração não abaixa as paredes nem enfraquece o portão. É uma estrada estreita de acesso aos portões e, como está situada em uma colina íngreme, seria difícil localizar máquinas de cerco em qualquer lugar próximo. ”
"Acho que sim", disse Maddie pensativamente, olhando para o castelo com novos olhos.
Os enormes portões estavam abertos, permitindo o acesso a uma entrada abobadada com cerca de cinco metros de profundidade, com a ponte levadiça situada na parte traseira. Havia quatro lanças montando guarda do lado de fora dos portões, vestidos com cota de malha e usando os peculiares capacetes em forma de chapéu que os soldados gauleses preferiam. Suas capas brancas exibiam o emblema do lírio dourado que era o brasão do rei Filipe.
"Os portões estão abertos", disse Maddie.
“Se tivéssemos visto todas as ameaças, eles teriam muito tempo para fechá-los,” Will disse a ela.
Dois dos ladrões avançaram, movendo-se para o centro da estrada para bloquear seu avanço. Um deles ergueu sua lança de dois metros de comprimento de modo que ficasse diagonalmente em seu peito. O outro ergueu a mão direita em um sinal para que parassem. Seus dois camaradas permaneceram em cada lado do portal, suas lanças ancoradas e seguras verticalmente.
Will puxou as rédeas e Puxão parou a poucos metros do guarda com a mão levantada. Quando o carrinho parou de rolar, o soldado de infantaria baixou a mão.
“Identifique-se,” ele exigiu, embora sua identidade fosse fácil de ver.
“Eu sou Will Accord e esta é minha filha, Maddie,” Will disse a ele. “Somos artistas em viagem”, acrescentou ele desnecessariamente - o carrinho vistoso e as roupas coloridas os identificavam como tal.
O guarda grunhiu, nada impressionado. "De onde?" ele perguntou secamente.
Will meio que se virou em seu assento e fez um amplo arco com o braço, indicando a direção de onde haviam chegado.
"De Araluen originalmente, bom senhor", disse ele. “Mas estivemos viajando em seu lindo país na última semana ou assim.”
“Não é meu país. Do rei ”, disse o guarda.
Ele parecia um bruto carrancudo, Will pensou. Mas ele sorriu apesar de tudo. "Não menos bonito por isso, senhor", disse ele.
O guarda testou aquela declaração por alguns segundos, estudando-a para ver se havia algum insulto inerente a ela. Eventualmente, ele decidiu que não havia. Ele meio que virou a cabeça e chamou um dos guardas atrás dele.
“Chame o delegado do portão”, disse ele. "Ele vai precisar ver esses dois antes de admiti-los."
“Lugar amigável,” Maddie murmurou.
Will, mantendo o sorriso fixo no rosto, respondeu no mesmo tom baixo. "Cale-se."
O guarda estava voltando agora, seguido por um homem de cabelos grisalhos e barba grisalha em um uniforme preto e prata. As mangas de seu colete preto foram cortadas em alguns lugares para revelar o pano prateado por baixo. Apesar do cabelo grisalho, ele se movia com facilidade e rapidez. Uma espada pendurada em seu cinto, denotando sua posição como oficial. O punho era encadernado em couro preto e um pesado pomo de prata montado em sua extremidade. A bainha repetia as cores preto e prata - madeira preta polida e couro com acabamento prateado. Uma longa adaga, com o cabo e a bainha aparados da mesma forma, pendia do lado direito de seu cinto.
“Suponho que este seja o delegado do portão,” disse Will. Ele olhou para o homem intensamente. Ele seria o oficial com a responsabilidade de decidir quem poderia ou não ser admitido no castelo. A julgar pela qualidade de suas roupas e armas, era um compromisso sênior. Will desceu do assento do carrinho quando o homem se aproximou e tirou o chapéu, curvando-se na reverência profunda e graciosa que havia aperfeiçoado na semana anterior.
O delegado do portão olhou para ele. Seus olhos estavam escuros e alertas, observando cada detalhe do carrinho e seus dois ocupantes.
"Jongleurs, hein?" ele perguntou. Seu tom era enérgico e direto.
Will concordou. "Sim, meu senhor. Viajar por este belo país e procurar admissão. ”
“Eu não sou um senhor,” o homem respondeu rispidamente. “Dirija-se a mim como Sir Guillaume. Ou, se você não pode colocar sua língua em torno disso, assim como senhor. ”

“Sim, senhor,” Will disse agradavelmente. "Meu nome é Will Accord de Redmont e esta é minha filha, Maddie."
Sir Guillaume estava andando rapidamente ao redor do carrinho. Ele deu um tapinha no focinho de Bumper, então olhou dentro do carrinho para o equipamento contido ali.
"De Araluen", disse ele. Foi uma declaração, não uma pergunta.
“Certamente, senhor. Chegamos ao seu país há uma semana. ”
“Foi o que ouvimos”, disse Guillaume, e Will e Maddie trocaram um rápido olhar para essas palavras. Por mais rápido que fosse, não escapou da atenção do marechal. "Ai sim. Temos excelentes serviços de informação. E nós acompanhamos os recém-chegados ao nosso país. ” Ele parou de andar e ficou diante de Will, os pés separados e as mãos na cintura. “Ouvimos coisas boas sobre você”, disse ele.
Will inclinou a cabeça apreciando o elogio.
O marechal continuou. “Você tem permissão para entrar no castelo. Leve sua carroça e cavalos para os estábulos. Você receberá uma sala. ”
“Obrigado, Sir Guillaume,” Will disse.
O marechal assentiu energicamente. “Esta noite você pode se apresentar no refeitório geral para os membros da equipe e da guarnição”, disse ele. "Vamos dar uma olhada em você então e ver se você é bom o suficiente para atuar para Sua Majestade e sua corte."
"E quando será, senhor?" Will perguntou.
"Amanhã à noite. O rei janta em sua corte na noite de seis dias. Será no salão de banquetes real. ” Ele fez uma pausa e acrescentou significativamente: “Se você for bom o suficiente”.
"E quanto ao pagamento, Sir Guillaume?" Vou deixar a pergunta pendurada.
O marechal assentiu. Era uma pergunta bastante natural. “Esta noite você pode coletar do público como faria normalmente. Para amanhã, uma taxa será combinada com antecedência. ” Ele respirou fundo e estava prestes a adicionar mais, mas Will o impediu.
“Se formos bons o suficiente”, disse ele.
Um traço de sorriso tocou os lábios do marechal, depois se foi. “Se você for bom o suficiente,” ele concordou.

18

Gilan e Horace estavam andando pelas ameias do Castelo Araluen, em uma conversa profunda. Horace estava planejando exercitar sua cavalaria com os arqueiros do castelo, em uma operação combinada.

“Eu estava pensando em quando estávamos sendo perseguidos pelos Red Foxes, naquela travessia do rio”, disse Horace.

“Os arqueiros e a cavalaria trabalharam muito bem juntos, pelo que me lembro”, disse Gilan.

Horace assentiu. “Concedido. Mas tínhamos um grupo seleto de ambos conosco na época - os melhores arqueiros e os melhores soldados. E estávamos improvisando, inventando à medida que avançávamos. Eu gostaria de formalizar tudo para que todos os nossos arqueiros e todos os nossos soldados possam treinar para uma operação como essa. ”

Embora Gilan fosse nominalmente o Comandante do Corpo de Arqueiros, ele também supervisionou o treinamento da força de arqueiros do castelo. Isso era apenas sensato, já que ele era um dos melhores atiradores do reino, junto com Halt e Will.

Ele assentiu agora enquanto considerava o que Horace havia dito. “Isso faz muito sentido”, disse ele.

Horace, encorajado por sua reação, expandiu sua ideia. “E eu gostaria de fazer ao contrário”, disse ele.

Gilan sorriu. "Você quer que eles cavalguem para trás?"

Horace deu a ele um olhar cansado. "Não. Eu gostaria de praticar com nossos soldados atacando através de um rio e os arqueiros atirando sobre suas cabeças em apoio. ”

“Isso exigiria um pouco de prática”, admitiu Gilan. “Seria um pouco mais arriscado do que conter uma força perseguidora.”

Eles passaram por uma das torres de canto e emergiram do outro lado, para as ameias mais uma vez. Uma sentinela de plantão, surpresa ao ver os dois oficiais superiores, ficou atenta.

"Relaxe", disse Horace, e o homem voltou a ficar à vontade. Os dois amigos começaram a retomar a caminhada e a conversa quando Gilan parou e indicou uma figura alta encostada nas ameias no meio da parede.

"Quem é aquele?" disse ele, embora tivesse quase certeza de que sabia.

O sentinela, que não estava familiarizado com a ideia de uma pergunta retórica, respondeu imediatamente. “É o rei, senhor”, disse ele. "Ele está lá nos últimos quarenta minutos ou mais."

"Estranho", disse Horace, alongando seu passo para se aproximar de Duncan, que estava olhando para o parque gramado abaixo, olhando para o leste. Gilan teve que se apressar para acompanhar os passos largos do cavaleiro alto.

Duncan os ouviu chegando e se virou, um sorriso vincando seu rosto quando ele reconheceu dois de seus mais confiáveis e capazes oficiais. “Bom dia, Gilan. Bom dia, Horace, ”ele disse.

Os dois retornaram seus cumprimentos. Gilan estudou o rei astutamente. Por trás do sorriso de saudação, ele podia ver as linhas de preocupação no rosto do rei. Algo o estava incomodando.

"Algum problema, senhor?" ele perguntou. Gilan nunca foi de rodeios, o que foi uma das muitas razões pelas quais Duncan o valorizou como um conselheiro.

O rei gesticulou vagamente para o leste. “Eu estava pensando, Will e Maddie devem estar bem encaminhados agora,” ele disse. “Eles devem chegar ao Chateau La Lumiere a qualquer dia.”

"E você está preocupado com eles?" Gilan disse.

Duncan assentiu lentamente. "E estou preocupado com eles."

"Alguma razão em particular, senhor?" Horace perguntou.

Duncan hesitou antes de responder. "Nada específico. Apenas uma sensação desconfortável. Não gosto de mandar dois dos meus Rangers para cuidar do problema de outra pessoa. ”

- Não posso dizer que estou interessado nisso, senhor - Gilan concordou. "Isso os faz parecer um pouco como mercenários."
"Concordo." Duncan acenou com a cabeça. "Embora eu ache que o argumento de Anthony sobre manter Philippe no trono seja bom."
"Melhor o diabo que conhecemos", disse Horace.
Mais uma vez, Duncan assentiu. "Exatamente."
- Mas você não confia inteiramente em Philippe - Gilan interveio. Era uma declaração, não uma pergunta.
"Está certo. Ele nunca foi uma pessoa particularmente confiável. E se as coisas derem errado para Will e Maddie, ele é capaz de deixá-los girando no vento. "
"Você tem algo em mente, senhor?" Horace perguntou.
Duncan fez uma pausa antes de se comprometer com uma resposta. “Eu me sentiria melhor em saber que eles têm um pequeno backup de prontidão caso precisem”, disse ele. "Apenas algumas pessoas boas - e não acho que quero que Philippe saiba sobre eles."
"Alguém em particular, senhor?" Horace perguntou.
Duncan encontrou seu olhar por um longo momento e Horace sentiu que ele poderia muito bem ser uma das "pessoas boas" a quem Duncan se referia. Mas em vez de dizer isso, Duncan se virou para Gilan.
"Halt deve nos visitar em breve?" ele perguntou.
Gilan permitiu que o fantasma de um sorriso cruzasse seu rosto. "Tenho certeza de que isso poderia ser arranjado, senhor", disse ele.
Duncan desviou o olhar para o leste novamente, como se pudesse ver seus dois Arqueiros, longe em Gallica.
“Bom,” ele disse por fim. Então ele repetiu. "Boa."

19

Will e Maddie se apresentaram naquela noite para as classes mais baixas da população do castelo - a guarnição e os membros da equipe - em um grande salão de jantar no andar térreo da torre de menagem.

Eles foram bem recebidos. Afinal de contas, a vida em um castelo tendia a ser entediante e monótona, então qualquer diversão ou forma de entretenimento era geralmente bem-vinda. Dito isso, Will e Maddie proporcionaram excelente entretenimento. O canto e a forma de tocar de Will estavam bem acima da média e ele tinha um bom repertório de canções.

E o arremesso da faca de Maddie também era um ato excitante, com o tempero adicional do perigo implícito das facas de arremesso afiadas que ela manuseava com aparente indiferença e precisão infalível. Com a sugestão de Will em mente, ela deixou de fora o erro deliberado no início de seu ato. Mas ela ainda era incapaz de persuadir qualquer membro de sua audiência a se permitir ser amarrado à roda-alvo giratória. A sugestão, quando ela a fez, foi saudada com sarcasmo bem-humorado e recusa absoluta.

Eles tinham uma ordem estabelecida para o programa agora. Will abriria os procedimentos com um conjunto de canções de vinte minutos. Então ele iria apresentar Maddie. No vasto salão de jantar havia espaço de sobra para ela se apresentar. Quando ela terminava, ele recomeçava, convidando o público a cantar junto com ele, enquanto Maddie circulava pela sala com um grande saco, oferecendo-o ao público para que colocassem suas moedas nele.

Ela ficou satisfeita com o peso crescente do saco conforme ela se movia pelas mesas compridas, e a preponderância de moedas de prata e ouro que iam para dentro - havia poucos dos cobre menos valiosos, ela notou.

Ela também notou o marechal parado no fundo do corredor, assistindo a apresentação de Will. Sir Guillaume chamou sua atenção e deu-lhe um aceno de aprovação. Ele acenou para ela se aproximar dele. Ela curvou-se educadamente quando o alcançou e ele lhe deu um sorriso rápido.

“Muito bom trabalho”, disse ele. “Diga a seu pai que você vai se apresentar para o rei e seus nobres amanhã à noite. Vou falar com ele sobre uma taxa pela manhã. ”

Ela se curvou novamente, um aceno rápido de sua cabeça. “Obrigada, Sir Guillaume”, disse ela. "Eu vou deixar ele saber."

Ele acenou com a cabeça várias vezes. Havia uma energia nervosa nele que infundia todos os seus movimentos. "Boa. Boa. Seus aposentos são satisfatórios, eu acredito? "

Eles haviam sido designados a um pequeno conjunto de quartos no terceiro andar da torre de menagem - onde os servos seniores e membros da equipe eram acomodados.

“Muito confortável, senhor. Muito melhor do que o nosso carrinho. ”

O sorriso brilhou rapidamente novamente e desapareceu. "Tenho certeza", disse ele. "Bem, vou falar com seu pai amanhã."

Ele se virou e saiu, abrindo caminho através das mesas lotadas até a porta. Maddie se virou e viu que Will os estava observando. Ela voltou para a frente da sala, recolhendo mais pagamentos à medida que avançava. Ao passar por ele, disse em voz baixa: "Vamos nos apresentar para o Rei amanhã."

Ele acenou com a cabeça em reconhecimento e começou outra música enquanto ela voltava para a pequena mesa reservada para eles ao lado da sala de jantar. Era uma música sem sentido com um refrão repetido sobre um balde com um buraco no meio, o público aderindo com gosto. Ela sabia que era a canção antepenúltima de seu show. Ela se sentou à mesa e se serviu de uma xícara de café da jarra que havia ali. Ela bocejou discretamente - não seria bom para o público pensar que ela estava entediada com o canto de Will e na verdade não estava. Ela estava simplesmente cansada. A energia nervosa que a enchia quando estava se apresentando a deixou, e ela se sentia vazia e exausta

enquanto a adrenalina era drenada de seu sistema. Mais dez minutos, ela pensou, e ela poderia ir para sua cama quente e confortável no terceiro andar.

• • •

No dia seguinte, por volta do meio-dia, eles foram chamados à sala de Sir Guillaume, no andar térreo da enorme estrutura da portaria.

“Sua Majestade ficará feliz em vê-lo se apresentar esta noite, para ele e seus cavaleiros e nobres,” ele disse a Will, que assentiu.

"E a taxa?"

Guillaume recostou-se na cadeira de madeira de encosto alto. Will e Maddie estavam parados na frente de sua mesa.

“Alguns podem considerar a honra de atuar perante a realeza como uma recompensa suficiente”, disse ele.

Will percebeu que seu protesto não era genuíno. Em vez disso, foi parte de um processo de barganha. "Alguns podem", respondeu ele, seu tom não deixando dúvidas de que ele não era um dos "alguns" mencionados acima.

Guillaume acenou com a cabeça brevemente. Ele não esperava que Will concordasse com a ideia. “Então, uma taxa de quarenta águias será paga”, disse ele.

Will franziu os lábios. Uma águia era a unidade monetária gaulesa, uma moeda de ouro que valia cerca de um quarto da realeza Araluen. Era uma oferta razoável, ele pensou. Mas no lado baixo e definitivamente não excessivamente generoso.

“Ganhamos quase isso com o povo na noite passada”, disse ele.

Guillaume encolheu os ombros. “Então você teve muita sorte”, disse ele. Mas, vendo a expressão determinada de Will, ele rapidamente emendou a oferta. "Muito bem, a taxa será de cinquenta águias." Ele fez uma pausa e acrescentou significativamente: "E essa é a oferta final."

Will concordou. "Concordo", disse ele imediatamente.

Guillaume fez uma anotação rápida em um pedaço de pergaminho sobre a mesa à sua frente. “Você será pago após a apresentação”, disse ele. "Presumo que você vá embora amanhã?"

E não deixe a porta bater em suas costas ao sair, Maddie pensou, escondendo um sorriso.

“A menos que Sua Majestade insista em que fiquemos e tocemos novamente”, disse Will.

Guillaume ergueu a sobrancelha esquerda e bateu na figura que havia escrito no pergaminho. “A esse preço, não conte com isso”, disse ele, e eles se despediram.

Enquanto eles caminhavam pelas pedras para a torre da torre mais uma vez, Will sorriu para seu companheiro. “Bem, agora você pode dizer aos seus netos que você se apresentou para a realeza”, ele disse a ela.

Maddie sorriu de volta. “E para cinquenta águias”, disse ela.

Ele olhou para ela surpreso. “Quem disse que você estava recebendo isso? Você está fazendo isso pela honra. "

• • •

O refeitório real ficava no segundo andar do castelo. Era um evento mais luxuoso do que o salão onde haviam se apresentado na noite anterior. Era menor, assim como o público. E era mobiliado com mais opulência do que as mesas de cavalete rústicas do salão geral. Tapeçarias e pinturas ricamente tecidas - presumivelmente dos ancestrais do rei - pendiam das paredes. A sala estava iluminada por dezenas de velas em candelabros, com um lustre enorme segurando pelo menos cinquenta velas penduradas no centro da sala. Havia aproximadamente quarenta cavaleiros e nobres, sentados em oito mesas em frente a um estrado elevado, onde a mesa real estava posta. Um espaço foi deixado entre as mesas e o estrado. Este era o lugar onde Will e Maddie se apresentariam.

No estrado, uma mesa foi posta para o rei e seus membros mais antigos da corte: sua esposa e sua companheira, seu irmão, seu camareiro e três outros nobres de alto escalão. Enquanto o povo na noite anterior se sentou em bancos de madeira sem almofadas, o rei e seu grupo, e os cavaleiros e nobres na parte inferior do salão, sentaram-se em cadeiras esculpidas, com encosto alto, almofadas confortáveis e apoios de braços esculpidos. Na outra extremidade da sala em relação à mesa real, uma enorme lareira dominava a parede. Um fogo forte estava queimando nele enquanto Will e Maddie faziam seu caminho discretamente para a sala, parando de um lado.

Um murmúrio ruidoso de conversa encheu o ar enquanto os criados abriam caminho entre as mesas, carregando carnes e aves assadas e travessas de vegetais fumegantes. Eles os colocaram nas mesas e os comensais se serviram, cortando e espetando pedaços de carne com as longas adagas que haviam

sido colocadas na mesa diante deles. Eles usaram travessas de madeira e garfos também, enchendo as travessas com comida e depois comendo. Ninguém parecia sentir que deviam parar de falar enquanto comiam, e um burburinho de vozes, cada uma levantada para que seu dono pudesse ser ouvido sobre seus vizinhos, encheu a sala.
Na mesa real, o rei comia pouco, Maddie notou. Seu olhar vagou sobre a multidão reunida diante dele, estudando-os, avaliando-os. Não havia sinal de afeto em seus olhos. Eles estavam tão frios e sem piscar como os de um basilisco. Ela estremeceu brevemente ao vê-los. O rei Philippe não era um homem que você gostaria de contrariar, ela pensou.
De vez em quando, ele se inclinava para o lado e dizia uma ou duas palavras para o irmão, sentado à sua direita - Louis, Maddie sabia pelas instruções de Gilan. Ele também era um personagem interessante. Um sorriso sardônico e superior estava fixado em seu rosto e ele respondia aos comentários do rei com gargalhadas. Mas a risada nunca alcançou seus olhos, ela notou, e eles tinham a mesma intensidade fria que os de seu irmão.
Philippe não falou com a esposa, uma mulher altiva, alta e de uma beleza impressionante sentada à sua esquerda, cujos cabelos negros eram longos e marcados com uma mecha branca no lado direito. Maddie presumiu que era um efeito cosmético e não um sinal de envelhecimento. De vez em quando, a rainha dizia um aparte para sua dama de companhia. Os dois então riam brevemente. Maddie teve a nítida impressão de que os comentários da rainha eram farpas dirigidas aos clientes das mesas mais baixas. Ela fungou com desdém, pensando nos banquetes alegres e sociáveis aos quais comparecera na corte de seu pai em Araluen, ou nos eventos mais informais e turbulentos em Redmont do barão Arald.
A corte gaulesa, em contraste, pareceria ser aquela onde comentários maliciosos e esnobismo velado estavam na ordem do dia.
Ficou combinado que a apresentação não começaria até que a refeição principal fosse feita. Agora, enquanto os servos levavam as carcaças destruídas de patos e gansos e os pedaços desmembrados de carne bovina e suína, o rei acenou para o majordomo, um homem de barbas brancas e costas retas que carregava uma vara preta calçada de metal como seu cajado escritório. Ele, por sua vez, fez um sinal em direção à porta lateral da sala de jantar e dois criados entraram correndo, carregando a roda-alvo para a atuação de Maddie, envolta em uma capa de linho pesada. Alguns dos presentes notaram e pararam de falar, olhando o aparato coberto com interesse. Outros, mais distantes, continuaram a falar e rir, até que o mordomo, resplandecente em seu uniforme de ouro e prata - as cores da corte de Philippe - bateu três vezes com o cajado no chão. Três relatos retumbantes ecoaram pela sala, e as conversas dos comensais diminuíram, então morreram enquanto o mordomo trovejava com uma voz estrondosa:
“Meus senhores e senhoras, cavaleiros e nobres, orem silêncio para o entretenimento do rei!”
Will olhou de lado para Maddie e sorriu. "Fique tenso", ele sussurrou. "Estamos prestes a continuar."

20

Philippe, parecendo um tanto desinteressado, acenou com a mão lânguida para que o entretenimento começasse. Will deu um passo à frente e começou sua música de abertura, um conto emocionante de cavalheirismo e valor, descrevendo a batalha corajosa de um cavaleiro em armadura branca contra um trio de trolls do mal. Era uma música popular, ele sabia, e bem adequada para esse tipo de público. Quando ele tocou o acorde final, ele recebeu uma salva de palmas das mesas de baixo. O rei e seu grupo, ele notou, enquanto olhava rapidamente na direção deles, se permitiam algumas palmas entediadas. Ele deu de ombros e continuou com sua lista de músicas.

No final da apresentação, ele fez o público aplaudir com entusiasmo e pedir mais. Não a mesa real, é claro. Seguindo a liderança do rei, eles mantiveram um ar indiferente e desinteressado. Eles aplaudiram superficialmente e até conversaram enquanto Will estava se apresentando.

“Multidão difícil,” ele murmurou para Maddie enquanto ela se movia para o espaço aberto para apresentações ao lado dele. Ela sorriu para ele, sabendo que ele estava se referindo à festa real, não ao público mais amplo, que estava obviamente se divertindo. Desdenhando educadamente os gritos do público por um encore, Will apresentou Maddie, referindo-se a ela desta vez como a Senhora das Lâminas do Perigo. Ela sorriu para si mesma. Algumas noites eram as lâminas da morte, outras, as lâminas do perigo.

Will se moveu rapidamente para onde estava a roda-alvo e tirou a capa de linho. Um murmúrio de interesse percorreu a sala. A multidão reunida estava se perguntando sobre o aparelho escondido sob a tampa.

Maddie, ligando para os números que ela estava mirando, enviou as cinco lâminas girando e batendo no tabuleiro em rápida sucessão - cada uma atingindo seu alvo nomeado. Então Will colocou a roda girando e ela repetiu a sequência. O público ficou encantado. Até o rei perdeu o olhar de indiferença e se inclinou ligeiramente para a frente para observar.

Conforme o ato progredia, Maddie passou para façanhas mais difíceis, fazendo a roda girar cada vez mais rápido enquanto dois servos trabalhavam na manivela enquanto ela chamava o tempo para eles, ficando de costas para a roda giratória e girando enquanto um número era nomeado , arremessando as facas sem parecer parar e acertar o alvo todas as vezes. A multidão ficou cada vez mais fascinada e apreciativa. Os aplausos ficaram mais altos e mais longos.

Finalmente, Maddie se aproximou do fim de seu ato. Ela olhou para o público, suas facas presas em um leque solto em sua mão esquerda, e esticou o braço direito em direção à roda-alvo.

"Meus senhores e senhoras!" ela chorou. “Posso ter um voluntário?”

Houve uma agitação de interesse entre a multidão enquanto eles se perguntavam o que viria a seguir.

"Existe uma alma corajosa entre vocês que vai andar na roda giratória do perigo enquanto eu continuo a lançar minhas facas?"

Um murmúrio percorreu a audiência, mas ninguém se ofereceu. Maddie deu uma carranca rápida de frustração. Ter um voluntário vivo amarrado à roda de fiar seria o fim culminante de seu ato. Mas, até agora, ela não conseguiu convencer ninguém a participar. Ela respirou fundo para tentar convencer alguém a se voluntariar. Mas uma voz da mesa alta a impediu.

"O que é isso? Nenhum dos meus bravos cavaleiros é valente o suficiente para ser voluntário? Gallica deve se envergonhar diante de nossos amigos Araluen? ”

Era Philippe. Ele havia se levantado de sua cadeira e estava examinando seus cavaleiros e nobres com um sorriso superior no rosto. Sua voz era aguda e nasal. O tom era intimidador e desdenhoso.

Maddie se virou para ele, sorrindo. “Não importa, Majestade ...” ela começou, mas ele acenou para que ela se calasse com um gesto imperioso.

“Claro que importa, mocinha. É um insulto à sua habilidade que nenhum dos meus bravos cavaleiros se voluntarie para ajudá-lo. Mas eu sei que há alguém aqui com coragem para fazer isso . . . ”
Ele fez uma pausa dramática enquanto a sala observava com cautela. Então ele apontou para seu irmão, Louis, sentado ao lado dele.
“Príncipe Louis, meu irmão, se oferecerá para ser seu assistente”, declarou ele, com uma nota de triunfo em sua voz. Um murmúrio de surpresa e alívio percorreu a sala. Mas o príncipe Louis recuou na cadeira, seu rosto ficando pálido.
O rei se virou para ele, sorrindo com desdém. "Não é mesmo, irmão?"
Louis, sem palavras, só conseguiu balançar a cabeça.
“Venha agora, Louis, de pé. Mostre a esses covardes o que é a verdadeira coragem. ”
“Sua Majestade . . . Irmão . . . ” Louis finalmente encontrou sua voz, então ficou sem palavras mais uma vez. Ele se encolheu para longe do rei em seu assento, como se distanciar-se fosse fazer o comando ir embora.
Will, observando do lado do corredor, balançou a cabeça. Maddie chamou sua atenção, um olhar confuso e assustado em seu rosto enquanto se perguntava como lidar com isso.
Que família, Will pensou. Era óbvio que Philippe estava gostando de menosprezar seu irmão mais novo, envergonhando-o na frente de toda a empresa. Deve haver tendências entre eles para que o rei sinta a necessidade de afirmar seu domínio sobre o príncipe desta forma. Mas tal curso representava um perigo potencial para Will e Maddie. Se ele permitisse que isso acontecesse, eles poderiam muito bem fazer do príncipe Louis um inimigo.
Ele caminhou agora para o centro da sala e fez uma reverência ao rei.
"Meu Senhor!" ele chorou. - Por mais generosa que a oferta do príncipe Louis possa ser, não posso permitir. A ideia de ter a realeza amarrada à roda-alvo pode muito bem ser demais para minha filha. ” Ele formulou sua objeção de forma que parecia aceitar que o príncipe se permitiria ser amarrado ao volante.
Philippe franziu a testa com a interrupção. " *Você* não pode permitir isso?" ele disse. "Quem é você para contradizer um rei?"
Will se amaldiçoou mentalmente por sua infeliz escolha de palavras. Ele se curvou profundamente. “Seu perdão, Majestade. Meu respeito por você e sua família real é muito profundo para permitir que qualquer um de vocês corra tal risco. Seria uma tragédia das mais profundas se seu irmão fosse ferido. Afinal, o sangue dele e o seu são iguais. Qualquer dano a ele seria um dano a você. "
Philippe sorriu levemente. “Admito que seria trágico se Louis fosse ferido”, disse ele. "Mas sua filha precisa de alguém para ajudá-la."
“Então deixe-me fazer isso,” Will disse rapidamente. "Deixe-me ocupar o lugar do príncipe no volante." Ele voltou seu olhar para o pálido Louis. "Vossa Alteza permitir-me-ia ocupar o seu lugar?" ele perguntou, continuando a fingir que Louis tinha realmente se oferecido.
O rei, ainda sorrindo, virou-se para seu irmão e Will sabia que ele lidou com a situação corretamente. Philippe queria duas coisas, ele percebeu. Ele queria envergonhar e menosprezar seu irmão. E ele queria ver alguém arriscando a vida no volante.
Louis assentiu rapidamente. Quando ele falou, sua voz estava um pouco mais alta do que o normal. "Sim! Sim! Certamente. Vá em frente ”, disse ele. Ele ainda estava encolhido na cadeira grande de encosto alto, como se tentasse ficar o mais longe possível do rei.
O rei fez um gesto de aquiescência para Will. “Então, vendo que Louis está disposto, damos nossa permissão.”
Louis afundou um pouco mais em sua cadeira ao ouvir as palavras. Will fez uma reverência e foi em direção ao volante. Maddie correu para o lado dele para ajudar a prendê-lo na posição.
“Não perca,” ele disse severamente enquanto ela apertava as alças em volta de seus pulsos.
“Não se preocupe”, respondeu ela. Ela sinalizou para os dois servos girarem o volante, contando o tempo para eles. Quando eles fizeram a roda girar na velocidade que ela queria, ela caminhou de volta para sua marca. O silêncio pairou sobre a sala quando seu braço foi para trás e depois para a frente.
Thunk!
O público aplaudiu quando a faca atingiu o alvo, errando a mão estendida de Will por alguns centímetros. As próximas quatro facas seguiram em rápida sucessão, falhando pela mesma pequena margem. Sinalizando para os servos pararem de girar, Maddie avançou para recuperar as facas para uma nova demonstração. Ela sinalizou para os criados começarem a girar novamente, mas, desta vez, a voz de Philippe a interrompeu.

“Mais rápido desta vez!” ele exigiu, e bateu na mesa com o ritmo que ele queria. Os outros na mesa principal se juntaram e a roda começou a girar mais rápido. Maddie avaliou a velocidade por alguns segundos, então desferiu outra saraivada de facas, cada uma delas faltando apenas as mãos, pés e cabeça de Will.

Então, antes que o rei pudesse exigir mais, ela olhou para o público e fez uma reverência profunda. Os cavaleiros e nobres reunidos aplaudiram e começaram a atirar moedas para ela. Enquanto ela corria para o volante e soltava Will, os aplausos redobraram, elogiando sua coragem. Will e Maddie deram as mãos e se curvaram para o público, à esquerda, à direita e ao centro. Então eles se viraram e se curvaram ao rei na mesa principal também, segurando o arco por alguns segundos.

“Muito bem”, disse Philippe, com acentuada falta de entusiasmo. Ele jogou uma bolsa de camurça para Will. Ele tilintou quando ele o pegou. “Sua recompensa,” ele disse brevemente. Parecia que ele estava desapontado por Will ter escapado ileso.

Will curvou-se novamente e se aproximou do estrado.

“Vossa Majestade, se me permite ser tão ousado, tenho um presente de Araluen para você. Posso apresentar? ”

Outro aceno lânguido da mão saudou o pedido. Will subiu as escadas rapidamente e tirou um medalhão de prata do pescoço, colocando-o sobre a mesa diante do rei. Philippe olhou para ele, sem curiosidade a princípio. Então seus olhos se estreitaram.

O medalhão foi gravado com uma coroa. Abaixo, havia três palavras.

Pax inter reges.

Mais tarde naquela noite, quando o castelo estava dormindo, Will e Maddie foram convocados para os aposentos do rei.

21

Até que Will lhe entregasse o medalhão, Philippe não tinha ideia de que os dois bardoiros eram os agentes enviados por Duncan para ajudar a resgatar seu filho.

Ele estava esperando uma pessoa - um homem. E ele esperava que essa pessoa fosse um arqueiro, não um trovador com roupas brilhantes. O fato de os dois bardoiros terem vindo de Araluen lhe pareceu uma coincidência, nada mais. Afinal, os viajantes de Araluen passavam por Gallica todos os dias.

O motivo do segredo foi explicado a Will por Duncan antes que os dois Arqueiros partissem em sua jornada.

“Os castelos estão cheios de informantes, fofoqueiros e espiões declarados”, disse ele. “E imagino que o Chateau La Lumiere seja pior do que a maioria, dada a intriga e o estado da política naquele país no momento. Não queremos que esse tal de Lassigny saiba que você está trabalhando para Philippe. Portanto, você precisa esperar o momento certo para revelar suas identidades ao rei. ”

O medalhão era a maneira como eles fariam isso. A inscrição, *Pax inter reges* , era a mesma frase que Philippe usara para se identificar quando visitou Araluen pela primeira vez para buscar a ajuda de Duncan.

Agora Maddie e Will foram escoltados pelos corredores escuros e escadas do castelo até os aposentos privados do rei. Já passava da meia-noite e o castelo estava escuro e adormecido, então não havia ninguém acordado para vê-los. Apenas algumas tochas acesas em castiçais iluminavam as passagens enquanto eles seguiam o criado do rei até o sexto andar da fortaleza, onde os aposentos de Philippe estavam situados.

O criado parou do lado de fora da porta e bateu duas vezes. Era obviamente um sinal combinado de antemão, pois ele não esperou permissão para prosseguir, mas empurrou a porta e se afastou para deixar Maddie e Will entrar. Depois da penumbra dos corredores do palácio, os dois ficaram deslumbrados com a luz forte de vinte velas na sala. Philippe estava sentado atrás de uma escrivaninha ornamentada, em uma cadeira incrustada de ouro com pernas curvas e finas, estofada com almofadas de cetim. Will sorriu ironicamente. Era a antítese total da mesa funcional de pinho marcada pelo trabalho de Duncan e da cadeira lisa de encosto alto.

O Príncipe Louis sentou-se de lado, em uma banqueta semelhante em estilo à cadeira de seu irmão. Havia mais duas cadeiras colocadas em frente a Philippe e ele acenou para os Arqueiros para eles, com uma expressão um tanto distraída no rosto. Will se curvou, um breve aceno de cabeça. Maddie, observando-o cuidadosamente, seguiu o exemplo. Então ambos se sentaram.

- Você - disse Philippe depois de alguns segundos. "Você é o povo de Duncan?" Havia uma nota de perplexidade em sua voz.

Will concordou. "Isso é correto, meu senhor."

A carranca no rosto do rei se aprofundou. “Eu estava esperando um Ranger. Um guerreiro. Não um par de bardo, ”ele disse, olhando de um para o outro, então balançando a cabeça.

Will sorriu. "O rei Duncan sentiu que um par de bardo teria menos probabilidade de levantar suspeitas, senhor", disse ele. Depois dos acontecimentos no refeitório, ele decidiu que não gostava do rei galicano. Ele também não confiava nele. Como resultado, ele agora evitou o uso do título real de *Sua Majestade* com um *senhor* mais igualitário .

Philippe não pareceu notar. Ele apontou para Maddie. “Mas ela é uma menina,” ele disse, seu tom não deixando dúvidas de que ele considerava as meninas e mulheres algum tipo de grupo inferior. “Esta é uma missão perigosa em que você embarcou. Certamente Duncan percebeu isso? "

“Tenho certeza que sim, senhor,” disse Will. Ele olhou de soslaio para Maddie e viu que suas bochechas estavam vermelhas. Ele sabia que era um sinal de que ela estava reprimindo sua raiva. “Mas ela é altamente capaz,” Will acrescentou.

“Mas . . . uma *garota* ! " Philippe repetiu. Ele estendeu as mãos ainda mais perplexo.
Will olhou para Louis. O príncipe estava acenando com a cabeça em concordância com seu irmão.
- Posso garantir-lhe, senhor, Maddie é altamente qualificada e bem capaz de cuidar de si mesma e de mim, se for o caso. E o fato de ela ser uma menina torna menos provável que as pessoas suspeitem de nosso verdadeiro propósito, como você acabou de demonstrar, senhor.
As bochechas do rei coraram. Ele não estava acostumado a ter pessoas discordando dele - principalmente pessoas que considerava inferiores - o que representava a maioria das pessoas no mundo. Ele não conseguia pensar em nenhuma resposta adequada para o homem irritantemente calmo diante dele, então ele voltou atrás em sua dignidade e protocolo real.
“Você vai me chamar de 'Sua Majestade'”, disse ele com raiva.
Mas Will balançou a cabeça. "Não senhor. Essa é uma forma de endereço que reservo para meu próprio rei. ”
Philippe se sentou ereto, os olhos arregalados de surpresa. Ninguém falou com ele dessa maneira! *Ninguém!*
“Você é insolente, bardo ...” ele começou, mas Will o interrompeu.
“Eu respondo ao Rei Duncan, senhor. Estou aqui porque ele mandou, mais ninguém. ”
"Eu poderia mandar prendê-lo!" Philippe disse, sua voz aumentando com raiva.
Mas, novamente, Will balançou a cabeça. "Não seria uma coisa sábia tentar", disse ele, e antes que Philippe pudesse prosseguir, ele elaborou. "Se você fizer isso, quem vai resgatar seu filho do Barão Lassigny?"
Philippe percebeu que Will estava certo e fez um grande esforço para conter sua raiva. Ele olhou carrancudo para o bardo. Vou lidar com sua insolência quando não precisar mais de sua ajuda, pensou ele.
Will deu a ele mais alguns momentos para se controlar, então disse em uma voz razoável: "Agora, talvez você possa nos contar a última situação com seu filho para que possamos continuar com o trabalho de trazê-lo de volta para você?" Sentindo que Philippe estava achando difícil falar com calma, deu-lhe uma pista.
“A situação mudou nas últimas três semanas?” ele perguntou. "Presumo que ele ainda seja refém no Chateau des Falaises?"
Philippe acenou com a cabeça, depois disse em voz grossa: Ele ainda é um refém. Nada mudou."
“Você tem mapas da área ao redor de Falaise?” Will perguntou. “Seria útil para nós vê-los.”
Recuperando sua serenidade mais e mais a cada momento, Philippe balançou a cabeça e abriu uma gaveta de sua escrivaninha, retirando várias folhas de pergaminho.
“Mandei copiar para você”, disse ele.
Will percebeu que eram cartas e mapas. Quando o rei os passou, ele os virou para que pudesse vê-los com o lado direito para cima e os espalhou. Maddie se levantou de sua cadeira para se inclinar sobre seu ombro e estudá-los também. Will traçou uma série de estradas com o dedo indicador, indo de La Lumiere a Falaise.
“Esse parece o caminho mais rápido”, disse ele, meio para si mesmo. Ele consultou a escala marcada na base do mapa. “Nós poderíamos estar lá em . . . três dias. Talvez quatro. ”
- Cavalgando forte, você poderia fazer isso em dois - Philippe sugeriu, mas Will balançou a cabeça, sorrindo para roubar a ação de qualquer insulto.
“Temos que manter nossa cobertura como bardoiros”, explicou ele. “Isso significa viajar devagar e parar para se apresentar ao longo do caminho. Então, quando chegarmos, teremos mais probabilidade de obter acesso, assim como fizemos aqui. ”
Philippe acenou com a cabeça, vendo a lógica da declaração. Ele ainda estava furioso com Will, mas estava reprimindo seus sentimentos. Este homem insolente e confiante era sua melhor chance de ter seu filho de volta são e salvo. Ele não podia se dar ao luxo de antagonizá-lo. Se o fizesse, o bardo provavelmente abandonaria a missão completamente e voltaria para Araluen.
“Suponho que sim”, disse ele. Houve outro silêncio quando ele percebeu que não tinha nada a acrescentar à conversa. Ele olhou para o irmão. "Louis, há algo que você queira dizer?"
O príncipe se endireitou e puxou o queixo, pensando. Então ele perguntou: “Por que você não cantou 'La lune, elle est mon amour'?”
Will olhou para ele com descrença. "O que?" ele perguntou bruscamente.
Louis fez um gesto com as duas mãos abertas, como se explicasse a um simplório. “'La lune, elle est mon amour'”, disse ele. “É uma canção de amor. Um lindo. ”
Então, inexplicavelmente, incrivelmente, ele começou a cantar.
“La lune, elle est mon amour
Elle voyage dans le ciel de mon coeur . . . ”

Ele cantarolou mais alguns compassos da melodia.
Meu Deus, pensou Will, estamos falando sobre resgatar seu sobrinho e ele quer falar sobre sua canção de amor favorita!
“Receio, senhor, não conheço esse”, disse ele.
Louis sorriu para ele. “Você deveria aprender. É muito bonito."
Will balançou a cabeça lentamente e se virou para Philippe. "Houve mais alguma coisa, senhor?" ele perguntou.
Philippe pensou por alguns segundos, depois balançou a cabeça. Ele não parecia ver a incongruência das ações de seu irmão. Will se levantou, juntou os gráficos e respirou fundo. Maddie fez o mesmo.
“Então, senhor, vamos dormir um pouco. Partiremos amanhã depois da primeira luz. ”
Philippe assentiu várias vezes, como se reassumisse o controle da situação e da conversa.
"Isso seria melhor", disse ele, e gesticulou para a porta. "Não vou detê-lo mais."
Lá fora, o mesmo criado estava esperando para acompanhá-los de volta aos quartos. Maddie olhou para Will e disse, em voz baixa, "'La lune, elle est mon amour'?"
Ela abriu as mãos em um gesto de descrença. "Caramba, que família!"
“Eu estava pensando a mesma coisa,” disse Will.
Maddie ficou em silêncio por alguns momentos. Então ela falou novamente. “Estou me perguntando por que você não confirmou que somos Rangers. Você deu a entender que éramos simplesmente barões ”, disse ela. Will olhou rapidamente para o servo que os conduzia, certificando-se de que ele estava fora do alcance da voz.
“Não confio totalmente em Philippe”, disse ele. “Ou seu irmão. Quanto menos eles souberem sobre nós, melhor. Se eles pensam que somos apenas espiões e não Rangers, isso pode ser melhor para nós. ”

22

Eles deixaram La Lumiere logo após o amanhecer do dia seguinte. Não surpreendentemente, nem Philippe nem Louis se levantaram cedo para vê-los em seu caminho. Enquanto eles avançavam suavemente pela estrada em direção a Falaise, Will sentiu como se um peso gigante tivesse sido tirado de seus ombros. A atmosfera no palácio real era opressiva e sombria, ele pensou. O ar enfurecedor de superioridade de Philippe e sua tendência para intimidar e menosprezar os que estavam sob seu comando haviam deixado um gosto desagradável na boca de Will.
Maddie obviamente sentia o mesmo. “É um bom lugar para sair”, disse ela.
"Ele é uma pessoa estranha, sim."
Maddie franziu a testa, pensativa. "Por que você acha que ele se comporta assim?" ela perguntou. “Aquele negócio com o irmão dele, tentando forçá-lo a agir como meu alvo, e constrangê-lo na frente de toda a sala. O que ele ganha fazendo isso? ”
"Um senso de importância, eu acho."
“Mas ele *é* importante. Afinal, ele é o rei. O que ele tem que provar? ” Ela fez uma pausa e acrescentou: "Meu avô não parece achar que esse tipo de coisa é necessário".
“Philippe parece não ter auto-estima. Ele está constantemente duvidando de sua capacidade de governar - e com razão, se você me perguntar. Ele está olhando por cima do ombro o tempo todo, tentando ver se há alguém prestes a suplantá-lo. E o candidato mais provável seria seu irmão. Então ele coloca Luís na frente dos outros, mostra-lhe falta de coragem. Duncan não tem que fazer isso. Ele é um rei forte e muito respeitado por essa força. Ele tem uma autoridade natural que Philippe nunca terá. ”
"Não consigo imaginar ninguém falando com meu avô do jeito que você falou com Philippe", disse Maddie, sorrindo com a memória.
Mas não houve um sorriso de resposta de Will. Em vez disso, ele respondeu sério. “Eu não deveria ter feito isso. Mas ele me irritou com seu ar superior e tom insuportável. Assim que terminarmos com esta missão, seria sensato deixar este país o mais rápido possível. ”
"Você não acha que ele ficará grato quando trouxermos seu filho de volta em segurança?" Maddie perguntou. Ela não tinha dúvidas de que eles teriam sucesso em sua tarefa.
Mas Will balançou a cabeça. “Um homem assim não esquece um insulto. Ele estará procurando maneiras de se vingar. ” Ele fez uma pausa. "Até Louis estará procurando maneiras de se vingar de nós."
"Louis? O que fizemos com ele? Você o salvou de ter que ser meu alvo. "
" *Foi* isso que fizemos com ele. Nós o mostramos como um covarde. Ele vai esquecer que foi seu irmão quem o planejou - afinal, há pouco que ele possa fazer contra o rei. Então, seremos o alvo lógico de seu rancor. "
Maddie balançou a cabeça com cansaço. "Como eu disse, que família."
Will concordou. “Fica feliz por não vivermos aqui”, respondeu ele.

•••

O anoitecer os encontrou ainda na estrada, sem nenhum sinal de uma vila próxima. Assim, eles tiraram o carrinho da estrada em uma clareira e acamparam durante a noite. Não foi nenhuma dificuldade. Eles estavam acostumados a dormir fora e ambos eram excelentes cozinheiros de acampamento. Não havia sinal de chuva, então Maddie escolheu dormir ao ar livre, em vez de no carrinho, preferindo o ar fresco da noite à atmosfera confinada e ligeiramente abafada do interior. Pela manhã, eles tomaram um rápido café da manhã com pão torrado e queijo, acompanhados por várias xícaras de café e seguiram seu caminho.

Eles estavam viajando por uma hora quando Maddie notou Will se inclinando do banco do motorista para espiar atrás deles.
"Algo errado?" ela perguntou.
Ele franziu a testa e coçou o queixo. “Não sei. Estou com uma coceira na nuca. ”
“Seu pescoço está coçando, então você coça o queixo? Essa é uma nova maneira de tratar isso ”, disse ela.
Mas ele fez um gesto de desprezo. “O pescoço que coça é uma figura de linguagem. Tenho a sensação de que alguém está atrás de nós. ”
Ela se inclinou para fora do carrinho e olhou para trás na estrada. Ela conseguiu enxergar por cerca de duzentos metros antes que a estrada fizesse uma curva. Não havia ninguém à vista.
“Não vejo ninguém”, disse ela.
Will olhou para ela. “Nem eu,” ele disse a ela. “Mas eu só tenho um . . . *sentindo que* há alguém lá. ”
“Está nos seguindo?”
Ele encolheu os ombros. “Bem, se ele está atrás de nós, ele está nos seguindo. Mas se ele está fazendo isso deliberadamente é outra questão. ”
O dia foi passando. Pararam para almoçar e soletrar os cavalos ao meio-dia. Enquanto Maddie fazia café, Will voltou a andar pela estrada pelo caminho por onde eles tinham vindo, cerca de cinquenta metros antes de parar e voltar.
"O pescoço ainda está coçando?" Maddie perguntou a ele. A sensação de que estavam sendo seguidos estava deixando seus próprios nervos à flor da pele. Will raramente se enganava quando se tratava de sentir perigo nas proximidades, ela sabia. Nos anos em que estiveram juntos, ela aprendeu a confiar em seus instintos.
“Pensei ter visto algo - ou alguém - por um ou dois segundos. Mas as árvores são muito grossas para ter certeza. Vamos continuar. ”
Eles chegaram a outro pequeno vilarejo no final da tarde e se apresentaram na taverna de lá. Enquanto Maddie entretinha a multidão na pequena praça do lado de fora da taverna, Will rondava os arredores da platéia, permanecendo nas sombras e estudando as pessoas assistindo Maddie. Ele notou um homem - um homem moreno e barbudo em uma capa azul que estava sentado sozinho, bebendo uma caneca de cerveja. Ele estava bem vestido e suas roupas eram um pouco mais refinadas do que as roupas feitas em casa pelos moradores. Ele parecia um pouco deslocado entre a gente simples do campo.
A taverna não oferecia acomodação, então eles estacionaram a carroça no gramado da vila e acamparam mais uma vez. Enquanto eles enrolavam em seus cobertores, Will disse a Maddie sobre o homem.
“Claro, ele poderia ser apenas um viajante comum”, disse ele.
"Ou não. Mas se ele não for, quem iria querer que nos seguissem? ” Maddie perguntou.
O arqueiro mais velho apenas deu de ombros. “Neste país, quem sabe? Ninguém confia em ninguém aqui - e com razão. ” Ele fez uma pausa, deitado de costas e olhando para as estrelas.
"Veremos se ele ainda está conosco amanhã."

23

Não havia sinal do estranho na manhã seguinte, quando partiram.
Presumivelmente, ele pagou a um dos aldeões para lhe dar um quarto para passar a noite, mas se assim foi, ele se manteve fora de vista pela manhã. Will havia realmente caminhado pela aldeia antes do café da manhã, procurando algum sinal do viajante, ou talvez seu cavalo de sela. Ele presumiu, pela qualidade das roupas do homem, que seu cavalo seria um corte acima dos cavalos de carruagem de pêlo áspero que normalmente seriam encontrados na aldeia. Mas, claro, muitas das casas distribuídas ao longo da rua principal tinham celeiros ou estábulos na parte traseira, e o cavalo, se estivesse lá, poderia facilmente ser escondido em um deles.
"Não consigo vê-lo em lugar nenhum", disse ele a Maddie enquanto subia a bordo do carrinho e se acomodava no banco do motorista.
“Talvez ele tenha saído mais cedo,” ela sugeriu.
Ele inclinou a cabeça em dúvida. "Talvez."
Maddie notou que Will tinha colocado de lado sua roupa de bardo de cores vivas e estava vestido com calça marrom e cinza e gibão, mas ela não comentou o fato.
Ele esperou até o meio da manhã, quando haviam atravessado um longo e reto trecho da estrada, com cerca de trezentos metros de comprimento, e feito uma curva fechada no final. Quando dobraram a esquina, ele se inclinou para fora, olhando para trás na estrada. Não havia ninguém à vista. Ele deixou Bumper puxar a carroça por mais vinte metros, então estalou a língua para fazer o cavalinho parar.
"Você viu algo?" Maddie perguntou.
"Ainda não." Ele desceu levemente para a estrada, então correu para a traseira do carrinho. Maddie ouviu um barulho surdo quando ele abriu o compartimento secreto embaixo do carrinho. Depois de mais ou menos um minuto, ele voltou para a frente do carrinho. Ele tinha o arco longo amarrado e pendurado no ombro esquerdo, e uma aljava de flechas presa ao cinto.
“Suba outros vinte metros ou mais. Então pare e pegue seu arco. Vou cortar as árvores para ver se alguém está seguindo. Fique quieto. Se ele está vindo, não quero que ele ouça você. ”
Maddie balançou a cabeça e pegou as rédeas de onde ele as prendeu na alavanca do freio. Ela estalou a língua para Bumper e o cavalinho avançou. Quando haviam percorrido mais vinte metros, ela parou, girando o carrinho de forma que ficasse do outro lado da estrada, permitindo-lhe ver a esquina.
Will já havia desaparecido entre as árvores.

•••

Will deslizou silenciosamente por entre as árvores e folhagens que cresciam densamente, cortando o canto que eles acabaram de arredondar e voltando para o trecho longo e reto. Quinze metros da esquina, ele parou ao lado de um olmo alto, de tronco grosso, encostado na casca áspera e enrugada, sua roupa de cor opaca se misturando facilmente com o fundo. Ele tirou o arco do ombro e olhou para a estrada. Ele estava perto da borda das árvores e podia ver o caminho por onde haviam vindo. Até agora, não havia sinal de ninguém os seguindo.
Ele ajoelhou-se atrás da árvore e ouviu, virando a cabeça lentamente de um lado para o outro, em busca de algum pequeno ruído que lhe dissesse que um cavaleiro estava se aproximando. Depois de vários minutos, ele ouviu o leve tilintar de arreios e, em seguida, o som suave dos cascos de um cavalo na superfície compacta da estrada.
“Aí está você,” ele murmurou baixinho para si mesmo.
As batidas dos cascos se aproximaram, tornando-se mais perceptíveis enquanto o faziam. Will esperou, imóvel como a árvore atrás da qual se protegia. Seu batimento cardíaco acelerou e ele

sentiu um aperto na barriga. Ele se esforçou para manter a respiração profunda e uniforme - embora houvesse pouca chance de que o cavaleiro que se aproximava o ouvisse respirar.
Ele permaneceu imóvel, permitindo apenas que seus olhos se movessem quando ele viu uma forma turva passando pelo local onde ele se agachou escondido. Ele não conseguia distinguir muitos detalhes de sua posição de visão apertada e estranha, mas ele teve a impressão de algo azul movendo-se além da linha das árvores. Então o cavaleiro passou por ele e quase alcançou a curva da estrada. Will se levantou silenciosamente, passando por entre as árvores para emergir na estrada e encaixando uma flecha na corda do arco enquanto o fazia.
Ele ouviu uma exclamação aguda de surpresa quando o cavaleiro dobrou a esquina e viu a carroça a apenas quarenta metros de distância, parada no meio da estrada.
Houve um súbito tilintar de arreios quando o homem puxou as rédeas com força, começando a girar o cavalo e voltar pela estrada.
Apenas para encontrar Will bloqueando sua linha de retirada.
Will estava no centro da estrada, arco levantado e puxado, a flecha apontando sem vacilar para o recém-chegado.
"Você pode parar aí", disse ele calmamente. "E desça do cavalo."
O cavaleiro hesitou, olhando por cima do ombro para onde a carroça bloqueava o caminho. Por um momento, ele foi tentado a tentar escapar naquela direção. Então ele percebeu que o motorista da carroça também estava desmontado e apontava um arco para ele.
“Corra para qualquer lado e um de nós atirará em você,” Will o advertiu. "Agora desmonte e solte o cavalo."
Relutantemente, o cavaleiro desceu da sela. Mas ele manteve as rédeas em sua mão direita. Will fez um gesto com a flecha.
“Solte seu cavalo,” ele repetiu.
O homem abriu as mãos em um gesto de apelo. “Ele vai fugir,” ele protestou. Ele falava na língua comum, como Will vinha fazendo. Mas um forte sotaque gaulês era óbvio.
“Essa é a ideia geral,” Will disse.
“Mas . . . ” o homem começou.
Will fez um gesto imperioso com o arco e a flecha meio desenhada. O estranho largou a rédea que segurava. O cavalo, sentindo a tensão entre os dois homens, dançou nervosamente por alguns passos. Ele era um animal muito tenso, o que se adequava ao plano de Will.
“Agora dê um tapa na bunda dele”, ele ordenou. Por um segundo, parecia que o homem faria objeções mais uma vez. Mas o olhar frio nos olhos de Will o deteve. Ele deu um tapa retumbante na garupa do cavalo. Ele ergueu a cabeça, relinchando de surpresa, depois disparou a galope, de volta pelo caminho por onde haviam vindo. Will deu um passo para o lado quando ele passou ruidosamente. Ele golpeou seu traseiro com seu arco, incitando-o a um passo mais rápido. O cavalo, sacudindo a cabeça e relinchando indignado, continuou descendo a estrada até desaparecer na curva distante.
“Isso deve atrasá-lo por algumas horas,” Will disse agradavelmente. “Agora, quem é você e por que está nos seguindo?”
"Segue?" o homem disse, assumindo um olhar perplexo.
Irá cortá-lo. "Não me confunda com um tolo", disse ele secamente. “Você esteve atrás de nós ontem. E você estava na taverna ontem à noite quando minha filha estava se apresentando. Aqui está você de novo, ainda atrás de nós. Por quê?"
O homem encolheu os ombros. “Estou simplesmente viajando por esta estrada, assim como você”, disse ele. "Eu não estou seguindo você."
“Ainda assim, com um animal de bom espírito como aquele, você escolhe se mover no mesmo passo de caracol que nossa pequena carroça, ficando bem longe da vista,” Will apontou. “Vou perguntar de novo. Quem é você e o que está fazendo? ”
Os ombros do homem afundaram ao perceber que sua explicação não funcionaria.
“Meu nome é Egon de Tourles”, disse ele, infeliz. "Estou sob ordens de segui-lo e observá-lo."
"Pedidos de quem?"
Egon parou por alguns segundos e então respondeu. “O Príncipe Real Luís”, admitiu.
Levemente surpreso, Will abaixou o arco, liberando a tensão da corda meio esticada.
"Príncipe Louis?" ele repetiu. “O irmão do rei? Por que ele quer que nos sigam? ”
Egon encolheu os ombros, incerto. “Ele quer saber se você está cumprindo sua parte no acordo. Ele está preocupado com a segurança de seu sobrinho. ”
Will respirou fundo. Ele olhou para Maddie, que havia voltado para a estrada para ficar a poucos metros de distância, onde ela podia ouvir a discussão. Ele balançou a cabeça e se dirigiu a Egon

mais uma vez.
"Ocorreu a ele que sua presença poderia nos delatar?" ele disse. "Para que você possa chamar a atenção de Lassigny para nós?"
Novamente, Egon encolheu os ombros. “Só se eu fosse localizado,” ele disse defensivamente.
Will finalmente perdeu a paciência. “ *Nós vimos* você!” ele gritou. “Você não é terrivelmente difícil de detectar! Andas a cambalear pelo campo com as tuas roupas elegantes, com o teu belo cavalo, à vista de todos. O que o faz pensar que Lassigny e seus homens seriam menos observadores? " Antes que Egon pudesse responder, ele continuou. “E você percebe que se eles notassem você nos seguindo, isso chamaria a atenção para nós e arruinaria nossa missão?”
Egon projetou o lábio inferior infeliz. "Suponho que sim", ele concordou.
“Oh, você quer? Que bom da sua parte! Seu grande idiota desajeitado! Volte para o Príncipe Louis e diga a ele que você foi reconhecido. Diga a ele que você poderia ter comprometido nossa missão e a vida de seu sobrinho. Diga a ele que se ele mandar outra *pessoa* - *qualquer* outra pessoa - para ficar de olho em nós, eu colocarei uma flecha nele. E vou colocar um em você se eu te ver novamente. Então vou abandonar esta missão e voltar para Araluen. E ele pode explicar tudo ao rei Philippe. ”
Egon não disse nada. Ele se levantou, abaixando a cabeça de vergonha e medo.
Will ergueu o arco mais uma vez. “Jogue sua espada no chão,” ele ordenou. A mão de Egon foi instintivamente para a espada em sua cintura. Era uma arma fina, o punho decorado com arame de ouro e um grande punho de rubi.
"Minha espada?"
Will fez um gesto com a flecha. "Livre-se disso. E a adaga. ” Egon carregava uma adaga combinando em uma bainha do lado oposto de seu cinto. Relutantemente, sob a ameaça da flecha encaixada no arco de Will, ele sacou as duas armas e as deixou cair na estrada.
“Agora vá,” Will ordenou.
O homem gesticulou incerto para suas armas, deitadas a seus pés. "Mas-"
"Ir!" Will gritou. “Volte para o Chateau La Lumiere e diga ao seu príncipe que você é um idiota incapaz.”
De cabeça baixa, Egon começou a caminhar de volta pela estrada, caminhando desajeitadamente com suas botas de montar. Will o observou partir, então se abaixou e pegou a espada e a adaga. Ele olhou para eles uma vez, então os jogou longe na floresta ao lado da estrada.
Ele olhou para cima, pegou o olhar divertido de Maddie e balançou a cabeça.
“Que família!” ele disse com nojo.

24

Eles não viram mais nenhum sinal de Egon. No dia seguinte, Will selou Puxão e cavalgou de volta ao longo de seus rastros para se certificar de que ele não estava mais nos seguindo. Satisfeito por sua suposta sombra ter partido, ele voltou ao carrinho e eles continuaram seu caminho.

A estrada principal, a rota mais direta para Falaise, corta um rio largo e sinuoso em dois pontos. Ao fazer isso, viajou virtualmente para o norte. A oeste, uma cadeia de montanhas baixas, íngremes e rochosas, fornecia uma barreira para viajar. Uma estreita trilha de montanha cruzava a cordilheira, mas seria necessário um longo desvio para chegar a Falaise dessa maneira. A estrada principal era mais direta e mais fácil de percorrer, apesar de exigir a travessia do rio, La Rivière Cygnes, em dois lugares - uma por meio de um vau e a segunda por uma ponte. Will indicou o vau no mapa que Philippe havia fornecido.

“Devemos chegar ao vau em algumas horas”, disse ele. “Pena que não há ponte lá. Acho que vamos molhar os pés. ”

Maddie se inclinou para frente sob o dossel que cobria o assento do motorista do carrinho e examinou o céu. Havia nuvens escuras no horizonte leste e um vento forte os empurrava para o oeste.

“Podemos molhar mais do que nossos pés”, disse ela. "Há chuva nessas nuvens."

Will olhou para eles. “Devemos ficar bem”, disse ele. "Um pouco de chuva não vai nos machucar."

No final das contas, as nuvens continham mais do que um pouco de chuva.

Eles saíram da estrada no final da tarde, sem o vau ainda à vista. Will esperava cruzar antes de escurecer, mas a escala do mapa não era precisa e a distância até o rio era aparentemente muito maior do que indicava.

“Por que não estou surpreso com isso?” ele perguntou.

Por alguns minutos, ele pensou em continuar. Mas ele não queria arriscar cruzar um vau desconhecido no escuro. Eles montaram seu acampamento. Foi a vez de Maddie cozinhar e ela rapidamente acendeu uma fogueira, colocando quatro pombos rechonchudos em gravetos verdes para assar sobre as chamas, movendo-os para mais perto enquanto o fogo diminuía para brasas em brasa. A gordura chiou e cuspiu dos pássaros grelhados e um cheiro delicioso encheu o ar. Ela pôs para ferver uma panela com batatas cortadas em quatro em água salgada e rasgou algumas verduras que haviam sido fornecidas pela cozinha do castelo antes de partirem. Estes, com um molho de óleo e suco de limão, dariam uma salada saborosa.

Will a observou trabalhar e sorriu. “Eu te ensinei bem,” ele disse. Era uma questão de orgulho entre os Arqueiros que todos eles pudessem cozinhar refeições nutritivas e saborosas em uma fogueira, e Will e Halt eram dois dos melhores cozinheiros de acampamento do Corpo de exército. Sabendo disso, Maddie ficou silenciosamente satisfeita com as palavras de elogio de Will.

As árvores ao redor de seu pequeno acampamento balançavam mais e mais conforme o vento soprava, parecendo estar quase vivas enquanto se moviam de um lado para o outro em uníssono majestoso. Eles cresceram juntos e os galhos e troncos gemeram enquanto eles se esfregavam um no outro com o movimento. Maddie olhou para o céu, onde nuvens turbulentas estavam rapidamente apagando as estrelas.

“Essa chuva não está muito longe”, disse ela.

Will estudou o céu também. O vento estava mais forte a cada momento e ele podia sentir o cheiro da chuva nele. Ele se levantou de seu lugar confortável em frente ao fogo. “Vou pegar os cobertores de chuva no Tug and Bumper”, disse ele.

As mantas de chuva eram lonas impermeáveis, forradas com tecido de lã, que cobriam as costas dos cavalinhos e os mantinham aquecidos e secos no mau tempo. Claro, eles poderiam se virar muito

bem com seus casacos naturais, mas não havia sentido em fazê-los sofrer desconforto se isso pudesse ser evitado.
Com seus sentidos aguçados, os cavalos também podiam sentir o cheiro da chuva que se aproximava e se submeteram prontamente a que os cobertores fossem colocados. Até Bumper, que estava inclinado a transformar tal exercício em um jogo, apenas se esquivou e pulou duas ou três vezes antes de se levantar, cabeça baixa, enquanto Will deslizava a coberta sobre sua cabeça e a prendia sob a barriga.
Eles comeram rapidamente. Enquanto Will fervia uma panela com água para limpar os pratos, as primeiras grandes gotas de chuva começaram a cair. Então uma lança de relâmpago cortou o céu e uma reverberação massiva de trovão explodiu.
Um segundo depois, a chuva os atingiu, impulsionada por um vento repentino e feroz e caindo sobre o acampamento.
“Vamos deixar isso para amanhã,” Will disse, jogando seus pratos e colheres na água fervente e deixando a panela sobre o fogo. Estaria extinto em poucos minutos, ele sabia. Maddie rapidamente embalou os utensílios de cozinha, pegou a cafeteira, meio cheia de café fresco, e suas canecas e subiu na parte de trás do carrinho, onde a chuva batia forte no teto de lona. Will conduziu os dois cavalos até o lado sotavento da carroça, onde isso os protegeria do pior vento e da chuva. Eles se encostaram nele, resmungando e relinchando. Então Will subiu no carrinho também.
Normalmente, quando eles acampavam, ele rolava sua roupa de cama na grama sob o carrinho. Esta noite, o solo já estava com alguns centímetros de profundidade na chuva.
Houve outro estalo violento e um raio acendeu, iluminando o céu ao redor deles. Will se acomodou no carrinho. Estava apertado, mas não insuportavelmente. Maddie lhe passou uma caneca de café e ele bebeu com gratidão. Nos poucos minutos que levou para organizar os cavalos, ele estava bastante encharcado e a bebida quente era muito bem-vinda.
Foi a mãe de todas as tempestades. A carroça estremeceu com o estrondo constante de trovões e vento forte e chuva que bateu nela - o vento empurrando a chuva quase horizontalmente em camadas sólidas de água. O relâmpago foi cruel e intenso. Cada garfo dentado iluminava o interior do carrinho, de modo que o teto de lona ficava branco brilhante, com o contorno escuro da moldura cauterizado sobre ele. A imagem ficou gravada em sua visão por vários segundos depois que a luz se apagou.
Maddie sentiu Bumper empurrando o focinho contra a lona perto dela. Ela contorceu a mão sob o ponto onde o capô de lona encontrava o lado de madeira do carrinho e acariciou seu nariz aveludado com a ponta dos dedos.
“Nada para se preocupar, garoto. Apenas um pequeno trovão e relâmpago, ”ela sussurrou suavemente.
"Ele tem medo de tempestades?" Will perguntou.
Ela balançou a cabeça. “Não estou com medo. Ele não gosta dos ruídos repentinos e flashes de luzes. Ele está bem se souber que estou por perto. ”
A ponta de sua manga estava encharcada com a chuva gelada e ela retirou a mão, colocando-a sob o cobertor e puxando a lã quente e macia até o queixo. Ela gostava muito de dormir enquanto chovia - mesmo quando era uma tempestade selvagem como esta. Ela se sentia aquecida e segura sob o cobertor, e o barulho e os raios flamejantes apenas aumentavam a sensação de estar seca e segura no carrinho.
Em seguida, um fio de água encontrou o seu caminho através de uma costura na capa de lona e correu para sua orelha, e o feitiço foi quebrado.
A tempestade gradualmente rolou sobre eles e sobre as montanhas a oeste. A chuva persistiu, assim como o vento, por mais algumas horas. Por volta das quatro da manhã, ele morreu em um tamborilar suave. Uma hora antes do amanhecer, algo a acordou. Ela ficou deitada em seu cobertor quente por alguns segundos, imaginando o que teria sido. Então ela percebeu: a chuva havia parado.
O sol nasceu em um dia claro e brilhante, sem um sopro de vento.

25

Will acordou rígido e com cãibras. O carrinho era pequeno e, com a roda-alvo de Maddie e sua outra parafernália embalada dentro, o espaço deixado para dormir era apertado. Maddie, é claro, tinha seu espaço de dormir usual, onde ela poderia se esticar confortavelmente. Mas Will ficou confinado entre a roda-alvo e a lateral do carrinho e ficou deitado de forma estranha. Quando ele acordou, suas costas doíam e seu pescoço estava rígido.

Ele se espreguiçou e gemeu. Seu pescoço ficaria rígido por algumas horas, ele sabia. Ainda assim, não havia nada a fazer. Se ele não tivesse dormido na carroça, ele estaria encharcado. Ele desamarrou a aba na parte de trás do carrinho e olhou para fora. O céu estava azul, com algumas nuvens brancas deslizando lentamente sobre ele - muito longe do clima brutal da noite anterior.

“Você pensaria que a manteiga não derreteria na boca”, disse para si mesmo.

Ele passou as pernas por cima da porta traseira do carrinho e caiu levemente no chão - direto em uma poça de água da chuva com a profundidade da canela que estava lá. Ele praguejou baixinho e caminhou até um pedaço de chão seco. Dentro do carrinho, Maddie riu, adivinhando o que havia acontecido.

“Você disse que iríamos molhar os pés”, disse ela, lembrando-o de sua previsão do que aconteceria no vau. Quando o comentário dela trouxe esse pensamento à sua mente, uma carranca preocupada cruzou seu rosto. Ele olhou para cima e para baixo na estrada e para o espaço aberto de cada lado. Vastas camadas de água da chuva jaziam por toda parte, acumuladas nas depressões da estrada e no solo macio dos dois lados. Choveu tanto na noite anterior que não foi possível escoar.

“Podemos ter um problema”, disse ele. Ele se moveu para o lado do carrinho onde Puxão e Pára-choque ainda estavam de pé. Eles haviam encontrado um pedaço de solo um pouco mais alto, onde a chuva não havia acumulado. Eles relincharam bem-humorados para ele enquanto ele desamarrava as mantas de lona e as colocava sobre os dutos na frente do carrinho para secar. Os dois cavalos vagaram alguns passos, procurando grama fresca para cortar e dobrando o pescoço para beber água em algumas das poças mais profundas.

Ele voltou para a parte traseira do carrinho, procurando uma abordagem seca. Mas não havia nenhum e ele encolheu os ombros fatalisticamente. Seus pés e calças estavam encharcados agora de qualquer maneira. Ele entrou na água da chuva e puxou a aba da lona para o lado. Suas selas e arreios estavam empilhados no lado esquerdo do carrinho. Ele pegou sua sela, manta de sela e freio e recuou. Maddie o observou indo e subiu na parte de trás do carrinho, finalmente abandonando o calor de seus cobertores.

"Indo para algum lugar?" ela perguntou enquanto ele se movia para um pedaço de chão seco e assobiava para Puxão se juntar a ele.

“Vou dar uma olhada naquele vau,” ele disse enquanto selava Puxão rapidamente. "Toda aquela chuva ontem à noite pode significar que ele não está mais lá."

Ela franziu o cenho. Esse pensamento não ocorreu a ela. “O que faremos se estiver inundado?”

Ele acenou com a cabeça em direção às montanhas assomando acima deles no oeste. “De acordo com o mapa, há uma trilha nas montanhas. É um longo caminho, mas talvez tenhamos que seguir esse caminho. ”

Ele subiu na sela e empurrou Puxão em direção à estrada. Maddie observou enquanto eles galopavam, espirrando na água acumulada na estrada. Will gritou de volta para ela.

"Você pode preparar o café da manhã enquanto estou fora."

Mantendo Puxão a meio galope e sem a carroça para retardá-los, ele alcançou o vau em quinze minutos. Ele fez Puxão parar no terreno alto da margem, antes de descer até a superfície do rio onde o vau deveria estar.

“Droga,” ele disse baixinho para si mesmo.

As orelhas de Puxão se aguçaram ao som de sua voz. *Você está falando comigo?*
Ele suspirou. "Na verdade não. Apenas irritado. Devíamos ter cruzado na noite passada. ”
Ele tirou o mapa de debaixo do colete e o desdobrou, estudando as anotações no local do vau. Eles indicaram que o rio neste ponto tinha cinquenta metros de largura e um metro de profundidade - facilmente transitável para a carroça e os dois cavalos. O que ele viu agora era algo totalmente diferente. O vau, como tal, tinha simplesmente desaparecido, obliterado pelas ondas que inundaram o leito do rio.
A travessia tinha agora pelo menos cento e cinquenta metros de largura. E embora os primeiros metros possam ter um metro de profundidade, ele caiu rapidamente, de modo que não havia sinal do leito do rio sob as águas marrons e agitadas.
Estalando a língua, ele apressou Puxão para baixo da margem e para a beira da água. Ele ficou imediatamente ciente, enquanto o pequeno cavalo robusto ajeitava seus pés e se colocava com mais segurança, da força da correnteza. Ele olhou para baixo, para onde a água estava batendo contra a barriga de Puxão e podia ver a água se acumulando contra suas pernas rio acima. Puxão bufou quando Will o empurrou para frente. Ele pisou com cuidado, sentindo o fundo irregular, varrido em uma série de cristas e canais pela água que corria rapidamente. Dentro de alguns passos, a água estava até seus ombros, bem acima da profundidade indicada de um metro. E a cada passo, ele subia mais alto.
E a outra margem ainda estava a pelo menos cento e quarenta metros de distância.
“Nós nunca faremos isso,” Will disse amargamente.
Eu poderia fazer isso. Mesmo se eu tiver que nadar. Pára-choque também.
“Não com o carrinho,” Will disse. “E não podemos deixar isso para trás.”
As orelhas de Puxão se contraíram e ele balançou sua crina. Ele não tinha pensado nisso.
Desconfiado da corrente feroz batendo em seu cavalo, Will cuidadosamente o virou e cavalgou de volta para fora do rio. Em terra firme mais uma vez, Puxão fez uma pausa para se sacudir, enviando um leque brilhante de spray prateado em todas as direções. Will voltou na sela para estudar o rio. Claro, a água baixaria em um ou dois dias e o vau estaria transitável novamente. Mas isso deixava a ponte mais adiante. As chances eram de que, com uma enchente tão violenta como essa, ela pudesse ter sido varrida, e isso não poderia ser corrigido em um ou dois dias.
“Nós vamos ter que pegar a estrada da montanha,” Will disse, e ele apressou Puxão em um galope de volta para o acampamento. Ciente de que a trilha da montanha levaria muito mais tempo para percorrer, ele ficou tentado a fazer o cavalinho galopar. Mas ele desistiu. Isso o pouparia apenas cinco ou dez minutos, no máximo.
E Puxão precisaria de toda a sua força para a trilha da montanha.

• • •

A pista foi um pesadelo. Com bom tempo, teria sido difícil. Mas, depois da chuva forte, era uma massa de lama escorregadia, íngreme e instável que serpenteava pela encosta das montanhas.
Will e Maddie desmontaram da carroça e se revezaram conduzindo os cavalos enquanto eles lutavam pela trilha, puxando a carroça atrás deles. Sua prática usual era deixar cada cavalo puxar a carroça por uma hora, trocando-os ao final desse tempo. Agora Will reduziu isso para meia hora, mantendo um olhar atento sobre os pequenos animais dispostos enquanto lutavam para subir na lama pegajosa e irregular.
No final de cada turno de meia hora, ele elogiava e dava tapinhas nos cavalos enquanto os desatrelava. Eles eram animais incríveis, ele pensou, dispostos a dar tudo por seus mestres, nunca recuando ou recusando ou desistindo da tarefa em mãos. Eles simplesmente baixaram as cabeças peludas, se prepararam e se lançaram contra o arnês enquanto arrastavam a carroça pelo caminho sinuoso e íngreme.
Às vezes, a pista era tão íngreme e escorregadia que Will e Maddie tinham que dar uma mão, colocando os ombros contra as rodas traseiras, ou a bandeja traseira da carroça, e levantando e empurrando enquanto o cavalo que estava no arreio puxava. Em uma ocasião, quando o pára-choque foi amarrado, eles até tiveram que amarrar Puxão ao carrinho para compra extra. Tal era o treinamento e dedicação dos cavalos Ranger que Puxão não precisava de incentivo ou condução. Sentindo o que precisava ser feito, ele acrescentou sua considerável força à tarefa.
Finalmente, depois de horas puxando, levantando e empurrando, cobertos de lama e ofegando pesadamente, eles alcançaram o topo.
A montanha aqui se alargou em um grande planalto, onde a descida foi mais gradual. A trilha os conduziu através do planalto, dobrando para o norte, depois para o nordeste, enquanto descia

lentamente por etapas suaves até a planície abaixo. Eles podiam ver o rio curvando-se abaixo deles, e em um ponto Maddie puxou a manga de Will e apontou.
Seguindo a direção que ela indicou, ele pôde ver os destroços da ponte.
“Mesmo se tivéssemos atravessado o vau, nunca teríamos feito isso”, disse ela.
Will grunhiu em resposta. Sua preocupação de que a ponte pudesse ter sido destruída se provou correta. Isso foi algum consolo, embora a trilha da montanha tivesse adicionado quilômetros à distância que eles teriam que viajar.
No meio do caminho para a planície, ele viu fumaça subindo de um bosque. Ele verificou o mapa mais uma vez e apontou para Maddie.
“Há uma aldeia lá, chamada Entente”, disse ele. “O mapa diz que há uma pousada. Podemos parar e limpar um pouco e dar uma folga aos cavalos. ”
"Isso soa agradável", disse Maddie, e ele olhou desconfiado para ela, se perguntando se ela tinha acabado de fazer um trocadilho ultrajante. Ela devolveu seu olhar com tal ar de inocência que ele tinha certeza que sim.
Respingados de lama e exaustos até os ossos, eles entraram na aldeia, uma coleção de cerca de vinte edifícios. Eram principalmente residências, embora houvesse a seleção usual de negócios comerciais: um moinho, um curtume e uma ferraria entre eles.
E lá estava a pousada. Era o maior edifício da aldeia e foi colocado na extremidade final quando eles entraram. Era o único edifício de dois andares, e tinha o espaço aberto usual com mesas e bancos sob um toldo fora da entrada principal, onde os clientes podiam relaxar, comer e beber com bom tempo.
Não que houvesse muito disso ultimamente, Will disse a si mesmo, notando a preponderância de poças profundas ao longo da superfície da estrada e no cascalho fino pisoteado que cobria o espaço aberto fora da pousada. Ele parou seu carrinho distinto do lado de fora da pousada. Um segundo depois, a porta se abriu e um homem apareceu, enxugando as mãos em um longo avental amarrado na cintura - o emblema padrão de um estalajadeiro.
“Boa tarde,” ele disse alegremente. “Sempre fico feliz em ver bardoiros passando. Você estava planejando nos entreter esta noite? "
Will fez uma careta. Ele estava cansado e enlameado e não tinha vontade de se apresentar depois de um dia difícil na estrada.
“Eu estava planejando mais um banho e uma cama macia”, disse ele. “Foi um dia difícil.”
O estalajadeiro acenou com a cabeça astutamente. Ele olhou de volta para a estrada que os trouxe aqui. "Subiu a montanha, não é?" ele perguntou.
“Isso nós fizemos. O vau do rio Cygnes está destruído. E a ponte também foi destruída. ”
“Isso aconteceria depois daquela tempestade na noite passada”, afirmou o estalajadeiro. Ele fez uma pausa, então continuou em um tom persuasivo. "Ainda assim, se você concordar em entreter os clientes esta noite, o banho quente e a cama macia seriam por conta da casa."
Will considerou a oferta por alguns segundos. Seu pescoço ainda estava rígido depois de dormir no interior apertado do carrinho na noite anterior. A tentação de se esticar em uma cama de verdade e o luxo de um banho quente eram fortes demais para resistir.
“Você quase me convenceu”, disse ele. “Se houvesse um bule de café bom incluído?” Ele deixou a frase pendurada e o estalajadeiro sorriu.
"Claro. Você pode deixar seu vagão lá. Isso permitirá que as pessoas saibam que você está na cidade. ” Ele indicou um beco lateral. “Há um estábulo atrás da pousada. Você pode colocar seus cavalos lá. Vou pedir a uma das meninas que comece a esquentar a água do banho. O balneário também fica nos fundos. ”
Will desceu com cansaço e começou a desatrelar Bumper, cuja virada era entre as hastes.
"Vou tomar o primeiro banho", disse ele a Maddie.
“Não esperava menos”, respondeu ela, sorrindo.

26

O banho fumegante, seguido por trinta minutos de sono de verdade em uma cama adequada, fez maravilhas para a sensação de bem-estar de Will. Restava apenas uma vaga lembrança de seu pescoço rígido enquanto ele lavava as roupas sujas de lama, passava-as por um amassado e depois as espalhava no pátio do estábulo para secar.

Ele e Maddie jantaram cedo - um guisado de vegetais perfumado com pão fresco e crocante e uma jarra de excelente café adoçado, como era seu hábito, com mel. O estalajadeiro os olhou com curiosidade enquanto eles mexiam o mel no café.

“Não posso dizer que já vi isso feito antes”, disse ele.

Will apontou para a cafeteira e o pote de mel. “Experimente,” ele disse e o estalajadeiro obedeceu. Seu rosto se iluminou com um sorriso satisfeito enquanto provava a fragrante e doce bebida e ele rapidamente tomou outro gole.

"Excelente!" ele disse. “Vou recomendar isso aos meus clientes de agora em diante.”

“E cobrando pelo mel, eu imagino,” Will disse.

O homem sorriu. "Claro. Você já esteve no ramo de estalajadeiro, então? "

Will balançou a cabeça. "Não. Apenas muitas pousadas. Nunca conheci um estalajadeiro que não soubesse como arrancar algumas moedas extras de seus clientes. ”

Ele disse isso em um tom alegre e o estalajadeiro não se ofendeu. Em vez disso, ele viu isso como uma espécie de elogio. Ele ofereceu sua mão. “Meu nome é Michel du Mont, aliás.”

Atraídos pelo carrinho estacionado em frente à taverna, os clientes começaram a chegar e a preencher as mesas. Enquanto pediam comida e bebida, enviando as duas garçonetes correndo de um lado para o outro da cozinha para a taberna, Michel viu a cena movimentada com um sorriso.

“Um bom negócio para o início da semana”, disse ele, então interrompeu Giselle, a mais bonita das duas garçonetes, que passou apressada com uma jarra de café para uma das mesas. “Não se esqueça de servir um pote de mel com isso”, disse ele. Ele já havia contado às meninas sobre a inovação de Will e Maddie.

Will esperou até que a maior parte da multidão terminasse de comer, então tirou a caixa da mandola e fez alguns ajustes na afinação. Um zumbido de expectativa percorreu a sala e ele fingiu não notar que todos os olhos estavam sobre ele. Terminada a afinação, ele começou a guardar a mandola. Um pequeno grito de protesto veio do meio da multidão e ele se virou, fingindo estar surpreso ao ver a sala cheia de pessoas olhando para ele.

“Oh,” ele sorriu. “Você queria ouvir uma música?”

Houve um coro de assentimento vindo da sala e algumas palmas. Ele pendurou a mandola no ombro e lançou-se em uma versão alegre e alegre de "Sunshine Lady". Era uma de suas favoritas, uma canção folclórica popular sobre uma garota ruiva com raios de sol nos cabelos e felicidade nos olhos. Poucos públicos resistiram em participar e este não foi exceção. A sala ecoou ao som de ansiosas, embora ocasionalmente desafinadas, vozes cantando enquanto várias dezenas de pares de mãos batiam palmas no tempo.

Em aldeias remotas e sonolentas como esta, era relativamente fácil para um bom bardo - e Will era definitivamente um bom - envolver e entusiasmar o público. Suas vidas eram uma sequência repetitiva de trabalho, alimentação, sono e trabalho novamente. O trabalho era árduo e havia pouco para distraí-los à medida que os dias e meses passavam e as estações se desenrolavam em uma seqüência previsível e inevitável.

Somado a isso, havia um certo glamour em Will e Maddie serem estrangeiros, e Will salgou sua performance com contos de eventos e desventuras em locais exóticos. Nem todas elas eram estritamente verdadeiras, é claro. Mas todos eles eram muito divertidos.

Quando Will se aproximou do fim de seu conjunto de canções, Maddie pegou o grande saco entre as mesas e o estendeu enquanto moedas tilintavam nele. Em poucos minutos, ele havia ficado agradavelmente pesado. Satisfeita por não ter perdido ninguém, correu para fora e depositou as moedas na caixa-forte trancada na parte de trás do carrinho, prendendo o cadeado pesado de volta no lugar assim que o fez. Havia muito dinheiro lá agora, ela percebeu com alguma satisfação.
Dentro da taverna, Will já estava anunciando seu ato, cobrando-a esta noite como a Senhora das Lâminas Cintilantes do Perigo. Ela se perguntou preguiçosamente quando ele ficaria sem formas hiperbólicas de descrevê-la para o público. Quando dois dos trabalhadores do estábulo levantaram a roda-alvo do carrinho e a posicionaram, e a plateia começou a sair da taverna para as mesas e cadeiras na praça do lado de fora, ela pegou suas facas e começou a representar.
Correu tudo bem, muito bem mesmo. Para sua surpresa e gratificação, ela finalmente convenceu um membro da platéia a ser amarrado ao alvo - a roda de mil mortes, como Will a descreveu esta noite. A pessoa em questão era o ferreiro da aldeia, um jovem robusto chamado Simon, que estava de olho em Giselle, a criada, e estava ansioso para impressioná-la com sua coragem e bravata.
A bravata diminuiu um pouco quando a roda começou a girar e ele viu Maddie se preparando para lançar a primeira faca.
Quando bateu na madeira ao lado de sua cabeça, ele soltou um *eek* assustado *!*
Era um som tão improvável vindo de um sujeito tão grande e musculoso que a platéia explodiu em gargalhadas, que se tornaram mais contagiosas à medida que cada faca sucessiva era saudada pelo mesmo grito agudo de medo.
Isso fez um clímax excelente para o ato de Maddie. Ela quase desejou poder oferecer a Simon um emprego permanente viajando com eles como seu alvo. Quando a roda parou, ela saltou para frente para ajudar Will a desamarrar o ferreiro, beijando-o na bochecha quando ele desceu, com as pernas um pouco instáveis. Ela olhou ao redor em busca de Giselle e viu que a garota estava ignorando o jovem propositalmente, fazendo um grande esforço para não parecer impressionada - o que disse a Maddie que ela estava realmente muito impressionada. Enquanto as moedas choviam ao redor de Maddie, jogadas pelos clientes rindo, ela pegou a mão de Simon e a ergueu.
“Por favor, senhoras e senhores, mostrem sua generosidade por um jovem corajoso! Vamos dar algumas moedas para Simon! ”
Mas quando as moedas começaram a cair mais uma vez, uma voz do fundo da multidão interrompeu.
“E vamos pedir algumas moedas para os abutres negros!”
Um silêncio agourento caiu sobre a multidão enquanto o orador avançava para a luz. Ele era um homem de estatura e compleição média, com longos cabelos negros presos em uma mecha na parte de trás da cabeça. Ele tinha uma barba cheia e, acima dela, um nariz em forma de bico de falcão, encimado por olhos escuros, bem juntos. Uma cicatriz horizontal percorreu sua testa. Ele usava um gibão preto esfarrapado e leggings e uma capa preta curta que chegava à cintura.
E ele carregava uma besta carregada, descansando na dobra de seu braço.
O silêncio que caiu sobre a multidão foi substituído por um zumbido baixo de reconhecimento. Quando o homem avançou mais para a luz, Will percebeu o movimento em outros pontos ao redor da multidão. Mais sete homens, vestidos de forma semelhante e armados com uma variedade de clavas, machados e espadas curtas, saíram das sombras, de onde haviam assistido à apresentação.
O líder acenou para Simon, que ainda estava cambaleando incerto. Ele ainda não havia recuperado o equilíbrio do tempo que passou na roda-alvo giratória.
"Vocês! Comece a pegar essas moedas e traga-as para mim! ”
Mas Simon, ciente de que Giselle estava assistindo ao confronto, endireitou os ombros e rosnou em resposta.
“As chamas eu vou! Você pode-"
Ele não foi mais longe. O líder dos bandidos se aproximou dele e balançou a coronha da besta de forma que ela acertou a testa de Simon. O ferreiro cambaleou e caiu, batendo no cascalho com um baque pesado. Sua cabeça bateu no chão duro e ele ficou atordoado.
Maddie se abaixou involuntariamente. O forte impacto poderia muito bem ter acionado a besta, ela sabia, enviando a seta de aparência perversa sabe-se lá para onde. Enquanto ela recuperava a compostura, uma figura disparou pela praça e caiu de joelhos ao lado de Simon, embalando sua cabeça em seus braços. Foi Giselle. O sangue escorreu livremente pelo rosto do ferreiro de um corte profundo acima de seu olho. Ela o enxugou suavemente com o avental.
Com o olhar atraído pelo movimento involuntário de Maddie, o chefe bandido agora apontava para ela. "Vocês! Menina! Você me traga essas moedas! "

Maddie hesitou, pronta para desafiá-lo. Seu sangue estava alto e ela ficou irritada com o ataque cruel e inesperado ao jovem ferreiro. Mas Will tocou seu braço e disse baixinho: “Melhor fazer o que ele diz. Este não é o momento. ”
Ela respirou fundo, recuperando o controle de sua raiva, ao perceber que Will estava certo. Eles estavam desarmados, enfrentando um grupo de oito homens armados - homens que estavam obviamente prontos para usar suas armas sem aviso prévio. Não se podia contar com a ajuda dos aldeões. Eles foram intimidados pelos intrusos vestidos de preto. Ela não podia culpá-los. Eles eram agricultores. Eles também estavam desarmados e não estavam acostumados a lutar.
Ela tirou o saco de dinheiro de dentro do gibão e começou a se mover pelo espaço aberto da praça, recolhendo o dinheiro espalhado e jogando-o no saco. Ela passou pela soluçante Giselle. Simon estava começando a recuperar a consciência, gemendo baixinho e movendo a cabeça de um lado para o outro.
Mais moedas foram para o saco e ela se moveu para coletar outra pilha que havia rolado mais longe do que o resto. Movendo-se casualmente, curvou-se para recuperar as moedas, ela se aproximou da roda-alvo, onde suas cinco facas estavam enterradas de ponta a ponta na madeira macia. Ela evitou cuidadosamente olhar para o volante enquanto se aproximava cada vez mais.
"Não é mais um passo." A voz áspera a parou no meio do caminho. A roda-alvo estava a apenas dois metros de distância e ela olhou para cima para ver que o líder da gangue tinha a besta apontada diretamente para ela, segurada na altura da cintura.
"Afaste-se disso", ordenou o homem, jogando a besta para o lado para enfatizar a ordem. Relutantemente, ela se afastou da roda-alvo, ficando meio agachada. “Agora mova-se entre as mesas para mais doações”, disse ele, sorrindo ironicamente. Então ele se dirigiu às pessoas nas mesas enquanto Maddie se aproximava delas. "E eu os aconselho a serem generosos, senhoras e senhores."
Michel, o publicano, deu um passo à frente agora para implorar em nome de seus clientes. “Por favor, Vincent. Essas pessoas não são ricas. Eles são agricultores pobres e já deram muito. ” Ele indicou o terreno, onde Maddie havia recolhido o dinheiro lançado pelo público.
"Vincent?" disse o bandido. "Então você sabe meu nome, não é?"
Michel encolheu os ombros e baixou os olhos. “Todo mundo conhece o líder dos abutres-negros”, disse ele, esperando que uma forma insinuante pudesse acalmar o bandido e convencê-lo a mostrar um pouco de misericórdia. Mas o ardil, por mais transparente que fosse, não funcionou. Os olhos do bandido brilharam de raiva.
“Então você deveria saber que você me *chama de Monsieur* Vincent,” ele rosnou. Então ele sacudiu a cabeça para Maddie, que havia parado quando Michel interveio em nome dos aldeões. "Continue!" ele pediu, e ela estendeu o saco para a mesa de clientes mais próxima, sentindo-o estremecer quando as moedas tilintaram dentro dele.
Enquanto ela abria caminho entre as mesas, Vincent gritou mais um aviso. “Não se contenha. Estarei procurando alguns de vocês quando terminarmos e se eu descobrir que você escondeu alguma coisa, não vai dar certo para você. "
Finalmente, ela coletou a última das moedas dos aldeões. O saco agora continha um peso considerável em dinheiro. Ela o levou para Vincent e o deixou cair sobre a mesa ao lado dele, onde emitiu um tilintar agradável. Ele acenou com a cabeça e gesticulou em direção ao carrinho.
“Também vou pegar a caixa do carrinho”, disse ele.
O coração de Maddie afundou quando ela percebeu que ele devia estar olhando para ela há algum tempo, e a viu depositar os ganhos na caixa de dinheiro no início da noite.
"Por favor senhor!" Will deu um passo à frente, então parou abruptamente quando a besta balançou em direção a seu estômago. “Temos trabalhado e viajado a semana toda por esse dinheiro!”
Vincent sorriu cruelmente. “Então deve haver muito nele”, disse ele. Ele sacudiu a cabeça em direção ao carrinho e ordenou a Maddie. "Vai buscar."
"Senhor, eu imploro!" Will implorou. “Esse é todo o nosso dinheiro no mundo! Deixe-nos algo! ” Por baixo da súplica, ele não queria nada mais do que destruir o sorriso superior do rosto do bandido. Mas ele sabia que seria mais parecido com um bardo viajante se ele parecesse implorar.
“Suponho que você esteja certo. Eu não deveria levar tudo ”, disse Vincent. Com os olhos fixos no bardo suplicante, Vincent enfiou a mão no saco sobre a mesa. Trabalhando com o tato, ele selecionou a menor moeda que pôde encontrar e jogou-a no pó aos pés de Will.
“Agora pegue aquela caixa de dinheiro,” ele disse a Maddie.

27

“É minha culpa”, disse o estalajadeiro na manhã seguinte. “Eu deveria saber que eles estavam de volta à área.”
"Quem são eles?" Will perguntou, atrelando Puxão entre as hastes do carrinho enquanto se preparavam para seguir seu caminho.
“Eles se autodenominam Abutres-negros”, Michel disse a ele. “Eles têm caçado nas fazendas e aldeias desta área nos últimos dois anos. Eu pensei que eles tinham ido para o sul, ou eu teria avisado você para manter seu dinheiro escondido em algum lugar seguro. "
“Poderia ter usado um aviso,” disse Will, mas sem qualquer senso de recriminação. “Ele conseguiu todas as nossas economias - e nós trabalhamos duro para eles. Estaremos em um curto espaço de tempo agora. ”
Michel encolheu os ombros. “Eu ajudaria se pudesse”, disse ele. "Mas ele me limpou também."
Will olhou rapidamente para ele. Ele duvidou dessa última declaração. Os estalajadeiros eram especialistas em manter seus ganhos protegidos de bandidos saqueadores. Afinal, as pousadas eram o alvo principal. Vincent e seus capangas podem ter pego parte do dinheiro de Michel, mas Will tinha certeza de que havia muito mais escondido em algum lugar - provavelmente enterrado na floresta ou sob as lajes da casa de banho. Mesmo assim, não era responsabilidade de Michel recompensá-los.
Will bufou zombeteiramente agora enquanto pensava no nome da gangue. “Abutres-negros”, disse ele. “Por que esses bandidos esfarrapados sempre se dão nomes tão ferozes? Abutres-negros, matadores de urso. Por que eles não se chamam de Turtledoves ou Puddle Ducks? ”
Michel olhou para ele com curiosidade. “Quem são os Bearkillers?” ele perguntou.
Will encolheu os ombros com desdém. “Eles eram um bando de bandidos que encontramos em Araluen”, disse ele. Ele olhou para cima quando Maddie saiu da pousada, carregando sua bagagem. “Coloque isso no carrinho e iremos embora,” ele disse a ela.
Maddie balançou a cabeça e olhou para Michel. "Como está Simon esta manhã?" ela perguntou.
“Ele está com dor de cabeça”, Michel disse a ela. Então ele acrescentou, com um sorriso: "Mas Giselle está cuidando dele, então ele provavelmente acha que vale a pena".
“Dê a ele meus agradecimentos por sua ajuda na noite passada,” ela disse, e ele concordou.
Will terminou de afivelar o cinto em volta do corpo robusto de Puxão, puxou-o uma ou duas vezes para testar a tensão, então subiu no banco do motorista. O pára-choque estava amarrado à parte traseira do carrinho, embora fosse apenas para manter a aparência. Como um cavalo Ranger, ele iria seguir aonde quer que fossem sem a necessidade de rédea.
"Estaremos fora então", disse Will, enquanto Maddie subia ao lado dele. "Obrigado por sua hospitalidade."
Michel abriu as mãos em um gesto desamparado e infeliz. “Desculpe pela forma como as coisas aconteceram”, disse ele.
“Não é sua culpa,” Will disse a ele. Então, pensando melhor, ele disse: “A propósito, alguma ideia de onde esses bandidos possam estar? Eu não gostaria de topar com eles novamente. ”
Michel parou incerto, olhando para cima e para baixo na estrada que cortava a aldeia. “Se eles correrem de acordo com a forma, eles terão um acampamento em algum lugar da floresta. Mas eles ficarão longe da estrada principal. Você verá uma bifurcação na estrada a cerca de meio quilômetro da cidade. A bifurcação certa leva à floresta propriamente dita. Eu aposto que eles estarão em algum lugar lá. Mas seria sensato evitá-los, como você diz. ”
Will levantou a mão em agradecimento, então estalou a língua para Puxão. O pequeno cavalo inclinou-se para a frente e a carroça começou a andar a passos rápidos.

Eles ficaram sentados em silêncio por alguns minutos. Eles chegaram à bifurcação da estrada que Michel havia mencionado. Will fez Puxão parar. Ele amarrou as rédeas na alavanca do freio e desceu, gesticulando para que Maddie o seguisse.
“Vamos dar uma olhada”, disse ele. Ele estava curvado, seus olhos estudando a superfície da estrada, ainda suave após a chuva recente. Depois de alguns momentos, ele se ajoelhou e estudou a superfície da estrada mais de perto. Em uma mancha lamacenta onde uma poça havia secado recentemente, ele viu duas pegadas distintas. Eles foram claramente delineados, o que lhe disse que eram relativamente novos - eles não tiveram a chance de se deteriorar e perder a definição.
Maddie, a poucos metros de distância, também se ajoelhou. Ela estava olhando para um pedaço de solo úmido que se espalhava de um lado a outro da pista.
“Faixas aqui,” ela disse. Ela traçou as marcas na argila com um dedo indicador. “Pelo menos meia dúzia de homens. Eu diria que são nossos amigos, os abutres-negros. ”
“Isso é o que eu pensei,” Will disse, endireitando-se e olhando para a estrada estreita na direção que os trilhos estavam levando.
"Presumo que não planejamos evitar Vincent e seus comparsas?" Maddie disse, com um meio sorriso no rosto.
Will balançou a cabeça. Não houve nenhum sinal de diversão em sua expressão. Foi sombrio e determinado. “Nem um pouco,” ele disse a ela. “Eu não gosto de ser roubado. E não gosto de bandidos que atacam aldeões indefesos. ”
Ele segurou o arreio de Puxão e conduziu o cavalinho até uma pequena clareira a cinco metros da estrada. Ele desatrelou Puxão, em seguida, recuperou suas selas e freios do carrinho. Maddie se juntou a ele e eles rapidamente selaram os dois cavalos. Puxão e Pára-choque se sacudiram, satisfeitos com a perspectiva de se tornarem cavalos de sela novamente. Afinal, puxar um carrinho era um trabalho degradante.
Maddie sorriu para Bumper e esfregou seu nariz macio afetuosamente. "Feliz agora?" ela perguntou, e ele balançou sua crina para ela.
“Mudamos o tempo também”, disse Will. Eles trocaram suas roupas vistosas de bardo por seus uniformes de Ranger cinza, marrom e verde. Suas armas estavam em um compartimento escondido sob a bandeja do carrinho. Eles amarraram seus arcos, engancharam suas aljavas nos cintos e afivelaram as bainhas duplas. Maddie também tinha sua tipóia ferida frouxamente ao lado do cabo de sua faca Saxônica, e ela pegou uma pequena mas pesada sacola de tiro de camurça e a prendeu no cinto de facas oposto às duas facas.
Por fim, eles penduraram as capas manchadas de verde e cinza sobre os ombros e puxaram os capuzes, de modo que seus rostos ficaram em sombras profundas.
Em menos de cinco minutos, os bardoiros de cores vivas e vestidos extravagantemente se transformaram em duas figuras sombrias fortemente armadas, que se fundiram aos tons escuros do fundo da floresta.
“Eu sei exatamente como Bumper se sente,” Maddie disse, uma nota de satisfação em sua voz. Ser um bardo era muito bom, mas era bom estar de volta como um Arqueiro, ela pensou.

• • •

A trilha deixada pelos abutres-negros era fácil de seguir - principalmente para dois rastreadores habilidosos. A superfície da estrada era de argila fofa e areia, e a chuva recente havia deixado muita água nas poças. As botas dos oito bandidos haviam deixado impressões profundas e nítidas, principalmente porque os bandidos tendiam a andar na beira da estrada onde a maior parte da água se acumulava. Maddie questionou isso e Will explicou.
“Torna mais fácil para eles se protegerem na floresta se forem perseguidos. Ou se virem um viajante vindo em sua direção e decidirem emboscá-lo. ”
Em contraste, os dois Rangers cavalgaram pelo centro da estrada, onde a ligeira curvatura significava que a superfície estava mais seca, pois a chuva escorria para as bordas. Dessa forma, eles deixaram sinal mínimo de sua passagem. Era um hábito profundamente enraizado neles por anos de prática e experiência. Rangers, rastreadores experientes que eram, deixaram poucos sinais para que outros os rastreassem.
Da mesma forma, eles não cavalgaram lado a lado. Eles estavam perseguindo um inimigo perigoso e enquanto Will liderava o caminho, mantendo um olho nos rastros deixados pela gangue do Abutre Negro, Maddie ficou para trás trinta a quarenta metros, pronta para apoiar Will se houvesse qualquer sinal de ataque das árvores ao lado a estrada.
Eles estavam na estrada secundária por duas horas quando Will puxou as rédeas e gesticulou para Maddie alcançá-los. Ela cavalgou ao lado dele e parou quando ele apontou para uma trilha fraca que

levava para as árvores. Era quase imperceptível. A maioria das pessoas provavelmente o teria ignorado. Mas Will não era a maioria das pessoas. E ele viu que o amontoado de pegadas de botas que eles estavam seguindo não avançava mais na estrada.
"Eles deixaram a estrada aqui", disse ele em voz baixa. “Eu diria que estamos chegando perto do acampamento deles.”
Ele desmontou e seguiu a trilha estreita por entre as árvores por alguns metros. Então ele parou e apontou para o chão, onde uma pequena poça de água havia se formado em uma irregularidade no chão da floresta. Na beira da poça, havia uma marca nítida de uma bota. Ele acenou para Maddie se juntar a ele.
“Vamos deixar os cavalos aqui”, disse ele, “e seguir essa trilha. Mantenha seus olhos e ouvidos abertos. Vincent é um tipo superconfiante e aposto que não espera ser seguido. Portanto, eles não vão percorrer grandes distâncias da estrada antes de montarem acampamento. ”
Maddie concordou. Ela olhou ao redor para as árvores próximas ao redor deles. Não havia muito espaço entre eles, o que tornaria difícil para ela usar a tipóia - sua arma preferida. Ela desenrolou o arco, escolheu uma flecha e encaixou-a na corda. Will fez o mesmo.
“Salto de sapo de cinco metros”, disse ele. "Eu vou primeiro."
Novamente ela sinalizou sua compreensão. Era uma broca Ranger padrão para passar pela cobertura. Will foi primeiro, enquanto ela esperava, seu arco meio levantado, pronto para puxar, mirar e atirar se houvesse qualquer sinal de perigo. Então ele parou depois de cinco metros e preparou seu próprio arco enquanto Maddie deslizava para frente silenciosamente, passando por ele e avançando mais cinco metros antes de parar em sua vez. Assim que ela se acomodou, Will se moveu novamente, saltando sobre sua posição e avançando mais cinco metros para dentro da floresta.
E assim eles progrediram através do crescimento denso de árvores, quase invisíveis quando eles estavam se movendo, quase invisíveis quando eles pararam, enquanto suas capas se fundiam no fundo sombrio da floresta. Era o tipo de manobra que dera aos Arqueiros sua reputação de se tornarem invisíveis para outras pessoas, uma habilidade que eles haviam praticado repetidas vezes até que a aperfeiçoassem.
Na quarta vez que Will passou por ela como um fantasma, ele parou e se virou para olhar para ela. Quando ele viu que tinha a atenção dela, ele bateu um dedo no nariz, então deslizou para se cobrir atrás de uma árvore.
Maddie cheirou experimentalmente e sentiu o mais leve cheiro de fumaça de madeira. Houve um incêndio em algum lugar à frente. E nesta floresta úmida, isso não teria acontecido por acaso. Alguém o teria acendido de propósito.
Eles estavam se aproximando do acampamento dos Abutres.

28

Will se inclinou para trás e olhou através da alta cobertura de árvores, procurando por algum sinal do sol. A luz filtrou-se por entre as árvores e, a julgar pelo ângulo que tomou, era início de tarde.

"Vamos dar uma olhada em seu acampamento", disse ele suavemente, com a cabeça perto de Maddie. "Então voltaremos aqui e esperaremos a escuridão."

Depois de seu ataque bem-sucedido na noite anterior, era mais provável que os bandidos ficassem no acampamento esta noite. Não havia aldeias marcadas no mapa nesta direção, e se eles tivessem planejado atacar outra mais ao longo da estrada principal, dificilmente teriam percorrido todo o caminho pela trilha lateral.

Eles partiram novamente, mantendo o mesmo padrão de salto de sapo de cinco metros. Maddie estava na liderança quando ouviu o murmúrio baixo de vozes vindo à sua frente. Ela ergueu a mão de advertência e Will, em vez de contorná-la, deslizou para se cobrir ao lado dela. Ela colocou a mão atrás da orelha e ele puxou o capuz para trás e virou a cabeça ligeiramente.

Lá estava ele novamente. Um murmúrio baixo, então uma explosão aguda de riso. Parecia não estar a mais de vinte metros de distância. Will se inclinou na direção dela e sussurrou: “Fique aqui. Vou dar uma olhada."

Ela estava contente por ele fazer isso. Habilidosa como ela era em movimentos silenciosos e invisíveis, Will tinha o benefício de muitos mais anos de experiência. Ele deixou seu arco com ela e escorregou para longe da árvore que abrigava os dois, movendo-se de barriga em um rastejar rápido e silencioso como uma serpente. Maddie esperou, permanecendo abaixada, mantendo o rosto e os olhos baixos. Ela puxou o capuz para frente para que seu rosto ficasse na sombra. Jazendo inerte como estava, e escondida sob sua capa, ela não seria vista a menos que alguém a pisasse. Ela sorriu severamente com o pensamento. Isso já acontecera antes e mais de uma vez.

Demorou alguns minutos para que Will deslizasse de volta ao lado dela, seu movimento quase inaudível. Ele não falou, mas gesticulou com o polegar para que ela o seguisse, então começou a serpentear de volta por onde tinham vindo. Ela esperou meio minuto, então o seguiu.

Depois de mais ou menos vinte metros, Will se levantou e, agachado, continuou a caminhar como um fantasma por entre as árvores. Maddie seguiu seu exemplo até que ele parou, perto do ponto onde eles notaram pela primeira vez o cheiro de fumaça de madeira. Eles se ajoelharam no chão enquanto ele falava. Mesmo que eles estivessem fora do alcance da voz, Will manteve a voz baixa.

“São eles, certo. Eles têm um acampamento lá. O fogo é pequeno. Meu palpite é que é um fogo para cozinhar, mas eles vão acendê-lo quando escurecer. Eles parecem muito confiantes. Eles não colocaram nenhum guarda e não parecem preocupados que alguém tenha sentido o cheiro de sua fumaça de lenha. ”

"Provavelmente não está acostumado a ser seguido", disse Maddie.

Will concordou. “Suponho que seja isso. Há anos eles perseguem os aldeões e fazendeiros comuns. Duvido que alguém já tenha ido atrás deles. As pessoas simplesmente parecem pagar e encarar isso como parte do custo de vida. É o que mantém os bandidos no negócio. ”

"Eles estão todos aí?" Maddie perguntou.

"Sim. Todos os oito deles. Eles estão espalhados pelo acampamento. Eles roubaram um pouco de vinho da taverna ontem à noite e estão todos bebendo. Ele sorriu ferozmente. "Isso será útil para nós mais tarde." Ele se moveu para um lado, encontrou uma árvore conveniente e se recostou nela, puxando sua capa ao redor do corpo.

“Por enquanto, vou descansar um pouco. Você pode pegar o primeiro turno. Acorde-me em uma hora. ”

Ela sorriu para si mesma quando a cabeça dele caiu sobre o peito e ele começou a respirar profunda e uniformemente. Vincent e sua gangue podem não se incomodar em colocar um guarda. Mas esse não era o jeito do Ranger.

• • •

A escuridão caiu sobre a floresta. Depois que o sol se pôs abaixo do topo das árvores, as sombras se infiltraram rapidamente. Havia apenas vislumbres ocasionais das estrelas quando Maddie olhava para cima. Com Will liderando o caminho, eles se moveram silenciosamente por entre as árvores, de volta ao acampamento. Na escuridão, não havia necessidade de rastejar como uma serpente. Eles caminharam com cuidado, colocando os pés delicadamente e sentindo a cada passo por qualquer graveto ou galho caído que pudesse quebrar sob os pés e denunciar sua presença.

Não que houvesse muita chance disso, Maddie pensou com desdém, enquanto ouvia o barulho vindo do acampamento dos bandidos. Suas vozes eram altas e descuidadas, enquanto eles conversavam e gritavam uns com os outros. De vez em quando, eles se juntavam ao refrão de uma música estridente. Então o canto morria e eles riam alto.

Will chamou sua atenção depois de um refrão particularmente alto e fingiu beber de um copo. O significado era óbvio. O vinho que beberam durante a tarde estava surtindo efeito.

Eles também acenderam a pequena fogueira para cozinhar. Agora as chamas subiam alto entre as árvores e a luz bruxuleante era visível através dos troncos estreitos, mas próximos, por cerca de trinta metros.

Os dois Rangers se aproximaram, ainda sem fazer nenhum som e permanecendo nas sombras irregulares. Quando eles alcançaram a borda da pequena clareira onde o acampamento estava situado, Will fez uma contagem rápida das figuras esparramadas e sentadas ao redor do fogo. Ele se virou para Maddie e ergueu oito dedos. Toda a banda estava aqui. Ninguém estava de sentinela.

Will apontou para si mesmo, então fez um movimento semicircular com a mão, terminando apontando para o outro lado da clareira. Maddie sabia o que ele queria dizer, mesmo que eles não tivessem discutido isso antes de partir. Ele estava planejando contornar o acampamento e se aproximar do outro lado. Maddie ficaria onde estava e forneceria cobertura para ele se ele precisasse. E com oito homens armados no acampamento, ela pensou que sim.

Maddie avaliou sua posição. Ela estava na beira da clareira e, com a escuridão da floresta atrás dela, foi capaz de se mover para o campo aberto, o que lhe deu espaço para usar a funda. Ela pendurou o arco no ombro esquerdo e carregou um tiro de chumbo na bolsa da tipoia, deixando as tiras de couro penduradas em sua mão.

Ela acenou com a cabeça uma vez para que Will soubesse que ela estava pronta e ele partiu, deslizando por entre as árvores como um fantasma. Mesmo que ela estivesse olhando para ele enquanto ele partia, ela logo achou difícil vê-lo. Então ela percebeu que deveria estar observando o grupo barulhento e bêbado ao redor do fogo, certificando-se de que nenhum deles tivesse notado Will se movendo por entre as árvores.

Não que haja alguma chance disso, ela sorriu para si mesma. Quando ela lançou um rápido olhar na direção que ele tinha tomado, ela não podia ver nenhum sinal de movimento.

Ela voltou sua atenção para a gangue de bandidos, deixando seus olhos vagarem sobre eles, tomando cuidado para não olhar diretamente para o clarão do fogo, e se certificando de que nenhum deles estava prestes a soar o alarme ou pegar uma arma. Vincent estava esparramado no chão macio em frente a onde ela estava escondida entre as árvores. Ele estava encostado em um tronco de árvore caído. Ela notou que sua besta estava perto, já engatilhada e com uma seta colocada no lugar. Ela fungou ironicamente.

Seu barbante não vai durar muito se você o deixar armado e carregado o tempo todo , ela disse mentalmente ao chefe ladrão.

Não que Vincent parecesse ter qualquer preocupação nessa área. Ele se içou contra o tronco de modo que ficasse sentado ereto e pegou uma garrafa de vinho pela metade que estava na grama perto de seu cotovelo. Ele o ergueu agora em um brinde simulado.

“Um brinde ao nosso bom amigo Michel!” ele disse, e os Abutres responderam com uma alegria irônica. "Tão gentil da parte dele insistir em nos dar todas essas garrafas de seu melhor vinho."

O grupo de bêbados riu de suas palavras. Vários deles tinham suas próprias garrafas e agora os alcançaram para se juntar a ele em seu brinde sarcástico. Ele ergueu a garrafa antes de beber.

A flecha de Will quebrou através dele, despejando vinho e fragmentos de vidro no chefe bandido bêbado, antes de bater, estremecer, em uma tora deitada perto do fogo.

Vincent soltou um grito de medo, seguido rapidamente por um rosnado furioso quando viu a flecha e sua mente nebulosa descobriu o que tinha acontecido. Ele girou desajeitadamente, estendendo a

mão para a besta.
"Não toque nisso."
A voz de Will estava baixa, mas se propagou claramente pelo espaço aberto do acampamento. Vincent, sua visão noturna cega pelo fato de que ele estivera olhando para o centro do fogo durante a última hora ou mais, apertou os olhos e mudou a cabeça de um lado para o outro enquanto tentava descobrir quem havia falado. Quem quer que fosse, ele raciocinou, estava armado. Além disso, o intruso estava em vantagem, pois podia ver Vincent claramente, enquanto o ladrão não podia vê-lo. Sua mão parou de se mover em direção à besta e ele caiu de joelhos, ainda olhando para as sombras.
Os outros sete bandidos ficaram em silêncio e congelados no lugar também. Então Will saiu para a clareira, na orla do círculo de luz do fogo. Ele apareceu para a visão turva e bêbada de Vincent como uma figura espectral indistinta. Seu rosto estava escondido nas sombras de seu capuz e a capa, com seu padrão irregular e cores da floresta, fez com que ele se fundisse com o fundo na luz bruxuleante do fogo, de modo que em um momento ele estava visível e no próximo, ele parecia desaparecer .
Vincent sentiu seus músculos congelarem de medo. Para sua mente supersticiosa, a figura indistinta parecia ser algum espírito da floresta - de outro mundo e sobrenatural. O chefe bandido abriu a boca para falar, mas sua garganta estava seca e nenhuma palavra saiu. A única coisa distinta sobre a figura fantasmagórica à sua frente era o enorme arco longo e a ogiva de ferro mortal que capturou a luz do fogo e brilhou maldosamente.
"Quem é Você?" ele resmungou, finalmente encontrando sua voz. A figura não se moveu nem respondeu. Vincent tentou novamente. "O que você quer?"
Desta vez, ele teve mais sucesso. Aquela voz calma e tranquila respondeu.
“Quero que devolva o dinheiro que roubou ontem à noite. Você escolheu a vila errada para roubar. ”
Houve um rosnado de raiva dos outros bandidos e Vincent apoiou-se em um joelho. Will escolheu a emoção mais forte do que o medo supersticioso do ladrão - sua ganância.
"Pague de volta? Por que devo pagar de volta? ” ele desafiou.
"Porque se você não fizer isso, as coisas vão mal para você."
A mente de Vincent estava trabalhando rápido, forçando-o a pensar racionalmente, apesar dos efeitos confusos de uma tarde passada bebendo. Até agora, a figura encapuzada havia ameaçado. E ele havia enfiado uma flecha na garrafa de vinho da qual Vincent estava bebendo. Mas ele não tinha feito mal a Vincent. Em seu lugar, Vincent já teria atirado nele, sem aviso prévio. Chegando à conclusão de que o estranho não queria atirar, ele agarrou a besta que estava no chão ao lado dele e se levantou, levando-a até o ombro.
E percebeu que havia cometido um erro.
Maddie chicoteou a tipóia para cima e para cima e o tiro de chumbo sibilou pelo ar através da clareira, acertando o crânio de Vincent atrás da orelha com um baque surdo.
Os olhos do bandido ficaram vidrados e ele soltou um pequeno gemido doentio. Então seus joelhos cederam e ele caiu no chão da floresta, atordoado. Um lento filete de sangue escorreu por sua nuca.
“Eu te avisei,” Will disse.

29

Dizia muito sobre o treinamento de Maddie, e sua inteligência, que ela continuasse a vasculhar o acampamento, procurando por qualquer sinal de rebelião ou perigo dos outros bandidos.
Nove em cada dez pessoas, naquela situação, teriam sua atenção voltada para Will e o líder bandido caído. Mas ela sabia que sua tarefa era proteger Will, para evitar qualquer tentativa de desafiá-lo. E com sete homens capazes de oferecer tal desafio, a tarefa era importante. Ela já havia carregado outro tiro em sua tipóia e a arma pendurada frouxamente ao lado dela, balançando suavemente para frente e para trás, pronta para ação instantânea.
Então, enquanto Vincent estava deitado de bruços e semiconsciente, gemendo baixinho no chão da floresta, ela manteve seu olhar se movendo rapidamente sobre as outras figuras espaçadas ao redor do acampamento.
O próprio Will, confiando nela para protegê-lo, tinha sua atenção fixada no líder bandido. À sua direita, do outro lado da clareira, um dos outros bandidos também estava armado com uma besta. Com o canto do olho, Will viu um lampejo de movimento quando o homem se levantou sobre um joelho e ergueu a besta. Maddie também viu. Ela percebeu que Will estava um segundo longe da morte e seu braço voltou, preparando-se para chicotear a tipoia e enviar seu projétil zumbindo através da clareira.
Mas Will foi rápido demais para ela. Antes que ela pudesse lançar o projétil, sua mão direita voou para sua bainha dupla e, em um movimento suave, ele puxou a faca de arremesso e a lançou girando pela clareira. A mão do bandido estava começando a apertar o gatilho quando a faca o atingiu no centro do peito. Ele deu um grunhido de dor estrangulado, então tudo ficou escuro para ele e ele caiu para o lado. Sua mão apertou convulsivamente a alavanca do gatilho. A besta foi lançada com um baque horrível e a seta disparou para cima. Maddie o ouviu ricocheteando nos troncos das árvores enquanto passava, até que finalmente se alojou na copa espessa de uma das árvores.
O resto da gangue ficou em silêncio por um momento, olhando para sua forma enrugada. Antes que eles pudessem agir, a voz de Will estalou como um chicote.
“Todos ficam exatamente onde estão. Quem se mexer, quem pegar uma arma, receberá o mesmo tratamento do meu companheiro. ” Ele acenou com a cabeça em direção a Maddie, que avançou mais alguns passos e agora estava longe das árvores. Seis pares de olhos agora se voltam em sua direção. Ela substituiu a funda pelo arco, por uma flecha pronta, já que era mais ameaçadora visualmente. Afinal, a tipoia parecia duas correias de couro penduradas em sua mão. O arco era uma arma que eles podiam reconhecer, e a ponta de ferro da ogiva da flecha brilhava à luz do fogo.
Como Vincent, os bandidos passaram a noite olhando para a luz brilhante da fogueira e sua visão noturna foi arruinada. Eles viram um borrão escuro de movimento quando Maddie treinou o arco para frente e para trás através deles.
"Talvez você possa demonstrar, Matthew", disse Will.
Eles haviam discutido esse engano no início da noite, antes de se aproximarem do acampamento.
“Precisamos subjugá-los rapidamente. E isso significa que eles têm que nos temer. Se eles perceberem que você é uma menina ”, disse Will,“ eles se sentirão um pouco menos ameaçados ”.
Maddie abriu a boca para protestar e ele ergueu a mão para impedi-la.
"Você sabe que é um absurdo, e eu também", disse ele. “Mas seus cérebros minúsculos foram condicionados a pensar assim, então não vamos correr o risco. Caso contrário, podemos ter que atirar em três ou quatro deles para fazer o ponto. ”
Ele fez uma pausa e olhou significativamente para ela. Ela assentiu. Era irritante, mas ela percebeu que ele estava certo. Homens como esses não teriam inteligência para creditar a uma garota a habilidade ou a coragem de enfrentá-los e derrotá-los. E Will estava certo. Se eles mostrassem

qualquer sinal de desafio, ele e Maddie provavelmente teriam que atirar em vários deles - um resultado que nenhum deles queria.
Mas agora ela tinha sido chamada para demonstrar sua precisão e velocidade, e a vida de Will não estava em perigo imediato. Ela atirou três vezes, em rápida sucessão.
O primeiro tiro acertou outra garrafa de vinho, equilibrada em um toco de árvore ao lado de um dos membros da gangue. Enquanto estilhaços de vinho e vidro explodiam em todas as direções, o homem recuou violentamente.
Antes que os bandidos assustados tivessem tempo de reagir, o segundo tiro de Maddie acertou a manga de um membro da gangue, prendendo seu braço direito no tronco em que estava encostado. A terceira flecha se enterrou na terra fofa entre os joelhos de um bandido que estava sentado com as pernas estendidas. Com um grito estridente de medo, ele arrastou-se para trás, afastando-se do eixo mortal, embora estivesse reagindo tarde demais.
Will riu severamente. “Tenha isso em mente. Qualquer pessoa que não fizer exatamente o que eu mando fará parte de uma nova demonstração. Mas da próxima vez, Matthew não vai querer apenas sentir sua falta. ”
Os bandidos lançaram olhares cautelosos e nervosos para a figura indistinta que acabara de atirar três flechas em rápida sucessão. Havia uma mensagem clara aqui. Eles estavam em total desvantagem, protegidos por um arqueiro de habilidade terrível, com suas próprias armas fora de alcance.
Estes não eram guerreiros. Eles eram valentões e ladrões, acostumados a atacar camponeses e aldeões simples e desarmados, atacando sem aviso, usando seus números e sua falta de compaixão para instilar medo em suas vítimas.
Agora eles foram confrontados por dois guerreiros habilidosos - guerreiros que não hesitariam em atirar se necessário. Não era uma situação com a qual estivessem familiarizados. E definitivamente não era um de que gostassem. Will fez uma pausa para deixar a mensagem penetrar - para deixá-los refletir sobre os possíveis resultados de qualquer sinal de desafio. Suas próximas palavras os trouxeram de volta à realidade.
“Começaremos com você com a camisa verde”, disse ele. "De pé. Agora!"
Ele cuspiu a última palavra violentamente enquanto o homem hesitava. Lentamente, o bandido se levantou, olhando cautelosamente ao redor, sem saber o que estava por vir. Ele não teve que esperar muito antes de descobrir.
“Tudo bem, tire. Tire suas roupas, até sua cueca. ”
Surpreso com a ordem, o bandido hesitou ainda mais. Will deu meio passo à frente e recuou na flecha encaixada em seu arco.
“Você tem três segundos,” ele disse.
O bandido respondeu rapidamente, tirando a camisa e as calças para ficar de pé, tremendo, apenas de camiseta e calça. Ele observou Will incerto, imaginando o que viria a seguir.
"E sua camiseta e botas", ordenou o Arqueiro, e o homem obedeceu, tirando o colete e pulando em um pé enquanto puxava uma bota, depois a outra, do chão. As meias que ele usava por baixo estavam sujas e esfarrapadas. Um dedão do pé saía de um grande buraco.
“Agora deite-se. Com o rosto para baixo no chão, mãos atrás das costas. "
O bandido obedeceu. Quando ele estava deitado naquela posição indefesa e vulnerável, Will encostou seu arco contra uma árvore e sacou sua faca saxônica. Dando um passo à frente e ajoelhando-se rapidamente ao lado do bandido, ele dirigiu a ponta saxônica - primeiro no solo macio, então rapidamente passou um par de algemas de couro em volta dos polegares do homem, puxando a tira forte para prendê-los. Tarde demais, o bandido tentou lutar contra as restrições. Mas eles estavam firmes e suas mãos estavam presas às costas.
Will recuperou sua faca saxônica e se levantou rapidamente, afastando-se do bandido agora indefeso. Ele gesticulou com a faca grande para outro membro da gangue.
"Vocês! Você com o boné vermelho. De pé e tire suas roupas. ”
O segundo bandido fez o que lhe foi dito, submetendo-se humildemente, depois deitando-se de bruços e permitindo que Will amarrasse suas mãos.
No espaço de dez minutos, Will tinha cinco do grupo despidos, amarrados e indefesos, deitados de bruços e tremendo de frio. Ele ordenou que o sexto homem se despisse, então acenou para que Vincent ainda estivesse deitado no chão, gemendo e chorando baixinho, sua inteligência ainda dispersa pelo impacto selvagem do tiro. O sangue vazou da ferida, ensopando o cabelo ao redor. Os ferimentos na cabeça geralmente sangravam profusamente, e aquele não era exceção.
“Faça um curativo nele,” Will ordenou. "Rasgue sua camisa para fazer isso."

O bandido enrolou tiras de sua camisa rasgada em volta da cabeça de Vincent, estancando o fluxo de sangue. Então ele ajudou seu líder a se sentar. Vincent estava começando a recuperar a consciência, mas ainda estava mal. Ele olhou ao redor da clareira, confuso e desnorteado, sua visão turva e sua cabeça latejando.
"O que aconteceu?" ele perguntou, sua voz grossa e indistinta. Ele franziu a testa enquanto olhava para seu companheiro. "É você, Pierre?" ele perguntou meio grogue.
Movendo-se rapidamente, Will algemou Pierre e depois Vincent.
Will puxou Vincent para uma posição sentada e, colocando a mão sob o queixo, o estudou cuidadosamente por vários segundos, certificando-se de que ele não estava brincando. Mas ele podia ver que os olhos de Vincent estavam arregalados e desfocados, e ele sabia que qualquer forma de desafio estava além dele. Então ele arrastou a ele e aos outros bandidos e os amarrou rapidamente com uma longa corda, passando-a ao redor da garganta de cada um. Ele passou a corda em torno de quatro árvores substanciais e amarrou-a com firmeza. Os abutres-negros estavam agora presos em um círculo solto em torno das árvores, as mãos presas atrás deles. Ele deu um aceno satisfeito enquanto olhava para eles. Eles ficariam assim por horas antes de conseguirem se libertar.
"Reúna suas roupas, botas e armas", disse ele a Maddie, e ajudou-a na tarefa. Então ele jogou a pilha de roupas, botas e suas facas, espadas, bestas e outras armas para o fogo no meio da clareira. Por alguns minutos, as chamas diminuíram e o fogo emitiu uma nuvem acre de fumaça. Então, quando ele empilhou mais galhos e toras, as chamas acenderam novamente. Ele adicionou seus cobertores e sacos de dormir ao fogo, depois mais lenha. Ele observou enquanto a besta, as hastes das lanças e os cabos do machado começaram a queimar, e a madeira e os cabos de couro de suas espadas queimaram. As lâminas ficaram vermelhas e começaram a distorcer, seu temperamento arruinado pelo calor intenso.
Will procurou no acampamento e encontrou um saco grande e pesado cheio de moedas. Ele o ergueu sobre um ombro.
"Parece o dinheiro que roubaram na noite passada." ele disse a Maddie. “E um pouco mais. Tenho certeza de que Michel e seus amigos ficarão felizes em tê-lo de volta. Vamos embora. ”
Quando ele e Maddie se afastaram do grupo patético de ex-bandidos, um deles gritou.
"Esperar! Você não está nos deixando assim? "
Will concordou. “Aparentemente, é isso que estamos fazendo”, disse ele. O bandido tentou implorar, mas o esforço foi dificultado pelo fato de suas mãos estarem presas às costas.
“Mas vamos congelar!”
Will olhou para o céu, onde as nuvens estavam mais uma vez se reunindo. “Essa é uma possibilidade,” ele disse alegremente. “Parece que há mais chuva a caminho.”
“Vamos morrer de fome”, gritou o bandido, tentando outra abordagem.
Will concordou. “Essa também é uma possibilidade distinta. Você deveria ter pensado nisso antes de iniciar uma carreira como caçador de vilas indefesas. ” Ele gesticulou para Maddie e liderou o caminho para a floresta, voltando para onde eles haviam deixado os cavalos. Os gritos de súplica do bandido diminuíram conforme eles se afastavam.
"Ele está certo, é claro", disse Maddie. "Eles podem morrer de fome."
“Uma perspectiva que não parte meu coração”, respondeu Will. “Mas eu duvido. Eles vão trabalhar de graça em algumas horas. Eles estarão desarmados e indefesos. Eles não vão incomodar os moradores novamente por algum tempo. ”
Maddie ficou em silêncio por alguns minutos. Então ela falou novamente. "Você não queria entregá-los às autoridades?"
Will encolheu os ombros. “Não sei quem são as autoridades. Provavelmente, é Lassigny e seus homens. Se eu levar meia dúzia de criminosos para ele, isso vai estragar nosso disfarce de bardo, não é? "
"Acho que sim", disse ela. Então ela fez uma pergunta final que a estava incomodando. “Esse negócio de tirar suas roupas e botas - eu sei que já fizemos isso antes e sei que os torna mais vulneráveis e menos ameaçadores. Mas quem pensou nisso em primeiro lugar? ”
Will sorriu. "Veja se você consegue adivinhar."
Ela parou por alguns segundos, então disse: "Halt?"
Ele acenou com a cabeça uma vez. "Certo na primeira vez."

30

Michel du Mont, o estalajadeiro da aldeia montanhosa de Entente, estava desconsoladamente varrendo o cascalho fino da praça em frente à sua estalagem. Vincent e seus abutres negros haviam lhe custado muito. Eles haviam roubado as receitas de uma semana da pousada, incluindo a quantia maior do que o normal que tinha ido para sua caixa na noite em que os dois bardo se apresentaram. Felizmente, eles não conseguiram colocar as mãos em suas principais economias, que estavam enterradas em um cofre de ferro no pátio do estábulo atrás da pousada. Mesmo assim, a perda foi séria.

Além disso, os bandidos haviam levado todo o dinheiro disponível dos clientes da pousada, o que significava que a vila ficaria com poucos dias úteis. E isso, por sua vez, significava que as pessoas não teriam dinheiro para gastar na pousada até que conseguissem repor seus fundos no próximo dia de mercado, que dali a duas semanas.

Ao todo, as coisas pareciam terríveis nos próximos dez dias ou mais, e Michel praguejou baixinho. Vincent e sua gangue haviam roubado a aldeia e a pousada antes disso. Mas esse era um assunto mais sério do que a maioria. A estalagem estava cheia e a maioria dos moradores perdera dinheiro na invasão.

O mesmo aconteceu com os bardoiros, ele pensou sombriamente. Mas ele não poderia estar muito preocupado com isso. Eles não eram habitantes locais. Eles não eram seus vizinhos ou amigos. E seu modo de vida, viajando sozinhos pelo campo e carregando quantias substanciais de dinheiro com eles, mais ou menos garantia que eles seriam alvos de ladrões de vez em quando.

Mesmo assim, eles eram um casal agradável e bons artistas, e ele sentia certa simpatia por eles. Foi particularmente má sorte que Vincent tivesse observado a garota guardando seus ganhos na caixa de dinheiro na parte de trás do carrinho. Eles não perderam apenas uma noite de pagamento, eles perderam tudo o que ganharam na semana anterior.

"Estalajadeiro!"

Ele se assustou com a voz, que veio de trás dele. Ele olhou rapidamente por cima do ombro e viu uma figura montada a apenas dez metros de distância. Michel, agora cauteloso com estranhos, mediu a distância até a porta da estalagem e o longo porrete que mantinha atrás da porta. Ele decidiu que era longe demais. O homem montado poderia montá-lo em poucos metros, se essa fosse sua intenção.

Ainda assim, Michel tinha algo quase tão bom em mãos. O ancinho de cascalho era longo e pesado e sua cabeça estava cravejada com uma linha de pregos grandes. Seria uma arma improvisada eficaz, embora desajeitada, se ele precisasse de uma. Ele se virou e encarou o estranho, segurando o ancinho pronto com as duas mãos, em um ângulo na parte superior do corpo.

O cavaleiro reconheceu claramente sua intenção.

“Você não vai precisar disso”, disse ele, apontando para o ancinho. "Eu não desejo nenhum mal a você."

Michel franziu a testa. Havia algo familiar sobre a figura, mas era difícil saber o quê. Ele estava vestindo uma capa estranha que rompia os contornos de seu corpo, de modo que Michel teve que olhar de perto para focar nele. E seu rosto estava escondido na sombra de seu capuz. Um enorme arco longo, amarrado e pronto para uso, repousava sobre suas coxas.

Sua voz era vagamente familiar, mas ele falava com um traço de sotaque - hiberniano, Michel percebeu.

“Acho que isso pertence a você e ao resto da sua aldeia”, disse o cavaleiro. Enquanto falava, ele desatrelou um saco pesado do punho da sela e jogou-o no pátio de cascalho varrido. O saco emitiu um pesado tilintar de moedas ao atingir o solo. Michel deu um passo à frente, um sorriso se

alargando em seu rosto ao perceber que a fortuna da aldeia, e a sua, acabava de ser restaurada. Então, impulsionado por seu senso inato de justiça, ele hesitou.
“Parte disso pertence a um par de bardoques que se apresentaram aqui duas noites atrás”, disse ele.
A figura encapuzada assentiu. “Já lhes demos a sua parte. Nós os vimos na estrada. ”
Michel acenou com a cabeça, começando a entender. Os bardoques devem ter encontrado esse guerreiro misterioso e seu bando - afinal, ele disse *que os vimos* - e contaram a história do roubo na pousada Entente. Então, por razões que ele mesmo conhece, o cavaleiro encapuzado decidiu se vingar da gangue do Abutre Negro. Michel não sabia por quê e não estava disposto a questionar os motivos do homem. Ele raciocinou que o guerreiro deve ter um bando considerável trabalhando para ele. Afinal, ele obviamente dominou os Abutres Negros.
Se Michel fosse um homem mais observador, poderia ter reconhecido o desgrenhado cavalo cinza que o estranho cavalgava como um dos dois cavalos que puxaram a carroça dos bardo. Mas ele não era um homem que dava muita atenção aos cavalos. Cavalos de carroça eram cavalos de carroça. Eles não eram bem tratados ou particularmente notáveis.
“Vou me despedir de você”, disse o cavaleiro, e voltou o cavalo pelo caminho de onde viera.
“Sim . . . ” disse Michel incerto. Ele olhou para o saco de moedas a seus pés. “E . . . Obrigado, quem quer que seja."
Mas o cavaleiro não respondeu. Ele bateu no cavalo com os calcanhares e saiu galopando pela estrada que levava ao Chateau des Falaises.

• • •

"Ele não te reconheceu?" Maddie disse quando Will se juntou a ela nas árvores nos arredores da vila.
Ele balançou sua cabeça. “Nenhuma razão para que ele devesse. Estou vestida de forma diferente e mudei minha voz. Eu adicionei um pouco de sotaque hiberniano a ele. E ele estava mais interessado no saco de moedas que eu dei a ele. ” Ele coçou o queixo pensativamente. “Você sabe, ele é um homem honesto - não algo que você geralmente encontra em estalajadeiros. Ele me disse que parte do dinheiro deveria ir para os dois bardoques que se apresentaram na pousada na noite anterior. Eu disse que já tínhamos cuidado deles. ”
"Então o que fazemos agora?" Maddie perguntou.
“Continuaremos para o Chateau des Falaises. É cerca de um dia de viagem daqui. Mas eu quero deixar o carrinho escondido na floresta ao longo do caminho. ”
Maddie olhou para ele com surpresa. "Mesmo? Por que isso?"
“Tenho pensado nisso e é hora de assumirmos uma postura mais discreta. Eu quero atrair menos atenção. Iremos para o castelo como um simples bardo e sua filha. Não faremos um show formal para Lassigny e sua corte. Jogaremos informalmente para o pessoal e a guarnição nas salas comuns. Isso significa que podemos ficar por um período mais longo. Se tocarmos para Lassigny no grande salão, seremos contratados por uma noite e depois teremos que seguir nosso caminho. Assim ninguém vai reparar se ficar quatro ou cinco dias. E você terá a chance de olhar em volta enquanto estou me apresentando. ”
"Procurar o quê?" Maddie perguntou, embora ela estivesse confiante de que sabia a resposta.
“Não o quê. Quem. Você pode explorar e ver onde eles estão segurando o filho de Philippe. ”

31

Eles continuaram na estrada que conduzia ao Chateau des Falaises. Por volta do meio do dia, eles encontraram uma clareira isolada a cerca de vinte metros da estrada. Will guiou cuidadosamente a carroça por entre as árvores até que ela estivesse no meio da clareira e bem escondida da estrada. Maddie desempacotou a grande rede que eles carregavam para esconder o carrinho. Estava enfeitado com tiras de tecido verdes e marrons e, quando estava solto sobre a carroça, ajudava a se misturar com o fundo da floresta.

Ela recuperou seus arcos do compartimento escondido sob a bandeja do carrinho. Os arcos e facas que eles usavam em suas bainhas duplas entravam em um longo tubo de couro - do tipo que os pescadores usam para proteger suas varas. Duas aljavas finas, cada uma segurando quinze flechas, também foram adicionadas.

Maddie indicou as facas. “Já temos facas”, disse ela. Cada um deles estava usando uma faca saxônica em uma bainha simples e também tinha uma faca de arremesso em um local escondido.

Will olhou para cima. “Não faz mal ter sobressalentes”, disse ele. "Nossas facas podem ser confiscadas quando entrarmos no castelo."

Enquanto Maddie armava a rede de camuflagem sobre o carrinho, Will começou a transformar a roupa de seu bardo. Ele selecionou a segunda melhor roupa e untou-a com sujeira e poeira da estrada. Em seguida, costurou vários remendos incomparáveis no gibão, para que parecesse velho e gasto. Maddie olhou para ele enquanto ele fazia isso.

"Para que é isso?" ela perguntou.

Ele fez uma pausa para morder um pedaço de linha de seu remendo mais recente. “Como disse, quero ser discreto. Com o carrinho, suas decorações e seu equipamento, parecemos artistas de primeira linha - o tipo que procuraria aparecer no salão do senhor do castelo. Assim, olhamos um pouco para baixo para Heel e Raggedy Andy - como se fôssemos ficar felizes em cantar para o nosso jantar nas salas comuns do castelo, sem incomodar o pessoal de qualidade. ”

Ele disse “qualidade” com um leve sorriso de escárnio. Ele acreditava que Lassigny era tudo menos isso.

Quando ele terminou, sua roupa inteligente e colorida de bardo se transformou em uma versão um tanto maçante, manchada e remendada de seu antigo eu.

Maddie vestia uma roupa simples também - um colete verde sobre legging marrom. Ela deixou sua capa de ranger amarrada atrás da sela e vestiu uma capa de lã cinza até a cintura.

Will olhou para ela com aprovação. “Exatamente”, disse ele. Então ele abriu os braços para exibir sua túnica manchada e remendada, as cores antes brilhantes agora embaçadas pela sujeira e um pouco de graxa do eixo da carroça. "Como estou?"

Maddie olhou para ele com desaprovação. “Como se eu não devesse ser vista viajando com você,” ela disse por fim.

Will pegou a caixa de dinheiro da parte de trás do carrinho e enterrou-a sob uma árvore com um garfo distinto a dois metros do chão. Em seguida, ele marcou o tronco com dois cortes paralelos de sua faca saxônica - fáceis de encontrar novamente, mas não tão visíveis a ponto de chamar a atenção de um observador casual.

“Seria uma pena se alguém tropeçasse no carrinho e decidisse roubá-lo”, disse ele. “Junto com todos os nossos ganhos até hoje.”

Então eles montaram e cavalgaram para fora da pequena clareira, continuando descendo a estrada da montanha até o castelo de Lassigny.

• • •

Chateau des Falaises foi nomeado devido aos penhascos íngremes que caíam abaixo dele em todos os lados - *falaise* sendo a palavra gaulesa para "penhasco". Ele foi criado em um afloramento rochoso que se eleva de um lago. Um passadiço elevado, com cerca de oito metros de altura e quarenta de comprimento, ligava-o às margens do lago. A passagem era íngreme e sem cerca. Começou com largura suficiente para oito ou nove pessoas andarem lado a lado. Mas conforme serpenteava em direção à entrada do castelo, estreitou consideravelmente. Quando chegou ao castelo, mal havia espaço para quatro pessoas ficarem lado a lado.

A situação para quem cruzava o passadiço era ainda mais precária pelo fato de as bordas não estarem lacradas e se desintegrarem em vários pontos, de modo que parecia que um gigante havia dado grandes mordidas na beira do caminho.

Na base dos penhascos, à esquerda da ponte, sua atenção foi atraída por um bando de gaivotas, gritando e girando no céu sobre uma pilha de lixo, obviamente despejada do castelo lá em cima.

Will fungou com desdém. “Eu imagino que fica bem forte no tempo quente”, disse ele.

O castelo em si era um projeto bastante normal. Depois da beleza graciosa dos castelos de La Lumiere e Araluen, era decepcionantemente simples. Mas tinha uma construção sólida e seria difícil de atacar, mesmo sem o caminho de abordagem estranho formado pela ponte.

Havia quatro torres principais, unidas por paredes de cortina que iam até a metade de cada uma, formando toda a estrutura um quadrado. As torres eram encimadas por torres que se projetavam além da largura da própria torre e eram cercadas por paredes com ameias para formar posições defensivas. O projeto permitiu que os defensores atirassem mísseis ou jogassem pedras e pedras nos atacantes agrupados ao redor da base das torres.

Uma enorme portaria, contendo o mecanismo de operação de uma pesada ponte levadiça de ferro, guardava a entrada do castelo. Foi equipado com uma plataforma de luta que fornecia espaço para mais defensores, dando-lhes um ponto de vista de onde eles poderiam lançar mísseis sobre os inimigos agrupados ao redor dos pesados portões.

Dentro da praça formada pelas torres e pela cortina erguia-se um quinto edifício. Mais larga e mais baixa do que as torres de canto, era uma estrutura atarracada e de construção sólida que ficava vários andares acima da parede cortina. Seu telhado era plano e a parede ao redor do telhado também tinha ameias, proporcionando mais uma linha defensiva.

Esta era a torre de menagem - o edifício central do castelo, onde o pessoal e a guarnição eram alojados e alimentados. Os níveis mais elevados seriam dedicados aos escritórios administrativos da hierarquia do castelo e apartamentos privados para o senhor do castelo e seus conselheiros e oficiais superiores. Era também o refúgio de último recurso no caso de as paredes externas serem rompidas e um inimigo conseguir entrar no castelo.

Um fluxo constante de tráfego movia-se pela passagem elevada até os portões do castelo. Cerca de metade eram pedestres, alguns empurrando carrinhos de mão, mas havia uma boa representação de pessoas a cavalo, e também carroças puxadas por cavalos e burros. Um fluxo misto de mercadorias entrou no castelo: carcaças de carne bovina e ovina, legumes, lenha, tonéis de cerveja e vinho. Algumas carroças estavam carregadas com gaiolas de madeira contendo patos e galinhas. Cada carroça ou viajante seria parado no portão, examinado e questionado e, em seguida, autorizado a passar pelo portão para o pátio.

Quando os carrinhos alcançaram o fim estreito do passadiço, eles se moveram com cuidado extra, os motoristas garantindo que as rodas ficassem bem longe das bordas em ruínas do caminho. Uma equipe de oito ou nove soldados, armados com espadas curtas e alabardas de cabo longo, conduzia o exame dos possíveis visitantes do castelo. Enquanto Will e Maddie observavam a procissão constante, eles não viram ninguém se afastando.

"Isso parece promissor", disse Maddie.

Will grunhiu. "Por enquanto, tudo bem."

Eles haviam puxado as rédeas em uma pequena colina com vista para o início da ponte. Agora eles incitavam seus cavalos a avançar e encontraram uma lacuna no fluxo de tráfego que se dirigia para o castelo.

Demorou algum tempo a percorrer o caminho, com as constantes interrupções do fluxo do trânsito provocadas pelo interrogatório e fiscalização de cada pessoa ou grupo que pretendia entrar no castelo. Finalmente, foi a vez deles. Um dos soldados fez sinal para que entrassem, deixando espaço para uma carroça cheia de carne recém-abatida para ser inspecionada do lado de fora do portão. Eles cortaram o interior escuro da casa do portão e saíram para a luz do sol novamente, onde o soldado fez sinal para que parassem. Ele olhou para a roupa suja de Will, notando o estojo de couro da mandola amarrado ao arco da sela.

"Jongleur, e você?" ele perguntou.

Will sorriu. "Sim senhor. Sou músico e esta é minha filha que está viajando comigo. ”
O soldado franziu a testa ao notar o sotaque de Will. "De onde?"
“Araluen, senhor. Estamos viajando neste país há um mês. ” Will havia abandonado o sotaque hiberniano que assumira para Michel na pousada.
"E o que você quer aqui?" perguntou o soldado. Ele estava apenas meio interessado. Era bastante óbvio o que o músico deprimido estaria procurando. Mas ele tinha que seguir em frente.
- Esperava comida e alojamento por alguns dias, senhor. Ficarei feliz em me apresentar para a equipe do castelo em troca. ”
“Por que não ficar na pousada da aldeia?” o soldado exigiu. A aldeia protegida pelo castelo ficava um quarto de quilômetro atrás ao longo da estrada. Will hesitou, parecendo envergonhado.
“É apenas uma pequena aldeia, senhor - não muitos para entreter. E a pousada é bastante . . . caro."
O soldado deu uma risada áspera. Ele conhecia a reputação parcimoniosa do estalajadeiro local. "Eu imagino que sim." Ele olhou para o longo tubo de couro, preso atrás da sela de Will. "O que há aí?" Ele demandou.
“Varas de pesca e molinetes, senhor,” Will disse a ele.
O soldado franziu a testa em um aviso. “Todos os peixes do lago e dos rios deste feudo são propriedade do Barão. Não há pesca para estranhos. ”
"Claro senhor." Will se curvou em reconhecimento. "Compreendo. Proibido pescar."
O soldado olhou para eles por alguns segundos, então encolheu os ombros. "Muito bem", disse ele. “Você terá que obter a aprovação do senescal. Seu escritório fica no terceiro andar do castelo. Deixe seus cavalos no posto de amarração lá. "
Ele indicou um poste desgastado colocado nas pedras do pátio, a poucos metros da entrada da fortaleza. Will curvou-se novamente e instou Puxão para frente.
“Venha, filha,” ele disse, e liderou o caminho para dentro do pátio do castelo.

• • •

O senescal - o cavaleiro responsável pela administração do castelo e seu estado-maior - questionou-os brevemente e deu permissão para que ocupassem dois dormitórios. Eram recessos protegidos por cortinas em torno das paredes do grande salão e das outras salas comuns do castelo. Os funcionários de nível inferior do castelo - criados, ajudantes de cozinha e faxineiros - dormiam lá, assim como visitantes casuais.
“Quatro policiais por dia”, disse ele rapidamente. “Isso lhe dará duas refeições por dia - um café da manhã frio e um jantar quente - e um espaço para dormir cada. Palha fresca a cada dois dias. Quanto tempo você planeja ficar? ”
"Talvez uma semana, senhor", disse Will.
O homem assentiu, olhando as roupas de Will. "Eu presumo que você estará se apresentando?"
"Sim senhor. Com sua permissão, ”Will disse a ele.
O senescal pensou por um momento. "Muito bem. Vou ganhar três moedas por dia. Isso é vinte e um, mas vamos arredondar para vinte. Se você decidir ficar mais tempo, venha me ver novamente. ”
Will pagou e recebeu em troca dois medalhões redondos de couro, com números gravados no couro.
“Oitenta e dois e oitenta e três. Eles são seus espaços de dormir, ”disse o senescal. “Seus cavalos podem ir para os estábulos. Eles estão na parede leste do pátio. Mas você mesmo cuidará deles. ”
"Sim senhor. Obrigado, senhor. ” Will se curvou várias vezes. Mas o senescal já havia perdido o interesse por eles. Ele os dispensou com um aceno brusco de sua mão enquanto puxava uma pilha de faturas em sua direção.

32

Eles conduziram os cavalos aos estábulos, que ficavam em um prédio de dois andares encostado na parede cortina do lado leste do pátio do castelo. O andar superior era claramente um celeiro de feno. Havia uma viga de içamento e uma polia fixadas em uma larga porta dupla, pela qual fardos de feno podiam ser levantados e armazenados. O andar térreo era um prédio comprido e mal iluminado, com baias para cavalos de cada lado. Pouco mais da metade deles estava ocupada e os dois recém-chegados foram recebidos por uma dúzia ou mais de narizes curiosos espiando por cima das portas da cabine enquanto entravam no prédio.

O estábulo os cumprimentou quando eles entraram. Ele era um homem de aparência carrancuda, magro como um ancinho e com um resfriado que o fazia farejar constantemente. Ele olhou para os dois recém-chegados e seus cavalos aparentemente inexpressivos.

"O que você quer?" ele exigiu, embora Maddie achasse a resposta bastante óbvia.

Will, no entanto, manteve um tom subserviente ao responder. Não havia necessidade de hostilizar o homem. Ele sabia por longa experiência que pessoas assim, com seu próprio domínio e senso de auto-importância, poderiam ser tiranos se não tratadas adequadamente.

"O senescal disse que poderíamos colocar nossos cavalos no estábulo aqui, senhor", disse ele.

“Ele fez agora? E suponho que ele espera que eu cuide deles para você, não é? " o homem desafiou.

Will abriu as mãos em um gesto apaziguador. "Não senhor. Ele disse que devemos cuidar deles nós mesmos. Estamos felizes em fazer isso. ”

“Então você deveria estar. Não tenho tempo para ficar perseguindo um par de chatos peludos como esses dois ”, disse o chefe do estábulo. Atrás de Maddie, Bumper ergueu a cabeça e bufou indignado. Ela o acalmou com um rápido toque de sua mão.

"Coloque-os em duas das baias lá atrás." O chefe dos estábulos acenou com a mão vaga para a fileira de baias desocupadas nos fundos da sala comprida e baixa.

“Eles podem dividir uma barraca,” Will disse a ele. “Eles são pequenos cavalos e estão acostumados com a companhia um do outro.”

“Que adorável para eles. Bem, essa é sua escolha, mas você ainda vai pagar por dois. Há água no cocho ali, feno e aveia para eles. Uma lata de aveia a cada três dias ”, acrescentou ele astutamente.

Will deu de ombros em reconhecimento.

“E isso vai ser seis cobres para a alimentação da semana”, disse o homem. Havia um tom desafiador em sua voz, como se estivesse esperando que Will disputasse o preço.

Will olhou para ele por um longo momento. Ele tinha certeza de que o custo da alimentação dos cavalos era coberto pela taxa que estava pagando ao senescal. Mas não adiantava discutir.

“Claro,” ele disse. Ele remexeu na bolsa do cinto em busca dos seis policiais e os entregou.

Perversamente, o ranzinza chefe do estábulo pareceu um pouco desapontado, como se esperasse uma discussão. Ele acenou com a mão em direção às baias, e eles conduziram os cavalos para o longo edifício.

Eles acomodaram os cavalos em uma baia, enchendo o depósito de ração com feno e o bebedouro com água doce. Will encostou a caixa do arco na parede nas sombras na parte de trás da baia. O puxão e o pára-choque impediriam que alguém olhasse mais de perto.

Então, carregando seus alforjes e suas capas e roupas de cama enroladas, Will e Maddie se dirigiram para o castelo. Maddie acenou um adeus para o chefe do estábulo, que estava consertando um arreio. Ele fez uma careta em resposta.

“Tipo amigável,” ela disse a Will quando eles emergiram para o sol da tarde no pátio.

Ele balançou sua cabeça. “Antes de partirmos, talvez eu demore um tempo para dar um tapa na orelha dele”, disse ele.

Maddie sorriu com o pensamento. “Eu pagaria seis policiais para você ver isso”, disse ela.

• • •

A sala comum no andar térreo da fortaleza era onde eles comeriam e dormiriam enquanto estivessem aqui. A vasta sala, posta com mesas e bancos, podia acomodar entre cinquenta e setenta pessoas - os membros menos importantes da equipe do castelo. Os espaços de dormir foram dispostos em nichos ao redor das paredes, cada um com espaço para um colchão de palha e ganchos colocados na parede para pendurar roupas e pertences. Uma plataforma de madeira na altura da cintura servia de cama. Estava coberto com um colchão de palha ralo e um travesseiro de linho áspero. Os espaços foram separados por cortinas da sala principal para fornecer um mínimo de privacidade para os ocupantes.

Eles encontraram seus espaços reservados e espalharam suas roupas de cama sobre os colchões de palha. Will estudou o seu e cheirou uma ou duas vezes.

“Parece limpo o suficiente,” ele comentou.

Eles esconderam seus saxofones sob a cama. Suas facas de arremesso estavam em bainhas escondidas - Will presa ao antebraço esquerdo e Maddie na parte de trás do colarinho.

Will balançou a cabeça quando ela escolheu aquele esconderijo. Anos atrás, ele quase morreu porque sua faca se agarrou enquanto tentava tirá-la de uma bainha de colarinho. Mas não existia um esconderijo ideal para uma faca - sempre havia a possibilidade de que uma lâmina escondida pudesse se prender ou prender na roupa se o dono tentasse puxá-la rápido demais.

Ele olhou ao redor da sala. Houve um zumbido baixo de conversa das outras pessoas sentadas ao redor das paredes. Havia cerca de vinte deles ao todo. O resto, sem dúvida, ainda estava de serviço no castelo. Eles chegariam quando o dia avançasse e a hora da refeição da noite se aproximasse.

“Vou brincar um pouco depois de comermos”, disse Will a Maddie. “Assim que eu tiver a atenção deles, você sai de fininho e verifica os andares mais altos da fortaleza. Precisamos saber onde Lassigny está prendendo o príncipe. ”

“Há algo específico que eu deva procurar?” Maddie perguntou.

“Procure por todos os quartos onde há guardas de plantão. Em qualquer lugar, eles parecem querer manter os estranhos intrometidos fora. "

"Você acha que ele estará na fortaleza?"

Ele balançou sua cabeça. "Provavelmente não. Mas podemos muito bem começar aqui. ”

Uns vinte minutos depois, o pessoal da cozinha do porão trouxe a refeição da noite. Eles colocaram meia dúzia de caldeirões grandes nas mesas, espaçando-os. Outros garçons trouxeram pilhas de tigelas e colheres de madeira. O número de pessoas esperando na sala dobrou à medida que a hora das refeições se aproximava. Will olhou para uma das janelas altas na parede, acima da fileira de espaços para dormir. Ainda era dia lá fora. Obviamente, o pessoal comeu mais cedo do que os cavaleiros e nobres no refeitório de Lassigny.

Ele e Maddie encontraram lugares em uma das mesas e ele colocou comida de uma das grandes panelas em duas tigelas de madeira. Ele mergulhou uma colher e provou com cautela. A refeição, um ensopado de cordeiro com vegetais, estava surpreendentemente boa, embora um pouco exagerada para o seu paladar.

“Pesado no alho,” ele murmurou. “Cozinha típica gaulesa.”

Maddie não tinha essas reservas e comeu rapidamente, mergulhando um pedaço partido de um pão longo no ensopado. Havia mais vegetais do que cordeiro, ela notou. Mas a comida era quente e bem temperada. O molho era rico e o pão leve e arejado - ao contrário dos pães chatos e pesados aos quais ela estava acostumada em Araluen. Ela terminou sua tigela em tempo rápido e olhou ao redor da sala. Vendo outros comensais servindo-se de porções adicionais, ela colocou mais do guisado em sua tigela e continuou comendo.

“Vá mais devagar,” Will a advertiu. "Você vai ter uma dor de barriga." Mas ela percebeu que ele também tinha uma segunda porção, então empurrou o banco para trás da mesa, um olhar satisfeito em seu rosto.

"Nada mal", disse ele, contente. "Nada mal mesmo."

Os garçons colocaram jarras de água, cerveja, vinho e café nas mesas. Will provou o vinho e fez uma careta. Não era do seu agrado. Em vez disso, serviu-se de uma xícara de café, olhando em volta, esperançoso, por uma tigela de mel. Mas não havia nenhum e ele deu de ombros, bebendo o café sem açúcar. Ele teria preferido adoçá-lo, mas era um bom café, de sabor rico e eminentemente bebível, pensou.

Aos poucos, os outros comensais terminaram suas refeições e os garçons retiraram as panelas e tigelas, deixando os jarros de café e vinho sobre as mesas. As pessoas sentadas às mesas se

dividiram em grupos menores, colocando seus banquinhos em círculos e se inclinando para frente enquanto conversavam em voz baixa.
Will se levantou e foi para o seu quarto, onde sua mandola estava em sua cama. Ele abriu o estojo de couro e removeu o instrumento, verificando sua afinação ao fazer isso. Maddie, que tinha ido com ele, notou várias das pessoas sentadas ao redor da sala olhando para ele com curiosidade.
"Você vai se apresentar?" ela perguntou.
Ele balançou sua cabeça. “Vou sentar em silêncio de um lado e fazer um pouco de música de fundo”, disse ele. “As pessoas nem sempre querem que suas conversas sejam interrompidas. Aqueles que querem ouvir em vez de falar podem se reunir ao meu redor. ”
Ele colocou a alça da mandola em volta dos ombros e se voltou para as mesas mais uma vez. "Você espera aqui", disse ele. "Assim que eu desviar um pouco a atenção de você, saia e veja se consegue descobrir onde eles estão prendendo o Príncipe Giles."
Maddie esperou em seu nicho de dormir, fingindo guardar suas roupas nos ganchos pendurados e prateleiras fornecidas. Will atravessou a sala, enganchando um banquinho com o pé, em seguida, carregando-o para um ponto contra a parede oposta.
Ele se sentou e começou a dedilhar alguns acordes. Houve uma breve pausa nas várias conversas ao redor da sala, enquanto as pessoas se viravam para olhar para ele. A maioria retomou suas conversas, mas alguns viraram seus banquinhos em sua direção quando ele começou a cantar baixinho. Depois da primeira música, meia dúzia moveu seus banquinhos em um pequeno semicírculo ao redor dele. Ele sorriu para eles e começou outra música.
Maddie olhou ao redor. Ninguém parecia estar prestando atenção nela. Silenciosamente, ela escapuliu ao longo da fileira de dormitórios e saiu pelas grandes portas duplas.

33

Do andar térreo, havia uma ampla escadaria central que conduzia aos níveis mais altos da torre de menagem. Maddie agarrou-se às paredes da grande sala, ficando fora de vista o mais longe possível. Uma vez que ela começasse a subir, ela estaria aberta a desafios. Ela não tinha desculpa para estar nesta parte do castelo, a não ser a curiosidade - e ela não achou que seria uma desculpa particularmente válida se ela fosse descoberta.

Felizmente, a luz do dia estava quase acabando e o interior do prédio estava mal iluminado. As janelas que havia eram pequenas e estreitas - janelas altas e largas não eram um bom projeto defensivo. Ainda assim, enquanto subia a escada larga, ela se sentiu terrivelmente exposta e visível. Ela ficou perto da balaustrada, suas botas de sola macia sussurrando na escada de madeira, e subiu como um fantasma. Sua pele se arrepiou enquanto ela imaginava dezenas de olhos invisíveis observando seu progresso.

O primeiro andar era o local do escritório e dos aposentos de Lassigny. A porta do escritório estava aberta e ela podia ver a mesa enorme, cheia de papéis e anotações. Não havia sinal do Barão ou de qualquer membro de sua equipe. Ela presumiu que ele estaria em seus aposentos, preparando-se para o jantar.

Ela contornou a escada. As largas escadas de madeira continuavam deste nível até o terceiro. Ela parou ao pé do segundo lance de escada, olhando para cima, expondo o mínimo possível de seu corpo para qualquer observador que pudesse estar olhando para baixo do terceiro andar. Não vendo nada, não ouvindo nada, ela subiu novamente, movendo-se mais rapidamente em sua ânsia de terminar com aquela posição exposta.

Ela parou no topo da escada e fez um balanço. Obviamente aquele era o refeitório do Barão e sua equipe sênior. Enquanto ela observava, os criados moviam-se entre as mesas compridas, preparando os lugares para a refeição noturna. Nenhum dos funcionários prestou atenção nela, se é que a notaram. Ela rapidamente continuou até o próximo andar.

Quando ela alcançou o topo da escada, o escritório do senescal, onde ela e Will haviam solicitado acomodação, estava bem à sua frente. A grande porta de bronze foi fechada e não houve nenhum som de movimento lá dentro. Ela olhou ao redor do terceiro andar. As outras três paredes eram revestidas com pesadas portas de madeira, todas fechadas. A luz era fornecida por uma linha de tochas colocadas em arandelas nas paredes. Ela rapidamente se moveu para um ponto entre dois, onde as sombras eram mais densas. Ela fez uma pausa, assistindo e ouvindo.

Não houve nenhum som, embora as batidas de seu coração parecessem ensurdecedoras para ela. Agachada nas sombras, ela estudou o layout deste andar.

A ampla escadaria central não avançava mais e ela procurou o acesso aos andares superiores.

Em dois dos cantos, a linha de portas de madeira pesadas foi quebrada por portas abertas mais estreitas. Dentro de um, ela podia ver as primeiras fileiras de degraus que conduziam para cima. Ela correu em direção à porta mais próxima e olhou para dentro.

Um lance de escadas espiralou em torno do interior do espaço estreito. Como sempre acontecia nos castelos, a espiral corria da esquerda para a direita. Isso significava que um atacante subindo as escadas teria que expor todo o seu corpo para usar a espada, enquanto um defensor destro precisaria expor apenas o braço direito. Maddie olhou para cima. A luz na escada era incerta. Não havia tochas colocadas na parede. Havia apenas a luz refletida do terceiro e quarto níveis para iluminar as escadas. Ela os montou rapidamente, seus ouvidos alertas para o som de alguém descendo. Se isso acontecesse, ela teria que se virar e descer correndo as escadas e encontrar um esconderijo no andar de baixo. Mas não houve som de ninguém se movendo e ela emergiu no quarto andar.

Era um espaço amplo e aberto, com janelas altas ao longo de duas paredes. As necessidades defensivas não eram tão importantes tão alto, ela sabia. Ela saiu para o espaço aberto e olhou ao

redor. As duas paredes sem janelas estavam alinhadas com prateleiras de armas e armaduras. Este andar era obviamente dedicado a uma sala de prática de armas e ao arsenal do castelo.
As janelas altas forneciam luz para as pessoas praticarem suas habilidades com as armas. Muitas das armas nas prateleiras eram armas de madeira, ela podia ver.
Ela voltou para a escada e continuou subindo.
Até agora, ela não tinha visto nada que sugerisse a presença de um prisioneiro sendo mantido em qualquer um dos quartos, e os próximos dois andares foram igualmente decepcionantes. Um corredor estreito percorria cada andar, perfurado por portas em ambos os lados. Aqueles do lado externo eram mais espaçados e ela imaginou que seriam apartamentos ou suítes para cavaleiros seniores e nobres na corte de Lassigny. As portas do lado interno do corredor eram mais espaçadas. Ela tentou um e a alça se moveu sob seu toque. Com o coração batendo forte, ela abriu uma fresta da porta e olhou ao redor com cautela.
Ela ouviu um farfalhar de movimento e congelou, pronta para correr para a escada. Então o silêncio foi quebrado por um som inconfundível - alguém estava roncando. Ela abriu mais a porta e olhou para dentro da sala.
Um jovem, meio vestido, estava deitado de costas em uma cama estreita situada em frente à porta. Seus olhos estavam fechados e seu peito subia e descia ritmicamente. Além da cama, o quarto continha uma mesa e uma cadeira e um armário. Um gibão com libré estava pendurado nas costas da cadeira.
Um escudeiro, ela adivinhou. O tamanho da sala e a pouca mobília pareciam confirmar a teoria. Com cuidado, ela fechou a porta, fazendo o mínimo de barulho possível. O ronco continuou, abafado agora com a porta fechada entre ela e o jovem. Ela estudou a porta mais próxima do lado externo do corredor. Ela se aproximou dele e encostou o ouvido nele. De dentro, ela podia ouvir o murmúrio fraco de vozes - masculinas e femininas. Isso parecia confirmar sua teoria de que estes eram apartamentos reservados para os cavaleiros seniores e suas famílias. Silenciosamente, ela desceu o corredor e ouviu na porta ao lado. Desta vez, ela não ouviu nada - nenhuma voz, nenhum som de movimento vindo de dentro. Ela experimentou a maçaneta da porta e ela se moveu facilmente, a trava se abriu com um clique suave.
A porta abriu para dentro e ela apoiou seu peso contra ela, segurando a maçaneta e abrindo a porta vários centímetros. Ela fez uma pausa. Seu coração estava batendo forte e seu pulso estava acelerado. Ela não teria desculpa se fosse descoberta agora. Respirando fundo, ela abriu a porta meio metro e olhou ao redor da borda, pronta para tomar seus calcanhares a qualquer momento.
Ela estava olhando para uma sala de estar bem mobiliada. O chão estava atapetado com vários tapetes. Duas poltronas ficavam de cada lado da lareira e um assento de madeira estava alinhado ao longo de uma parede. Uma mesa de jantar com quatro cadeiras de espaldar reto estava perto da janela. Várias portas levavam a outros quartos, confirmando seu palpite de que se tratava de um apartamento ou suíte. Enquanto ela olhava, ela ouviu uma porta bater no interior do apartamento e uma voz masculina falando. Rapidamente, ela fechou a porta mais uma vez e se dirigiu para as escadas.
O andar seguinte, quando ela emergiu, tinha um layout semelhante - quartos menores no lado interno do corredor e suítes maiores no lado externo, onde os habitantes desfrutariam de vistas do lago e da paisagem circundante. Era possível que o Príncipe Giles estivesse detido em um dos apartamentos, ela raciocinou. Mas não havia nenhum sinal de guardas postados em qualquer lugar, o que parece descartar essa ideia. Ela correu ao longo do corredor, parando em cada esquina para espiar e ter certeza de que ninguém estava olhando.
O corredor estava deserto e em poucos minutos ela estava de volta ao ponto de partida. A tensão era insuportável. Ela estava continuamente se preparando para dobrar cada esquina, esperando a cada momento dar de cara com alguém, pronta para correr por sua vida. Então, como não havia sinal de ninguém, ela percebeu que a adrenalina estava se esvaindo dela. Sua respiração irregular ficou mais relaxada. Ela fez uma pausa, respirou fundo várias vezes para se acalmar. Era hora de partir, ela pensou.
“Não há ninguém aqui,” ela disse a si mesma suavemente. "Apenas relaxe."
E enquanto ela dizia as palavras, a porta ao lado dela se abriu e uma figura corpulenta, vestida com libré verde e amarela, emergiu de um dos apartamentos e invadiu-a.
Houve um momento de confusão quando os dois se separaram. O homem proferiu um juramento surpreso, então olhou para ela com desconfiança.
"Quem é Você?" Ele demandou. "O que você está fazendo aqui?" Ele agarrou o braço dela com força.
“Trocando a roupa de cama”, ela respondeu imediatamente, e se virou para sair.

Mas o homem não ficou satisfeito. "Onde está o carrinho de linho?" ele perguntou asperamente.
Ela sabia que as camareiras teriam carrinhos cheios de linho limpo, com espaço embaixo para os lençóis e travesseiros usados que iriam substituir. Ela apontou para o corredor.
"Lá."
Quando ele virou a cabeça, ela tentou se desvencilhar de seu aperto. Pegando-o de surpresa, ela quase conseguiu. O braço dela escorregou da mão dele. Mas ele imediatamente a agarrou novamente, agarrando-a pelo pulso e puxando-a para si.
Ele estava esperando que ela se afastasse dele novamente. Em vez disso, ela de repente deu um passo em direção a ele. Pego de surpresa, ele instintivamente empurrou de volta contra ela. Quando ele o fez, ela agarrou um punhado de sua túnica, dobrou as pernas e empurrou o traseiro contra o corpo dele. Com seus corpos presos juntos, ela endireitou os joelhos, usando a força de suas pernas para levantá-lo do chão, e ergueu-o sobre seu quadril em um rodopio de braços e pernas.
Ele bateu no chão com um baque surdo. O fôlego foi expulso dele em um alto *uuf!*
Maddie correu.
Ela olhou para trás quando alcançou a escada. O cavaleiro estava cambaleando desajeitadamente em pé, apoiando-se contra a parede do corredor. Então ele cambaleou atrás dela, respirando pesadamente.
Ela voou descendo o primeiro lance de escadas, suas botas macias praticamente não fazendo barulho. Ela havia chegado ao andar de baixo quando ouviu suas botas pesadas nos degraus acima dela. Ela desceu no vôo seguinte dois de cada vez. Desta vez, quando ela alcançou o fundo, ela disparou para o corredor e partiu para a segunda escada em espiral, situada na próxima esquina da torre. Ela o alcançou e mergulhou no interior mal iluminado. Atrás dela, ela ouviu os passos pesados de seu perseguidor descendo do próximo andar. Ela fez uma pausa, ouvindo os passos passando pela entrada da escada e o homem continuando a descer. Então, imaginando que ele presumiria que essa seria a última coisa que ela faria, ela voltou a subir as escadas.
Desta vez, ela continuou até chegar ao último andar. Foi usado para armazenamento. Móveis antigos, armaduras, caixas de roupas e roupas de cama estavam empilhados no centro do chão. Em cada parede, uma porta dava para uma varanda, que proporcionava uma vista sobre a paisagem circundante. Ela presumiu que esse andar seria usado como vigia em tempos de guerra. Ela finalmente relaxou, deixando sua respiração se acalmar. Ela empurrou uma pilha de cortinas dobradas para o lado para fazer um esconderijo e se agachou atrás delas. Ela não achava que o cavaleiro continuaria a caçá-la uma vez que percebesse que ela havia escapado. Mas ela esperou por uma hora até que estivesse totalmente escuro, então desceu as escadas para a sala comunal.
Ao entrar, viu Will sentado de lado, conversando com vários dos ajudantes da cozinha. Sua mandola estava na mesa entre eles. Ele a viu entrar e olhou para ela, uma sobrancelha levantada em uma pergunta.
Ela balançou a cabeça e caminhou até seu dormitório. Ela caiu na cama, exausta pela tensão de seu encontro e perto da captura.
Cansada, ela fechou a cortina.

34

Atrás da torre de menagem, no canto noroeste do pátio, havia um jardim com terraço.
A intenção era fornecer uma área de recreação ao ar livre para os habitantes do castelo nos momentos em que os inimigos estivessem atacando e os portões do castelo fossem mantidos fechados. Afinal, Maddie pensou, o pessoal e a guarnição dificilmente poderiam passar todo o tempo fechados em seus quartos ou nos corredores públicos da fortaleza. Teria que haver algum senso de normalidade mantido em sua vida cotidiana.
O portão e a porta levadiça estavam abertos hoje, é claro. Não havia nenhum sinal de ameaça aparente para o castelo e o fluxo normal de tráfego fez o seu caminho através da ponte e para o pátio. Mas eles não chegaram nem perto do espaço agradável e gramado. As cozinhas e despensas localizavam-se no lado oposto do castelo e o acesso ao jardim era limitado aos residentes do castelo.
Will e Maddie estavam sentados em um dos bancos de pedra sob um caramanchão de árvores. Era o meio da tarde e Will estava tocando e cantando para um grupo pequeno, mas agradecido, no jardim. Agora ele havia colocado a mandola de lado e o público havia se afastado, alguns deles jogando moedas na caixa da mandola aberta na grama entre seus pés.
Ele esperou até que o último da platéia se afastasse, fora do alcance da voz.
Esta foi a primeira chance que ele e Maddie tiveram para discutir sua exploração na noite anterior. A sala comum tinha muitas pessoas e muitos esconderijos potenciais para bisbilhoteiros. Aqui, ao ar livre, eles podiam ver se alguém se aproximava demais.
"Você acha que ele iria reconhecê-lo novamente?" ele perguntou. Maddie já havia contado a ele sobre seu encontro no andar superior do castelo.
Ela balançou a cabeça. “Eu estava usando meu boné e meu cabelo enrolado embaixo dele. Duvido que ele soubesse que eu era uma menina. "
Will sorriu. - Mesmo que ele suspeitasse, seu orgulho viril dificilmente o deixaria admitir. Você parece ter jogado ele como um saco de aveia. Garotas não deveriam fazer isso. ”
“Vou ter isso em mente na próxima vez que o encontrar”, disse Maddie. “Não que eu o reconhecesse, também. Estava muito escuro naquele corredor. Embora eu reconheça seu uniforme, ”ela acrescentou como uma reflexão tardia.
“Provavelmente, ele não fez mais nada a respeito. Provavelmente pensei que você estava se esgueirando procurando algo para roubar. Ele pode ter relatado isso ao senescal, mas o que ele pode fazer sobre isso? Você se foi há muito tempo e nada foi roubado. Isso dificilmente vale a pena começar a chorar. ”
"Pelo menos sabemos que o príncipe não está no castelo", disse Maddie.
“Eu realmente não pensei que ele fosse,” Will respondeu. “Muito indo e vindo na fortaleza. Muitas pessoas ao redor. Ele provavelmente está em uma das torres - em um andar alto. Eu acho que Lassigny iria querer mantê-lo fora de vista o máximo possível.
- Por falar no diabo - disse Maddie em tom de advertência.
Will seguiu a direção de seu olhar. O barão Lassigny estava passeando pela área do jardim, acompanhado por seu senescal. Os dois homens estavam em uma conversa profunda, suas cabeças juntas, o que deu a Will e Maddie uma boa oportunidade de estudá-lo. Eles o tinham visto antes, mas apenas à distância e apenas fugazmente.
Ele era mais alto do que a média, o que significava que ele tinha que se abaixar para falar com o homem mais baixo ao lado dele. Ele era forte, com ombros largos. Parecia não haver excesso de gordura nele. Ele tinha aparência em forma e era musculoso. Seu cabelo era cortado rente - preto, mas com traços de cinza nas têmporas. Sua pele era oliva e ele não tinha barba. Olhos castanhos escuros, quase pretos, foram colocados sob sobrancelhas grossas. Eles fizeram Maddie pensar nos olhos de um falcão e, como um falcão, eles pareciam não piscar. O nariz era forte e as feições

regulares. Ao todo, o Barão era uma bela figura de homem. Ele usava uma túnica verde, adornada com o corpo de um falcão amarelo em forma plana - estilizado de forma que as asas formassem um coração. O falcão segurou uma lança curta em suas garras.
Enquanto caminhavam, os olhos do senescal pousaram em Will e Maddie sentados no banco de pedra. Ele disse algo ao Barão e apontou na direção deles. Aqueles olhos castanhos escuros treinaram neles e os estudaram de perto. Maddie se mexeu sem jeito. Ela tinha a sensação de que Lassigny podia ver além de seu exterior inocente e ler seus pensamentos.
Will pareceu sentir seu desconforto. “Relaxe,” ele disse suavemente enquanto os dois homens mudavam de direção e caminhavam pela grama em direção a eles. Enquanto eles se aproximavam, Will se levantou do banco, inclinando o cotovelo de Maddie para induzi-la a fazer o mesmo.
O barão Lassigny parou a poucos metros deles, com os pés separados e os punhos na cintura enquanto os olhava fixamente. Foi uma postura agressiva, dominante. Era a linguagem corporal de um homem que sabia que estava olhando para seus inferiores.
“Meu senhor,” disse Will, curvando sua cabeça.
"Você é o bardo", disse Lassigny. Sua voz era profunda e ressonante - cortesia daquele corpo corpulento e peito largo.
“Isso mesmo, meu senhor. Sou Will Accord, de Araluen. Esta é minha filha, Madelyn. ”
O olhar de falcão mudou brevemente para Maddie, que fez uma reverência. Ela manteve os olhos e o rosto abaixados para que Lassigny não visse a torção em seus lábios. Ela odiava fazer reverências. Foi humilhante e submisso. Se um homem simplesmente tinha que abaixar a cabeça, como Will fizera, por que uma mulher não deveria fazer o mesmo?
O olhar de Lassigny voltou para Will, que se endireitou agora em sua reverência. "Disseram que você é muito bom", disse o Barão.
Will sorriu de maneira insinuante. "Você é muito gentil, meu senhor."
Lassigny balançou a cabeça de repente. Todos os seus movimentos tendiam a ser repentinos e abruptos. “ *Eu* não disse isso”, disse ele. “Eu disse que me *disseram que* você é muito bom. Vou reservar minha opinião até ouvir você se apresentar. ”
Will não disse nada. Afinal, não havia nada a dizer. Ele inclinou a cabeça mais uma vez.
Lassigny voltou-se para o senescal. "Quando podemos ouvi-lo, Gaston?" ele perguntou, então respondeu sua própria pergunta. "Amanhã à noite?"
O senescal assentiu. - Você jantará com seus nobres e cavaleiros amanhã à noite, senhor. Essa seria uma boa oportunidade. ”
“Amanhã à noite, então, na hora nona,” Lassigny disse a Will. Ele se aproximou e acenou com uma mão depreciativa para a roupa suja de Will. “Tente se limpar. Você parece um mendigo, não um bardo. ”
“Sim, senhor,” Will disse, mantendo seu sorriso obsequioso com esforço.
O Barão bufou com desdém e se afastou, retomando sua conversa com o senescal como se Maddie e Will não existissem. Mais uma vez, Will fez uma reverência e Maddie fez uma reverência.
“Então, Gaston, vamos confiar naquele comerciante de vinhos. Ele está ganhando uma fortuna conosco. É hora de diminuir um pouco. ”
"Sim, meu senhor", respondeu o senescal, e eles saíram do alcance da voz. Os dois Rangers se endireitaram. Eles trocaram um olhar.
"Arrume-se", disse Maddie, em uma imitação justa do tom agressivo de Lassigny. Will revirou os olhos e eles voltaram a se sentar no banco.
“Pelo menos sabemos que a maioria de seus cavaleiros estarão jantando juntos amanhã,” Will disse. “Isso lhe dará a chance de dar uma olhada nas torres. É onde eu acho que ele está segurando Giles. ”
Maddie olhou ao redor para as quatro torres que formavam os cantos do castelo. Eles eram idênticos, cada um com uma pesada porta de madeira na base dando para o pátio. Eles subiram ao nível da parede de cortina sem nenhuma quebra em suas paredes, a não ser algumas fendas estreitas para permitir que os arqueiros ou besteiros atirassem para o interior. Acima do nível da plataforma de luta em torno do topo das paredes com ameias, havia aberturas maiores, denotando quartos ou suítes de quartos.
“Por onde eu começo?” Maddie disse. Uma torre era muito parecida com as outras.
Enquanto ela falava, eles ouviram a porta do castelo abrir e fechar com estrondo. Dois ajudantes de cozinha estavam cruzando o pátio de paralelepípedos, em direção à torre sudoeste. Eles carregavam uma bandeja coberta com um guardanapo e um grande frasco de cerâmica e várias taças de madeira. Enquanto Maddie e Will assistiam, eles pararam na porta pesada e bateram três vezes. Houve uma breve pausa, então a porta se abriu. Lá dentro, os dois observadores puderam ver

vários soldados armados. Os soldados checaram brevemente para ver quem estava do lado de fora, depois abriram mais a porta para permitir que os ajudantes da cozinha entrassem. Alguns segundos depois, a porta se fechou atrás deles. Mesmo à distância, Will e Maddie ouviram o barulho metálico de uma chave girando na fechadura pesada.

"Vamos ver," Will meditou. "A refeição do meio-dia acabou, e uma bandeja com comida e vinho está sendo levada para alguém na torre sudoeste. Eu diria que é onde você pode encontrar o jovem Giles. "

35

"Vou farejar esta noite", disse Maddie enquanto voltavam para o castelo. “Eu preciso descobrir como entrar na torre e subir as escadas. Então, quando você estiver cantando amanhã à noite, vou entrar e ver se consigo descobrir onde eles estão segurando Giles. ”
“Eu diria que você vai ter que escalar o lado de fora da torre,” Will disse. "Você precisa passar pelos guardas da porta e essa parece ser a única maneira de fazer isso."
Maddie fez uma pausa e se virou para olhar para a torre. Foi construído a partir de grandes blocos de granito e, a partir desta distância, eles pareciam ter muitas lacunas para possíveis apoios para as mãos e os pés. Ela era uma escaladora talentosa e não tinha medo de altura.
“Eu não me preocuparia com os três primeiros andares”, disse Will. “Aqueles até o nível da cortina. Eles estarão prontos para os defensores quando o castelo estiver sob ataque. Acima do nível da cortina, você pode ver que há apartamentos. É onde você o encontrará. ”
"Acho que vou dar uma olhada mais de perto na pedra", disse Maddie, voltando-se em direção à torre.
Will a parou com uma mão em seu braço. “Não vá olhar para a torre sudoeste,” ele a advertiu. “Se é lá que estão prendendo Giles, você não quer levantar suspeitas. Dê uma olhada na torre noroeste. Eles são a mesma construção. Se um for escalável, os outros serão. ”
Ela acenou com a cabeça e voltou para o jardim onde eles estavam sentados. Will a observou ir por um minuto ou mais, então se virou em direção ao castelo.
Fazendo o possível para parecer casual, Maddie caminhou pela área gramada do jardim, dobrando em direção à torre da esquina. O barão Lassigny e o senescal haviam voltado para seus escritórios e havia apenas um punhado de pessoas ainda no jardim. O resto havia voltado para seus locais de trabalho agora que a hora do almoço havia acabado. Ela parou para espiar em um viveiro de peixes sob um afloramento de rocha. Carpas grandes farejaram a superfície da água verde, em busca de insetos errantes que pudessem ter caído, deixando anéis em expansão na superfície enquanto afundavam de volta nas profundezas. Ela aproveitou a oportunidade para olhar ao redor, mas ninguém parecia estar interessado em seus movimentos. Ela retomou seu passeio casual, aproximando-se da torre noroeste.
Ela verificou seus arredores mais uma vez. As pessoas mais próximas a ela eram um jovem casal parado sob uma árvore baixa, de mãos dadas e olhando profundamente nos olhos um do outro. Eles definitivamente não estavam interessados nela, ela pensou.
Ela se aproximou da torre, estudando as ásperas paredes cinza e a pesada porta reforçada com ferro na base. A poucos metros de distância, uma escada de madeira levava à plataforma de combate que corria ao longo da parede de cortina com ameias. Ela assentiu pensativamente para si mesma, voltando-se para olhar para a torre sudoeste. Havia um lance de escada semelhante ali. Obviamente, os degraus pretendiam dar acesso aos defensores para chegarem à passarela que corria ao longo do interior da muralha. O acesso adicional viria das torres, ela percebeu. Ela olhou para o próximo a ela. No nível da passarela acima dela, ela podia ver outra porta de madeira dando acesso da torre. Considerando o comentário de Will sobre os níveis mais baixos da torre fornecendo quartéis para os defensores, fazia sentido que eles pudessem acessar as passarelas defensivas por dentro.
Ela olhou ao redor dela novamente. Ninguém estava olhando para ela. O jovem casal se escondeu nas sombras da árvore e se abraçou.
“Amor jovem,” ela murmurou ironicamente. Então ela se aproximou da torre, estudando sua construção.
Os blocos de granito maciços foram encaixados aproximadamente. Eles tinham formas irregulares, deixando lacunas substanciais entre cada uma - lacunas que haviam sido preenchidas com argamassa. Com o passar dos anos, grande parte da argamassa externa se desgastou. Ela deslizou a

mão direita em uma das fendas horizontais. Era um apoio firme, com bastante espaço para sua mão. Hesitante, ela deslizou o dedo do pé em outra lacuna no nível do solo e testou seu peso sobre ela. Mais uma vez, havia muito espaço e muito suporte. Ela não teria problemas para escalar a parede, pensou, embora ficaria exposta à vista para a parte inferior da escalada, até a passarela.
Ela se afastou da parede - e não um momento antes. A porta pesada, a apenas alguns metros de distância, se abriu de repente e um guarda saiu. Ele olhou para ela, uma mistura de surpresa e suspeita em seu rosto.
"O que você quer?" ele exigiu asperamente. "O que você está fazendo aqui?"
“Só olhando ao redor,” ela disse inocentemente. “Explorando o castelo. Eu só cheguei aqui ontem. ” Ela sorriu para ele, mas não houve sorriso em resposta. Ele continuou a olhar para ela.
"Posso dar uma olhada lá dentro?" ela perguntou sem arte, gesticulando em direção ao interior escuro da torre atrás dele. "Eu nunca vi dentro de um castelo de verdade antes."
"Não!" ele retrucou com raiva. “Você acha que estou fazendo passeios turísticos aqui? Saia dessa! ” Ele ergueu a mão ameaçadora e ela se afastou rapidamente.
"Tudo certo!" ela disse apressadamente. "Eu sinto Muito!"
Fazendo gestos de desculpas, ela voltou rapidamente pelo jardim. Ela olhou para trás uma vez quando estava a quinze metros ou mais de distância. O soldado ainda estava olhando para ela. Então, quando ela olhou para trás, ele fez mais um gesto ameaçador e voltou para dentro, batendo a porta atrás de si. Apesar da distância, ela ouviu o barulho de uma grande chave na fechadura.
Ela retomou lentamente sua caminhada, esfregando o queixo pensativamente com o indicador e o polegar. Por que o guarda foi tão agressivo? ela imaginou. Por que ele queria tanto que ela ficasse longe da torre? Era porque era aqui que o Príncipe Giles estava sendo mantido em cativeiro? Isso certamente explicaria seu excesso de zelo e seu aviso para que ela se afastasse.
Então ela considerou mais. Eles não tinham visto nenhum alimento sendo levado para esta torre, ela percebeu. E as torres e muralhas eram componentes essenciais na estrutura defensiva do castelo. Era lógico que as sentinelas desencorajassem visitantes aleatórios e olhos curiosos. Ela não tinha dúvidas de que, se se aproximasse de qualquer uma das outras torres, receberia a mesma atenção e falta de boas-vindas. Mas ela não estava prestes a testar sua teoria. A torre sudoeste parece ser o lugar mais provável para encontrar o príncipe.
“Além disso, tenho que começar por algum lado”, disse para si mesma. "Então, pode muito bem estar lá."
Com a cabeça baixa e pensando profundamente, ela não percebeu o velho mendigo sentado sob uma árvore no jardim até que ela estava quase no mesmo nível dele.
"S'il vous plait, mam'selle?" ele disse com uma voz grave, tirando-a de seu estado de distração.
Ela olhou rapidamente para ele. Ele deve ter estado entre os muitos visitantes diurnos que cruzavam o passadiço todas as manhãs em busca de entrada para o castelo, ela pensou. Ele estava curvado, sem olhar para ela, mas com um copo de mendicância estendido para ela. Seu cabelo e barba brancos eram longos e despenteados e ele usava uma capa esfarrapada de listras azuis e brancas. Ela enfiou a mão na bolsa e encontrou algumas pequenas moedas, colocando-as na xícara e seguindo em frente.
“Obrigado, senhorita,” ele gritou atrás dela. Ela deu mais dez passos antes de registrar que ele usara a língua comum, não o gaulês - que ele usara quando falou com ela pela primeira vez. No entanto, ela não tinha falado ou dado a ele qualquer razão para acreditar que ela não era galicana.
E havia algo vagamente familiar sobre ele.
Ela se virou rapidamente para olhar para ele, mas não havia sinal da figura de manto azul e branco. Ela franziu o cenho.
Estranho, ela pensou. Então ela balançou a cabeça, tirando o mendigo de seus pensamentos. Ela tinha outros assuntos para preocupá-la.

• • •

“É melhor não ficar bisbilhotando,” Will disse a ela enquanto eles se sentavam em um canto isolado da sala comunal. “Você não quer que as pessoas percebam que você está interessado nas torres.”
Ela concordou com a cabeça. “Vou manter distância”, disse ela. “Mas eu quero verificar a programação das sentinelas esta noite. Pretendo subir as escadas até a passarela no topo da parede, então me mover para o lado de fora da torre e começar a subir a partir daí. ”
Will considerou seu plano por alguns segundos. “Boa ideia,” ele disse finalmente. “Você seria bastante visível escalando do nível do solo. Dessa forma, se você se mover para fora da torre, ficará praticamente fora de vista. ” Ele fez uma pausa e acrescentou: "Apenas certifique-se de não cair."

Maddie sorriu. “Será a última coisa que farei”, disse ela.
Will ergueu uma sobrancelha. “Você pode querer reformular isso”, disse ele.

• • •

Na noite seguinte, Maddie se agachou nas sombras sob a escada que levava ao topo da parede cortina.
Ela ouviu os passos medidos dos pés do sentinela na plataforma de madeira acima dela. O atual lote de sentinelas estava de serviço há pouco mais de duas horas, com mais uma hora antes da hora marcada para o socorro. Ela havia cronometrado sua programação e seus padrões de patrulha na noite anterior. Em sua mente, ela visualizou o homem nas muralhas acima dela. Neste ponto, bem em suas três horas programadas, ele estaria pensando mais sobre seu alívio do que sobre possíveis atacantes se aproximando do castelo.
Era apenas a natureza humana, ela pensou. No início de sua vigília, o homem estaria energizado e motivado, pronto para investigar ou questionar qualquer som disperso ou movimento percebido. Mas com o passar da primeira hora, depois da segunda, sem qualquer sinal de ameaça, inevitavelmente, seu estado de alerta seria embotado, sua motivação dissipada. Suas mãos esfriariam no ar fresco da noite. Seus pés começariam a doer com o andar constante de botas rígidas sobre tábuas inflexíveis.
E pior do que os desconfortos físicos de patrulhar as muralhas seria o tédio que se instalaria. Sem nenhuma conversa - além de algumas palavras casuais com o seu oposto quando se encontraram no centro da passarela - sua mente começaria a ficar entorpecida pela constante repetição e falta de estimulação mental.
Ela franziu a testa enquanto pensava nisso. Foi uma lição útil para o futuro, ela pensou: se você estiver designando homens para o serviço de sentinela, não dê a todos os mesmos horários de início e término. Varie-os para que sempre houvesse olhos novos e mentes alertas trabalhando.
Acima dela, ela ouviu as botas raspando quando o homem alcançou o final de sua seção, perto da parede maciça da torre sudoeste. Ele fez uma pausa, descansando por um ou dois segundos, e ela ouviu o som distinto de seu bocejo. Em seguida, as botas recomeçaram, agora arrastando-se com dificuldade e arrastando-se ligeiramente na madeira áspera da passarela.
"Hora de ir", disse ela.

36

Ela subiu as escadas como um espectro, mantendo-se abaixada, uma sombra silenciosa contra as sombras escuras da parede atrás dela. Ao se aproximar do topo, ela ouviu o sentinela girando no final de sua patrulha, suas botas arranhando as tábuas, quebrando o ritmo constante de sua marcha. Instantaneamente, ela caiu na madeira áspera da escada, sua capa espalhada ao seu redor, mascarando sua forma e a transformando em uma massa escura anônima. Ela ainda estava abaixo do nível da passagem, então não tinha medo de que o sentinela a visse. Mas seu coração ainda batia mais rápido quando ele se aproximou. A lógica ia muito bem, mas quando você estava a apenas alguns metros de um inimigo armado, não era possível ficar completamente despreocupado.

Mais uma vez, o homem parou no final da patrulha, perto da parede de pedra da torre. Ele se aproximou das ameias e espiou pela lateral na escuridão abaixo. Obviamente, não vendo nada, ele suspirou e se virou novamente para refazer seu caminho de volta ao centro da parede. Ela o deixou andar alguns metros e, então, apoiada nas mãos e nos joelhos, subiu o resto dos degraus e atravessou a passarela, agachando-se nas sombras na base da parede onde ela encontrava a torre. Ela olhou para a passarela atrás da sentinela. Ele estava a vinte metros de distância, parando para falar brevemente com o número oposto. Ela teria que permanecer onde estava até que ele voltasse ao ponto de partida e se afastasse novamente. Nesse ponto, o outro sentinela, mesmo que ele estivesse de frente para ela, estaria a quarenta metros de distância e seus movimentos seriam protegidos pela luz incerta. Mas ela não teria tempo a perder.

Quando a sentinela se aproximou novamente, ela se encolheu na base da parede, sua capa bem apertada ao redor dela, seu rosto mascarado pelo capuz profundo. Ela esperava que, desta vez, a sentinela não escolhesse espiar por cima do muro. Se o fizesse, seria quase certo que pisaria nela. Ela se agachou, olhos baixos, ouvindo os passos se aproximando, esperando a qualquer momento eles pararem e ouvirem a aguda exclamação de surpresa do sentinela ao vê-la. Mas ele veio, seu ritmo invariável.

Por alguns segundos, ela considerou esperar até que ele se virasse e então entrar na torre neste nível, usando a grande porta de madeira. Ela tinha certeza de que estava destrancado - ela ouviu o sentinela passar por ele quando ele começou sua vigília e não houve nenhum som de chave girando depois que ele fechou a porta atrás de si. Isso a tiraria de vista muito mais rapidamente do que se ela escalasse a cortina e escalasse para fora da torre.

Mas ela rapidamente descartou a ideia. A sala da torre do outro lado da porta provavelmente seria uma sala pronta para os soldados designados para o serviço de guarda naquela noite. O próximo turno provavelmente estava cochilando em beliches lá no momento, esperando sua vez de assumir a guarda. Era assim que as coisas eram organizadas no Castelo Araluen, ela sabia. E no Castelo Redmont. Não havia razão para supor que as coisas fossem diferentes aqui. Se ela entrasse na torre neste nível, as chances eram de que ela estaria caminhando para uma dúzia de homens armados. Melhor seguir o plano original. Suba alguns andares, verifique para encontrar uma sala desocupada e então ganhe a entrada para a torre.

Novamente, o sentinela estava se aproximando. Ela controlou sua respiração, mantendo-a suave e estável e, o mais importante, virtualmente silenciosa. Com a cabeça e os olhos baixos, ela não conseguia ver a sentinela. Mas ela podia ouvi-lo e realmente sentir sua presença perto dela. Parecia impossível que ele não notasse a sombra escura agachada na base da parede. Ele *deve* vê-la desta vez, ela pensou.

Mas ela era apenas uma sombra entre outras sombras. Os passos pararam. Ela o ouviu girar e então começar a se afastar. Incrivelmente, ele a ignorou, embora ela estivesse a apenas alguns metros de distância dele.

As pessoas veem o que esperam ver . Ela ouviu a voz de Will em sua mente. Ele passou anos comendo em seu cérebro que a imobilidade absoluta era a melhor forma de esconder em uma situação como esta. O sentinela não esperava ver uma pequena figura agachada na linha de sombra na base da parede. Portanto, ele *não a* viu.
Com um sobressalto, ela percebeu que estava perdendo um tempo valioso pensando sobre isso. O sentinela já estava a um quarto do caminho em sua ronda. E isso significava que a sentinela distante estava se aproximando, a um ponto onde ele poderia notar seu movimento.
Rapidamente, ela se levantou e saltou sobre a parede com ameias. Ela levou alguns segundos para estudar a superfície da parede da torre à sua frente, então selecionou dois apoios de mão e uma lacuna nas pedras para seu pé direito. Ela se balançou para cima e para fora da queda vertiginosa, agarrando-se à parede da torre como uma aranha gigante.
Seu pé esquerdo se estendeu, procurando a parede irregular da torre, procurando uma fenda para sustentá-la. Ela encontrou um e transferiu a maior parte de seu peso para ele, removendo a mão esquerda do suporte e estendendo a mão ao longo da parede, para a esquerda e para cima. Ela encontrou outra lacuna considerável nas pedras, testou-a e descobriu que estava firme. Uma vez que sua mão esquerda foi estabelecida mais uma vez, ela tirou o pé direito do ponto de compra e procurou outro.
Sempre mantenha três pontos de contato com a parede , Will tinha ensinado a ela.
Quando ela colocou o pé direito em uma fenda, ela olhou para trás por cima do ombro. Ela havia saído e contornado a curva da torre por alguns metros, mas ainda podia ver a sentinela em seu caminho de patrulha. Ele estava se virando agora, tendo encontrado seu número oposto na metade do caminho ao longo da parede, e voltando. Ela congelou no lugar. Era improvável que os olhos do sentinela estivessem na parede externa da torre, mas qualquer movimento agora poderia chamar sua atenção e denunciá-la. Ela se encolheu contra a pedra áspera da torre, de braços abertos, com as mãos e os pés afastados. Abaixo dela, ela estava ciente das pequenas ondas no lago batendo contra as rochas. O vento aqui na torre estava mais forte e suspirava em seus ouvidos.
Por um momento, ela teve a sensação de que suas mãos estavam escorregando e que ela estava prestes a cair para trás e se espatifar nas rochas abaixo. Mas ela lutou contra o sentimento traiçoeiro. Ela estava firmemente estabelecida na parede, com apoio para as mãos e os pés. Não havia nada a temer - a não ser o próprio medo de cair.
Ela conhecia algumas pessoas, na verdade a maioria das pessoas, sofriam dessa falsa percepção. É por isso que tantas pessoas cairiam de um lugar alto - como se a própria queda os chamasse.
Ela acalmou a respiração mais uma vez, pressionando contra a pedra, sentindo a segurança de sua posição até que o medo repentino passou. Ela podia ouvir a sentinela, andando lentamente ao longo de sua batida. Ele quase havia alcançado o fim desse padrão. Ela ouviu o leve arrastar de suas botas quando ele se virou e, quando os ouviu, começou a subir novamente.
Mão esquerda, pé direito, mão direita, pé esquerdo. Ela moveu-se suavemente para fora e para cima, a única pausa em seu ritmo vindo quando ela não localizou imediatamente um novo pé ou apoio de mão e foi forçada a procurar por um. Ela olhou para trás novamente. Ela havia contornado a curva da parede da torre agora e a sentinela atrás dela estava obscurecida de sua vista. Se ela se movesse mais ao redor da parede, ela ficaria exposta à vista da sentinela na próxima seção. Agora era a hora de simplesmente subir.
Ela ergueu os olhos. Havia uma janela alguns metros acima dela, o peitoril da janela de pedra destacando-se da parede. Não havia sinal de luz atrás da janela. Ou a sala atrás dele estava às escuras ou havia cortinas fechadas. Ela se aproximou, espiando por cima do parapeito de pedra áspera, e viu que era o primeiro. Não havia cortinas, mas o cômodo atrás da vidraça espessa e irregular estava escuro e silencioso.
"O que não quer dizer que não haja ninguém dormindo lá", ela murmurou para si mesma. Ela decidiu que ainda estava muito perto da sala de espera dos guardas - apenas um andar acima dela. Ela iria mais alto antes de tentar entrar na própria torre.
Ela olhou para cima, inclinando-se ligeiramente. Foi um movimento que teria feito outra pessoa tombar para trás do parapeito da janela, mas depois daquele breve momento de vertigem, ela havia recuperado sua equanimidade completamente e estava totalmente em casa em seu poleiro precário. Havia outra janela, com um peitoril semelhante, quatro metros acima dela. Até onde ela podia ver, também estava apagado. Ela procurou apoios para as mãos na parede áspera da torre, encontrou apoio para o pé direito e empurrou mais uma vez, escalando firmemente para cima.
Ao se aproximar, viu que se enganara. Havia um brilho de luz aparecendo pela janela. Ela franziu os lábios em uma careta de decepção e continuou até a próxima janela, um andar acima dela.

Desta vez, não houve nenhuma exibição de luz. O interior da sala estava escuro. Ela se empoleirou no parapeito da janela, colocando as mãos em volta dos olhos e tentando penetrar na escuridão interior.
Após vários segundos, ela desistiu.
"Só há uma maneira de descobrir", disse ela a si mesma. Ela mudou ligeiramente de posição e estudou a janela. Era dividido em duas metades, cada uma com dobradiças e uma trava no centro. Era uma fechadura simples de língua e soquete. Ela podia ver claramente a alça que movia a língua para cima e para baixo no encaixe. O espaço entre as duas metades da janela era estreito - estreito demais para a lâmina pesada da Saxônia que ela usava no cinto. Ela colocou a mão atrás do pescoço e sentiu o cabo da faca de arremesso. Sua lâmina era mais fina que a da Saxônia.
Ela o colocou cuidadosamente no espaço entre as duas metades da janela. Era um ajuste apertado, mas quanto mais ela balançava e sacudia, mais o movimento era liberado. Ela colocou a lâmina sob a língua da fechadura e a ergueu.
Por um momento, nada se moveu. Então a língua voou com um *clique* alto *!* e a fechadura estava livre. Ela pressionou a lâmina, forçando a janela da direita - a mais distante dela - a se abrir para fora, agarrando-a antes que batesse contra a moldura de pedra da janela.
Ela ouviu um movimento dentro da sala e a respiração parou em sua garganta enquanto ouvia. Então ela relaxou. Era algo que se movia com o vento, que agora entrava pela janela aberta - uma tapeçaria ou uma cortina. Ela esperou meio minuto para ver se havia mais algum ruído - qualquer som de respiração ou o movimento de um corpo sob as cobertas.
Nada.
Ela colocou a faca de volta na bainha atrás do pescoço. Como a janela se abria para fora, ela não conseguia abrir a metade mais próxima dela, pois estava bloqueando seu movimento. Ela pegou o caminho mais simples pela metade aberta, girando o corpo sobre o peitoril de modo que ela passou de cabeça, estendendo as mãos para encontrar o chão. Ela se abaixou até o chão, trazendo suas pernas e pés suavemente através da janela aberta atrás dela, e rolou para frente em uma cambalhota lenta, ficando de pé com o mesmo movimento.
Ela ficou parada, esperando que seus olhos se acostumassem com a escuridão, equilibrada e pronta com a mão no cabo da Saxônia ao seu lado.
A sala estava vazia.

37

Will terminou seu conjunto planejado de canções com um acorde retumbante na mandola. Ele curvou-se profundamente quando a sala explodiu em aplausos, e os cavaleiros e suas damas sentadas nas mesas inferiores começaram a despejar moedas em sua direção.

Como foi observado, ele era um bom intérprete - um músico habilidoso e cantor com uma voz agradável e um bom alcance. Além disso, ele havia aprendido muitos anos atrás com Berrigan como estruturar um conjunto de canções para um público.

Não dê suas melhores canções tão cedo , o bardo mais velho lhe disse. *Você tem que despertar o interesse do público, então suas primeiras canções devem ser boas - estimulantes e divertidas - mas não as melhores. Eles seguem quando o público é capturado e pronto para participar.*

Além do fato de que ele era um bom intérprete, o público aqui no Chateau des Falaises estava um tanto faminto por entretenimento. O castelo não ficava em nenhuma das principais rodovias do país. Era uma espécie de retrocesso e artistas viajantes eram raros aqui.

A reputação do barão Lassigny era outro fator que mantinha os viajantes afastados. Ele era conhecido por ter um temperamento imprevisível e uma mente sádica se alguém o aborrecesse. Isso foi o suficiente para impedir a maioria dos artistas viajantes de fazer a viagem a este local relativamente isolado.

Mais idiotas , Will pensou enquanto se abaixava e colocava as moedas em seu chapéu. Havia um peso considerável de dinheiro ali quando ele terminou. E ele notou que poucas das moedas eram de cobre. A maioria era de prata, com algumas moedas de ouro também. Havia algo a ser dito sobre viajar para um castelo onde os artistas eram poucos e distantes entre si.

Ele curvou-se profundamente para a sala novamente, depois transferiu o conteúdo do chapéu para a bolsa pendurada no cinto.

“Jongleur.”

A palavra cortou o baixo rebuliço de conversa na vasta sala. Will se virou para encontrar o olhar de falcão de Lassigny. Mais uma vez, ele curvou-se da cintura.

O Barão estava sentado na mesa superior, colocado transversalmente na longa sala em um estrado elevado. Seu senescal estava sentado à sua esquerda e sua esposa à sua direita. A Baronesa Lassigny era uma mulher alta e magra, com longos cabelos negros caindo quase até a cintura. Ela era muito bonita, Will pensou, mas isso não era surpresa. Um homem com a reputação de Lassigny se certificaria de que sua consorte se parecesse com ele. Linda como era, ela tinha uma atitude desdenhosa, olhando para Will, literal e figurativamente, e os outros no refeitório, com uma torção arrogante da boca. Era muito óbvio que ela se considerava superior a todos eles.

Dois cavaleiros e a dama de companhia da baronesa ocupavam o resto da mesa.

"Meu Senhor?" Will disse, em resposta à convocação de uma palavra.

Lassigny ergueu a mão e acenou para ele. “Você pode se aproximar”, disse ele. Não havia calor ou boas-vindas na voz. Nenhum senso de elogio por um trabalho bem feito. Will colocou sua mandola na mesa mais próxima e avançou até a base do estrado, olhando para aqueles olhos impenetráveis. Ele ficou parado, esperando. Não havia nada para ele dizer e Lassigny o olhou de cima a baixo, avaliando, avaliando. Eventualmente, o Barão falou novamente.

"Onde está sua filha esta noite?" ele perguntou.

Will não esperava a pergunta, mas não mostrou nenhum sinal de surpresa ou incerteza. Você não perde muito, ele pensou.

"Ela está com um leve resfriado, meu senhor", disse ele. "Ela se deitou cedo."

Era improvável que o Barão checasse a veracidade dessa resposta, Will pensou. Ele tinha assuntos mais importantes a considerar do que a saúde de uma jovem viajando com um humilde bardo. Em qualquer caso, Will e Maddie colocaram um par de travesseiros sob seu cobertor e puxaram a

cortina fechada em seu nicho de dormir. Qualquer inspeção casual veria uma figura amontoada sob os cobertores. Se houvesse uma inspeção mais do que casual, perguntas poderiam ser feitas. Mas se fosse esse o caso, os movimentos de Will e Maddie já teriam levantado suspeitas.
Talvez, Will pensou repentinamente, Lassigny tivesse ouvido falar sobre a jovem apanhada vagando nos andares superiores do castelo. A próxima declaração de Lassigny pareceu desconsiderar essa preocupação.
“Então ela sentiu falta da sua apresentação”, disse ele. Era difícil dizer se isso era uma declaração ou uma pergunta.
Will encolheu os ombros e assumiu um sorriso modesto. "Ela já me ouviu cantar antes, meu senhor", disse ele.
Lassigny não retribuiu o sorriso. Ele simplesmente assentiu. "Claro. Há quanto tempo você está neste país? ” ele perguntou de repente.
Will estava começando a ver uma técnica em seu questionamento: fazer uma série de perguntas e, de repente, mudar de rumo para um tópico novo e não relacionado.
“Algumas semanas, meu senhor. Quase um mês ”, respondeu ele.
Lassigny considerou a resposta por vários segundos. “Ainda assim, você tem várias canções galicanas em seu repertório”, comentou.
Will concordou. “Um bom bardo sempre se prepara para um novo público, meu senhor. Encontrei vários bardoiros galicanos viajando por Araluen. É uma comunidade próxima e tendemos a aprender músicas uns com os outros. ”
Embora não ensinemos um ao outro nossas melhores canções, Will pensou com um sorriso irônico. Esses, temos que roubar enquanto nossos colegas estrangeiros não estão olhando.
“Uma pena sobre seu sotaque execrável, é claro. Em vez disso, estraga o efeito. ”
O corredor estava em silêncio. As pessoas nas mesas haviam gostado da interpretação de Will das canções folclóricas gaulesas que ele incluiu em seu suporte. Nenhum deles se opôs ao seu sotaque - embora ninguém estivesse prestes a discordar da opinião de Lassigny. Mais uma vez, Will baixou a cabeça em desculpas.
“Eu faço o meu melhor, meu senhor,” ele disse humildemente.
Lassigny fungou com desdém. “Se você planeja se apresentar em meu país, deve fazer a todos nós a cortesia de pronunciar nossa língua com precisão”, disse ele friamente.
Não houve nenhuma resposta que Will pudesse pensar que não pudesse ser vista como argumentativa. Ele permaneceu em silêncio, encontrando o olhar negro e impenetrável de Lassigny. Eventualmente, o Barão deu um pequeno bufo depreciativo e quebrou o contato visual com Will, virando-se para olhar para o senescal. “Ainda assim”, disse ele, “seu desempenho foi razoável, apesar dessa deficiência. Pague a ele, Gaston. ”
O senescal pegou um pequeno saco de couro e o jogou no andar de baixo. Will o pegou e olhou rapidamente para ele enquanto o pesava em suas mãos. Não era muito pesado. Se o conteúdo fosse ouro, não era um pagamento excessivamente generoso por seu trabalho. Mas então, ele pensou, *generoso* não era uma palavra que alguém associasse ao barão Lassigny. Ele enfiou o pequeno saco dentro do gibão e tocou a testa com o indicador direito em saudação.
"Vossa senhoria é muito gentil", disse ele, certificando-se de que não havia nenhum traço do sarcasmo que sentia em sua voz. Lassigny o encarou, ainda sem piscar. Will se surpreendeu se perguntando se realmente tinha visto o barão gaulês piscar a qualquer momento. Ele não conseguia se lembrar de ter feito isso.
"Sim. Eu sou." Lassigny se virou para sua esposa, que assistira à conversa com um sorriso de escárnio nos lábios carnudos. “O que você diz, minha querida? Devemos fazer o bardo se apresentar para nós novamente? "
Ela encolheu os ombros. "Por que não? Seu canto é tolerável. E o senhor sabe, há pouco mais para se ouvir em uma noite. "
Esse é um endosso sonoro, se é que já ouvi um, Will pensou.
"Está resolvido então", disse Lassigny. "Você vai cantar para nós novamente no sexto dia."
Will mudou os pés desconfortavelmente. “Eu tinha planejado partir na manhã do sexto dia, meu senhor”, disse ele. Não havia mal nenhum em deixar o Barão saber que não planejava ficar ali indefinidamente.
A expressão de Lassigny não se alterou. “Você vai se apresentar para nós aqui no sexto dia,” ele repetiu, seu tom invariável. "Estou sendo claro?"
“Abundantemente, meu senhor,” Will respondeu, e se curvou mais uma vez.
- E da próxima vez, certifique-se de que sua filha esteja com você - Lassigny disse a ele.

38

Maddie foi até a porta e encostou o ouvido nela, prendendo a respiração enquanto ouvia. Não havia som de ninguém se movendo do lado de fora no corredor. Nenhum som de vozes. Ela pousou a mão na maçaneta da porta e lentamente a abaixou. Havia uma chave grande na porta, mas como não havia ninguém no quarto, ela presumiu que a porta não estaria trancada. Ela estava certa. Quando a fechadura da porta deslizou para trás - felizmente fazendo muito pouco som - ela deixou a porta abrir uma fresta e ouviu novamente.

De novo, nada. Isso não queria dizer que não havia uma dúzia de homens armados no corredor do lado de fora, esperando que ela emergisse. Ela colocou o olho contra a abertura estreita e tentou ver para fora. Sua visão era restrita, mas pelo que ela podia ver, não havia ninguém à vista.

"Aqui vai", ela murmurou, e abriu a porta totalmente, movendo-se tão suavemente quanto podia, sem apressar e fazer barulho indevido. Ela saiu para o corredor, sua mão no cabo de sua Saxônia, e rapidamente olhou para os dois lados.

O espaço mal iluminado, iluminado por uma fileira de lâmpadas a óleo fixadas na parede, estava vazio. A escada ficava no centro da torre, com salas contornando a parede externa. Rapidamente, ela se moveu para as escadas e olhou para cima. Essas escadas não espiralavam como as da torre de menagem. Eles foram construídos em uma série de ziguezagues, com dois lances indo de um andar a outro, invertendo a direção na metade do caminho.

A escadaria em si era quadrada e, quando ela olhou para cima, desapareceu na escuridão. Olhando para baixo, ela podia ver traços tênues de luz abaixo dela. Não houve nenhum som. Ela estimou que estava no sexto andar da torre, alto o suficiente para não ouvir o murmúrio de vozes no terceiro andar, que ficava no auge da passagem ao redor da parede cortina.

Ela pisou com cuidado na escada, ciente de que tais escadas eram freqüentemente construídas de forma que se moviam quando alguém colocava seu peso sobre elas, o ruído resultante alertando as pessoas acima de que alguém estava chegando. Conseqüentemente, ela se manteve ao lado da escada, onde qualquer movimento desse tipo seria mínimo. Houve um leve chiado e ela subiu mais um degrau, depois avançou lentamente, testando cada passo à medida que colocava o pé nele. No quinto passo, ela sentiu um movimento excessivo e um rangido incipiente de vigas soltas se esfregando. Ela tirou o pé do degrau e o colocou no próximo degrau mais alto.

Não houve nenhum ruído dessa vez, então ela continuou subindo, testando cada passo conforme avançava. Ela alcançou o patamar que marcava o ziguezague. Era provável que houvesse mais tábuas soltas aqui e ela andou com cuidado, localizando uma e pisando nela. Então ela estava no segundo lance do ziguezague, levando ao sétimo andar.

Ela chegou ao topo com o mínimo de ruído e se agachou sobre as mãos e os joelhos, ouvindo. Este andar parecia estar mais iluminado do que os andares inferiores, ela notou.

Uma repentina explosão de risadas a assustou, fazendo seu coração disparar. Dois ou três homens, ela estimou, mais adiante no corredor e de repente rindo de uma piada. A risada morreu e agora ela podia ouvir o som de vozes conversando. Mas eles estavam abafados e ela não conseguia entender as palavras. Abaixando-se, ela espiou pela borda da escada, mantendo o rosto o mais próximo possível do chão.

A cinco metros de distância, ela viu quatro soldados armados do lado de fora de uma das portas. Como ela havia notado, havia mais luz neste andar. Além das lâmpadas de óleo, havia dois grandes candelabros colocados sobre a mesa. Quatro cadeiras de lona e madeira estavam dispostas em um semicírculo de frente para a porta. Havia uma jarra e quatro taças na mesa. Enquanto ela observava, um dos homens pegou a jarra e encheu as taças. Seus companheiros pegaram um para cada um e todos beberam profundamente. Um deles disse algo e houve outra explosão de risos.

Aproveitando a oportunidade e percebendo que a atenção dos homens seria distraída momentaneamente, ela escorregou ao redor do mastro do corrimão para o próximo lance de escadas e subiu novamente. A essa altura, ela estava acostumada a tatear o caminho e testar cada passo antes de colocar todo o seu peso sobre ele e se mover mais rapidamente. Ela alcançou o patamar e o ziguezague e continuou a subir. Ao fazer isso, as vozes se transformaram em um murmúrio mais uma vez, enquanto a escada bloqueava o som.
Quatro passos a partir do topo, ela desacelerou. A luz estava fraca acima dela e não havia som de vozes, além do leve murmúrio vindo de baixo, pontuado ocasionalmente por explosões de riso.
O oitavo andar, o último andar da torre, era um arranjo diferente dos andares inferiores. Em vez de quartos dispostos ao redor da curva externa da torre, era um espaço aberto. Não havia lâmpadas aqui, e a única luz vinha da lua batendo nas janelas. Ela se levantou, movendo-se para o espaço e estudou a sala.
De um lado havia uma grande prateleira de bestas e aljavas, cada uma cheia de brigas. Uma escada conduzia a um alçapão no teto. Ela subiu rapidamente até o topo, abrindo o alçapão e espiando. O alçapão dava acesso a um telhado plano, rodeado por uma parede com ameias, formando uma posição de combate a partir da qual os besteiros podiam disparar contra os inimigos que atacassem o castelo e tentassem escalar a parede cortina. Contra a parede externa, havia uma viga de elevação, com vários caldeirões grandes colocados ao lado dela.
“Óleo fervente ou água”, ela murmurou, olhando ao redor e vendo uma lareira no centro do espaço, onde tais líquidos podiam ser aquecidos e, em seguida, transferidos para a viga de levantamento, içada e despejada sobre os de baixo.
Ela abaixou o alçapão e desceu a escada, estudando o oitavo andar mais uma vez. Além do suporte de bestas, havia lanças em suportes, uma dúzia de beliches e várias mesas com bancos. Obviamente, em tempos de perigo, os soldados seriam posicionados aqui para defender o castelo. Era semelhante aos andares mais altos das torres do Castelo Araluen.
Orientando-se, dirigiu-se a uma das janelas em volta da parede, julgando que corresponderia à sala abaixo, fora da qual os guardas estavam posicionados. Ela se inclinou e olhou para baixo. Havia uma janela cerca de quatro metros abaixo dela e ela podia ver um raio de luz vindo dela.
“Deve ser onde estão segurando Giles,” ela murmurou para si mesma, e desenrolou o pedaço de corda que estava ao redor de seus ombros. Ela olhou ao redor em busca de um ponto para ancorar a corda e selecionou um dos beliches. Ela o testou, empurrando-o para ter certeza de que não deslizaria pelo chão quando ela colocasse seu peso nele. Ela não queria que nenhum ruído alertasse os guardas que estavam diretamente abaixo. Mas o beliche era solidamente construído com vigas pesadas e ela não conseguia movê-lo.
Rapidamente, ela deu um nó com a ponta da corda na perna do beliche e foi até a janela.

• • •

"Ele está no sétimo andar, em uma câmara externa", disse Maddie. Will olhou casualmente para a torre, olhando para cima até o penúltimo andar.
"Você tem certeza que é ele?" ele perguntou.
Maddie encolheu os ombros. “Tão certo quanto posso estar. Subi até o oitavo andar e me abaixei em uma corda para olhar pela janela. Ele é jovem, tem estatura um pouco abaixo da média e usa roupas caras. Quem mais poderia ser?"
"Ele se parece com o retrato que o rei nos mostrou?" Will perguntou.
Maddie hesitou. “Quem se parece com o retrato deles?” ela disse finalmente. “Pode ser ele, mas suspeito que o pintor de retratos errou ao lado da lisonja quando fez aquela pintura. Para começar, ele ergueu o queixo. Mas há uma forte semelhança com o próprio rei. ”
Foi na manhã seguinte à exploração da torre por Maddie. Eles estavam passeando na área do jardim mais uma vez - o melhor lugar para manter a conversa privada. Além de algumas palavras, quando Maddie voltou para a sala comunal na noite anterior, foi a primeira vez que tiveram que comparar notas.
“O que há no último andar?” Will perguntou.
“É um espaço aberto. Eu diria que é para fazer parte das defesas do castelo no caso de um ataque. Há acesso ao telhado plano acima dele, e há suportes de bestas e armas e beliches para as tropas. ”
"E você não fez contato com ele na noite passada?"
Maddie balançou a cabeça. “Eu não fiz. Achei que haveria o risco de sermos ouvidos pelos guardas do lado de fora. E eu sabia que teríamos que contatá-lo novamente para tirá-lo de lá. Achei que assim fosse reduzir o risco pela metade. ”

Será que considerou isso por alguns segundos. "Boa ideia", disse ele.
"Como vamos tirá-lo?" Maddie perguntou.
Will esfregou o queixo com o polegar e o indicador. “Acho que podemos tirá-lo da torre com bastante facilidade. Vamos levá-lo de volta ao último andar, descer as escadas e sair pela janela no sexto andar. Podemos baixá-lo com uma corda se ele não tiver condições de escalar. ”
Maddie revirou os olhos. “Ele é um príncipe gaulês. Duvido que ele esteja pronto para escalar. Ou muito mais. ”
“Tirá-lo do castelo é outro assunto. A única saída é o portão principal e a ponte. Vamos escondê-lo nos estábulos até a hora sexta, quando o portão abre todos os dias. As cozinhas não começam a servir o café da manhã antes da oitava hora, e vimos que ele é alimentado depois que as refeições de todos os outros são servidas. As probabilidades são de que ninguém descobrirá que ele está desaparecido até que sua refeição seja entregue. Então vamos cavalgar, dizendo que estamos exercitando os cavalos. Podemos roubar um cavalo para ele e ele pode vir alguns metros atrás de nós. ”
Will acenou com a cabeça em direção ao portão principal. “Tenho observado os guardas no portão nos últimos dias e, enquanto eles verificam as pessoas que entram, eles não prestam muita atenção nas pessoas que saem do castelo. Eu acho que eles pensam que se você está aqui, você já foi verificado. Mas se o pior acontecer, e não conseguirmos escapar, talvez tenhamos que lutar. Há seis guardas no portão, mas se os pegarmos de surpresa, devemos sair. Enquanto distraímos os guardas, ele pode cavalgar. Então cavalgamos como se o diabo estivesse atrás de nós. ”
Maddie apertou os lábios. “Isso é demais para o meu gosto”, disse ela.
Will encolheu os ombros. "Você pode pensar em outra maneira?"
Ela balançou a cabeça.
"Nem eu. E pelo menos este plano é simples, o que é muito bom."
"Suponho que sim", concordou Maddie.
"Uma coisa", disse Will. “Vamos ter que fazer isso nos próximos dois dias. Acho que Lassigny está suspeitando de nós. Ele estava perguntando onde você estava ontem à noite e ele me contratou para cantar novamente no sexto dia - e eu não acho que ele gostou tanto da minha música. ”
"Suspeito? O que ele suspeita? ” Maddie perguntou.
Will balançou a cabeça. “Somos estranhos. Somos estrangeiros. E ele é um homem que está metido até o pescoço em conspirações e traição. Homens assim sempre suspeitam. ”
"Então, quanto mais cedo tirarmos o príncipe, melhor", disse Maddie. "Vamos fazer isso hoje à noite."
Will pensou sobre isso por vários segundos, então balançou a cabeça lentamente. “Era isso que eu estava pensando”, disse ele.

39

Eles planejaram a missão de resgate para a terceira hora após a meia-noite. A lua estava para se pôr na primeira hora, e havia uma cobertura de nuvens pesadas, então eles teriam ampla escuridão e sombra para esconder seus movimentos.

Isso seria importante se três deles descessem pelo lado de fora da torre e chegassem às escadas que conduziam às muralhas sem serem vistos pelos sentinelas. Foi relativamente fácil para Maddie administrar isso, mas com três deles, as chances de ser notado eram muito maiores - particularmente porque o príncipe não estava acostumado a se mover sem ser visto.

O dia passou devagar. Eles visitaram os estábulos no início da tarde, a pretexto de alimentar e dar água aos cavalos e limpar a sua baia. Eles levaram seus poucos pertences com eles e os esconderam no fundo do estábulo.

Maddie colocou palha extra na baia, empilhando-a na parte de trás. Eles o usariam para esconder o Príncipe Giles quando ele estivesse no estábulo. Will verificou a caixa de couro do arco. Parecia não ter sido tocado desde que o haviam deixado na parte de trás da baia. Ambos os arcos e aljavas ainda estavam dentro, assim como duas bainhas duplas, cada uma com uma faca saxônica e uma faca de arremesso.

O único item que Will não levou com ele foi sua mandola. Estava pendurado em uma estaca fora de seu espaço de dormir na fortaleza, e seria muito óbvio se ele o levasse para os estábulos - uma pista de que ele estava planejando ir embora.

"Pena", disse ele, considerando isso enquanto eles voltavam para a sala comunal. "Vou sentir falta daquela mandola."

Maddie sorriu com simpatia. “Ainda bem que não é o seu Gilet,” ela disse. O Gilet era o orgulho e a alegria de Will, uma mandola feita por um dos melhores luthiers de Araluen, que havia sido dada a ele muitos anos antes. Era um instrumento muito caro e ele decidiu não se arriscar aos rigores da viagem.

O jantar foi servido no horário habitual. Era um rico ensopado de vegetais, com pão fresco e crocante da cozinha e jarras de cerveja, vinho e água na mesa. O estômago de Maddie estava se revirando com a antecipação da ação que se aproximava e ela mexeu na comida até que Will a advertiu.

“Coma,” ele disse. "Você não vai tomar café da manhã e não sabe quando será sua próxima refeição."

Ela assentiu com a cabeça, percebendo o bom senso de sua declaração, e se dedicou à tarefa de terminar a tigela. A comida servida no salão comum era simples e o cardápio invariável. Mas era saboroso e nutritivo ao mesmo tempo - embora, desta vez, ela pudesse muito bem estar comendo palha por todo o sabor que encontrou em sua comida.

Terminaram a refeição com café, adoçado com mel como sempre. Will havia convencido um dos garçons a fornecer uma pequena tigela para eles em cada refeição.

Quando as travessas e tigelas foram retiradas, as pessoas no salão comum se dividiram em pequenos grupos, formando círculos com seus banquinhos e conversando e rindo enquanto terminavam a cerveja e o vinho. Will empurrou seu banquinho da mesa e se levantou.

“Vamos dormir um pouco”, disse ele. "Vai ser uma longa noite."

Maddie bocejou quando ele disse isso. Ela estivera acordada a maior parte da noite anterior e não tivera chance de recuperar o sono durante o dia. Mas enquanto se dirigiam para os nichos adormecidos ao redor da parede, um servo os interceptou.

“Que tal algumas músicas, bardo?” ele perguntou. Seu tom era amigável e ele gesticulou em direção a um pequeno grupo de seus colegas de trabalho que estavam reunidos em um semicírculo, olhando

esperançosamente. Will escondeu sua relutância atrás de um sorriso. Afinal, nenhum bardo recusaria tal pedido, pois seria uma oportunidade de ganhar um pouco mais de dinheiro.
Ao tirar a mandola da estaca, ficou feliz por ter decidido não levá-la para os estábulos com seus outros pertences. Sua ausência pode ter sido difícil de explicar. Ele foi até o pequeno semicírculo de funcionários expectantes, enganchando um banquinho com o pé enquanto andava e posicionando-o na frente deles. Algumas outras pessoas na sala, vendo que ele estava se preparando para cantar, moveram-se para se juntar ao público. Maddie, decidindo que sua ausência poderia ser notada, sentou-se na parte de trás da plateia, onde poderia se encostar em uma das longas mesas.
Está tudo bem para você, ela pensou consigo mesma enquanto Will iniciava sua música de abertura. Isso lhe dá algo para tirar sua mente das coisas, enquanto estou sentado aqui pensando em tudo que pode dar errado.
O nó de tensão estava de volta em seu estômago. Esperar sempre foi a parte mais difícil, ela pensou. Apesar da tensão, ou talvez por causa dela, ela bocejou enormemente. Ela fechou os olhos, esperando que o doce som da mandola e a voz calmante de Will a ajudassem a relaxar.
Depois de vários minutos, ela sentiu movimento nas pessoas ao seu redor e abriu os olhos, olhando ao redor da sala. O senescal, Sir Gaston, havia entrado na sala e estava examinando os ocupantes com o olhar. Vendo Will se apresentando para um público pequeno, mas atento, ele assistiu por vários minutos, seu pé batendo no ritmo da música. Will olhou para cima, chamou sua atenção e o reconheceu com uma ligeira inclinação de cabeça.
Sir Gaston acenou com a cabeça em resposta, então se virou e se dirigiu para a grande porta. Provavelmente, ele estava a caminho do refeitório do andar seguinte, onde se apresentaria ao Barão.
Ainda bem que aquele servo pediu para você cantar, Maddie pensou. Sir Gaston relatará que tudo está normal na sala comunal.
Will cantou mais duas canções depois que o senescal saiu e encerrou a apresentação. O público bateu palmas apreciativamente e, um por um, eles se levantaram para jogar uma ou duas moedas em seu chapéu, que foi colocado em um banco ao lado dele. Em seguida, eles se afastaram, dividindo-se em grupos menores.
Will enfiou o dinheiro na bolsa do cinto e pendurou a mandola no gancho mais uma vez. Maddie notou que sua mão permaneceu na superfície de madeira polida por alguns segundos, enquanto ele acariciava o instrumento em um gesto privado de despedida. Então ele chamou sua atenção e acenou com a cabeça significativamente em seu nicho de dormir.
Ela se levantou e foi até a cama estreita, tirando as botas e colocando as pernas no colchão antes de puxar o cobertor ao redor dela. Will espiou pela ponta da cortina.
“Eu vou te acordar às três,” ele disse.
Ela assentiu. Ela sabia que ele tinha uma habilidade incrível de acordar a qualquer hora que desejasse. Ele fechou a cortina, cortando a luz fraca da sala comum. Maddie estava deitada de costas, respirando profundamente, ouvindo as conversas mudas ao redor da sala.
Ela notou o estranho fenômeno de que, quando uma pessoa está meio adormecida, mas consciente, pode ouvir as vozes ao seu redor com mais clareza e ouvir conversas que estão ocorrendo em tons baixos a alguma distância.
Ela bocejou novamente, mas o sono a evitou, mesmo quando o quarto fora de seu nicho ficou mais silencioso e escuro e as pessoas foram para a cama, apagando as lanternas enquanto caminhavam. Sua mente correu, repassando o plano, listando as coisas que poderiam dar errado.
A sentinela da parede cortina pode vê-la, ou Will, enquanto eles escalam a torre. E se o Príncipe Giles gritasse de alarme quando eles entrassem em seu quarto na torre, alertando os guardas do lado de fora de sua porta? E se ele perdesse a coragem e fizesse um barulho ou caísse, quando o puxassem para o último andar? E se eles fossem vistos enquanto desciam do sexto andar para as ameias? E se o dono do estábulo acordasse quando entrasse nos estábulos para esperar o amanhecer?
e se, e se, e se? Ela disse a Will que havia muitos "se" envolvidos nessa tentativa de resgate. Agora todos eles se aglomeravam em sua mente, dissipando qualquer possibilidade de sono, deixando-a se revirando no colchão fino de palha.
O sino da torre de vigia bateu meia-noite. Ela contou os golpes. Mas sua mente estava correndo e ela não conseguia dormir. Ainda bem acordada, ela o ouviu bater um, depois dois. Então, perversamente, na última hora, ela adormeceu, acordando de repente quando a mão de Will apertou seu ombro suavemente. Ao fazer isso, ela ouviu o sino terminar de soar três.
“Hora de ir,” Will sussurrou.

40

A porta principal do castelo era sustentada por dobradiças enferrujadas que rangiam ruidosamente quando a porta era aberta ou fechada. De dia, isso não era um problema muito grande, já que o som se misturava ao ruído ambiente das idas e vindas no pátio externo.

Mas agora, no silêncio da madrugada, tudo estava silencioso lá fora e as dobradiças rangendo seriam audíveis em todo o pátio e nas ameias. Will havia trazido uma pequena garrafa de óleo fino com ele e eles pararam do lado de dentro da porta enquanto ele derramava quantidades generosas sobre as três grandes dobradiças.

Maddie remexeu-se impaciente enquanto esperavam que o óleo penetrasse nas fendas das dobradiças e lubrificasse o metal. Will franziu a testa para ela e murmurou as palavras: *Fique quieta.* Ela suspirou baixinho e tentou se acalmar. Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, Will acenou para ela e segurou o grande anel de metal que abria a fechadura da porta. Ele a virou e abriu a porta alguns centímetros, testando o efeito do óleo.

Houve um rangido inicial quando a porta se moveu, depois as dobradiças silenciaram enquanto o óleo suavizava seu movimento. Will abriu a porta mais alguns centímetros. Não houve mais barulho e ele abriu a porta o suficiente para deixar Maddie passar.

"Vá," ele disse suavemente.

Ela passou pela abertura estreita e, abraçando a parede, virou à esquerda, longe da torre. Eles haviam planejado isso antes. Se eles fossem vistos cruzando o pátio, era melhor que eles não fossem vistos indo para a torre onde Giles estava preso. Will tinha decidido que eles deveriam ir para os estábulos primeiro, então, mantendo-se perto da base da parede cortina, mover-se para as escadas que conduziam ao lado da torre sudoeste, permanecendo nas sombras profundas sob a passarela. Ele observou enquanto a forma escura de Maddie cruzava para os estábulos, então desaparecia na sombra. Então ele contornou a porta, fechando-a com cuidado atrás de si, e a seguiu.

O pátio deste lado não estava completamente vazio, outra razão para escolher este caminho. Havia bancos de pedra, um bebedouro para cavalos e vários blocos de montagem no caminho, cada um deles fornecendo cobertura para esconder seu progresso furtivo de qualquer olho que por acaso olhasse em sua direção. Will escorregou de um pedaço de cobertura, de uma área de sombra, para a próxima. Ele se moveu rapidamente, mas sem pressa indevida que pudesse atrair a atenção ou captar a visão periférica de um sentinela.

Ele passou pelos estábulos, abrigando-se por alguns segundos na sombra profunda sob a porta principal recuada. Ele esperou, observando e ouvindo, para ver se havia algum sinal de que seu movimento havia sido notado. Não houve gritos, nenhum som de alarme, então ele continuou, deslizando pelo último pedaço de terreno aberto até a linha de sombra sob a passarela. Enquanto ele avançava como um fantasma para a escuridão oculta, Maddie levantou-se agachada na frente dele. Ele acenou com a cabeça para ela e sacudiu a cabeça em direção à escada ao lado da torre sudoeste.

Eles podiam ouvir os passos medidos das sentinelas da ameia na passarela de madeira acima de suas cabeças enquanto faziam seu caminho praticamente sem som ao redor da parede interna da escada. Maddie se agachou na base, esperando por ele, e ele sinalizou para ela ir em frente. Apoiada nas mãos e nos joelhos, ela subiu as escadas, ficando perto da parede. Ele a observou de baixo, vendo-a congelar quando os passos do sentinela se aproximaram. Então, quando ele se virou novamente, ela continuou até o topo da escada, parando logo abaixo do nível da passarela. Silenciosamente, Will a seguiu, alcançando um ponto logo abaixo dela quando a sentinela retornou.

Eles haviam planejado a próxima sequência de movimentos no início do dia. Quando a sentinela começou sua patrulha de retorno, Maddie deslizou pelo topo da escada e foi até as ameias ao lado

da torre. Will esperou. Não havia tempo para dois deles chegarem às ameias ao mesmo tempo, e não havia cobertura suficiente para dois deles ficarem escondidos se o fizessem. Ele espiou cuidadosamente por cima da escada. O sentinela estava na metade do caminho prescrito. Seu número oposto ainda estava longe o suficiente para não notar a forma escura de Maddie enquanto ela subia nas ameias, agachando-se, então escalou a parede da torre, movendo-se ao redor da curva para que ela ficasse fora de vista.
Will esperou, agachado na escuridão, enquanto o sentinela voltava. Ele estava confiante em sua capacidade de permanecer invisível - afinal, ele vinha fazendo esse tipo de coisa há mais de vinte anos. Mesmo assim, seu coração batia em um ritmo acelerado dentro do peito. Sempre havia a chance de que algo pudesse dar errado.
Ele contou lentamente para si mesmo, ouvindo a sentinela voltar e depois se virar. Ele teve que dar tempo a Maddie para subir ao nível mais alto e baixar uma corda para ele. Ele chegou a duzentos anos quando o homem estava em seu caminho de volta. Ele teria que esperar agora até chegar à torre, virar novamente e voltar. Ele ouviu os passos ficarem mais altos. Eles pararam logo acima dele e ele ouviu a sentinela bocejar. Então suas botas arranharam a passarela quando ele se virou e partiu mais uma vez.
Will se agachou e avançou pela passarela até a parede.

• • •

Na câmara do sexto andar, Maddie esperava impacientemente. Ela sabia que Will teria que sincronizar seus movimentos para coincidir com o da sentinela, mas ele parecia estar demorando um tempo interminável com isso, ela pensou.
Ela conseguiu entrar na mesma sala sem nenhum problema. A janela ainda estava destrancada de onde ela a abrira na noite anterior. Obviamente, a câmara estava desocupada. Esta noite ela trouxera com ela um pedaço de arame dobrado, que a deixaria enganchar a trava atrás deles quando fizessem o caminho de volta. Dessa forma, não haveria evidências da rota tomada pelo príncipe em fuga.
Ela olhou pela janela, olhando para baixo, esperando que Will aparecesse. Não havia medo de que ela pudesse ser vista. Ela estava na metade da curva da parede da torre, escondida da vista das sentinelas. Então ela viu a forma escura movendo-se na parede abaixo dela, lutando para sair e contornar a curva da torre até um ponto onde ele também estava escondido das ameias. Ela deu um assobio suave e viu o oval pálido de seu rosto quando ele olhou para cima, de braços abertos na parede. Ela abaixou a corda que estava pronta até alcançá-lo, então a prendeu na perna da cama no quarto com uma série de meio-ganchos.
Pegando a corda, Will se recostou, apoiou os pés na superfície áspera da parede e começou a escalar.
“Está tudo bem para você subir a parede como uma aranha gigante”, ele disse a ela antes. “Mas eu sou mais velho e mais pesado que você. Vou usar corda, muito obrigado. ”
Apesar de seus protestos, ele subiu rapidamente e, quando deslizou pelo parapeito da janela para se juntar a ela, mal respirava com dificuldade. Ele está em forma, ela pensou, e abriu caminho até a porta.
Não havia necessidade de eles falarem. Eles planejaram seus movimentos meticulosamente durante o dia. Como antes, ela abriu a porta e verificou o espaço central do lado de fora. Não havia sinal ou som de movimento, então os dois, movendo-se como sombras silenciosas, caminharam até a escada e começaram a subir.
Este era um terreno familiar para ela agora, e ela havia informado Will minuciosamente. À medida que subiam, eles começaram a ouvir o murmúrio de vozes descendo a escada do sétimo andar. Os guardas não eram tão barulhentos como na noite anterior. Mas então, era muito mais tarde e provavelmente alguns deles estavam cochilando enquanto os outros vigiavam. Ela fez um sinal para cima com o polegar e os dois deslizaram ao redor do mastro do corrimão e começaram a subir para o último andar.
Eles não perderam tempo olhando ao redor do grande espaço aberto, mas se dirigiram diretamente para a janela que ela havia usado na noite anterior. Will a destrancou enquanto ela prendia a corda na cama mais uma vez. Eles ficaram juntos, olhando para a janela diretamente abaixo deles. Ela agarrou a corda e começou a subir no parapeito da janela, mas Will a parou, com uma mão em seu ombro.
“Eu vou primeiro,” ele disse suavemente. “Quando você me ver passar pela janela, você me segue.”
Ela assentiu e se afastou enquanto ele subia no parapeito da janela e deixava suas pernas balançarem sobre a longa queda. Ele segurou a corda e, com um movimento suave, saltou, colocando os pés contra a parede e descendo a torre até a janela abaixo. Ela se esticou, observando-

o enquanto ele se acomodava no parapeito da janela. As nuvens se dissiparam por alguns momentos. Ela viu o brilho da luz das estrelas em sua Saxônia e ouviu um clique fraco quando ele destrancou a janela. Então ele passou pela janela aberta e desapareceu de vista. Ela pegou a corda com as duas mãos e se abaixou, descendo a corda com as mãos.

• • •

Um andar abaixo, Will estava perto da janela, tentando se orientar. A sala estava iluminada pelo brilho fraco de uma pequena lâmpada colocada em uma mesa no centro da sala. Ou Giles tinha um sono nervoso ou, mais provavelmente, a lâmpada ficava acesa para que as sentinelas pudessem ver como ele estava de vez em quando. Quase certamente haveria um olho mágico na porta em algum lugar.

O próprio Giles estava deitado de costas em uma cama estreita encostada na parede. O som suave de seu ronco indicava que ele estava dormindo. Um leve som deslizando da janela disse a Will que Maddie o seguiu para baixo. Ela passou as pernas pela janela aberta e desceu para o quarto. Ele colocou um dedo nos lábios - um aviso desnecessário, ele percebeu - e apontou para onde Giles estava dormindo. Ele então apontou para si mesmo, indicando que iria acordar o príncipe.

Maddie olhou para a porta. Lá fora, os guardas pareciam ter ficado em silêncio. Ou talvez a espessura da porta mascarasse o som de sua conversa suave. Ela deu um passo em direção à porta, com a mão no cabo da sua faca saxônica, e acenou para Will, indicando que ela estava pronta.

Will respirou fundo. Essa seria a parte complicada, ele pensou, acordar o príncipe Giles sem que ele fizesse muito barulho. Ele caminhou silenciosamente até a cama e se ajoelhou ao lado dela. Ele preparou a mão acima da boca aberta do príncipe.

Ainda bem que está dormindo de costas, pensou. As coisas teriam sido muito mais difíceis se ele estivesse do lado dele, de frente para a parede. Ele colocou a boca perto do ouvido de Giles e colocou a mão sobre sua boca, segurando-o com firmeza, abafando qualquer som que o príncipe pudesse fazer, impedindo-o de gritar.

Ele sentiu o corpo do jovem ficar tenso de susto quando ele acordou e ouviu um leve grunhido enquanto tentava falar.

“Não grite, Príncipe Giles,” Will sussurrou no ouvido do príncipe. “Estamos aqui para resgatá-lo. Seu pai nos enviou. relaxar. Nós somos amigos."

Ele podia ver os olhos do príncipe, arregalados e rodeados de branco, olhando para ele. Gradualmente, à medida que suas palavras foram penetrando, ele sentiu o jovem relaxar.

"Voce entende?" Will continuou, mantendo sua voz baixa e calma. "Nós somos amigos. Não faça barulho ”.

Giles acenou com a cabeça - na medida em que foi capaz de acenar sob aquele punho de ferro. Will viu o olhar alarmado em seus olhos se esvair e o príncipe ficou imóvel.

“Eu vou tirar minha mão,” ele continuou, mantendo um tom de voz suave e uniforme. “Não faça nenhum som. Tudo certo?"

Novamente, o príncipe assentiu e Will lentamente removeu sua mão, pronto para substituí-la a qualquer momento. Mas Giles ficou em silêncio, exceto por sua respiração irregular e em pânico. Will acenou com a cabeça em encorajamento. Mantendo o rosto perto do ouvido de Giles, ele continuou a falar no mesmo tom calmo e reconfortante.

"Isso é bom", disse ele. “Agora, aqui está o que vamos fazer.”

41

Ele colocou a mão sob os ombros de Giles, levantando-o para uma posição sentada e girando-o de forma que seus pés estivessem no chão.
“Vamos sair pela janela”, disse ele, indicando a janela aberta a alguns metros de distância. Instantaneamente, ele sentiu o corpo de Giles enrijecer e ele viu o branco de seus olhos se arregalando de medo.
“Não se preocupe,” Will sussurrou, tentando soar o mais reconfortante possível, mantendo a voz baixa. “Nós o colocaremos em uma corda e o puxaremos para o próximo andar. Você não terá que fazer nada. ”
O jovem príncipe balançou a cabeça. “Mas eu não posso—” ele começou, o medo fazendo sua voz subir a um nível perigoso. Rapidamente, Will colocou a mão sobre a boca do jovem novamente e balançou a cabeça.
"Fale baixo!" ele sussurrou com urgência. "Os homens do Barão estão do lado de fora dessa porta."
Ele sentiu o príncipe respirar rapidamente, mas um pouco da tensão saiu de seu corpo e ele olhou para Will, gesticulando para que o Arqueiro removesse sua mão. Com cuidado, Will fez o que Giles pediu, pronto em um instante para colocá-lo de volta na boca, se necessário.
“Mas a altura . . . ” Giles sussurrou. “Não tenho cabeça para alturas.”
Will deu um tapinha em seu ombro. “Basta manter os olhos fechados e nós faremos todo o trabalho”, disse ele. "Agora vamos."
Com o braço em volta da cintura do jovem, Will o pôs de pé e o empurrou para a janela aberta, onde Maddie estava com a mão estendida para ele. Temeroso, Giles cruzou a sala até pegar a mão de Maddie. Ela o puxou em sua direção de forma que ele ficasse encostado na parede, para um lado da janela. Will voltou para a cama e rapidamente tirou a colcha. Enrolando-o em um cilindro, ele o deitou na cama e puxou os cobertores sobre ele. Ele o considerou criticamente. Para um olhar casual, parecia que havia alguém dormindo na cama.
“Isso deve bastar”, disse para si mesmo. Então ele se juntou a Maddie e Giles na janela.
“Você vai ter que ir primeiro,” Maddie disse a ele. "Eu não posso puxá-lo sozinho."
Ele acenou com a cabeça e estendeu a mão para fora da janela para a corda pendurada. Ao fazer isso, Giles, pensando que estava prestes a ser amarrado e forçado a sair pela janela, se livrou do aperto de Maddie. Havia uma pequena mesa contra a parede, com uma vela apagada em um castiçal nela. O príncipe assustado se chocou contra ele e antes que Maddie pudesse alcançá-lo, o castiçal de estanho tombou e caiu, rolando da mesa para o chão com um estrondo que soou ensurdecedor para seus sentidos altamente tensos.
Instantaneamente, Will jogou sua capa sobre Giles e arrastou o príncipe para uma posição agachada sob a janela. Maddie congelou contra a parede, puxando sua própria capa apertada em torno dela. Houve um barulho vindo da porta quando a tampa do olho mágico foi aberta. Por um momento, um raio de luz apareceu do lado de fora da sala, apenas para ser apagado quando alguém colocou o olho no olho mágico.
Felizmente, a janela não estava em linha direta com o olho mágico. Estava de lado. O coração de Maddie bateu forte contra suas costelas, então ela ouviu o olho mágico fechando e uma voz do lado de fora da porta.
"Está tudo bem. Ele ainda está dormindo. ”
Eles esperaram por vários minutos, certificando-se de que os guardas estivessem satisfeitos. Então Will subiu no peitoril da janela, agarrou a corda e começou a escalar.
Maddie observou a ponta da corda sacudir no ritmo de seus movimentos. Então caiu e ela soube que ele alcançou a janela acima deles. Mais ou menos um minuto depois, a corda reapareceu, subindo e descendo várias vezes enquanto ele sinalizava para ela. Ela se inclinou para fora da janela, pegou a

ponta solta e a trouxe para dentro, amarrando-a rapidamente ao redor do corpo de Giles, sob seus braços. Giles choramingou, olhando com medo para a janela e sentindo a longa queda abaixo dela. "Venha", disse ela, incitando-o a ir até a janela. Mas ele balançou a cabeça e se afastou, murmurando indistintamente.
Ela colocou a boca perto do ouvido dele e falou com urgência, embora em um tom baixo. “Pelo amor de Deus, controle-se. Se continuar fazendo barulho, eles estarão aqui e seremos capturados. Agora vamos! ”
Novamente, Giles balançou a cabeça e tentou se afastar da janela aberta. Finalmente, a paciência de Maddie acabou. Rapidamente, ela sacou sua faca saxônica e bateu o cabo contra a lateral da cabeça de Giles, atordoando-o. Quando seus joelhos cederam, ela o segurou e o jogou no parapeito da janela para evitar que caísse no chão. Ela puxou a corda com força e a sentiu apertar quando Will começou a puxar o príncipe atordoado. Ela guiou suas pernas e pés para fora da janela e observou enquanto ele se levantava lentamente, em uma série de pequenos puxões, fora de vista.
Pareceu uma eternidade antes que a corda caísse para fora da janela mais uma vez. Ela agarrou-o, colocou a alça em volta dos ombros, saiu pela janela e subiu pela parede da torre até o último andar. Ela caiu de cabeça no peitoril, rolando e jogando a corda para o lado. Will estava ajoelhado ao lado de Giles, que balançava a cabeça com os olhos turvos.
"O que aconteceu?" Ele perguntou a ela.
Ela balançou a cabeça com raiva. "Ele entrou em pânico e eu tive que nocauteá-lo." Ela soltou um grande suspiro de alívio, sentindo a tensão dos últimos minutos se dissipando conforme sua frequência cardíaca diminuía. Eles estavam fora da câmara de Giles, longe de seus guardas. Agora era uma simples questão de descer até o sexto andar e baixá-lo até a passarela na parede.
E se ele não for em silêncio, ela pensou, vou deixá-lo sem sentido de novo.
Will estava colocando Giles de pé. O príncipe galicano balançou a cabeça, um olhar perplexo no rosto.
"Você está bem?" Will disse, e Giles acenou com a cabeça incerto. Will o levou até a porta, uma mão sob o cotovelo. Ele parou novamente e encostou o ouvido na madeira áspera da porta. Não havia som de fora. "Tudo bem", disse ele. “Está tudo claro. Apenas me siga e fique quieto. Se alguma coisa-"
Ele não foi mais longe.
A porta se abriu com estrondo e o quarto foi inundado de luz quando o Barão Lassigny e meia dúzia de homens armados irromperam de fora.
"Bem, bem", disse o Barão em uma voz cheia de sarcasmo. "Parece que o bardo veio cantar para você dormir."
Seus olhos dispararam para Maddie enquanto ela fazia uma tentativa tardia de sacar sua faca saxônica. "Não faça isso!" ele a advertiu.
Will fez um gesto para ela parar. "Deixe isso, Maddie," ele ordenou. Contra tantos homens armados com espadas e porretes, seus dois saxes seriam irremediavelmente superados.
Quando Maddie deixou a arma cair de volta na bainha, o Barão sinalizou para seus homens avançarem.
“Amarre-os,” ele ordenou. "Eles estão presos."

CONTINUA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Joel Salom por me ensinar o básico do malabarismo. Um grande professor com um aluno péssimo.

SOBRE O AUTOR

JOHN FLANAGAN cresceu em Sydney, Austrália, na esperança de ser escritor, e após uma carreira de sucesso na publicidade e na televisão, ele começou a escrever uma série de contos para seu filho, Michael, a fim de incentivá-lo a ler. Essas histórias eventualmente se tornariam *As Ruínas de Gorlan* , Livro 1 do épico do Aprendiz do Ranger. Agora com sua série companheira, Brotherband, os romances de John Flanagan venderam milhões de cópias e fizeram de crianças leitores em todo o mundo. O Sr. Flanagan mora no subúrbio de Mosman, Austrália, com sua esposa. Além do filho, eles têm duas filhas adultas e quatro netos. Você pode visitar John Flanagan em www.WorldofJohnFlanagan.com

What's next on your reading list?

Discover your next great read!

Get personalized book picks and up-to-date news about this author.

Sign up now.